

BRASILIANA
 QUINTA SÉRIE DA
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA
 SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

Volumes publicados:

BIOGRAFIA

- | | |
|---|--|
| <p>2 — Pandiá Calogeras: O Marquês da Barbacena — 2.^a edição.</p> <p>11 — Luiz da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. Ilustrado.</p> <p>18 — Visconde de Taunay: Pedro II, 2.^a edição.</p> <p>20 — Alberta de Faria: Mauá (com tres illustrações fora do texto).</p> <p>64 — Antônio Gontijo do Carvalho — Calógeras.</p> <p>66 — João Dornos Filho: Silva Jardim.</p> <p>73 — Lúcia Miguel Pereira: Machado de Assis — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição Ilustrada.</p> <p>70 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.</p> <p>81 — Lemos Brás: A Gloriosa Salina de Primeiro Império — Frei Caurea — Edição Ilustrada.</p> <p>85 — Wanderley Pinho: Catagipe e seu Tempo — Ed. Ilustrada.</p> <p>88 — Hélio Lobo: Uma Variação da República; Fernando Lobo.</p> <p>107 — Luiz da Câmara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1703-1870) — Edição Ilustrada.</p> <p>114 — Carlos Silveira de Mendonça: Silvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução biográfica — Ed. Ilustr.</p> <p>119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Ed. Ilustrada.</p> <p>120 — Pedro Calmon: O Rei Filósofo — Vida do D. Pedro II — 2.^a Edição Ilustrada.</p> | <p>133 — Heitor Lyra: História do Dom Pedro II — 1825-1891. 1.^a Vol.: "Ascensão" — 1826-1870 — Ed. H.</p> <p>133-A — Heitor Lyra: História do Dom Pedro II — 1825-1891. 2.^a volume "Fastígio" (1870-1880) Ed. Ilustrada.</p> <p>133-B — Heitor Lyra: História do Dom Pedro II — 1825-1891 — 3.^a Volume: "Declínio" — 1880-1891 — Ed. Ilustrada.</p> <p>135 — Alerio Pizzorro Jacobina: Dias Carneiro (O Conservador) — Ed. H.</p> <p>136 — Carlos Pantes: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875.</p> <p>140 — Hermes Lima: Tobias Barreto — A Época e o Homem — Ed. Ilustr.</p> <p>143 — Bruno de Almeida Magnães: O Visconde do Abeté — Ed. Ilustr.</p> <p>144 — V. Correia Filho: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. Ilustrada.</p> <p>153 — Mário Matos: Machado de Assis. (O Homem e a Obra. Os personagens e o autor). Ed. Ilustr.</p> <p>167 — Otávio Tarquínio de Souza: Evolução da Velha — Edição Ilustrada. "Homens da Regência". Ed. Ilustrada.</p> <p>166 — José Bonifácio de Andrada e Silva: O Patriarca da Independência — Dezembro 1821 a Novembro 1823.</p> <p>177 — Jonas Serrano: Farias Brito — O Homem e a Obra.</p> <p>182 — Afonso Schmidt: A Vida de Paulo Elói — Sequência de uma coleção de suas obras, organizada, prefaciada e anotada por José A. Gonçalves.</p> <p>159 — Alfredo Ellis Junior: Felício e a Primeira Metade do Século XIX.</p> <p>169 — Francisco Venâncio Filho: A Glória de Eurydes da Cunha — Edição Ilustrada.</p> |
|---|--|

*

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação. Ao leitor que o solicitar será enviado o catálogo completo das obras da "Brasiliana", em que figuram estudos brasileiros sobre outros assuntos.

Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
 Rua dos Gusmões, 630 — São Paulo

A Glória
de
Euclydes da Cunha

1447



Busto de Evlydes da Cunha
Projeto do monumento na Balilônia do Escultor Correia Lima

Série 5.^a * BRASILIANA * Vol. 193
BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

FRANCISCO VENANCIO FILHO

*

A Glória
de
Euclides da Cunha

*

Edição ilustrada

*



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1940

Do mesmo autor:

Nesta série:

EUCLYDES DA CUNHA A SEUS AMIGOS

Edição ilustrada Vol. 142

2.^a série: *Livros didáticos*

FÍSICA — (3.^a série ginásial) — Vol. XVIII

CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS (em colaboração com Edgar Susskind de Mendonça) —
Vol. I e XVI.

Edição de

COMPANHIA EDITORA NACIONAL,
Rua dos Gusmões, 659 — São Paulo

"O que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual, compondo-a com as forças infinitas da humanidade".

EUCLYDES DA CUNHA

A

EDGAR SÜSSEKIND DE MENDONÇA

“... POR PROTESTO E ADORAÇÃO...”

“... sempre algumas flores, a dia certo, nesta sepultura, por protesto e adoração”.

ALBERTO RANGEL

Nenhuma glória foi, no Brasil, maior que a de Euclides da Cunha. Nenhuma também tão cheia de vicissitudes.

Publicado “Os Sertões”, como o sabeis, vieram-lhe imediatos os louvores, as consagrações, o prestígio, a fama, em contraste com o seu viver quotidiano, penoso e rude, entre desgostos e amarguras, ignorados e discretos.

Morto, no clarão de escândalo impiedoso de uma tragédia que empalidece às vezes as de Esquilo ou Dante, Shakespeare ou Ibsen, continuou a sua glória no mesmo esplendor, mas no mesmo opróbrio.

Foi a vossa oração, pronunciada no recanto sagrado de campo santo, à beira da sepultura 3.026 de S. João Batista, que iniciou “o protesto violento e

comprovado", na documentação insofismavel, e pos o marco inicial desta estrada que percorremos nós, vossos discipulos fieis, neste ciclo de 25 anos, que hoje termina. Não fôra a voz que de longe nos chegava, cheia de fé, para aquele dia certo, sempre nova no tanger a mesma corda de saudade e de culto e teriamos parado em meio, senão em inicio.

Este livro será apenas o raconto singelo deste caminho percorrido e se nele houver o que possu servir de esperanças e alentos ao Brasil, no exemplo deste "genio que era um santo", sacrificado por tudo o que nos falta, caberá a vós, Mestre de toda hora, o que acaso merecer. Por protesto e adoração...

"Euclýdes da Cunha foi o primeiro bandeirante dessa entrada nova pela alma da nacionalidade brasileira".

AFRANIO PEIXOTO

Este vosso conceito, extraído do discurso com que recebestes dignamente, na Academia Brasileira, a herança da cadeira de Castro Alves, que ocupara Euclýdes da Cunha, fixou-lhe a posição na historia do pensamento e da cultura brasileira. Nesta oração, o Homem, mais ainda que o Escritor, aparece nas suas dimensões imensas, mas de verdadeira grandeza. E daí por diante foi constante a presença da vossa palavra, formosa e sábia, a procla-

mar sempre o valor do pensamento euclýdeano. Este livro não é mais do que a ampliação do volume II da "Coleção Afrénio Peixoto", que generosamente solicitastes. Por tudo isso vosso nome aqui está com frequência, dizendo mais do que palavras o que de vos deve e o que fizestes pela glória de Euclýdes.

E quando o desanimo te infiltrar o coração, procura Euclýdes; ele te mostrará, com verdade e fulgor, o mundo encantador de que és dono. E tu, meu irmão, como o Fausto da lenda medieval, erguerás de novo o grito da esperança:

— *Espírito sublime! Permitiste que eu lesse no seio profundo da minha terra, como no peito de um amigo; revelaste as forças secretas da minha propria existencia".*

ROQUETTE-PINTO

Quando emprestastes o prestigio da vossa autoridade de sábio à campanha de glorificação de Euclýdes da Cunha, destes-lhe o relévo de que ela precisava, em mcio à critica literaria apressada com que, geralmente, se situava a obra euclýdeana. Mais tarde a transposição do nome dele para a sala de Etnografia sertaneja do Museu Nacional, o mais velho e glorioso instituto científico do Brasil, a que consagrastes a melhor parte da vossa vida de dedicação e sacrificios pela nossa terra, foi a chancela

de uma consagração definitiva ao pensador insigne, ao lado dos nomes de Virchow, Broca, Gabriel Soares, Simão de Vasconcelos, Fernão Cardim, Ferreira Pena, Castelnau, Gonçalves Dias, Humboldt e Champollion.

Estivestes ainda sempre presente na via aqui percorrida, por onde quer que ela passasse. Muito vos deve portanto a grande glória, de que participais pela crítica lúcida e profunda que fizestes da obra de Euclydes da Cunha.

S. José do Rio Pardo, 15 de agosto de 1939.

F. V. F.

ÍNDICE

1.^a Parte

VIDA E OBRA

A vida	3
Os Sertões	22
Na Amazônia	41
No Itamarati	48
O concurso de Lógica	52
A obra	60
As edições	60
Trabalhos de engenheiro	79

2.^a Parte

FONTES DE ESTUDO

As cartas	91
Os versos	98
O arquivo eucldeano	134
I — Caderno de notas	135
II — Bibliografia eucldeana	148
III — Iconografia eucldeana	160

3.^a Parte

A GLÓRIA

Respostas	167
Motivos de arte	185
Repercussão internacional	211
Comemorações euclýdeanas	226
NOTAS	249
I -- Efemérides euclýdeanas	251
II -- Bibliografia do autor	256
III -- Iconografia	264
IV -- Bibliografia sobre o autor	267
V -- Emendas d'"Os Sertões"	295

1.ª PARTE
Vida e Obra

A VIDA

Na vida dos povos, como na dos indivíduos, tôda expectativa de mudança é, quasi sempre, um germe de esperanças. Era assim no Brasil de 1902. Ia começar o quarto período presidencial da República. A cada qual dos três primeiros coubera respectivamente manter a unidade nacional, pacificar o país e estabelecer a ordem econômica e financeira. Rodrigues Alves, estadista que viera da Monarquia, mas já exercera na República o govêrno do seu grande Estado e fôra duas vezes ministro, tinha credenciais que afiançavam o seu programa de realizações, endossado por alguns dos auxiliares escolhidos.

Vivíamos desta sorte numa espécie de era vitoriana do período republicano, calma e sem sobresaltos.

Por volta dos primeiros dias de dezembro começou a circular um boato, sem origem e sem forma, como são os boatos, em tôdas as rodas, nas portas das livrarias, nos cafés, nos encontros de rua, por tôda a parte, de que em breve appareceria um livro, libelo sôbre a campanha de Canudos, de autoria de

um ex-official do exército, testemunha ocular, e chegava-se a assegurar represálias projetadas. A campanha de Canudos, desfechada trágicamente com a morte do Marechal Bittencourt, no Arsenal de Guerra, por ocasião do regresso das tropas, jazia esquecida, presente apenas em alguns nomes meio desconhecidos nas placas inexpressivas de algumas ruas. Nada mais.

Aparece por fim o livro esperado: *Os Sertões*. Passado o espanto da primeira hora, esperada a impressão das primeiras críticas, que formam a base da opinião, para o aplauso ou a reprovação, veio a ser assunto de tôdas as conversas.

Os três críticos em atividade então, Medeiros e Albuquerque (J. Santos), na Notícia, José Veríssimo, no Correio da Manhã, e Araripe Junior, no Jornal do Comércio, foram as primeiras vozes a proclamar o timbre da obra magnífica.

Dois militares, J. da Penha e Moreira Guimarães, que entretanto não haviam participado da luta, embora com pequenas restrições, também foram pródigos nos louvores.

Araripe Junior, sôbre todos, acentuou a revelação esplêndida de um autor que se formara à margem da publicidade e surgira como nenhum outro, adulto, sem prévios ensaios, com obra prima.

Confessava ter enfrentado o volume de 640 páginas indisposto e prevenido, mas, ao cabo das

primeiras, sentira volver aos tempos de adolescência em que, imaginação incandescida, respiração opressa, percorria os *Mistérios de Paris* ou o *Conde de Monte Cristo*.

Acentuou o traço genial da obra: o quadro natural da terra, no aspecto físico e na sua formação geológica, com a flora, a fauna, a climatologia, o fenómeno fundamental das sêcas; dêsse conjunto o homem, como resultante natural, gerado à imagem e semelhança da terra: sôbre êsse homem, componentes sociais e morais, impostas pela formação histórica, geram o taumaturgo gnóstico-bronco António Conselheiro; do meio e da gente desconhecidos, ante a civilização de balas e baionetas, a luta fratricida, desenvolvida em uma palpação de emoção e de tragédia, sem pausa, nem descontinuidade, nas vestes de estilo original e forte.

De como o autor surgiu no meio literario carioca, boemio e desocupado, a distribuir-se pelas confeitarias Pascoal e Colombo, nos dá conta esta reminiscencia de Luiz Edmundo:

“No brouhaha das frases, na confusão dos *mots d'esprit*, das chufas e partidas, certa vez alguém houve que appareceu trazendo, debaixo do braço, uma brochura espessa e mal impressa, obra que andou de mão em mão, olhada com espanto e com carinho. Chamava-se ella *Os Sertões*. Assinava-a Euclýdes da Cunha. Houve quem perguntasse então, — Quem é esse sujeito?

Ninguém sabia quem fosse! Ninguém podia recordar-se de tê-lo visto, jamais bebendo na Confeitaria do Pascoal. Surpresa singular...”

Passada esta primeira impressão de surpresa, à evocação de *Os Sertões*, como pontos determinantes ao traçado de uma curva, foram acudindo à memória esquecediça dos contemporâneos os episódios notáveis e singulares que faziam logicamente, naturalmente dono de tal obra tal homem: a correspondência da campanha de Canudos, para o Estado de São Paulo, em setembro de 1897, o protesto corajoso e solitário das cartas à Gazeta de Notícias, em fevereiro de 1894, a rebeldia, conciente e isolada, em novembro de 1888.

Estes eram episódios maiores inserindo-se entre outros muitos, diários, todos permitindo a previsão d'*Os Sertões*.

E pouco a pouco foi-se fixando em linhas precisas, inconfundíveis, a figura moral de Euclides da Cunha, e a sua vida reconstituindo-se passo a passo.

Nascido a 20 de janeiro de 1866 em Santa Rita do Rio Negro, na Fazenda da Saudade, a 18 km. de Cantagalo, era filho de Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha e D. Eudóxia Moreira da Cunha.

Seu pai, natural da Baía, era homem enérgico e de boa cultura e, embora dedicando-se ao comércio, fazia versos.

Escragnolle Dória, com o carinho piedoso e probo que põe na pesquisa histórica e biográfica, na

indicação de referência de Euclýdes, encontrou na 2.^a edição das *Espumas Flutuantes* de Castro Alves, versos de Pimenta da Cunha, ao gôsto do tempo, dedicados ao Poeta.

Aos três anos está órfão de Mãe. Na sua vida, predestinada a sofrimentos, foi êste o primeiro. Em companhia de uma única irmã menor, vai para Teresópolis, aos cuidados de D. Rosinda de Gouveia, sua tia, que veio a falecer em 71.

Transfere-se para Ponte Nova, Provincia do Rio, confiado a outra tia, D. Laura Moreira Garcez, e daí, quando chegou a época de estudos, para São Fidelis, a pitoresca cidade à margem do Paraíba.

Nas confissões que se fazem, mesmo as mais célebres, as de um S. Agostinho, de um Rousseau ou de um Benevenuto Cellini, há certamente muita reflexão da idade adulta, sendo difícil, senão impossível, destramar depois os fios diversos que vêm da infância.

Em Euclýdes, entretanto, é certo que haviam de lhe marcar traços fundos estas mudanças continuas, à custa de perdas sensíveis de entes queridos, ao lado das impressões de paisagens naturais de beleza singular, sobretudo esta escultural serra dos Orgãos.

A Lúcio de Mendonça, em Teresópolis, diz êle: "*A encantadora vila forma o cenário mais longínquo das minhas recordações e saudades*". A Machado de Assis, escrevendo para Friburgo: "*O Sr. está numa cidade que eu vi na mais remota juven-*

tude bem perto de logarejo em que nasci — Sta. Rita do Rio Negro. Não a conheço mais — mesmo dessa Nova Friburgo tenho uma impressão exagerada. Foi a primeira cidade que vi e conservo-lhe neste revés da idade viril, uma impressão de criança — a imagem desmesurada de uma quasi Babilônia”.

Na glória dos grandes homens colaboram muitas vezes mestres anônimos, a quem cabe um pouco dos brilhos do futuro. Vale recordar, na de Euclydes, a presença do seu primeiro mestre, de S. Fidelis, Francisco José Caldeira da Silva, homem bom e ciente, como tantos outros obreiros obscuros da nossa cultura.

As lembranças dessa época, que se puderam recolher de testemunhos fiéis, dizem-no estudioso e aplicado, de temperamento violento por vezes, tocado já dos nobres sentimentos humanos, manifestando grande piedade pelos escravos.

Ficou em S. Fidelis até 1872, vindo então para o Rio. Passa alguns anos na Baía, onde cursa o célebre Colégio Carneiro Ribeiro.

De volta frequentou na côrte vários colégios, Anglo Brasileiro, Vitória da Costa, Menezes Vieira, prestando o seu primeiro exame de preparatórios, de Português, em 1879.

Terminou o curso de humanidades no Colégio Aquino, afamado no tempo, onde foi discípulo de

Benjamin Constant, Teófilo das Neves Leão e João Pedro do Aquino.

Escragnolle Dória, mesmo a propósito de Euclides, de quem foi ali condiscipulo, teve ocasião de dizer com justiça: "Aquino foi o Santo da pedagogia brasileira. Educou gratuitamente alunos sem conta. Meigo até a lágrima, puro e generoso, severo como os justos, grave sem ridículo, sempre todo de preto, o charuto a funegar entre os lábios, de onde se desprendia a mais sossegada das vozes".

Euclides deixou no grande Mestre impressão duradoura que não lhe permitiu surpresa quando appareceu com *Os Sertões*.

Por esta época dominava-o a poesia, através de Castro Alves, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casemiro de Abreu e sobretudo Fagundes Varela, que lhe era o poeta predileto, talvez pela identidade do apêgo à solidão.

Dos estranhos, Vitor Hugo e Musset.

Não escapou ao hábito comum dos adolescentes. Com alguns companheiros do Aquino fundou um pequeno jornal — "O Democrata". Era este o grupo: Eurico Jacé Monteiro, Natan Sérvio Ferreira, Reinaldo Jaime Maia, Custódio Enes Belchior, Ramiro Carvalho Guimarães, Virgilio las Casas dos Santos, Manuel Francisco de Azevedo Júnior e Euclides.

Periódico bimensal, appareceu nos primeiros meses de 1884, com colaboração frequente de Euclides em prosa e verso.

Aí se encontram os seus mais remotos fragmentos em prosa, como a crônica vibrante sôbre a abolição no Ceará; mas, em verso, a produção é mais abundante.

Guarda-se no "Arquivo" do Grêmio Euclides da Cunha, como depositário, um precioso caderno de capa de couro, com o título de *Ondas*, só de versos, datado de 1883.

São 84 poesias, escritas quasi dia a dia, por onde é possível acompanhar as imagens sucessivas dos seus sentimentos.

Termina o volume com o "Último Canto", reproduzido mais tarde bastante modificado com o título "Fazendo versos" onde há êstes finais:

*"Não tenho ainda vinte anos
E sou um velho poeta. A dor e os desenganos
Sagraram-me nui cedo. A minha juventude
É como uma manhã de Londres, fria e ruda*

*.....
Já vês, portanto, em mim, isto de versejar
É um meio de sofrer e um meio de gozar
E nada mais, palavra!*

*Eu nunca li Castilho
Detesto francamente êstes mestres cruéis,
Que atropelam a idéia entre "quebrados pés"
E vestem com um soucto, esplêndido, sem êrro,
Um pensamento torto, encarquilhado e perro*

*Como um coroto fraque às costas do um corcunda,
Porque quando a paixão o nosso ser inunda
E vibra-nos na artéria e canta-nos no peito
(Como dos ribeirões no acachoeiro leito
Parar é sublevar)
Medir é deformar!"*

Aí está, incompleto, imperfeito, impetuoso, todo o volume das Ondas e todo o Euclides de 1884.

Em 1906, encontrando por acaso este caderno, anotou: "Tinha 14 anos de idade. Observação fundamental para explicar a série de absurdos que há nestas páginas", acrescentando: "Contém, pois, a tua ironia, quem quer que sejas!"

A forma da maioria dos versos é, sem dúvida, incorreta. A pressa, o ardor, a impaciência da inspiração, a febre alta em que surgia, impelindo imediatamente à expressão escrita forçavam-no, não raro, às figuras artificiais de retórica, para os ajustar à métrica.

Algumas vezes não se contém e vem o comentário em prosa. É que a êle também se aplica o seu conceito no prefácio do *Inferno Verde* de Alberto Rangel: "um poeta exuberante de mais para a disciplina do metro e da rima".

O que faltava às vezes em ritmo, em música, sobrava no sentimento, com que abrangia a natureza e a vida nos seus aspectos multiformes. É constantemente um deslumbrado pelos grandes ideais da espécie. Particularmente, a cada passo, a Abolição

e a República — os dois ideais da sua geração. Em esfera mais ampla — O Calvário e a Revolução Francesa, as duas grandes revoluções do passado, pela igualdade humana e pela igualdade política. Grande ternura e piedade pelos humildes. Raros os versos de confiança ou queixume pessoal.

Essa tendência nimiamente literária fá-lo frequentar várias associações de moços, como o Centro Científico José de Alencar, que sem pouso certo, se reúne ora na Galeria Moncada, ora no Liceu Literário Português, e aí declama versos seus e alheios.

Cursando o Colégio Aquino, vacilava ainda se iria para a Escola Militar ou Politécnica. Resolve-se, afinal, por esta e em março de 1884 presta aí exame.

Tendo o seu Pai fixado residência em S. Paulo transfere-se para a Escola Militar, onde assenta praça em fevereiro de 1886. O seu ingresso na velha Escola da Praia Vermelha era em momento singular.

Atravessava ela uma fase típica da sua história, que não foi feita ainda, como lembrava, há pouco, um dos seus contemporâneos ilustres, Morcira Guimarães.

Pôde dizer Alberto Rangel — “Uma Academia em um quartel”.

A doutrinação de Benjamin Constant, com sua ascendência mental e moral, ia em avanço em prol da República.

A escola era feita antes de um curso completo de ciências a que algumas disciplinas e a organização geral davam tom militar.

De outro lado a Abolição já se encaminhava por uma linha de maior declive, em que nada mais a deteria.

Eram característicos do movimento a emancipação do Ceará e as alforrias em vários lugares, além da ação decisiva por todo o país — da atividade dos alunos da Politécnica, Rebouças à frente, à atuação do grupo de Luiz Gama em São Paulo, dos tópicos de Joaquim Serra aos artigos de Rui Barbosa, da palavra ática de Nabuco ao verbo vulcânico de Patrocínio.

Euclides levava uma boa cultura geral, inteligência viva e penetrante, de altivez selvagem e quasi indomável, mas sempre generoso e nobre. Não se notabilizou entre os da sua turma, que contava entre outros Rondon e Tasso Fragoso. O seu temperamento retraído e taciturno isolava-o dos colegas. Aprazia-lhe contemplar sôzinho a grandeza ciclópica das montanhas que emolduram aquele recanto da Praia Vermelha, quasi sempre vestido de uma blusa de azulão folgada, cabelos corredios atirados para trás, fronte escampa, olhos penetrantes e vivíssimos, contemplativos e sonhadores. Dentro das formas e das ordens do dia, sentia-se canhestro

e desajeitado para aquilo que não fôsse imperativo de dever.

Enquanto Rondon, por exemplo, seu vizinho de mesa, absorvia-se nos "algebrismos", conforme sua própria expressão, Euclýdes da Cunha lia e fazia simplesmente versos.

O escritor que mais tarde ficaria impar nas nossas letras pela estrutura científica da sua obra, no curso de ciências, cuidava de poesia...

Obtém, entretanto, sempre boas notas, em todos os anos.

Em agosto de 1886 funda-se a Sociedade Literária da Família Acadêmica, sucessora do Clube Acadêmico de 1879 e êste por sua vez da Sociedade Phoenix Literária de 1878.

Na *Revista da Família Acadêmica*, a colaboração euclýdeana é freqüente, mas principalmente em versos, a maioria do volume das *Ondas*. As idéias dominantes eram as da filosofia positiva de Augusto Comte, havendo alguns dissidentes, que liam Spencer, entre os quais se incluía Euclýdes.

A base científica da cultura que lhe deu a Escola Militar salvou-o de ficar apenas na literatura, sem apóio objetivo, sem lastro de idéias, como tantas outras inteligências nossas.

Na gênese de sua formação mental a componente científica é de certo dominante, mas a literaria é pouco menor. Os seus cadernos de notas desta época delatam-no expressivamente: apontamentos

de aula, equações diferenciais, integrais, curvas, versos, caricaturas, rabiscos diversos. São imagens reais e focalizadas de seus estados de alma. Comentários sobre professores e colegas, fragmentos de artigos e discursos. O mais precioso documento desta fase é o que se intitulou "Observando — 15 dias da vida acadêmica — Comédia em 15 atos".

É de todos os primeiros esboços o em que se revelam melhor as suas feições, quer nas linhas de sua delicadeza moral, quer nos lampejos de estilo e pensamento. São páginas de 1888.

A idéia republicana seguia o mesmo caminho da abolicionista.

A propaganda se intensificava, por tôda parte, no parlamento, na imprensa, na praça pública, nas escolas. Sobretudo nas escolas.

A palavra de Benjamin inflamava a mocidade militar. A agitação no meio dela, intensa. Palestras de todos os dias, discussões de tôda hora. Hoje e amanhã episódios diversos de rebeldia franca. De outro lado, represálias, imaginárias ou reais, se propalavam. A escola seria transferida para recanto afastado, talvez Angra dos Reis. Os alunos do 3º ano de 88 não foram promovidos, como assegurava a lei. A menor escorva deflagraria a explosão dos ânimos exaltados e suspeitos. Lopes Trovão, o famoso tribuno republicano, regressava da Europa recebido festivamente nos portos por que passara. A Córte preparava-se para a recep-

ção, com a qual se solidarizava a mocidade militar. A chegada do "Ville de Santos", em que viajava o propagandista seria a 4 de novembro, domingo, dia de folga. A visita do Ministro da Guerra, marcada para 3 foi adiada à última hora, para o dia seguinte, no intuito visível de evitar o comparecimento dos alunos à manifestação projetada, pois que o impedimento se estendia até 6 horas da tarde. O descontentamento produzido pela noticia foi evidente, manifestado na violência com que foi cumprida a ordem de descansar armas. Abandonada a forma, o desgosto reprimido explodiu em doestos, censuras, protestos violentos. Alguns mais exaltados propuseram manifestação franca na manhã seguinte diante da autoridade maior do exército, o Conselheiro Tomaz Coelho.

Na manhã de 4, comparece o Ministro, acompanhado do Senador Silveira Martins, que tinha um filho na Escola. A revista da 1.^a companhia se fez sem incidentes, mas da 2.^a destacou-se Euclides da Cunha tentando amolgar a baioneta, atirando-a aos pés do Ministro. E' difícil repor êstes episódios em suas linhas exatas. As próprias testemunhas presenciais, tocadas de emoção, escapam as tonalidades. Outros têm interêsse de as deformar. Os relatos dos jornais, controvertidos. E' certo que houve troca violenta de palavras entre o Ministro e o jovem, que foi retirado de forma imediatamente, por ordem do Comandante Cel. Clarindo de Queiroz. A

bondade generosa do médico da Escola, Dr. Lino de Andrade, fê-lo recolher à enfermaria, com um "diagnóstico bom sem deixar de ser verdadeiro".

A repercussão pública foi grande. No Parlamento Silveira Martins e Joaquim Nabuco não lhe deram aprêço maior.

Mas a imprensa oposicionista viu mais um indício da República que se aproximava. Euclýdes é logo após recolhido ao Hospital Militar do Morro do Castelo, esquivo e insubmisso à evasiva com que o queriam salvar. Afrânio Peixoto, no discurso com que o sucedeu na Academia Brasileira, recordou com comovida ternura os dois corações que o consolaram nesse retiro: Francisco de Castro e uma Irmã de Caridade.

A mesma atitude retilínea, de rebeldia conciente e de profissão de fé republicana, manteve na fortaleza de Santa Cruz e no Conselho de Guerra. Uma "varia" do *Jornal do Comércio* consegue um ato pessoal do Imperador, excluindo-o do Exército a bem da disciplina. Segue imediatamente para São Paulo, onde residia o Pai, sendo bem acolhido pelo grupo de republicanos de lá. Não lhe perceberam, entretanto, o alto valor, a não ser Júlio de Mesquita, que o levou a colaborar em "A Província de São Paulo", o grande órgão da imprensa brasileira.

Inicia a colaboração sob o título "Questões Sociais", com o pseudónimo Proudhon.

Foram poucos artigos, mas de um republicanismo rubro. Segue-se outra série — "Atos e palavras" — de comentários dia a dia.

Em janeiro, volta ao Rio para cursar a Politécnica e continua a colaboração. Nestes artigos ha a mesma esplêndida sinceridade, o mesmo desassombro de pensar e de dizer, o mesmo destemor de atitudes, a mesma coragem cívica, embora sejam incorretos, impetuosos, desordenados, com um excesso de tecnologia científica.

Faz os exames necessários à adaptação ao curso de engenharia civil.

A República para Euclýdes foi uma manhã de surpresa. Ao ter noticia do movimento parte de São Cristóvão, onde morava, para se juntar aos companheiros que, há cêrca de um ano, deixara. Mas não os encontrou. Dirige-se ao quartel general, onde o apresentam a Deodoro. Por iniciativa de Rondon, uma comissão de alunos obtém de Benjamin Constant a sua reintegração a 19 e promoção a alferes-aluno a 21 de novembro. Cursa imediatamente a Escola Superior de Guerra, sendo promovido a 2.º tenente em abril de 1890.

A instabilidade do govêrno provisório foi pouco a pouco se acentuando, até a primeira eleição de presidente, que precipitou os acontecimentos, com o golpe de estado de 3 e o contra-golpe de 23 de novembro, que levou Floriano Peixoto ao poder.

E' o próprio Euclýdes quem nos conta: . . . "o Marechal Floriano, imutável na sua placabilidade temerosa seguisse triunfal e tranquilo a tomar o governo, obedecendo a um chamado do Itamarati, espantosamente disciplinado no fastígio da rebeldia que alcantara e indo depor o Marechal Deodoro vencido com um abraço, um longo abraço, fraternal e calmo".

Euclýdes, concluído o curso da Escola Superior de Guerra, é promovido a 1.º Tenente.

Manda-o chamar Floriano. Em carta a Lucio de Mendonça, retrança êle o encontro: "29 de janeiro de 1893. Euclýdes, o Marechal precisa lhe falar hoje. Pinto Peixoto". Eis o bilhete. Lá fui constrangido na minha farda de tenente e atrapalhado com a espada. Encontrei o homem na sala de jantar, à vontade, em um dos dias de expansão. A filha mais velha, D. Ana, que já naquela hora matinal estava junto a uma máquina de costura, retirou-se logo depois que a cumprimentei. E o grande dominador abriu-me a apertadíssima pasta da sua intimidade:

— Veio em ar de guerra. . . não precisava fardar-se. Vocês aqui entram como amigos e não como soldados. Decorei textualmente. O grande doador de posições referindo-se à minha recente formatura e ao meu entusiasmo pela República, declarou-me que tendo eu direito a escolher por mim mesmo uma posição, não se julgava competente para indicá-la.

Que perspectiva. Basta dizer-lhe que estávamos em pleno despencar de governadores estaduais...

E eu (nesta época estava sob o domínio cativante de Augusto Comte, e que isto vá como recurso absolutório) — declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a lei para os engenheiros recém-formados — um ano de prática na E. F. C. do Brasil. Não lhe conto o resto. Quando me despedi pareceu-me que no olhar mortiço do interlocutor estava escrito: "não vales nada".

Foi feita a sua vontade: — um ano de prática na residência de São Paulo e Caçapava, de onde o arrancou a revolta de 1893. Tomou logo atitude definida e franca ao lado da legalidade. Dirigiu trincheiras no bairro da Saúde, conforme as notas preciosas daquele Diário, insertas nos *Contrastes e Confrontos*.

Começou uma época torva de inquietação e suspeita. Os menores acontecimentos, imperceptíveis em condições normais, tomavam proporções vultosas. Em meados de fevereiro de 1894 appareceu uma bomba na redação do jornal "O Tempo". O Senador João Cordeiro escreve ao jornal pedindo o fuzilamento dos dinamiteiros. Sente Euclides da Cunha a responsabilidade do momento grave e escreve uma carta de protesto, que Ferreira de Araújo publica na "Gazeta de Notícias". Responde o Senador e replica Euclides a 20, terminando assim: "*Há nos*

sentimentos que ambos tributamos à República uma diferença enorme. S. Exc. tem por ela um amor tempestuoso e cheio de delírios de amante; eu tenho por ela os cuidados e a afeição serena de um filho. O futuro dirá quem melhor cumpriu o seu dever".

Cumpriu o seu dever, mas ficou daí por diante suspeito aos amigos da Legalidade. A sua situação tornou-se mais penosa com a prisão do sogro, General Solon.

E' afastado dos postos de confiança. A Floriano tem a coragem de dizer: "*não sou seu partidário, o Sr. defende a legalidade e eu estou com ela, apenas isto*".

Terminada a revolta, no Rio, é enviado para Campanha afim de construir um quartel. Estava totalmente desquitado do exército, que abandonaria pela segunda vez, em julho de 1896, agora voluntariamente. Volve à engenharia civil, nomeado engenheiro-ajudante de 1.^a classe da Superintendência de Obras do Estado de São Paulo em setembro de 1896. No escritório de Gonzaga de Campos, ao lado de Teodoro Sampaio e Bueno de Andrada, apropriase dos elementos necessários ao exercício da nova atividade, na qual ia encontrar o mesmo desencanto, agravado pela instabilidade, através de longas e penosas viagens.

Em 1896 irrompe o movimento de Canudos, a princípio local, em pouco perigo nacional. O govêr-

no do Estado de São Paulo resolve colaborar com o governo central e envia o Batalhão Paulista.

Como redator d'“O Estado de S. Paulo”, Júlio de Mesquita leva-o ao teatro da luta.

OS SERTÕES

A Campanha de Canudos em momento dado foi comoção nacional. Tocaria até Machado de Assis, na sua torre de marfim de artista.

Em viagens constantes pelo interior, Euclýdes sempre que vinha à capital procurava inteirar-se dos acontecimentos. Chegou mesmo a escrever dois artigos n'“O Estado” sob o título “A nossa Vendéia”. Resolvido o embarque para a Baía, procurou reunir material informativo sôbre a região. Teodoro Sampaio, que a percorrera com Milnor Roberts, deu-lhe elementos valiosos. Ao embarcar, leva já a idéja do livro, com aquele título. Chegado ao Rio fica adido ao Estado Maior do Ministro da Guerra, com quem parte para a Baía. Aí, surpreende-se da pouca comoção que a luta desperta, menor que a do Rio e de São Paulo. Procura investigar por todos os cantos, ouvir tôdas as testemunhas, como delata a correspondência enviada para “O Estado”. Impacienta-se da demora em partir para Canudos.

Segue afinal a 31 para Queimadas, chegando a Monte Santo a 7 de setembro. Aí instala o Mare-

chal Bittencourt o quartel general, resolvendo o problema da campanha com a organização dos transportes e do abastecimento: Euclýdes parte a 13, acompanhando a 21.^a brigada da Divisão auxiliar, às 5 1/2 da manhã. Ao despedir-se repete-se a mesma impressão de impassibilidade que presenciara na capital e que ficou imortalizada em página inesquecível. Quando se despede, comovido, confia-lhe o seu anel de grau para, se acaso morresse, o enviasse como última lembrança à Família. Poucos passos dera e chama-o o Marechal para prevenir-lhe que faltavam ao anel algumas pedras, ao em vez das palavras de carinho esperadas. Também estava fora do programa. Não o comovia...

Em Joá encontra o chefe da comissão de Engenharia, Coronel Siqueira de Meneses, de quem se torna companheiro assíduo, na observação da natureza agreste e original. Chega a 1.^o de outubro à Favela e logo após a Canudos. Encontra velhos companheiros de Escola. Tudo investiga e inspeciona, infatigável. No caderno de notas do arquivo do Instituto Histórico há disso uma documentação abundante. Assiste aos últimos dias da Troia de taipa e tantas vezes se revolta contra o crime da nacionalidade. Regressa para a Baía, alma de luto, para ser o Tácito implacável da História gloriosa e triste daqueles patrícios a quem faltavam saúde e educação.

Volta com a idéia do livro. Reassume o seu lugar de engenheiro do Estado, continuando a sua carreira fatigante, sem pouso certo, em constantes viagens pelo interior, sem vagar que permitisse escrever a história de Canudos, a não ser em fragmentos esparsos.

Em 1898 vai dirigir a reconstrução da célebre ponte metálica de S. José do Rio Pardo, que ruíra logo depois de armada.

A linda cidade do ceste paulista ia ser na sua vida agitada e instável uma pausa de relativo repouso.

Mas não tivesse Euclides encontrado nesta terra um grande Amigo e teria deixado apenas fragmentos esparsos e esboços inacabados.

Que ficou da Historia da Revolta, a que tantas vezes aludira? Alguns esboços n' "Os Sertões", algumas páginas dos "Contrastes e Confrontos".

Que nos resta do seu segundo "livro vingador", aquele "Paraiso Perdido", tão presente em suas cartas da Amazonia?

Sòmente alguns capítulos d' "À margem da História" e os fundamentos do "Relatorio do reconhecimento do Alto-Purús" e o "Preâmbulo" do Inferno Verde, de Alberto Rangel.

Que ficou do projeto revelado em carta a Domicio da Gama, para Lima, sôbre um livro de con-

junto — e que obra seria — sôbre a formação da América?

Apenas o que se pode vislumbrar nas páginas formidáveis do “Perú-versus-Bolívia” e alguns capítulos d’“A margem da História”.

Dos “Homens bons”, êsse romance cuja idéia revelou a Affonso Taunay, só resta o relato do nosso eminente historiador e do velho Vieira Fazenda. E por que tudo isso? Porque faltavam, como nas formações cristalinas, aquelas condições necessárias de equilibrio e de repouso indispensáveis. E essas, para Euclýdes da Cunha, que nunca as tivera no lar, quem lh’as deu foi Francisco Escobar.

E só um beneditino da amizade como êle era, poderia ter feito. Era indispensável aquella formação moral de santo, em um homem que era ateu... Euclýdes trazia o projeto do livro desde que regressara da Bafa, em outubro de 1897, conforme o que se encontra na informação do correspondente do Jornal do Comércio.

Em 19 de janeiro de 1898 publicava n’“O Estado de S. Paulo”, como “Excerpto de um livro inédito”, o capítulo que começa deste modo:

“Assim o sertanejo é um forte, cuja energia contrasta o raquitismo exaustivo dos mestiços enervados do litoral”, trecho que, perfeita a expressão, é o início do capítulo III d’“O Homem”, tão recitado de cór.

A 5 de fevereiro lia no Instituto Histórico de S. Paulo notas sôbre a climatologia da Baía e uma teoria das secas, sôbre o que publicaria também n'“O Estado” alguns artigos.

Mas seria impossível coordenar todas as notas instantâneas das impressões da campanha, flagrantes que se encontram irregulares, incompletos, no precioso caderno hoje recolhido ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que a paciencia carinhosa de Fernando Nery logrou copiar e salvar da possibilidade de perda com o tempo. Como nos intervalos de duas viagens, tantas em costa de burro, outras em trens sem conforto e a pousos incertos, naquela “engenharia andante romanesca e esteril, que ia do estilo aleijado dos officios à alma tortuosa dos empreiteiros”, poder sequer conceber uma obra integral com aquela estrutura científica e artística, sem condições de relativo repouso?

Este ambiente necessário á cristalização d'“Os Sertões” deu-o a Euclides da Cunha S. José do Rio Pardo.

Chegando Euclides a esta cidade a sensibilidade de Francisco Escobar percebeu logo havia que criar um ambiente cultural e moral para a elaboração do grande livro. O titulo primitivo, traindo a primeira impressão de luta monárquica, contra o regime republicano — “A nossa Vendéia”, foi substituido pelo definitivo, que ampliava o âmbito da

obra ás proporções devidas de um estudo largo e profundo sobre a formação do Brasil, do qual a campanha de Canudos seria episodio catalizador.

Mas para empresa de tal porte só mesmo uma amizade modelar, como a de que era capaz aquele Santo Escobar.

Não bastavam a sua cultura assombrosa, nem a sua bondade evangelica, separadas. Para o legitimo orgulho de Euclides e sua delicada sensibilidade alguém cuja vaidade se superpusesse à posição de assistente atento e solícito, para assumir a de colaborador ou co-autor, teria provocado conflito e não conseguiria levar a obra a termo.

Francisco Escobar faz parte de uma variedade rara do genero humano, aquella porção sublime de que Socrates é o modelo mais perfeito. Mestre, no sentido profundo do termo, espalhando saber, cultura, curioso de tudo o que é humano, como no verso celebre de Terencio, mas prestante, ativo, infatigavel passando pela vida só a fazer o bem, como na sentença do Evangelho.

Quem o encontrava de estatura mediana, magro e pequenino, esquivo e desprendido, com o olhar manso e profundo, a voz tímida e sem entono, se surpreendia das referencias de todos que o frequentavam, como por exemplo as do nobre e douto Basilio de Magalhães, ou da grande figura que foi Vicente Licinio.

Mas desde que o tempo e a intimidade dessem margem a convivência mais franca e a palestras mais longas, era um deslumbramento e a pouco e pouco a sua palavra, simples, sem rebuços nem atavios, clara e correntia, prendia e dominava, sabendo o que todos sabiam e muito mais ainda, a bibliografia mais recente á mão, sempre "à la page", sem ênfase, nem pretensão, e a cada momento com tal timidez, dir-se-ia mesmo tal humildade porque era mais do que modestia, como que pedia desculpa de tanta erudição.

A impressão que êle dava era a que Joaquim Nabuco traduziu no perfil de Tautphoeus:

"Era um homem que sabia tudo. Sua conversação era inesgotável e raro êle mesmo a dirigia. O assunto lhe era indiferente e até o fim, anos seguidos, dia após dia, nunca êle se encontrou com interlocutores curiosos de ouvi-lo sobre os pontos que mais lhe interessavam. Era literalmente como um dicionário que a cada instante alguém manuseasse, ou uma enciclopédia que se abrisse no artigo Babilônia, logo outro um artigo Invasão dos Barbaros; Adam Smith, Lutero, Hieroglifos, Logaritmos, Amazonia, arquitetura gótica, Liberdade de testar. Raizes gregas. Papel-moeda. Culturas tropicais. Alberto Durer, Divina Comédia, ao acaso.

Era somente ferir a tecla, pôr a pergunta no aparelho e esperar o desenrolar da resposta, como a

que daria o Lexicon do Meyer ou a Historia Universal de Cesar Cantú”.

E por não parecer que ha exagero no paralelo, lembre-se de certa vez que o ouviram falar de tudo, isto ha mais de 15 anos: Einstein, no seu aspecto filosofico geral, doutrinas de Freud, a nova estetica de Croce, o neo-positivismo de Ostwald e Mach, a filosofia de Bergson ou William James, a nova pedagogia de Montessori, o feminismo ou a libertação da India de Gandhi, os movimentos sociais da Europa e da America, como de outras muitas questões variadas de Direito. Acrescentai a sua rara cultura e sensibilidade musical, pianista eximio que era, dos primeiros criticos de S. Paulo.

Mal chegava ao Rio, naquele anexo do Hotel da Lapa, para logo no seu quarto modesto de estudante pobre tudo poderia faltar, mas a mesa em pouco tempo não tinha superficie livre, porque os livros a enchiam, livros de tudo, pois a sua curiosidade não tinha limites para todas as manifestações do espirito humano, sem qualquer proposito de revelar esta cultura.

E nada deixou escrito. Certa vez que alguém, surpreso, o interpelava a respeito, respondeu, com aquela suave ironia, adoçada de bondade: mas para que? haverá mesmo alguma coisa que já não tenha sido dita?

Mas se muito pouco escreveu, algumas paginas de Direito, alguns discursos no Senado mineiro, e

talvez algum trabalho como o dos santos negros no Brasil ou uma tradução de Ardigó, a impressão que deixou nos que tiveram a fortuna de possuir o bem sem avaliação de sua Amizade, impõe guardar-lhe a memoria e os que ainda vivem estão no dever de se reunirem para recordar em paginas escritas a nobre figura deste homem admiravel.

Ruy Barbosa, de que era no Rio companheiro assiduo, dedicando-lhe um livro, chamou-o "doutissimo e eruditissimo" e Baptista Pereira, que lhe herdou a amizade e a admiração, disse dele — "cabeça de Salomão".

Waldomiro Silveira a proposito de Euclides escreveu de Escobar — "esse assombro de engenho, de cultura e de bondade".

Em um daqueles preciosos livros de ressurreição historica feitos pela operosidade proba e incansavel de Affonso Taunay, "S. Paulo nos primeiros anos", encontra-se, este trecho, nas "Duas palavras" de prefacio: "a decifração paleografica, nada comoda, ou antes, a tradução trabalhosa dos rudes papeis quinhentistas, com tanta fidelidade e conciençia levada a cabo pelo sr. Francisco de Escobar e Manuel Alves de Souza".

Interpelado por amigo sobre como o estudara disse com a maior naturalidade, como se fosse tarefa ao alcance de qualquer: que certa vez, em convalescença longa, caíra-lhe nas mãos um livro do

assunto que lhe despertou curiosidade e assim pôde decifrar os documentos a que tão bondosamente se referia Taunay.

Mario Casassanta, seu conterraneo de Camanducaia, euclydeano de primeira fila, fixou em linhas comovidas as lembranças do grande amigo:

... "Francisco Escobar, que o Brasil não admira, nem cultua, porque não o conhece, mas os que na verdade o conheceram admiram e cultuam, com devoção e enternecimento, como jurista, como pensador, como sociólogo, como escritor, como filólogo, como erudito, como artista e notadamente como homem. O Escobar que destrinchava, com subtilidade, as mais arduas questões jurídicas. O Escobar que fizera críticas de arte, sem exemplo. O Escobar que conhecia todos os mestres da musica e que tinha mãos maravilhosas para interpreta-los ao piano. O Escobar que manejava varias linguas. O Escobar bibliofilo. O Escobar político. O Escobar administrador. E, antes de tudo, o Escobar misericordioso e indulgente, que vivia para os amigos, com o coração pleno de carinho para as suas agruras e com a bolsa constantemente aberta para os seus apertos".

E recentemente, Plinio Barreto assim o recordava:

"Escobar, que tive a felicidade tambem de contar entre os meus melhores amigos, foi realmente

um homem superior pelo espirito e pelo coração, para tudo quanto fosse generosidade não conhecia barreiras. Na afeição de que cercava os amigos havia qualquer coisa não só de paternal como, até, de maternal. Dele costumavamos dizer, os intimos, que era a mãe de um dos nossos companheiros que usou e abusou de sua bondade. A todos os que lhe entraram no coração, acompanhava na vida com solicitude, que só as mães costumam ter. Se, em palestra, algum de nós, lhe dizia que estava com idéia de fazer um estudo sobre este ou aquele assunto, ele ouvia calado, mas dias depois surpreendia o interlocutor com uma remessa de livros preciosos sobre o assunto”.

Com aquela originalidade esfusante de dizer as coisas Monteiro Lobato, chamado a recordar o amigo, escreveu:

“Notara eu em certa roda de amigos, em S. Paulo, extremo alvoroço, assanhamento quasi, cada vez que corria esta noticia: — o Escobar está aí!

Impressionado com a repetição do fato, indaguei ao saudoso Adalgiso Pereira quem era esse “revolucionante” Escobar.

— Não o conheces? E' incrível! Pois não conheces o Francisco Escobar.

— Ha tantos...

-- Ha um, homem! Ha um verdadeiro. Os outros são falsificados. Pois o Escobar é uma dessas

criaturas que só vendo. Deixa que qualquer dia eu te apresento.

Assim foi. E desde então, fiz, parte dos que se alvoroçam, dos que se assanham cada vez que Escobar surge-nos por aqui.

Qual o segredo disso? Coisa muito simples. É que em Escobar se reúnem todas as qualidades de coração, e todos os valores do espirito, sem que êle jamais exhiba nenhuma. Nada mais natural, pois, que nesta época de "plaquês" e "casquinhas" e valores falsos e exibicionisimos, que seja êle o mais querido dos homens e que haja tanto e tão sincero entusiasmo pela sua entrada no Senado mineiro".

São depoimentos diversos, todos autorizados, sobre a grande figura, que bem pode simbolizar a Amizade, conforme aquelles versos conhecidos de La Fontaine:

*"Il cherche vos besoins au fond de votre cœur
Qu'un ami véritable est une douce chose"*

E se todos os que foram seus amigos poderiam recitar estes versos de fabulista, Euclides deveria repeti-los, como o fez na ternura de suas cartas.

Basta um exemplo. Das 148 dele publicadas, 23, a maior coleção, são dirigidas a Escobar e ha mais já recolhidas e ainda desconhecidas. E não é só o numero delas, é sobretudo o seu conteudo.

A idéia d'“Os Sertões” estava definitivamente esboçada, de longa data. Alguns capítulos, mesmo os concluídos, ao menos na sua forma primeira, suscetíveis de correção e aperfeiçoamento. Falta para leva-lo a termo a articulação das peças no conjunto, a verificação de um sem numero de pormenores, datas, nomes, fatos, dados. Toda essa miudeza de informes que exige uma obra séria, fôra da ficção e da fantasia.

Se conservara Euclides alguns cadernos com anotações e observações da campanha, nem mesmo a correspondencia completa para “O Estado” possuia.

Era, pois, necessario todo um trabalho árduo de colheita e pesquisa.

Não tendo pouso fixo, nunca lhe foi possivel reunir biblioteca. Dono de memória exata e sobretudo notavel capacidade de assimilação, rapida e pronta, tudo que lhe passasse pela leitura se incorporava á sua cultura, de base logica e científica.

As fontes d'“Os Sertões” não foram abundantes, embora elles revelem cultura de assombrar.

Informações geológicas forneciam-lhe principalmente Gonzaga de Campos e Theodoro Sampaio, engenheiros e naturalistas notaveis, com quem fez o seu aprendizado profissional em S. Paulo. O Instituto Geografico e Historico da Baía conserva,

guardado pelo carinhoso euclydeanismo de Bernardino de Souza, um pequeno caderninho de notas em que ha contribuição de Euclýdes e Sampaio. Estes caderninhos, aliás, de formato e tamanhos diversos, cheios de apontamentos, sem ordem nem concatenação, ao acaso das leituras e das impressões era velho habito seu.

Embora na sua mocidade fosse um cultor apaixonado de versos, a sua cultura literaria, sobretudo a dos autores fundamentais da lingua, êle nunca a tivera sistematizada.

Tudo isso precisava ser feito e refeito. Mas exigia continuidade, estímulo, animação.

Quantas vezes, em meio de um trabalho, a fadiga, a ausencia de uma informação, a fuga de uma palavra ou de expressão necessária, levam ao desanimo, ao desgosto e desagrado do já feito.

E' quando intervem a palavra lucida, de estímulo, de assistencia, de carinho do amor ou da amizade. E foi este o papel incomparavel de Escobar.

E' o depoimento precioso de José Honorio, glorioso e fiel depositario das lembranças euclýdeanas em S. José do Rio Pardo:

"Fossem casos graves, dificuldades a serem vencidas, fossem simples incidentes domesticos, o Escobar era chamado, era procurado, era quem aconselhava e aparelhava o terreno para que o de-

sespero e o desanimo não perturbassem o trabalho daquele homem que tantas vezes se mostrou corajoso, intrepido e outras tantas se nos mostrou trepido e infantil”.

E acrescentou, com justeza:

“Sem a amizade de Escobar, sem o seu apoio moral e social, em S. José do Rio Pardo, nunca brotaria a “idéia força da mentalidade brasileira, a obra literaria que é considerada a Biblia da Brasilidade”.

Facilitou o grande amigo, com a sua biblioteca opulenta, as leituras necessarias de Euclides.

Leu muito Camilo e sobretudo Herculano, de quem costumava dizer que era realmente maciço, porque tinha a densidade do ouro.

Os artigos da correspondencia de Canudos, Escobar os foi buscar, a Casa Branca, com Lafayette de Toledo.

O “*latim alarmado*” da Flora de Martius foi traduzido por ele, do exemplar da Camara de Casa Branca, pois que Euclides não só o ignorava como dele guardava a amarga lembrança de sua unica reprovação. Escobar o aprendera de modo singular, conforme Mario Casassanta.

Certa vez, em Camanducaia, aparece um professor que abre uma aula de latim e Escobar se

matricula, mas ao fim de dois meses sabia mais que o professor e este é obrigado a fechar o curso.

Mas toda essa assistencia, percebeu-o ele, dado a temperamento e as atribulações da vida intima de Euclides, além do trabalho da reconstrução da ponte, não seria bastante. Era preciso mais para sustenta-lo no entusiasmo e na constancia.

Juntava, ora na rua Floriano Peixoto, ora na sua propria residencia, alguns homens cultos de S. José e das cidades em torno.

Raramente se terão reunido, em lugar do interior, esquecido e ignorado, tantos homens de intelligencia e de cultura.

Lafayette de Toledo, de Casa Branca, austero e sabedor; Waldomiro Silveira, ainda em inicio da carreira brilhante de escritor sertanejo que o levaria á gloria d"Os Caboclos"; Adalgiso Pereira, cultor apaixonado do "meigo idioma"; João Moreira, Augusto Braulio, dr. José Rodolpho Nunes, dr. Alvaro Ribeiro, o saudoso Jovino e este venerando José Honorio de Silos, que tem sido na linda cidade para a memoria de Euclides o que foi Escobar para a vida, e este no desvelo em a tudo atender, humilde e generoso, beneditino da cultura e da intelligencia. E tudo era feito, com discrição, naturalidade e apagamento, sem alarde, nem ruido.

"Foste o meu melhor colaborador neste ermo de S. José do Rio Pardo" foi a palavra de gratidão comovida, entre tantas outras de igual carinho.

Nas discussões que acaso surgiam, era a única voz a que Euclýdes atendia.

Todo esse cuidado como que contraiu para Euclýdes deveres de tarefa periódica.

Os amigos, sobretudo os de fóra, a principio acudiam desconfiados. Em pouco nenhum deles faltava àquela aurora de um sol resplandescente.

Varios episodios se guardam desses dias gloriosos. Um deles, o do estouro da boiada já foi contado e até, lendariamente, deformado.

Outros poderiam ser referidos.

Humberto de Queiroz, irônico e mordaz, amigo de Escobar, vai de Mocóca prevenido contra aquela estopada de mais uma das bondades do amigo. Que poderia escrever de aproveitavel o tal engenheiro? Começou mal disposto. A meio, ouve este trecho: *"a bala que lhe esfuziava no peito, riscando um assobio suavissimo nos ares, como um psiu insidiosamente acariciador da morte"*. Não se conteve. Interrompe a leitura, com este espanto: escritor não sei, mas descriptor só Zola".

O termo diatese foi impugnado com veemencia por Adalgiso, mas Euclýdes é teimoso e ele lá está á pagina 151. Mas todos colaboravam á sombra protetora e materna do Mecenas singular e incomparavel. Graças a isso, terminada a reconstrução da ponte, acabado tambem estava "Os Sertões".

Pronto o volume, que deixou de ser apenas o relato da campanha de Canudos para ser o maior li-

vro brasileiro, ainda Escobar conseguiu um sargento da policia, José Augusto, para passá-lo a limpo, em boa grafia. Terminada estava tambem a ponte. Euclýdes construiu junto a um dos pegões uma ilha artificial e, á maneira do arquiteto de Herkulano, romanticamente, quis ficar sob a ponte, para ser esmagado, se ella ruisse.

Nesta cidade, fundou ele, com Francisco Escobar e Pascoal Artese, um partido socialista, avançado para a época, cujo manifesto este ainda possui. Ao retirar-se, foi-lhe prestada carinhosa homenagem e S. José do Rio Pardo é a Meca de euclýdianismo — cidade unica no Brasil no culto a um grande pensador e que conserva como reliquia e monumento local a tosca barraquinha, hoje protegida, contra a destruição do tempo.

A fidalguia de Escobar requintou-se preparando a manifestação ao grande Amigo, ofertando-lhe em nome da cidade, como lembrança e agradecimento, um taqueometro, arma de trabalho, simbolica e expressiva.

Euclýdes quis associar nesta homenagem de carinho não só o velho Mateus, o guarda da ponte, mas todos os operarios, colaboradores prestimosos da reconstrução, dando-lhes um alnoço, generoso e bom.

E foi assim, cercado de amizade e de admiração agradecidas que ele dali partiu, em um dia de maio de 1901, para a Glória e para a Imortalidade.

Mas a pausa de tranquilidade que ele ali viveu não se repetirá mais.

Volta de novo á sua engenharia andante — de “*commis voyageur*”. Não tinha a profissão o encanto de corrigir e aperfeiçoar a natureza que é o seu destino glorioso, mas oscilava entre “*o estilo alejado dos officios e a alma tortuosa dos empreiteiros*”. De S. Carlos do Pinhal mudou-se para Lorena. Com carta de Garcia Redondo a Lucio de Mendonça, vem ao Rio para publicar *Os Sertões*, o que afinal consegue na casa Laemmert. O successo do grande livro abre-lhe as portas do Instituto Histórico e da Academia Brasileira, com a vaga de Valentim Magalhães. Mas, como cousa alguma para Euclides era frívola, tudo assumindo feição grave, a eleição é uma tortura. Concorre com Xavier Marques, Silvino Gurgel do Amaral e Domingos Olímpio, sendo eleito por 22 votos.

O seu viver quotidiano é o reverso da glorificação pública. A profissão é-lhe, não apenas indifferente, mas adversa ás preocupações de pensamento. A crise cíclica do café em 1903 reduz os vencimentos do funcionalismo e torna-lhe a situação ainda mais precária e insustentável. Pensa em tomar novo rumo. Em fins de 1903 organiza-se a Comissão de Saneamento de Santos, sob a chefia de José Rebouças, para a qual é ele nomeado, indo residir em Guarujá. Entretanto, desinteligências com o chefe forçam-no a demitir-se em abril de 1904. Fica ao de-

samparo, em situação angustiosa. A conselho de Coelho Neto procura Lauro Müller, seu antigo condiscipulo. Mas nada obtém. Jorram-lhe da pena nestes dias amargos as paginas de "Um velho problema". Vale ainda uma vez a amizade fraternal de Escobar, que o visita em Guarujá e combinam tentar obter um lugar em uma das comissões de limites que se deviam organizar para o extremo norte do país.

NA AMAZÔNIA

Em consequência do tratado de Petrópolis foi estabelecido um *modus-vivendi* entre os governos do Brasil e do Perú, para a fixação diplomática dos limites dos dois países.

Daí organizarem-se as duas comissões mixtas do Alto Juruá e do Alto Purús.

Por intermédio de José Veríssimo, Oliveira Lima pleiteia junto de Rio Branco em uma delas lugar para Euclýdes.

Com o ser solução para a sua situação material, correspondia a velha aspiração. Em carta de 1903, a seu Mestre, Dr. Luiz Cruls, dizia êle: "*Alimento há dias o sonho-de um passeio ao Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nesta terra para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas cousas que me repugnam. Elimino por isso a aspiração em que talvez pudesse prestar algum serviço*".

No Acre estava-se processando uma grande epopéia, obscura e anônima, da posse de terra brasileira, por brasileiros, revivendo aos nossos olhos a grandeza épica do bandeirismo. Na imprensa, em artigos depois reunidos nos *Contrastes e Confrontos*, por mais de uma vez, o assunto o empolgara.

Domício da Gama leva-o à presença de Rio Branco, no Palacete de Westfalia em Petrópolis. Depois de longa palestra, que se prolongou noite a dentro, conforme o relato daquele ilustre diplomata patricio, Rio Branco, em vez de o escolher para auxiliar, convida-o para chefe da comissão do Alto Purús.

As demoras inevitáveis assustam Euclýdes, até que afinal, em agosto, sai a nomeação. Conforme velho hábito, procura ler tudo o que se refere ao mundo maravilhoso que ia conhecer. Escolhe, desde logo, os companheiros.

Parte em dezembro de 1904, parando em Manaus onde se devia encontrar com os membros da Comissão Peruana. Aguardando as instruções para defrontar o grande rio, perde dias preciosos. Hospeda-se em casa do antigo companheiro, associado indissolúvelmente à sua glória, Alberto Rangel — uma pitoresca vivenda nos arredores da cidade — vila Glicínia.

Parte em abril, época já imprópria, porque período da vazante. Quatro dias depois reúnem-se

na foz do Purús, onde os dois comissários combinam as normas gerais dos processos a adotar. Viajam de início, dia e noite, realizando o levantamento hidrográfico somente de dia ficando os outros trechos para o contra-levantamento na volta. Sendo o objeto essencial da expedição atingir as cabeceiras do grande afluente do Amazonas, dêste modo ganha-se tempo.

Os impecilhos com que lutou heroicamente a comissão brasileira, relatados em notas inéditas por um dos seus membros, o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, engenheiro ilustre, companheiro dedicadíssimo de Euclýdes, seu digno primo-irmão, mais tarde nosso representante na ponte internacional de Jaguarão e Prefeito da Capital da Baía, dizem-no de modo eloquente.

Os vapores, lanchas e batelões encalharam ou naufragaram, reduzindo os víveres e recursos cada vez mais, obrigando os dois comissários a abandonar as lanchas e prosseguir em canôas e pequenos batelões.

A Comissão brasileira, pela escassez de víveres, ficou reduzida a 17 pessoas.

Na foz do Chandless verificou-se que as dificuldades iam aumentar, pois lá estavam immobilizadas as Comissões mixtas administrativas, reinando beri-beri, o que forçou a deixar aí o médico, o dr. Thomaz Catunda.

A 13 de abril atingem o sítio Sobral, a 1417 milhas da fôz, último barracão brasileiro do Alto-Purús, para, duas horas depois, passarem por Muronal, primeira barraca peruana em abandono.

A 25, em S. Juan, fica a comissão brasileira reduzida a 9 pessoas, o chefe, o auxiliar técnico, um sargento, dois *brabos*, três remadores e um soldado.

Em 28 de junho chegam a "Curanja", casario peruano onde se reúnem as duas comissões para comparação dos cronômetros. Deu-se aí o almoço oferecido pelo "ciudadano" Eloi Barbaran, relatado por Pimenta da Cunha. Ao penetrarem no barracão Euclides e o seu auxiliar técnico notaram a ausência da bandeira brasileira, embora fôsse profusamente espalhada a peruana. Mas se contiveram. Ao iniciar a refeição, ainda à sopa, Euclides se levanta e agradece a gentileza requintada que escolhera para representar a sua Pátria não o pano mercenário comprado em qualquer regatão, mas representantes da sua natureza opulenta: — as fôlhas auri-verdes das palmeiras, que na sua altivez e retidão eram bem símbolo do Brasil.

Desapontado Barbaran respondeu "Usted comprendió muy bien nuestro pensamiento".

Prosseguem a viagem temerária. Chegaram à Forquilha de Purús a 18 de julho. As dificuldades, cada vez maiores.

No sítio Alerta o Comissário peruano D. Pedro Buenaño afirma que a comissão brasileira não prosseguiria e que não faria a travessia do varadouro.

Conforme o relatório e as notas do Dr. Pimenta da Cunha, os brasileiros, com as ubás deixadas pelos peruanos, não só foram até o extremo do varadouro, como o fizeram um dia antes dos peruanos, a despeito de viajarem a meia ração e estarem reduzidos a um terço do seu pessoal.

A 30 chegaram à foz do Cavaljani a 1718 milhas, para cujo acesso foi preciso vencer cêrca de 73 corredeiras e uma cachoeira de 22 metros, que só foi transposta graças à bravura de Euclýdes. Em dado momento, mais forte a correnteza que os músculos daquele grupo de temerários, imobilizada a embarcação, salta êle totalmente vestido para dentro d'água e de revólver em punho estimula rudemente o "brabo" José Vicente, o mais indolente do grupo e êste num esforço desesperado consegue vencer a cachoeira.

Neste lugar dá-se o episódio por êle relatado na conferência sôbre Castro Alves, que poderia ser a oração à bandeira: — "O valor de um símbolo".

Atinge a Comissão Mixta a foz do Pucani, último galho meridional do Purús, a 1730 milhas da foz, depois de transpor 15 corredeiras e 1 queda de 1 metro, onde as embarcações foram carregadas a pulso.

Percorridas três milhas, encontraram a entrada do varadouro e uma milha após a saída do varadouro, na quebrada "Machete", afluente do "Acha", outra quebrada que vai ter a "Union" e esta ao rio "Sepahua".

A comissão brasileira atravessou e reconheceu êste varadouro a 3 e a peruana a 4.

A volta foram auxiliados por um repiquete, cheia instantanea e inesperada do rio.

Da Forquilha do Purús em diante, o comissário peruano ofereceu à brasileira um "linjua", índio campa para facilitar a viagem em território peruano, e evitar encontro com outros da tribu. Ocorreu a Euclides ensinar-lhe qualquer coisa do Brasil que depois, ao voltar, repetisse. E quando queria qualquer objeto o Dr. Arnaldo da Cunha obrigava-o a dizer: Viva o Brasil!

Quando ao têrmo de sua empresa heróica o cozinheiro da comissão, por sua espontanea iniciativa, colocou una grande pedra sôbre outras menores que representavam a constelação do Cruzeiro, como testemunhas da sua presença no local, e ergueu um viva ao Brasil, Euclides mal pôde tirar o chapéu para corresponder ao brado patriótico do humilde companheiro e quasi perde os sentidos, tal seu esgotamento, pelas vigílias, má alimentação e emoções, mas reanima-se e dirige-se, já noite e apoiado no Dr. Arnaldo da Cunha, para o acampamento peruano, de onde parte esta pergunta: "Estuvieron us-

tedes perdidos?”, a que se seguiu a resposta firme e altiva: “até o fim do varadouro”.

No sopé das últimas vertentes, para os lados do Urubamba, diante de uma paisagem magnífica pergunta D. Buenaño: “Que dice Usted a este panorama”; ao que responde Euclides: “Nunca pensei que fôsse tão vasta a minha Pátria”. E escrevia mais tarde, recordando esta cena:

“Os olhos deslumbrados abrangiam três dos maiores vales da terra; e naquela dilatação maravilhosa dos horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que nós principalmente distinguíamos, irrompendo de três quadrantes dilatados e truncando-se inteiramente ao sul, ao norte e a leste — foi a imagem arrebatadora de nossa Pátria, que nunca imagináramos tão grande”.

Pôde Afrânio Peixoto dizer desta viagem à Amazônia: “Esta expedição se fôra contada, daria a *Os Sertões* uma parrelha, na intensidade da descritiva e na intrepidez da acusação”.

Em Manaus redige o relatório, cujo estilo foge aos trabalhos do gênero. Regressa ao Rio, tendo o projeto de um livro — *Um paraíso perdido*, em que revelaria à consciência brasileira a Amazônia, como já revelara os sertões.

De volta toma posse na Academia, recebido pela palavra de Sílvio Romero que, entre louvores, pôde dizer-lhe que era daqueles que sabiam colocar pronomes, sabendo colocar idéias...

NO ITAMARATI

Apresentado o Relatório, Rio Branco não o deixaria mais, encarregando-o desde logo da organização de uns mapas da região limitrofe com o Perú.

A Alberto Rangel diz êle: *"às vezes penso que foi uma fatalidade o ter caído, como um satélite, na órbita de um imortal. Submeto-me. Mas ainda não sei se romperei a curva desta gravitação"*. A Francisco Escobar acrescenta: *"Felizmente continuo a olhar para o Ministro a quem tenho servido, o único grande homem vivo desta terra, — com a mesma admiração e simpatia. E até com assombro: é lícido, é gentil, é trabalhador e traça na universal chateza dêstes dias uma linha superior e firme de estadista"*. Escreve a Domicio da Gama, em Lima: *"O próprio Barão, com a sua estranha e majestosa gentileza recorda uma idade de ouro muito antiga e acabada. Continuo a aproximar-me dêle sempre tolhido pelo mesmo culto respeitoso. Conversamos; discutimos; êle franqueia-me a mesma intimidade e não há meio de poder eu considerá-lo sem as proporções anormais de homem superior à sua época. Felizmente êle não saberá nunca este juízo que não é somente meu, senão que se vai generalizando, extraordinariamente. De fato êle é o caso virgem de um grande homem justamente apreciado pelos con-*

temporâneos. A sua influência moral irradiia hoje pelo país inteiro".

Rio Branco frequentemente chamava-o a Petrópolis e Euclýdes referia aos íntimos as cenas habituais, a um tempo pitorescas e ridículas: alta madrugada o Barão entrava-lhe pelo quarto e ficavam longas horas a palestrar, um de casaca e cartola ao alto da cabeça e o outro, sob lençóis, na máxima intimidade, mas entre V. Excia. Sr. Barão e o Senhor, Dr. Euclýdes...

Entretanto a sua vida continuava penosa e instável. Passa todo o ano de 1907 no Itamaratí, em trabalhos esparsos, mas sem cargo fixo.

Escreve, no improviso de um mês, o *Perú versus Bolívia*, que era, como êle próprio disse, "*vagamente a defesa da verdade contra o direito*". O trabalho, modêlo de lógica histórica e geográfica, foi traduzido para o castelhano pelo plenipotenciário boliviano Eliodoro Villazon. Em dezembro faz a conferência "Castro Alves e seu tempo".

Em junho de 1907 vê-se inopinadamente envolvido no célebre caso do telegrama n. 9. Como se sabe, estando Estarislau Zebalos na pasta do Exterior da República Argentina, fez circular em Buenos Aires um telegrama decifrado, que teria Rio Branco passado à nossa legação do Chile dando instruções para romper junto aos países Sul-Americanos uma campanha contra a Argentina. O episódio causou escândalo nos meios diplomáticos, agitando a opinião

pública, dentro e fora do Parlamento. A 19 de outubro trazia "La Prensa" um artigo de Zebalos, com êste trecho: "Rio Branco mandou imprimir um livro em favor das pretensões brasileiras. Este livro foi-me dado por um Ministro brasileiro. Escrevi propositadamente ao autor para me documentar e tenho em meu poder a resposta à minha carta". A alusão era a Euclides, com quem o chanceler portenho mantinha cordial correspondência.

Protesta Euclides contra o papel "de Capitão Dreyfus do Ministério do Exterior" que lhe queriam atribuir e envia êste telegrama altivo e digno: "*Dr. Estanislau Zeballos. Buenos Aircs. Surpreendí-me vendo ontem as nossas relações exclusivamente intellectuais envolvidas na campanha solitária que V. Excia. está travando com imaginários antagonistas, em flagrante contraste com a harmonia nacional brasileira e argentina. Referindo-se V. Excia. á correspondência particular que hoje confessa haver propositadamente provocado para documentar-se, apresso-me em declarar que não receio tais documentos. Desejando vê-los explicitos, autorizo o Jornal do Comércio a publicar as cartas que me mandou. Completo assim a ação iniciada por V. Excia. que assim ficará inteiramente desembaraçada de quaisquer escrúpulos na publicação integral que desejo e peço das cartas que aí existem com a minha assinatura. Euclides da Cunha*".

Responde Zeballos desculpando-se e o Itamarati publica a chave do telegrama, esclarecendo o incidente.

Mas a situação de Euclýdes continua precária. Rio Branco retinha-o junto de si para trabalhos especializados, mas sem cargo legal, embora com o propósito de o fazer consultor técnico. Tudo isso constitue para êle uma tortura. E' incumbido por Miguel Calmon de redigir as instruções para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, cuja fiscalização lhe seria confiada, mas que acaba recusando afim de evitar contrariedade ao Pai e para aguardar a demarcação de limites com a Venezuela, para a qual o Barão o convidara. Fala-se tambem na sua nomeação para Plenipotenciário no Paraguai. Escreve em 1908 a Oliveira Lima: "*lá se vão dous anos de expectativas e maravilha-me a paciência com que os tenho suportado, embora ela se explique pela opposição manifestada às minhas tentativas de seguir novo rumo. Não me arrependo disso.*

Enquanto isso, sucedem-se e multiplicam-se os filhos. Como traçar a linha reta da vida, com tantas mãozinhas a nos puzarem as abas do casaco? A minha resignação é a de todos aquellos que tendo adquirido uma reputação, às vezes bem falsa, de impulsivos ou inconstantes não querem precipitá-lo, com atos que pareçam precipitados. Mas ela não será ilimitada".

Em outro tópico acrescenta:

"Em todo o caso se no correr d'este ano (1908), não se me abrir de novo a trilha do deserto, terei de dar novo rumo à vida, para que os filhos não paguem os juroz de tanta imprevidência".

A seu cunhado e amigo, o Juiz Octaviano Vieira, consulta, afflito, em 15 de novembro de 1908.

"Ainda não sai disto, por duas razões: 1.º porque o Barão continua a tratar-me com a mesma simpatia e falta-me ânimo para (pela quarta vez) observar-lhe a inconveniência desta posição; 2.º porque se eu tomar uma resolução decisiva e deixar a secretaria não faltará quem reprove este atestado de inconstancia ou falta de persistência. Mas tudo isto constitue para mim, às vezes, uma tortura tão grande que sou obrigado a apelar para o teu caráter. Dize-me com franqueza: deverei continuar numa posição não prevista em lei (embora o Ministro até hoje me retivesse a esperança do cargo que se criaria) ou deverei inflexivelmente, vencendo todas as solicitações, deixá-lo.

Octaviano, responde-me, logo, com a mais absoluta franqueza. Não confio em mim só para resolver este caso: posso estar iludido ou estar exagerando inconvenientes que não existem!"

O CONCURSO DE LÓGICA

Continuando a mesma situação, por sugestões de amigos, resolve concorrer à cadeira de lógica, no antigo Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II.

Eis como o diz a Oliveira Lima a 22 de novembro de 1908: *“agravando a sobrecarga de preocupações inscrevi-me em concurso (de Lógica) no Ginásio Nacional, que se realizará em abril próximo. Fiz bem? Não será um mal tão viva reviravolta de lome, passar de engenheiro a professor. Assim procedo, porém, numa grande ânsia de dar uma estabilidade à vida, por mim mesmo, sem precisar incomodar os amigos poderosos. Em carta anterior creio que lhe disse estar resolvido a exoncrar-me da secretaria”*.

Estava a cadeira vaga com a morte de Vicente de Sousa.

Os concursos entre nós têm ainda o aspecto de lutas primárias. Faltam os que sabem perder e mais ainda os que sabem ganhar. Como que o esforço de adquirir uma cultura por si mesmo dá à contenda, às vezes, aspectos de defesa de bem exclusivo. Sendo o menos imperfeito dos meios de seleção para o magistério, enquanto não o formarmos especificamente, é entretanto revestido de feição de luta física. Se isto se dá até nas disciplinas de técnica experimental quanto mais naquelas que Ostwald chamou ciências de papel, como a lógica. Logo que se falou na inscrição de Euclides começaram os boatos. Chegou-se a afirmar que Barbosa Lima se inscreveria, apenas para afugentar candidatos.

Foi para Euclides uma fase de novos tormentos. Não sendo filósofo de profissão, tinha contudo

inegável cultura geral, especialmente científica e percorrerá os grandes pensadores. Inicia a revisão de conhecimentos e leituras, de que dão conta sua correspondência da época e as anotações a alguns livros salvos.

Estavam inscritos 15 candidatos.

A custo constitue-se a comissão examinadora composta afinal dos professores Raja Gabaglia, Paulo de Frontin e Paula Lopes.

A 17 de maio tem início o concurso com a prova escrita, caindo o ponto n.º 3 — “Verdade e êrro”.

A sua prova, feita em meio a preocupações penosas, revela êste estado de espírito, cheia de emendas com a preocupação alarmada do tempo.

A 25 foi a prova oral da 4.^a turma, composta de Vital de Almeida, Graciano das Neves e Euclýdes sôbre: “A idéia do ser”.

E' mais um atestado de sua coragem intelectual e moral. Foi taquigrafada por iniciativa de Felix Pacheco.

A 25 de maio deu-se a arguição e a 7 de junho o julgamento da Congregação colocou Farias Brito em 1.º e Euclýdes da Cunha em 2.º lugar.

No correr das provas morre Afonso Pena e assume o govêrno Nilo Peçanha. Cabia a êste escolher entre os dois nomes propostos, de acôrdo com o art. 104 do Código Epitácio.

Puseram-se a campo Coelho Neto e Erico Coelho. O presidente vacila e Esmeraldino Bandeira comunica-o a Coelho Neto, em telegrama.

Vendo-o Euclýdes escreve: "*um bravo pela tua delicadeza moral. Seria cruel se eu recebesse à noite aquelle telegrama. Mas não seguirei o teu conselho. O revés desajoga-me: merecido castigo ao deslize de haver tentado deslocar um candidato oficialmente amparado pelo direito. A linha reta diante as vacilações do govêrno é esta: renunciar. E' o que vou fazer já por telegrama. E sinto-me verdadeiramente feliz, porque nesta longa Fox hunting que principia no voto de..... e termina nas tendências simpáticas de alguns poderosos em tudo isso, descobri uma alma honesta e perfeitamente clara — a tua. Logo ou amanhã te abraçará agradecido o teu Euclýdes*".

Demove-o Coelho Neto do propósito e afinal a 17 de julho vem a nomeação.

Recebe de Escragnolle Dória, interino, a cadeira que ia reger.

Por esta época reúne os ensaios de *A Margem da História*.

Na sua vida, sempre instável e incerta, seria a primeira ancoragem definitiva. Poderia, dora em diante, prosseguir na sua obra de arte e pensamento, que as occupações quotidianas agora permitiriam.

Mas deu apenas 10 aulas, de 21 de julho a 13 de agosto.

A maldade e o perjúrio preparavam-lhe a bala assassina que, na manhã de 15 de agosto de 1909, por um domingo triste e chuvoso, na Estrada Real de Santa Cruz, na Estação de Piedade, fez cair sem vida aos 43 anos, no clarão de uma tragédia esquiliana, o grande escritor brasileiro.

O HOMEM E A OBRA

Se Euclides da Cunha foi grande pela sua vida de homem e de homem público e pela obra que realizou e que escreveu, foi também grande pelo sentimento, pelas delicadezas de sua afetividade, e, pelo sofrimento, maior ainda.

Ninguém mais sensível às ternuras da amizade. A Coelho Neto agradece uma carta recebida em Manaus assim: *"chegou, toda garrida, embora vestida de preto, tua carta gentilíssima, e foi como uma janela que se abrisse, de repente, num quarto de doente"*. A Escobar pede que venha vê-lo: *"às vezes imagino-te de surpresa nesta minha vivenda de filósofo em que entrarás como um irmão"*.

A Alberto Rangel, a José Veríssimo, a Coelho Neto, a Domício da Gama roga que visitem suas quatro enormes saudades.

A sua obra marca um sentido de emancipação da nacionalidade brasileira, porque tocando pelo alto a atmosfera da cultura humana universal, crava

as suas raízes bem fundo na gleba brasileira. "*Filho da terra e perdidamente enamorado dela*", disse êle diante do mundo amazônico.

Para Afrânio Peixoto: "é um bandeirante de uma entrada nova pela alma da nacionalidade brasileira". Roquette-Pinto apontou como parâmetros da grande figura a introdução do espírito científico na literatura histórica, o colorido romântico e a identificação do escritor com a natureza.

Tristão de Ataíde, ressaltou como os dois grandes livros, talvez os maiores livros brasileiros — *Um estudista do Império* e *Os Sertões*.

Miguel Pereira ao agradecer a homenagem que lhe prestavam pelo seu brado patriótico, lembrou que tinha êle origens na obra euclydiana.

De fora, de estranhos que nos estimam, John Branner, Jean Jaurès, George Dumas, Lina Hirsh, Manuel Bernardes, Enrique Fabrégat, Eliodoro Villazon é o mesmo o tom de entusiasmo. E o mesmo se repete agora que a tradução castelhana d'"Os Sertões" atingiu o continente.

Deu novos rumos à nossa literatura e ao nosso pensamento sociológico. Chamou a consciência nacional para o interior do país e para o mundo amazônico. Desmentiu a inferioridade racial com que pessimistas temem o nosso futuro, depondo sôbre duas epopéias do povo brasileiro: a tragedia de Canudos e a conquista do Acre.

Ninguém sai da leitura de suas paginas ou da contemplação de sua vida, mesmo as de colorido mais trágico, sem uma elevação de sentimentos nobres. O próprio pessimismo de suas confidências íntimas, legítimo e justificado para quem só conheceu, na partilha de bens da vida, a porção penosa e rude, tem sempre um reativo de estoicismo e de serenidade.

Alberto Rangel assim resume essa grande vida.

“De menino a quarentão Euclides da Cunha não conheceu a sinuosidade. Pesou todos os escrúpulos e agiu a descoberto. Sempre direito e visceralmente digno. A sua vida de fervores sacrificativos exigiu um lar. Manteve-o com a dignidade do trabalho. Sustentando-o com a pena, o nível e o teodolito, fecundou-o a carinhos, julgou reforçá-los com submissão religiosa de catecumenos e o apêgo de um bom escravo. Serviu tôda essa dignidade da vida e de seu maior compromisso de aliança e sucessão para acabar como sabeis”...

Faltou-lhe, como o teve Machado de Assis, aquêie afeto que

..“ num recanto pôs um mundo inteiro”.

* * *

A vida de Euclides da Cunha é assim um exemplo e a sua obra um padrão. Aí ficam, projetadas

em verdadeira grandeza, sem ampliações nem deformações, através da exposição exata de episódios vividos, através dos depoimentos fiéis de testemunhos insuspeitos e através de documentos íntimos que jamais contaram com o exame da publicidade.

Contemplada assim, dá-nos aquela impressão de Vitor Hugo diante da estátua de Moisés de Miguel Angelo: olhamos em torno para verificar se não estamos alguns metros mais alto...

A O B R A

AS EDIÇÕES

A obra escrita de Euclýdes da Cunha é escassa em quantidade. Foi elaborada entre 1902, publicação de "Os Sertões" e o livro póstumo, "À Margem da História", em 1909.

E' certo que vinham de longe os seus artigos, ensaios, esparsos em publicações periódicas.

O primeiro deles, até agora conhecido, é o do pequenino "Democrata" (título expressivo), jornalzinho de um grupo do Collegio Aquino, sôbre a viagem que realizara à sua terra natal, Sta. Rita do Rio Negro, em abril de 1884.

Depois, ha larga produção na "Revista da Família Acadêmica", uma das várias revistas da Escola Militar da Praia Vermelha, em prosa e verso.

Abandonado o Exército, pelo incidente de 4 de novembro de 88, inicia a colaboração, até os seus últimos dias, no jornal, que o levaria à gloria maior das nossas letras — "A Província", depois "O Estado de S. Paulo", ora com sua assinatura ou iniciais, ora com pseudônimo de Proudhon.

Reintegrado, após a República, no Exército, escreve pouco e a largos intervalos até a reforma que o conduz definitivamente à vida civil.

Engenheiro oficial do Estado, a sua colaboração é farta, em diversos jornais. Fixando-se no Rio, após a viagem à Amazônia, continua, n' "O Estado", no "Comercio de S. Paulo" e mais tarde passa a redator assíduo do "Jornal do Comercio", escrevendo também para o "País".

E' esta colaboração de jornalista que vai constituir a maior parte de seus livros posteriores.

O próprio "Os Sertões" teve alguns dos seus capítulos divulgados n' "O Estado".

A livraria José Olímpio reuniu a correspondência enviada ao grande órgão paulista em livro, precedido de um substancioso estudo da pena autorizada e esclarecida de Gilberto Freire.

Vê-se, pois, que o gênio de Euclides da Cunha, como escritor, foi revelado por acidente, como êle próprio confessa no seu discurso de posse na Academia e foi por acidente que escreveu quasi toda a sua obra.

É certo que havia nele um escritor de raça, desses que representam um povo, á espera de assunto que lhe despertasse o gênio.

Essa centêlha foi o episódio policial de Canudos, transformado em tragédia nacional, como o poderia ter sido a Revolta de 1893.

Era preciso somente que o reativo revelador tivesse sentido de tragédia humana, desassombrado e vingador.

“OS SERTÕES” apareceu nos primeiros dias de dezembro de 1902. Cartas do editor, que se salvaram, situam o acontecimento, dos mais memoráveis da literatura brasileira, antes do dia 6 de dezembro.

Depois de pronto o livro, composto em S. José do Rio Pardo, sob a vigilância fraternal e previdente de Francisco Escobar, este incomparável amigo não só assistiu a toda a elaboração, como obteve um sargento de policia, de bõa grafia, que o passasse todo a limpo.

Com carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça, de dezembro de 1901, dirige-se ao Rio para editar o livro volumoso e difficil.

Procurou Euclides o grande jurista, alma feita de entusiasmo e generosidade, em sua residência, à travessa Marquês de Paraná, às 11 horas, próximo ao almoço matutino, que precedia à sua ida para o Supremo Tribunal Federal.

Apesar disso a conversa prolongou-se por largo tempo, ao fim da qual, perturbada a hora da refeição, Lucio chega à sala para dizer sua impressão de assombro, diante da intelligência mais fulgurante que lhe fôra dado conhecer.

Encaminhou-o ao velho Massow, que dirigia àquela época, a Casa Laemmert, situada à rua do Ouvidor, quasi fronteira da travessa do mesmo nome, e que sucedera aos dois irmãos Laemmerts, falecidos.

Assustou-se o avisado livreiro, não só do tamanho, como da natureza do trabalho, excusando-se de o editar na lembrança do insucesso do editor Magalhães com a "Marinha de Outrora" do Visconde de Ouro Preto.

Depois de entendimento resolve Euclides custear a edição, dando 1:500\$000 pela sua impressão.

A sua correspondência revela as preocupações com o livro, durante todo o correr de 1902.

Viriato Correia, na "Ilustração Brasileira", no número precisamente de 15 de agosto de 1909, conta as argústias dele por ocasião da saída de "OS SERTÕES".

A princípio os receios por que viesse a público com a chegada de Rio Branco, cuja fulguração o esmagasse e afogasse. Segundo o mesmo relato fez Euclides cerca de 80 emendas em 2.000 exemplares, a bico-de-pena e ponta-de-canivete, muitas das quais facilmente se percebem.

Depois foge para Lorena e daí para a peregrinação das viagens da profissão pensa e rude, exercida por veredas e caminhos acidentados, em costa de burro, ou nas vias-férreas sem conforto.

De uma vez, ao saltar em uma estação para almoço, vê um companheiro desconhecido com volume alentado sob o braço, que lhe parecia "OS SERTÕES". Tem impetos de o interrogar. Receia. Vacila. Conjetura. Um livro daquele tômo e preço só se compra na certeza de ser bom. Mas poderia ser presente, ou adquirido em algum "sebo"... Indeciso, perde-o de vista. O viajante some-se. A par-disso, contempla os rudes patricios que o estimam e teme pelo desprestígio que lhe virá trazer o insucesso fatal.

Afinal chegam-lhe as primeiras cartas, a principio timidamente animadoras, depois mais calorosas por fim anunciando o sucesso inédito do livro, com as criticas todas em alto tom de entusiasmo.

J. da Penha, Medeiros, Verissimo, Morcira Guimarães, Leopoldo de Freitas, Araripe Júnior sobretudo, são, com minimas discordâncias, unânimes no louvor. A impressão que lhe causa a critica de Araripe êle a traduz como a de "*um recruta inopinadamente transformado em triunfador*".

Muito mais expressivo do que tudo isto é o sucesso financeiro.

Surgido em dezembro de 1902, em fevereiro de 1903 recebe o saldo de 2:198\$750 e inicia as combinações para a 2.^a edição, cujos direitos autorais lhe rendem 1:600\$000. Esta, já expurgada de alguns descuidos de revisão, aparece em setembro de 1903. Em abril de 1904 surge a 3.^a vendidos por 1:800\$000

os direitos autorais, incluídos os de tradução, exceto para inglês. Eram 6.000 exemplares, no prazo de 2 anos. Que obra, entre nós, daquela natureza, daquele tomo, daquele preço, apresenta sucesso semelhante?

Mas, à maneira de Flaubert, a forma perfeita é para ele assintótica... Corrige, emenda, substitue. Muda vocábulos. Precisa pensamentos. Torna mais exatas as imagens. E, por-fim, prepara o exemplar para a edição definitiva, edição *ne varietur*, que deveria ser a 4.^a já pela livraria Francisco Alves, que adquiriria o espólio da casa Laemmert.

Entretanto este exemplar preciosíssimo, que pertence hoje ao ilustre dr. Belisario Tavora, foi encontrado mais tarde, de forma que só em 1914, por iniciativa e assistência de Afranio Peixoto, fez-se a 5.^a edição, em Paris. A esta, por evidente descuido, falta o prefácio - NOTA PRELIMINAR.

Ha entre as duas composições inúmeras modificações, todas sem exceção, de forma, quasi sempre no sentido de precisar o pensamento, tornar mais rigorosa a expressão, ser mais fiel à realidade objetiva. São cerca de 1.500 emendas...

Durante 10 anos nenhuma outra se publicou, chegando a ficar esgotada por mais de cinco, sendo raridade bibliográfica, de segunda-mão, por altos preços, os exemplares acaso encontrados.

Ainda por iniciativa de Afranio Peixoto, em 1923, aparece a 6.^a edição, sucedendo-se em 1924 a

7.^a, a 8.^a em 25, a 9.^a em 26, a 10.^a em 1927, a 11.^a em 1929, todas impressas em Paris.

Na 10.^a, também pela ação sempre prestante de Afranio Peixoto, volta a figurar o indispensável prefácio.

Vários erros tipográficos fixados na estereotipia, omissões, inversões de períodos, mutilações diversas, vinham exigindo revisão cuidadosa da maior obra das nossas letras.

Graças à probidade, à paciência e ao conhecimento esclarecido da obra, que tem Fernando Nery — euclydiano da primeira hora, a quem confiou a casa Paulo Azevedo, sem medir sacrifícios, o trabalho meritório de rever “OS SERTÕES”, com as correções devidas, temos hoje a edição perfeita. Acrescentaram-se à margem das páginas os títulos dos assuntos tratados no livro, sumariados no início dos capítulos, além de notas remissivas sobre as mesmas questões.

Surge assim a 12.^a edição, em 1933, e em 1936 a 13.^a e, a que se acha à venda no momento, a 14.^a, em abril de 1938.

São 14 edições, em 7 lustros, de um livro sério, grave, de tómo alentado e alto preço. São pelo menos mais de 20.000 exemplares adquiridos, senão lidos...

Euclides tinha pelo OS SERTÕES carinhos especiais. Em carta ao Pai chama-o “o seu grande neto”.

Aos amigos íntimos "*naquelas tolices escandalosas que só se dizem aos irmãos*", fala dele com ternura, fala de seu livro vingador...

Mas, nos últimos tempos já o enfadava o apêndice fatal de autor d'OS SERTÕES, como sucedia com o poeta das POMBAS ou o dos CISNES...

Reclamava então ser também o autor de outras páginas, senão maiores, ao menos mais serenas, mais límpidas talvez, como muitas que se encontram n'A' MARGEM DA HISTÓRIA.

Esta impressão transmitida a alguns amigos, vem agora confirmada no Prefácio da edição argentina de OS SERTÕES feita por Benjamin Garay.

E' êle de autoria de Mariano de Védia, filho de Agustin de Védia, autor de MARTIM GARCIA, de que Euclýdes fez admirável artigo, inserto no seu livro póstumo.

Em carta dirigida ao eminente publicista diz:

"Pede-me que lhe mande OS SERTÕES, mas preciso dizer-lhe antes que não o envie espontaneamente porque este livro bárbaro de minha mocidade, monstruoso poema de brutalidade e de força, é tão estranho à maneira tranquila como considero hoje a vida, que a mim mesmo às-vezes custa entendê-lo. De qualquer modo é o primogênito do meu espirito, embora críticos audazes afirmem ser meu único livro... Será verdade? Custa-me, contudo, admitir que tenha chegado com êle a um ponto culminante, ficando todo o resto da existência para

deseer desta altura. Depois de o ler diga-me, illustre amigo, se estarei condenado a destino tão pouco desejável. Sua opinião será para mim valiosíssima e desejo conhecê-la quanto antes”.

D'OS SERTÕES êle assim se exprimiu na dedicatória a Alberto Rangel — *“este poema de heroismo e de brutalidade”.*

Como succede a todo autor de obra célebre, o público torna-se exigente em excesso para as posteriores. O autor, por sua vez, se sente obrigado a nova obra-prima e vacila indeciso, porque, eliminada a surpresa e o espanto, não é fácil a repetição.

Acresce ainda que a vida diária de Euclides da Cunha foi sempre adversa às preocupações, muito mais às occupações de escritor.

Pensou em outro têma de larga envergadura para o seu espírito, que seria a HISTÓRIA DA REVOLTA DE 93, e de-certo alguns painéis de “OS SERTÕES” teriam ali também seu lugar apropriado, como algumas outras páginas que publicou.

Apenas aquele hiato de quietude e paz relativas de S. José não se reproduziu em seus dias agrestes. Mas, por necessidade de temperamento e até de ganha-pão, foi desde logo colaborador d’“O ESTADO DE S. PAULO”, do “COMERCIO DE S. PAULO”, d’“O PAIS”, d’“O JORNAL DO COMERCIO”.

Esta colaboração avulsa, viva, palpitante, flagrante, à sugestão de uma oportunidade, à pressão de uma emoção mais forte, daria por certo um grande livro, bem expressivo da sua cultura multiforme, que elaborava os materiais e os apresentava, transfigurados pelo gênio do seu estilo original, em combinações admiráveis. Tardou êste livro.

Em 1904 segue para a Amazônia, na missão de reconhecimento das nascentes do rio Purús. Em 1906, entre março e abril, dá o Relatório, que, dentro das limitações dos trabalhos do mesmo gênero, é panorama colorido e empolgante do rio que explorára, ao mesmo tempo que dos aspectos gerais do rio-mar.

Foi êste o seu segundo livro. O terceiro, a reunião da colaboração esparsa, seleccionada cuidadosamente por êle, apparece em 1907, nos primeiros meses.

Em carta a Escobar (sempre o amigo fiel e confidente) diz textualmente: "*Um editor português reuniu uns vinte artigos meus, pespegou-lhes o título "CONTRASTES E CONFRONTOS", pediu um prefácio ao Bruno e arranjou um livro que dentro de 15 dias aqui chegará"*.

O livro editado pela Empresa Editora do Porto, traz um prefácio incolor e banalissimo do escritor português José Pereira de Sampaio (Bruno) e é, dentre os trabalhos de Euclýdes, o que mostra

de maneira mais nítida a pujança de seu espírito e da sua cultura.

Predominando os tópicos brasileiros, diretos ou afins, ha uma visão segura dos acontecimentos universais coévos, seja da América, seja do resto do mundo, além de algumas páginas maravilhosas de arte.

Aparecido em começos de 1907, em carta ao editor de 4 de agosto do mesmo ano, já combinava a 2.^a edição, acrescida do formoso discurso de posse na Academia, pronunciado em 18 de dezembro de 1906. A edição ainda vem ao Brasil em 1907.

Nesta carta diz: "*Breve enviarei a José Pereira Sampaio um livro (Perú versus Bolívia) que improvisei num mês — e nesta ocasião saldarei com o meu bom padrinho em Portugal, a minha velha dívida*".

São idênticas as demais edições, apenas com o acréscimo do artigo de João Luso, publicado nas Dominicais. Havia em todas as edições dois erros por êle emendados no exemplar oferecido a Afranio Peixoto, no discurso da Academia: um, à página 355, onde está *na é u'a* e o outro, página 361, onde está *desdenhou é desdeu*, do verbo *desdar* (2.^a edição). Com o tempo vêm êles aumentando...

Foi êste ano, de 1907, o mais fecundo, para a publicação das obras de Euclides.

Em 2 de dezembro de 1907 realiza, em S. Paulo, a convite do "Centro Onze de Agosto", uma conferência sobre "CASTRO ALVES E SEU TEMPO", que a Imprensa Nacional publicou em folheto de 44 páginas, ainda em 1907. Em 1917 aparece uma 2.^a edição, feita pelo "Grêmio Euclides da Cunha".

Ainda em 1907, escreve pelo "Jornal do Comércio" alguns artigos sobre a questão de limites entre o Perú e a Bolívia, que dariam o volume PERÚ - VERSUS - BOLÍVIA, publicado em 1907 pela Livraria Alves e pelo "Jornal do Comércio", de que a livraria José Olimpio deu em 1939 uma nova edição, tendo como prefacio o artigo de Oliveira Lima, publicado n"O ESTADO DE S. PAULO". Este livro, tal o valor que possui, foi vertido para o castelhano por iniciativa do delegado boliviano junto ao árbitro argentino, Eliodoro Villazon, com o título "LA CUESTIÓN DE LÍMITES ENTRE BOLÍVIA Y EL PERÚ".

Se a sua estada no Rio, com meios de informação e de estudo mais favoráveis, lhe poderia permitir trabalho contínuo e de fôlego, opunham-se a isto, de um lado os tormentos de sua vida intima, de outro a instabilidade mais imaginativa que real de sua situação econômica.

Os planos que arquiteta se desfazem, sem chegar muitas vezes sequer a qualquer esboço. Assim,

desaparece a idéia da HISTÓRIA DA REVOLTA. Pensa em um livro de visão ampla sobre a formação sul-americana. Comunica-o a Domicio da Gama, então em Lima, em carta de 15 de agosto de 1907: *“Ando a pensar num livro, essencialmente americano e preciso estudar muito e estou estudando muito. Mas a nossa pobreza de livros correspondentes é absoluta”*.

Houve outro projeto fracassado. Conta-o Afonso Taunay.

Viajando certa vez em companhia do historiador de Canudos ocorreu-lhe perguntar se não lhe sorria escrever romances.

Eis a resposta, segundo o relato do historiador das Bandeiras:

“Muito, mas muito mesmo: um pelo menos, romance historico brasileiro — entenda-se, redarguiu-me vivamente, nada de descabimentos românticos, porém, nem das intermináveis psicologias hodiernas, acrescentou logo. Ora! Vou contar a você, muito em reserva que até tenho cenário escolhido para o meu primeiro romance. O Rio de Janeiro seiscentista. Ha de ser coisa inteiramente nova, entre nós, inteiramente inédita e a época parece-me excelente; fixei-a entre 1650 e 1660 no tempo de Salvador Correia de Sá. Muito pitoresco! Sim muito pitoresco! comentou num tom sincopado que à voz imprimia quando alguma coisa o impressionava.

Quanta coisa interessante! a revolta contra o governador nobre, grandiosa figura, a deposição do seu prepôsto, durante a ausência em S. Paulo, a aclamação de Barbalho Bezerra, autoridade à fôrça, tudo isto de envolta com as questões do tráfico de índios, das lutas dos fluminenses com os jesuitas e os seus prelados, uns envenenados, outros banidos... Quanta coisa curiosa enfim a rebuscar, a fixar...

A idéia desta novela tanto me agrada que nela frequentemente me deleito com real prazer. Já cheguei até a escolher um título que me parece excelente: "OS HOMENS BONS".

Ha tesouros a desentranhar dos refolhos das crônicas coloniais, riquezas até agora quasi intactas e direi mesmo ignoradas..."

Mais tarde, já no Rio, em maio de 1909, Tauxay, encontrando-o por acaso retorna ao assunto, indagando-lhe pelos "HOMENS BONS".

— "Pobrezinhos, respondeu-me êle, alegremente, estão mais do que encruados! Como quer você possam crescer? com a vida que tenho tido?"

E é só o que se sabe e se conhece deste romance perdido.

Nos seus cadernos, ha muita nota de cousas da época colonial, tomada ao acaso da oportunidade, da sugestão, do encontro.

Seria possível mesmo algum plano desenvolvido, senão escrito, mental.

Mas tudo se perdeu, três meses após, na tragédia de 15 de agosto e nenhuma outra referência se tem a não ser fugidia informação pessoal do velho e saudoso Vieira Fazenda, a quem Euclides consultou de fato sobre o assunto.

Era natural que a viagem à Amazônia lhe desse a obra do mesmo porte do OS SERTÕES.

Ele próprio sonha com este livro. Noticiando suas primeiras impressões do mundo novo que defrontava, diz a Coelho Netto, em 10 de março de 1905, de Manaus: "*Depois aí, e num livro, UM PARAISO PERDIDO, onde procurarei vingar a Hilae maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o seculo XVIII*".

A Escobar, já no Rio, em 13 de junho de 1906, repete: "*Ou melhor, que vá alinhando as primeiras páginas de UM PARAISO PERDIDO, o meu segundo livro vingador*".

O plano, na sua forma primitiva, como o expusera a Coelho Netto — uma terra arrancada a fórceps do ventre materno — malogrou-se.

Encontram-se no Compêndio de Literatura Brasileira de Coelho Netto, estas palavras: "As poucas páginas que nos deixou sobre a Amazônia fazem-nos lamentar a perda do poema que foi com êle para a morte que se chamaria — "UM PARAISO PERDIDO". Seria um monumento de poesia em prosa, o elogio da terra virgem, e a glorificação dos tra-

balhadores das florestas e dos que vogam nos rios desconhecidos”.

Os artigos que escreveu sobre a Amazônia, que de certo seriam fragmentos e capítulos da obra projetada, êle os juntou a outros ensaios, reunindo tudo no volume “À MARGEM DA HISTÓRIA”, pronto à época de sua morte e que appareceu no mesmo ano, logo após, ainda em 1909.

Em todas as edições posteriores ha um êrro imperdoavel: a primeira parte está subordinada ao título ESTUDOS VÁRIOS, ao invés de TERRA SEM HISTÓRIA.

Restam os esparços e inéditos. Destes talvez, a rigor nada haja. E' certo que a publicação remota em jornais equivale à inedição.

Entretanto a reunião destes fragmentos deveria obedecer a um plano inteligente e respeitoso. Não basta para realizá-lo simples copia, porque muitos artigos publicados na imprensa mudaram de título ao passar para os livros e ha risco de se apresentarem como cousa nova escritos conhecidissimos. Exemplos: “Os Batedores da Inconfidência”, apparecidos n’“O ESTADO DE S. PAULO”, em 21/4/1903 estão em “CONTRASTES E CONTRASTOS” com o titulo “Garimpeiros”, o admirável ensaio de synthese histórica que se encontra n’“À MARGEM DA HISTÓRIA”, appareceu n’“O ESTADO DE S. PAULO”, por ocasião da comemo-

ração do centenário do descobrimento do Brasil, com o título: "O Brasil no século XIX".

Haveria ainda que anotar os artigos, explicando-os e esclarecendo-os.

Este era o plano do volume "FRAGMENTOS E RELIQUIAS" projetado ha mais de 10 anos, para o qual Afrânio Peixoto escreveu formoso prefácio, já publicado.

Anctado, acompanhado de esclarecimentos elucidativos, o volume representaria valioso documento sobre a evolução de seu estilo, servindo a exege-se de uma obra literária e científica sem paralelo no nosso pensamento.

No prefácio que lhe traçou, com a pena ungi-da na emoção de um culto a que tem prestado sempre o seu prestígio e sua assistência, Afrânio Peixoto disse: "Depois, e aqui está o interesse humano que explica e justifica a impiedade e o quasi sacrilégio das publicações póstumas... Para o sentimento elas são reliquias, de um grande amor, o que a nossa admiração votou a um homem de gênio, e não é lícito se percam sem o relicário da forma definitiva no livro...".

Para a curiosidade e a lição humana, a discipulos e críticos, serão objeto de estudo... como se Euclides já era Euclides antes de Euclides... Em 1888, o que havia do autor á "OS SERTÕES" no aluno trêfego da Praia Vermelha?... A evolução daquele seu gênio será então seguida, acompa-

nhada, instruindo, esclarecendo e tudo são razões de admiração”...

Acrescentava adiante: “Já Euclydes era Euclydes antes de Euclides... e quem tivesse o dom de prever se não enganaria e quem leia estas páginas, tendo-o por certo achará lógico e necessário. Euclides foi uma promessa que se cumpriu”.

Estas páginas de introdução justificariam a intenção votiva das Relíquias que se juntavam a Fragmentos, escritos a espaços nos intervalos não de folga, mas de minoração de máguas, de uma carreira fatigante, daquela vida *“passada como um asceta, sem uma hora de festa dispendiosa”*. Sem estas anotações, que deveriam ser feitas página-a-página, não será sacrilégio torná-las ao público?

Crítico arguto do “Jornal do Comercio”, em 9 de abril de 1939, apreciando o volume, aparecido apenas com a introdução original de Gilberto Freire, que pela primeira vez se pronuncia sobre Euclydes, em um ensaio, com alguns de cujos conceitos é possível discordar-se, mas que é, sem dúvida, contribuição valiosíssima à já opulenta bibliografia euclydiana, aquele crítico dizia: “Haveria, pois, vantagem em editar estas folhas esparsas de um canhenho ligeiro?” Sim, haveria, de-certo num conjunto em que se pudesse estudar a evolução de um grande estilo, trabalho a ser feito por um Eloy Pontes, um José Lins, Gilberto Freire ou Octavio Tarquinio.

O que Euclides deixou, fora dos dois livros de ensaios que organizou, "CONTRASTES E CONFRONTOS" e "À MARGEM DA HISTÓRIA", daria um volume único, de fragmentos e reliquias, proibidos e convenientemente anotados, por quem tenha envergadura para tal.

Dever-se-ia ainda reunir os seus relatórios, a que se proporia, como nome, uma frase sua do prefácio aos "POEMAS E CANÇÕES" de Vicente de Carvalho — "NUMEROS E DIAGRAMAS" —: O relatório da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto-Purús, o da ilha dos Buzios, o do Forte da Bertiooga, e dois da ponte de S. José do Rio Pardo.

Não é preciso acrescentar que perderão estes trabalhos muito do seu valor, sobretudo os últimos, sem os esclarecimentos necessários.

De seus versos o problema de ética literária a que se refere o crítico aludido é mais grave. Euclides da Cunha foi realmente um poeta, um grande poeta no sentido alto de uma identificação profunda dos sentimentos humanos com a natureza, na percepção acutíssima das relações estéticas entre os fenômenos universais, de ordem cósmica ou humana, mas a sua versificação não se compadecia com o impeto de sua imaginação e do seu temperamento, rebeldes demais à disciplina do metro e da rima. Algumas poesias, de diversas fases, sobretudo dos anos de 1884 a 1909, êle as publicou em jornais ou

revistas, mas nunca revelou qualquer intenção de as reunir em volume, juntando-as às da mocidade, em que a sua produção em verso foi mais abundante.

Eis a obra escrita de Euclýdes da Cunha. E' escassa pela quantidade. Mas opulenta pela densidade intelectual e moral.

Sente-se perpassar por toda ela um sôpro cáldido de verdade, de beleza e de justiça, três conceitos que, em essência, se confundem, tanto na sua vida de martírio, como na sua obra de grandeza.

TRABALHOS DE ENGENHEIRO

A sua obra de grandeza na profissão a que o destino o levou, se não foi opulenta e rica como a outra escrita, é que teve de exercê-la na sua feição rude de fiscal de obras, sem os encantos da arte que êle próprio definiu como a que corrige e aperfeiçoa a natureza.

Aquele prefácio dos "Poemas e Canções" de Vicente de Carvalho contém "*antes dos versos do poeta a prosa do engenheiro*".

E nessa prosa fulgura o poeta que se deslumbrava por igual com os encantos da natureza e as construções da ciência e da técnica.

"*Pelas vigas metálicas de nossas pontes, friamente calculadas, estiram-se as "curvas dos momentos", que nos embridam as fragilidades trai-*

goeiras do ferro. E ninguém as vê porque são ideais. Calculamo-las; medimo-las; desenhamo-las — e não existem..."

As vigas da ponte do rio Pardo estariam presentes ao seu coração nessa hora de evocação aparentemente impessoal. Reclamou certa vez não ser ela construída no majestoso Paraíba.

Continua o mesmo encantamento.

"E assim por diante — indefinidamente, em tudo o que fazemos e em tudo o que pensamos, ainda quando lançados na trilha heroica da profissão vamos padecer no deserto as dificuldades e os perigos... Porque quando nos vamos pelos sertões em fôra, em reconhecimento penoso, verificamos, encantados, que só podemos caminhar na terra como os sonhadores e os iluminados; olhos postos nos ceus, contrafazendo a lira, que eles já não usam, com o sextante, que nos transmite a harmonia silenciosa das esferas, e seguindo no deserto, como os poetas seguem na existência,

... a ouvir estrelas!"

Euclides iniciou a sua engenharia na carreira militar, em 1893, praticando-a, em estrada de ferro, na Central do Brasil, no distrito de Caçapava, em S. Paulo.

Durante a revolta em fevereiro de 1894, refere-se á sua "engenharia malestreada", quando nar-

ra as suas aventuras militares erigindo "fortificações ligeiras ao lado do edificio das Docas Nacionais".

Cabia-lhe construir "mais uma Humaitá de sacos de areia, identica ás que veem hoje, debruando todo o litoral, desde o Flamengo á Gambôa", para localizar um canhão Withworth 70.

Nesta empresa, em que se fizera acompanhar do mestre adoravel, Carlyle, deparou-se-lhe a Esfinge...

Daí partia em breve para Campanha, a culta e generosa cidade do sul de Minas, ainda em missão de engenharia militar.

Confiaram-lhe a adaptação do prédio da Misericórdia para quartel de tropas do exército, o que exigiu trabalhos de terraplenagem na praça, a que lhe deram o nome digníssimo em 1894, ainda antes da gloria.

Abandonando o exército, ingressa na engenharia civil, onde permaneceria, em serviços diversos, até a morte.

Engenheiro do Estado de S. Paulo, cabia-lhe a função ingrata de fiscalizar as obras officiais, nos varios ramos da engenharia civil: estradas, construção, reparos e reconstrução de edificios públicos, através de penosas viagens.

Os seus cadernos, salvos de naufrágio ou terremoto, retratam êsse labutar ingrato e rude.

Abreviavam-lh'o aquele gôsto e identificação com os fenômenos naturais, que a sua opulenta cultura científica tanto facilitava. Em uma destas notas encontra-se:

"Conforme um habito antigo, mercê do qual as menores distâncias desaparecem em horas que me parecem cinco minutos, eu me entregava á contemplação tenaz dos minimos incidentes das paisagens, ora numa analyse miuda destacando um a um os minimos pormenores, ora inteiramente deslumbra-do no gulgar um critério pelo conjunto da terra..."

A superfície do planeta que Euclýdes perclustrou como engenheiro estende-se de Lorena até S. Carlos do Pinhal.

A ponte de S. José do Rio Pardo foi sem dúvida o trabalho de mais vulto. Vale acentuar os seus aspectos mais sensíveis.

Se de fato foi trabalho de reconstrução, o que pode parecer, á primeira vista, de somenos importancia, no caso teve relêvo muito maior, porque, encomendada que fôra na Alemanha a armação apresentava muito mais facilidade do que uma recomposição sem recursos de maquinaria e oficinas apropriadas, que tiveram de ser improvisadas.

De uma viagem de inspecção em 1902 para escolha de um presídio, de cujas lembranças trágicas Vicente de Carvalho, seu companheiro, fez relato comovido e encantador, safu uma pequena monografia geográfica, em estilo moderno, na apreciação

completa de seus aspectos naturais sobre as ilhas de Vitória e dos Buzios, no litoral de Santos.

O forte da Bertioga, tão ligado á vida do grande poeta do mar, pois aí, na sua vila Indaiá exercia Vicente de Carvalho a sua profissão dileta de pescador, mereceu da pena de Euclýdes outra admirável monografia, na qual o engenheiro e o historiador se casaram na harmonia da cultura e da tradição.

No seu peregrinar pelos distritos de obras públicas que superintendeu ha que arrolar quanto orçamento, quanta reparação, quanta ponte a reconstruir, obras de emenda, de conserto, a se chocarem com as preocupações altas de ciência e de arte.

A passagem pela Comissão de Saneamento de Santos durou intervalo rápido de mais, para que pudesse ficar qualquer lembrança escrita, que não fosse a maldição aos curandeiros das cidades, que em algumas fórmulas empíricas esmagam toda a beleza das concepções teóricas...

A viagem à Amazônia foi a sua maior obra de engenheiro. O levantamento do rio Purús, feito na comissão mixta brasileiro-peruana, se superpõe ao do admiravel geografo da Sociedade de Geografia de Londres, Chandless, em cujo exemplar do relatório colou Euclýdes duas pequenas borboletas que o seguiram no termo final da expedição gloriosa e temerária. De volta fixou nas linhas do relatório do Ministério das Relações Exteriores varios ma-

pas, lutando contra aqueles "*velhos cartografos, os sujeitos mais desleais e deshonestos que andam pela geografia*".

Firmo Dutra que nele vê sobretudo o geografo e o engenheiro, piedosamente recolheu dos arquivos do Itamarati estes documentos valiosos, gerados pela pena de Euclides:

1. Mapa da Republica dos Estados Unidos do Brasil (1903) prova litografica com as correções indicadas pelo engenheiro Euclides da Cunha.
2. Mapa da região abrangida pelo litígio do Acre. 29 de outubro de 1904. Primeiro instrumento para a comissão exploradora do Purús.
3. Esboço geográfico compreendendo o departamento do alto Juruá e o contorno da fronteira com o Perú. 10 de abril de 1907.
4. Região compreendida entre os rios Acre e Abunã, ao norte, e Tahuamanu e Orton, ao Sul. Outubro de 1907.
5. Carta do alto Acre, segundo os recentes levantamentos do major Fawcett. 19 de julho de 1909.
6. Carta de uma parte da lagoa Mirim desde a barra do arroio S. Miguel até a ponta do Juncal, pelo ocidente, e até a ponta dos Latinos, pelo oriente. Calçada da planta levantada em 1853 pela Comissão sob a direção do Marechal Soares Andrea. Organizada para a nova linha de limites com o Uruguai, em maio de 1908.
7. Departamento do Alto Juruá — varadouro Saboeiro-Chacara; este do rio Tamoio.

Neste mapa ha esta nota edificante: *A diferença de longitude do traçado do Juruá desta planta para a do General Belarmino é aproximadamente de 16', cerca de 30 quilometros. O erro deve ser men'.*

8. Esboço da região litigiosa Perú-Boliviana. Rio, julho de 1909.

Esta obra imensa de paciencia, de tenacidade, de cultura, foi realizada em cerca de 5 anos, hãvendo que descontar o tempo da viagem á Amazonia e redação do relatório, modêlo no gênero.

Além desse trabalho, por si só capaz de gerar immortalidade, ha ao longo da obra escrita de Euclydes da Cunha visões geniais de engenheiro.

E' nos "Contrastes e Confrontos" aquele "Plano de uma Cruzada" em que se traçam as linhas de um programa gigantesco de trabalho de restauração do território das regiões das secas, como o vêm realizando os serviços técnicos posteriores.

Ha ainda aquele "Ao longo de uma estrada", escrito "*na capuaba de pau-a-pique*", da estrada de Taboado, prevendo e influindo na Estrada de Ferro Noroeste, que nos ligou a Mato Grosso, extinguindo o "*Bosforo platino*" e onde se encontra conceito de genio: "*o automobilismo libertando a velocidade do trilho*".

N"Á Margem da Historia", projeta em linhas firmes a "Transacreana" que corta transversalmente o curso dos tres rios Purús, Juruá e Javari, trans-

figurando na visão miraculosa de sua profecia o territorio longínquo.

Outro painel, de largas dimensões, é o da "Viação Sul Americana", no mesmo livro póstumo, em que o nosso problema ferro-viário se conchava ás questões gerais de intercomunicação do continente. Para o livro em que piedosamente se reuniriam estas páginas de engenheiro, anotadas com probidade e devoção, Afranio Peixoto compôs um formoso prefácio, que assim concluia:

"Aqui, é a vez apenas de reclamar a atenção para o engenheiro, para o técnico, para o sábio, que êle foi também, nos seus "numeros e diagramas", cálculos e coordenadas, mapas e topografias... Isto documenta este livro. Dos muitos Euclides este é um dos que mais agradava a êle próprio ser... Sabia que o poeta era o consagrado: ria-se dele, com a melancolia de inteligencia que discerne entre os dons da natureza e os da cultura, os de que não se tem todo o merito e os que fomos nós a adquirir, com esforço. E preferia, no seu fôro íntimo, o Euclides desconhecido, dos relatorios perdidos nos arquivos, ao Euclides aplaudido, pelas imagens ousadas ou vertiginosas descrições...

Nós, seus amigos e seus discipulos, nós temos que todos os Euclides, o Euclides integral é o nosso culto. Por isso, mais uma invocação vimos trazer aos devotos, certos que o homem de letras, o sociologo, o tecnico se medirão, ombro a ombro, sem

desprazer. Os dons da natureza exalçados pela cultura, fazem uma maravilha do homem de genio, e de sabedoria, a não se poder distinguir o que é inato, do que é adquirido. Antes, Euclýdes da Cunha é isso tudo.

E a nós, nada do que é d'êle nos é indiferente. Nem a nós, nem ao Brasil, graças a Deus, a quem nada do que é de Euclýdes da Cunha é somenos. A prova mais uma vez, é o livro que se vai ler...”
Que se iria ler...

2.ª PARTE

Fontes de Estudo

AS CARTAS

Toda a obra de Euclýdes da Cunha é nitidamente objetiva. Embora transpareça, através das figuras que descreve, dos fatos que narra ou das conclusões a que chega, o autor de idéias definidas e claras, contudo, não ha na sua obra confissão pessoal de carater íntimo. E' mesmo raro nela encontrar-se qualquer opinião em primeira pessoa.

Afranio Peixoto, sempre chamado a depor toda vez que dêle se fala, pelo carinho com que guarda na Academia Brasileira, a herança da cadeira de Castro Alves, de que é digno, pôde dizer mesmo que não falou nunca de um regato ou de um capricho de mulher. . . Tendo um grande pudor pessoal, que o fazia "vexar-se às pilherias sem limpeza", e lhe deu hábitos digníssimos de castidade, Euclýdes da Cunha conservou sempre grande recato para os seus sentimentos íntimos.

Ninguém entretanto mais cioso e melindroso no culto dos seus afetos. Poucos poderão contar tantos amigos como êle os teve. E que amigos! As suas cartas depõem. A maior coleção, que agora se completará, foi a doada pelo coração, tão grande

quanto a intelligencia imensa, de Francisco Escobar, cuja presença na vida de Euclýdes já foi ressaltada. Cópias e originaes de Vicente de Carvalho.

De Londres, Alberto Rangel consegue a coleção de Domicio da Gama.

Fernando Nery obtem, na Academia Brasileira, as de Machado de Assis, José Verissimo e Araripe Junior. As de Oliveira Lima, apenas publicadas em excertos, n' "O Estado de S. Paulo", estão na Biblioteca da Universidade de Washington. Algumas esparsas a Max Fleuis, Luiz Cruls, Affonso Celso, Alberto Sarmiento, Henrique Coelho, Rodrigo Octavio. . .

Firmo Dutra conserva, como reliquias, as que possui. Do Arquivo do General Solon salvam-se alguns extratos feitos por Mauricio de Lacerda.

E o que se perdeu?

De Lucio de Mendonça apenas três, dentre muitas, ficaram.

Affonso Arinos, que fôra escolhido inicialmente por Euclýdes para recebe-lo na Academia, ligado a êle por afinidades íntimas, possuia cerca de uma centena, que o tumulto da guerra de 1914 fez perder e talvez de futuro, em um "bouquiniste" qualquer de Paris, apareçam. . .

E as de Rio Branco? Onde estarão?

Recentemente, Plínio Barreto dá conhecimento de trechos, de algumas que possui e Mariano de

Védia, no prefácio à tradução d'“Os Sertões” de Garay, das que foram dirigidas a Augustin de Védia.

No Brasil, tem-se dito tanto, não ha memorias, nem arquivos.

E' possível ainda que, aos poucos, vão aparecendo estes papeis sagrados, que revelam no abandono da intimidade afetuosa um Eucluydes inedito, aos que apenas têm dêle a impressão de gigante do pensamento sem a correspondencia do sentimento.

E no lar deles todos, e foram: Coelho Netto, Vicente de Carvalho, Reynaldo Porchat, Francisco Escobar, Julio de Mesquita, José Verissimo, Oliveira Lima, Alberto Rangel, para citar alguns, a sua presença foi sempre cercada de carinho e de fraternidade.

Por isso reservou para as suas cartas as ternuras do seu coração. Mesmo em seus versos raros são os liricos, de lirismo pessoal e intimo.

Estas cartas, reunidas hoje e salvas de uma dispersão irremediavel, são apenas parte do espólio valioso. E que luta para juntá-las, no respeito de um culto!

A primeira coleção recolhida, pequenina mas imensa pelo valor moral, foi a de Alberto Rangel, e ha nela depoimentos e confissões preciosissimas. Vieram depois as de sua Familia, seu Pai e Cunhado dignissimo Dr. Octaviano Vieira, poucas é certo, porque muitas se perderam.

Logo após Coelho Netto permitiu a copia das que possuia, apenas aos livros de Euclides.

E estas cartas são assim uma especie de autobiografia indireta. Ha muito episódio, muita data, muita controvérsia de sua biografia que se esclarece por estes documentos unicos.

E são também uma vista de muitos aspectos da historia brasileira, de que foi parte ou contemporaneo e de figuras com quem conviveu ou que pôde apreciar.

Estas cartas, acrescidas sempre das achegas e dos comentarios esclarecedores, indispensaveis, constituem patrimonio inalienavel da cultura, da intelligencia e do sentimento brasileiros. E são também reliquias. Nelas se pode colher o mel delicioso de sentimentos delicadissimos. Foi nestas paginas, escritas à vontade, em intervalos curtos e apressados, sem calma ou lazer, que êle compôz aquele "evangelho das adorações para seu uso", a que se referiu Alberto Rangel.

Poder-se-á reunir, destas cartas, um relicario de pensamentos, um verdadeiro missal de sentenças, como os que fizeram os idólatras de Ruskin. A proposito dos recantos em que viveu é sempre cheia de ternura a sua palavra.

A Lucio de Mendonça, em Terezopolis, diz: *"Além disso da (a carta) vem de uma terra sagrada para mim, esse alpestre Terezopolis onde passei os mais verdes anos e me erici; de sorte que a ado-*

ravel vila forma o cenario mais longinquo de minhas recordações e saudades. É natural que daí só me venham emoções superiores...

A Machado de Assis, em Nova Friburgo, escreve:

"O Sr. está numa cidade que eu vi na mais remota juventude, e bem perto do pequenino logarço em que nasci. Santa Rita do Rio Negro. Não a conheço mais. Mesmo desta encantadora Nova-Friburgo tenho uma impressão exagerada. Foi a primeira cidade que eu vi e conservo-lhe neste revez da idade viril, uma impressão de criança, a imagem desmesurada de uma quasi Babilonia... Calcule portanto, quantas emoções me despertou a sua carta!"

Os lugares que visitava ou por onde andava apossavam-se dele. A ponte de S. José do Rio Pardo é sempre "a minha ponte". Em carta a José Veríssimo: "tenho falado tanto na minha ilha dos Buzios que não resisto à idéia de mandar-lhe uma amostra deste belo recanto da nossa terra. Veja como é caprichosa a nossa natureza; oculta no mar alto uma de suas faces mais belas".

Não são menos vivas nem menos ternas as expressões de afeto aos seus grandes amigos.

A Coelho Netto são inumeras:

"venho das cabeceiras do Tietê, e depois de longa e penosa viagem, contava encontrar, ao chegar, noticias tuas. Nem uma carta, porém. Porque?

E' esta a segunda ou terceira interrogativa que te faço profundamente surpreendido. Mas como, felizmente, estas coisas não tem força para abalar a minha solida estima renovo-a sem magoa e já que não me dás noticias tuas, dou-t'as minhas".

Quando narra a sua visita a Lauro Muller por sugestão do mesmo amigo escreve:

... "amaldiçoci-te, ó homem, que, a cem leguas de distancia, com um movimento de pena e um bater de coração, me atirava naquela ciscalhagem de almas, musculos e nervos".

De Manaus, diz:

"Quando fui hoje ao correio para assistir a abertura da mala do Gonçalves Dias levava a preocupação absorvente de receber cartas de casa, porque vai para dois mezes que não as recebo. Nem uma! Mas (temperamento singular o meu, feito para todas as dores e todas as alegrias) recebi toda garrida, embora vestida de preto tua carta gentilissima. E foi como uma janela que se abrisse de repente no quarto de um doente... Obrigado, meu esplendido companheiro de armas!"

A mesma queixa a Domicio da Gama: *"beijo-lhe as mãos pela grande bondade com que atendeu ao meu telegrama pedindo noticias da minha familia. Passei-o coagido, sob o imperio de preocupações torturantes: ha quasi dois mezes que não tinha cartas de casa!"*

Entretanto como lhe estão presentes "*as suas quatro enormes saudades*", a Coelho Neto, a José Verissimo, a Alberto Rangel.

Ao Pai, comunicando a eleição académica, declara: "*Não tenho vaidades: tudo isto me revela a boa linha reta que o Sr. me ensinou desde pequeno. Hei de continuar nela*".

Ao dedicado amigo Escobar manda este apelo:

"*Muitas vezes imagino ver-te aparecer, de surpresa, nesta vivenda de filosofo, em que entrarás como um irmão*"...

O medo da saudade o persegue...

"*Tenho medo da saudade... — Temo que cla se expanda livremente em quatro paginas. E' o que me doe nesta vida aventureira: as imagens dos amigos constantemente evocadas, e cada vez mais impressionadoras, à medida que se aumentam as distancias. Quero escrever-te a correr, como quem foge de uma tortura*". E' um trecho a Reynaldo Porchat.

Basta. A colheita levaria longe. Mas chega a que aqui está para mostrar o perfume de uma ternura e afetividade incomparáveis.

OS VERSOS

Euclides da Cunha foi e não foi um grande poeta. A poesia tem como matéria prima inicial sentimento e imaginação. Sôbre estas duas substâncias, acrescidas da cultura, se vai modelar em forma musical a poesia.

Em Euclides os sentimentos estuavam por vezes na violencia que êle próprio traduziu, num desabafo, naquele fragmento do "Observando", a comédia em 15 atos (que ficou num só), da Escola Militar: "*Feliz de mim se conseguir acumular no cerebro força bastante para equilibrar a do coração*". A sua imaginação, que tomava, não raro, vãos divinatórios, transfigurava os fenômenos e as cenas mais simples em quadros de majestade. A terra, na própria simpleza de sua forma, adquiria na sua linguagem a dramaticidade de ser vivo, sofredor e agusto. A flora, a fauna e sobretudo o homem, especialmente na identificação profunda com o meio cósmico, tudo assume, ao calor de sua imaginação candente, porte de epopeia. Não fôra o contrapêso de sua formação científica positiva e seria êle levado aos maiores absurdos.

A fonte mais copiosa da inspiração para a poesia tem sido o amor, em todas as formas, origem que é da maioria dos prazeres da vida e de suas maiores tragédias. Depois os demais sentimentos, de piedade, admiração, entusiasmo, até às paixões.

A Euclides, e a análise de sua obra, especialmente em prosa, o revela de modo indiscutível, nada faltou pois para ser um grande poeta, a êsse aspecto.

Ele foi assim que o considerou Afranio Peixoto, no discurso da Academia:

"... de fato em Euclides da Cunha dominava o poeta. O geólogo que lera na terra as suas vicissitudes milenarias, o sociólogo que avaliara as componentes novas para traçar as ambições pessoais, o diplomata que discutia textos perplexos de tratados para acordar as vantagens de sua demonstração... o geógrafo, o historiador, o político... por amor da palavra sonora ou pela sedução de imagem brilhante... do estiramento do período em marcha desabalada e vitoriosa... de iceto ou inibição de frase curta, estacando fulminada... êle os sacrificava todos, intimamente ao outro, o poeta, sempre presente, promovendo o espanto e o entusiasmo, no ritmo sacudido e atropelado das frases, que se desenvolviam em crescendo de explosões, ou se arrepelavam, de subito, refreadas, num clamor de epopeia".

O comentário vinha do elogio que mandara a Euclides o Dr. John Branner, expresso num concei-

to do discurso de posse na Academia: *“O poeta, o sonhador em geral, quem quer que se afeiçoe a explicar a vida por um método exclusivamente dedutivo, é soberano no pequeno reino em que o entroniza a sua fantasia”*. Convém notar que o próprio Euclides, ao emitir esse conceito situava-se da outra margem, pois que escrevia em seguida: *“Nós, não. Os rumos para o ideal baralha-no-los o próprio crescer do domínio sobre a realidade, como se à hierarquia lógica dos conhecimentos positivos acompanhasssem, juxtalinckarmente as nossas emoções sempre mais complexas e menos exprimíveis”*.

Mas para ser o grande poeta em verso, que não foi, faltou-lhe ou a espontaneidade de Raimundo Correia, que se sentia mais a gosto escrevendo, até coisas familiares, metrificadamente ou a paciência de Olavo Bilac, mortificadamente, na escolha das vozes exatas, sonoras, harmoniosas

*“..... No aconhego
Do claustro, na paciência e no socco,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, o sua!”*

como o aconselhou “A um poeta”.

O próprio Euclides confessa preferir a espontaneidade à paciência na conhecida poesia “Fazendo versos”.

Não teve êle o dom nativo do primeiro e a cultura beneditina do segundo.

A sentença que pôs no Inferno Verde, de que Alberto Rangel era poeta rebelde demais para a disciplina do metro e da rima se aplica, juxtalinaramente a êle proprio, por igual.

E tanto foi assim que na fase mais febril de sua produção poética, encontra-se, a cada passo, o comentário em prosa, esclarecedor, na inefficiencia da expressão em verso.

A incorporação da poesia de Euclýdes da Cunha à sua obra justifica-se, entretanto, como complemento para a exegese literária ou culto de devoção, impedindo que se percam páginas que lhe receberam a confissão de sentimentos íntimos. A sua paixão pela poesia é contemporânea da adolescência, especialmente nos últimos anos do curso de preparatórios e prolonga-se pelos dias da Escola Militar, e à medida que a vida lhe corre áspera e rude, vai escasseando, em maneira acidental, cada vez menos pessoal, enquanto a prosa tomava a forma definitiva e genial e a intimidade do seu lar lhe negava carinho inspirador ou permissor.

A preocupação pela poesia nos seus anos de moço já tem sido, por mais de uma vez, acentuada. Nas "Memorias" em que Alberto Rangel recolhe as lembranças de uma vida digníssima, exemplar no trabalho e no sacrificio aos mais nobres sentimentos, ha o encontro entre os dois espiritos irmãos, na grandeza e na glória. Interpela Euclýdes, no

ímpeto de simpatia, que os havia de ligar para sempre: "Calouro, V. faz versos".

Nenhuma forma mais carinhosa naquela época lhe jorraria do coração ao colega novato, senão a dessa identidade de preocupação e interesses.

A eclosão poética surgiu no período em que, com alguns companheiros do Colégio Aquino, fundou o "Democrata", pequenino periódico mensal, onde aparece o seu primeiro verso.

No volume "Ondas", muito antes do livro de Murat, se encontra a maior produção poética de Euclides. É um pequeno caderno de capa de couro, onde se contêm 84 poesias e as datas permitem acompanhar, quasi dia a dia, como em filme, as suas preocupações, as suas magoas, as suas angústias, os seus entusiasmos.

Dêsse repositório retirou êle quasi todos os versos que publicou, modificando-os sempre, na "Revista da Família Acadêmica" de 1887, da Escola da Praia Vermelha. Mais tarde dá, aqui e ali, versos seus, de forma mais perfeita, porém menos pessoais, divulgados em jornais e revistas, como a do Grêmio, a Revista Brasileira e a da Academia e especialmente o formoso ensaio de Feijx Pacheco sobre "os dois egressos da farda".

As poesias das "Ondas" datam de 1883 e vão até janeiro de 1886, aos 20 anos.

Faltando-lhes perfeição de técnica não tocam, como é evidente, à vulgaridade.

E' de notar que dos temas são em pequeno número os de amor, revelando a preocupação social, sensível ao sofrimento humano universal, aos dois grandes acontecimentos trágicos da história — o Calvario e a Revolução Francesa, a escravidão e os ideais republicanos, nas questões brasileiras. Mas, se não são dominantes, não ficaram ausentes os versos de amor, com certa originalidade. Conforme observou Carlos Süssekind de Mendonça, as suas amadas não são mulheres vulgares, são antes ibsenianas.

Mas a fonte maior de inspiração de seus versos, é, repita-se, a dos temas sociais. Só os grandes acontecimentos humanos e patrióticos, as suas crenças liberais, o seu horror à sorte do oprimido, do escravo, do sofredor, arrancam-lhe brados épicos.

Depois de uma aula de Teófilo das Neves Leão, grande mestre, êle escreve uma série de sonetos sobre a Revolução francesa.

A democracia merece-lhe alguns versos incendiados assim como a Republica, ideal de sua geração, que passa pelas "Ondas", desde a figura de Tiradentes até o "Eu sou republicano" em estrofes rubras.

O exame dos versos seus que se salvaram permite justificar os assertos expendidos.

Não é fácil fixar-lhes sempre a data exata em que foram compostos. Devia ter sido esta a ordem cronológica de sua composição, embora muitas vezes retomados mais tarde para o trabalho incontentado de aperfeiçoamento.

E' provavel que tenha sido pelas "Ondas" que Euclýdes começou a versejar. Daí começar-se pelo precioso volume, a evocação destas paginas mais de sentimento que de intelligencia, a serem contempladas com a reverencia piedosa de reliquias.

A primeira pagina, tem o titulo — *Ondas* — primeiras poesias de Euclýdes da Cunha — Rio de Janeiro — 1883. De 1906 esta nota: "14 anos de idade. Observação fundamental para explicar a série de absurdos que ha nestas paginas". Eis a poesia inicial:

*Correi, rolai, correi — ondas sonoras
Que á luz primeira, dum futuro incerto,
Erquestes-vos assim — tremulas canoras
Sobre o meu peito um pelago deserto!...
Correi... rolai — que audaz por entre a treva,
Do desanimo atroz, — enorme e densa,
Minh'alma um raio arroja e altiva eleva
Uma senda de luz que diz-se — Crença!...
Ide pois — não importa que illusoria
Seja a esp'rança que em vós vejo fulgir...
— Escalai o penhasco as'pro da Gloria...
Rolai, rolai, — ás plagas do Porvir!...*

Ainda de 83 (8 de novembro) estes versos:

EU QUERO

*Eu quero a doce luz dos vespertinos palidos
Lançar-me, apaixonado, entre as sombras das matas
— Berços feitos de flor e de carvalhos calidos
Onde a Poesia derme, aos cantos das cascatas...*

*Eu quero ai viver — o meu viver funereo,
Eu quero ai chorar — os tristes prantos meus...
E envolto o coração nas sombras do misterio,
Sentir minh'alma erguer-se entre a floresta e Deus!*

*Eu quero, da ingazeira erguida aos gullhos umidos,
Ouvir os cantos virgens — da agreste patativa...
Da natureza eu quero nos grandes seios tumidos
Beber a Calma, o Bem, a Crença — ardente e altiva.*

*Eu quero, eu quero ouvir o esbravejar das aguas
Das asp'ras cachoeiras que irrompem do sertão...
E a minh'alma, cançada ao peso atroz das maguas,
Silente adormecer no colo da solidão...*

Publicada no "Democrata", já de 84:

A CRUZ DA ESTRADA

*Si vagares um dia nos sertões,
Como hei vagado, — palido, dolente,
Em procura de Deus — da fé ardente
Em meio das solidões...*

*Si fores, como eu fui, lá onde a flor
Tem do perfume a alma inebriante,
Lá onde brilha mais que o diamante
A lágrima da dor...*

*Si sondares da selva a entranha fria
Aonde dos cipós na relva extensa
Noss'alma embala a crença.
Si nos sertões vagares algum dia...*

*Companheiro! Hás de ve-la,
Hás de sentir a dor que ela derrama
Tendo um misterio, aos pés, de um negro drama
Tendo na frente o raio de uma estrela!...*

*Que vezes a encontras... Medrando calma
A Deus, entre os capões
Do desgraçado, ali tombado, a alma
Quo tirita, quem sabe? entre os seus braços.*

*Se a onça vê, lhe oculta, a asp'ra, ferrenha
Garra, estremece, para, fita-a, roja-se,
Recua tremula e fascinada arroja-se
Entre as sombras da brecha!...*

*E a noite, a treva quando aos ceus ascende
E acorda lá a luz,
Sobre os seus braços frios, frios, nús
— Tecido de astros em brial estende...*

*Nos gelidos logures
Em que ela se ergue, nunca o raio estala
Nem pragueja o tufão... Hás de encontra-la
Si acaso um dia nos sertões vagares...*

O soneto, que depois êle chamaria *Amor algébrico*, teve primitivamente a denominação de "*Algebra lirica*", com ligeiras modificações, de 1884:

*Acabo de estudar — da ciencia fria o vã,
O gelo, o gelo atroz me gola ainda a mento,
Acabo de arrancar a fronto minha ardente
Das paginas crucis do um livro de Bertrand.*

*Bem triste e bem cruel de certo foi o cuto
Que este Sahara atroz — sem aura, sem manhã,
A Algebra criou — a mente, a alma mais sã
Nela vacila e cae sem um sonho virente.*

*Acabo de estudar e pallido, cansado
Dunus dez equações os versos hei arrancado,
Estou cheio de "spleen", cheio de tedio e giz.*

*E' tempo, é tempo pois do tremulo e amoroso
Ir dela desenganar no scio venturoso
E achar do seu olhar o luminoso X.*

Estas quadrinhas liricas, tambem de 1884:

COMPARAÇÃO...

*"Eu sou fraca e pequena. ."
Tu no disseste um dia.
E em teu labio sorria
Uma dôr tão serena,*

*Que em mim se reflectia
Amargamente amena,
A encantadora pena,
Que em teus olhos fulgia.*

*Mas esta magua, o tel-a
E' um engano profundo.
Faze por esquecer-a:*

*Dos céos azues ao fundo
E' bem pequena a estrella...
E no entretanto — é um mundo!*

Os sonetos sobre os vultos da Revolução francesa:

DANTÃO

*Parece-me que o vejo iluminado.
Erguendo delirante a grande fronte
— Do um povo inteiro o fulgido horizonte
Cheio de luz, de ideias constellado!...
De seu cráneo vulcão — a rubra lava
Foi que gerou essa sublime aurora
— Noventa e tres e a levantou sonora
Na fronte audaz da população brava!...
Olhando para a historia — um século é a lento
Que mostra-me o seu cráneo resplandente
Do passado através o véo profundo...
Ha muito que tombou, mas inquebravel
De sua voz o echo formidavel
Estruge ainda na razão do mundo!*

MARAT

*Foi a alma cruel das barricadas!..
Misto de luz e lama!... se elle ria
As purpuras gelavam-se e rangia
Mais de um throno se dava gargalhadas!...
Fanatico da luz... porem seguia
Do crime as torvas, lividas pisadas
Armava, á noite, aos corações ciladas
Batia o despotismo á luz do dia
No seu cerebro tremente negrejavam*

*Os planos mais cruéis e scintillavam
As ideas mais bravas e brilhantes
Ha muito que um punhal gelou-lhe o seio...
Passou... deixou na historia um rastro cheio
De lagrimas e luzes offuscantes...*

ROBESPIÈRE

*Alma inquebravel — bravo sorhador
De um fim brilhante, de um poder ingente
Do seu cerebro audaz, a luz ardente
E' que gorava a treva do Terror!...
Embuçado num livido fulgor
Su'alma colossal — cruel — potente
Rompe as edades, lugubre — tremente
Cheia de glorias, maldições e dor!...
Ha muito que ella soberba, ardida
Afogou-se cruenta e destenida
— Num diluvio de luz — Noventa e tres...
Ha muito já que emudeceu na historia
Mas ainda hoje a sua atrás memoria
E' o pesadélo mais cruel dos reis!...*

SAINT-JUST

Un Discours de Saint-Just donnait tout
de suite au caractère terrible au débat...
LAFY-Procès de Louis XVI.

*Quando á tribuna elle se ergueu, rugindo —
— Ao forte impulso das paixões audazes
Ardente o labio de terriveis phrases
E a luz do genio em seu olhar fulgindo.
A tyrannia estremeceu nas bases
De um rei na fronte resumou -- pungindo -
Um suor de morte e um terror infindo*

*Gelou o acio aos corteziões esquazes —
 Uma alma nova ergueu-se em cada peito,
 Brotou em cada peito uma esperança
 De um somno acordou — firme o Dirceto —
 E Europa — o mundo, mais que o mundo a França,
 Sentiu n'uma hora sob o verbo seu
 As commoções que em séculos não sofreu!...*

Esta a ultima poesia das "Ondas":

ULTIMO CANTO

*Amigo!... estas canções, estas filhas selvagens
 Das montanhas, da luz, dos céus e das miragens
 Sem arte e sem fulgor são um sonoro cahos
 De lagrymas e luz, de plectros bons e máus...
 Que ruge no meu peito e no meu peito chora
 Sem um fiat de amor sem a divina aurora
 De um olhar de mulher...*

... perfeitamente o vês,

Não sei metrificar, medir, separar pés...

— *Pois um beijo tem leis? a um canto um num'ro guia
 Pode moldar-se uma alma ás leis da geometria?*

Não tenho ainda vinte annos.

*E sou um velho poeta... a dôr e os descuganos
 Sagraram-me mui cedo, a minha juventude
 E' como uma mankã do Londres — fria e rudo...*

*Filho lá dos sertões nas murmuras florestas
 Nesses berços de luz, de aromas, de giestas —
 Onde a poesia dorme ao canto das cuchocivas
 Eu me embrenhava só... as auras forasteiras
 Me segrdavam baixo os cantos do mysterio
 E a floresta sombria era como um psalterio*

Em cujas vibrações minh'alma — ebria — bebia
 Esse licôr de luz e cantos — a Poesia...
 Mas cêdo como um clo atraz de luz o pó
 Um sepulcro ligara á Deus minh'alma... só
 Selvagem, triste e altivo eu enfrentei o mundo
 Fitei-o então, senti de meu cérebro no fundo
 Rolar illuminando a alma e o coração
 C'o'a lagryma primeira — a primeira canção...
 Cantei — porque sofria — e, amigo, no entretanto,
 Sofro hoje — porque canto...
 Já vês, portanto, em mim esta arte de cantar
 E' um modo de soffrer, é um meio de gosar...
 Quem ha que moça ahí do uma lagryma o brilho
 Pois erra-se soffrendo?...

 Eu nunca li Castilho

Detesto francamente esses mestros cruéis
 Que esmagam uma idécia sob quebrados pés...
 Que vestem c'um soneto esplendido, sem erro,
 Um pensamento torto, encarquilhado e perro
 Como um correcto frack no dorso de um corcunda!...
 Oh! sim, quando a paixão o nosso ser inunda
 E ferve-nos na arteria, o canta-nos no peito
 Como dos ribeirões o borbulhoso leito,
 Parar — é sublevar
 Medir — é doformar!...
 Por isso amo a Musset e jamais li Boileau.

2.º

Esso architecto audaz do pensamento — Hugo...
 Jamais s'úe refrear o seu verso terrivel
 Veloz como a luz, como o raito incoercivell...
 Se a lima o toca, ardente, audaz como um corcel
 As esporas revel
 Na pagina palpita e ferve e freme e estoura

*Como um raio a vibrar no seio de uma aurora...
 Que lime-se num verso uma cadencia má
 Que n'los dados se conte as syllabas... vá lá!
 Mas que um typão qualquer — como muitos que eu vejo —
 Espicho, estiqua e encolha a tal'hora e sem pejo
 Um desgraçado verso e após tanto o medir
 Torcer, brunir, sovar, limar, polir, polir,
 No-lo venha trazer ás pobres das ovelhas
 Como um casto bijou, feito de sons e luz,
 Isto revolta e amola...*

Mas, veja ao que conduz

*O vago rabiscar de uma pena sem norte
 Fallava-te de Deus, de mim, da extranha sorte
 Que anihila a poesia — e acaba num jogral
 Num torpa, num boçal
 Que nos recebe — a pés — e faz do amôr uma arto
 Deixemo-lo de parte...*

3.º

*Escuta-me, eu teria um immenso prazer
 Se, podendo domar, curvar, forçar, vencer
 O cer'bro o o coração fossa este ultimo canto
 O fim de meu sonhar, de meu cantar, porquanto...
*

Eis algumas das notas em prosa, apostas às
 "Ondas":

TIRADENTES — Escrevi esta poesia (?) n'um momento de febre extraordinaria; não o pude cingir á rima — era côlere de mais a minha inspiração então —, tracei-a ao acaso, repentinamente no primeiro papel que encontrei — e por um encontro extraordinario, conclui-a sobre uma poesia dos Voos Icaricos — poesia calorosa-

mente apologetica do Sr. Pedro 2.^o... foi o que forçou-me a guardal-a, pareceu-me e parece-me que o mais tosco verso de um livre á memoria de um heróe esmaga o mais brilhante poema que se atira aos pés de um rei...

VARELLA — Possa esta pobre poesia brilhar na noite injusta e má — que alguns seres inclassificaveis — ergueram sobre o tûmulo desse grande cérebro, desse enorme coração, e desse imenso infeliz — Varella.

GONSALVES DIAS — Uma noite passávamos eu e um amigo em frente ao Cassino — em noite de grande baile — envolta nas harmonias vibrantes duma orchestra se agitava a aristocracia dourada e ruidosa —; paranos — o meu amigo embevecido pela musica e pelas luzes — em pé no lagedo lamacento devorava com o olhar aquelle mundo luminoso e sonoro; eu comtudo alheio ao que arrastava-o, fitava não o baile, a festa, mas a massa esfarrapada, sublimemente asquerosa da multidão que immovel enfrente, ao relento, quedava-se ante aquelle espectaculo que era uma gargalhada horrivel, ironica á sua fome, á sua nudez e fitando o povo — este grande anonymo, que, por isso, não deixa de ser o maior collaborador da Historia — tirei a minha carteira e ali — quasi que a luz que scintilava no *crachat* de sua magestade (!), que lá estava, tracei esses versos enquanto brilhava-me no cérebro esse alexandrino — ferreo e incisivo de Victor Hugo:

"O' jongleurs! noirs par l'âme et par la servitude..."

Versos, irmãos dos que se encontram em "Ondas", mas que lá não estão:

RIMAS

*Ontem — quando soberba escarnecias
Dessa minha paizão — louca — suprema
E no teu labio essa rosea algema
A minha vida — gelida — prendias...*

*Eu meditavz em loucas utopias
Tentava resolver grave problema...
— Como engastar tua alma num poema?
E eu não chorava quando tu te rias...*

*Hoje que vives desso amor uncioso
E és minha — és minha, extraordinaria sorte
Hoje eu sou triste sendo tão ditoso!...*

*E tremo e choro — presentindo — forte
Vibrar — dentro em meu peito, fervoroso
Esse excesso de vida — que é a morte...*

A RIR

*Eu já não creio mais... sombrio e calmo enfrento,
— O labio ermo da prece, o peito ermo da creença —
A estrela — rubra e imensa
Do meu destino atroz, asperrimo e sangrento!...
E embora sobre mim flamivoma suspensa
Em minha alma os clarões fataes ela concentre,
Eu suporto-lhe bem o flamejante baquo
— Altivamente clamo — entrinchoirando-me entre
Uma canção do Byron
E um calix de cognac...
— Não há dor que resista ao som de uma risada! —
Depois, se me exacerbo
E tremo e choro erguendo a prece á alma maguada,*

Mais me dóe essa dor, mais esse mal é acerbo!
 Assim — eu resolvi, indiferente e frio
 Cheio de orgulho e "aplecu" — como um banqueiro inglês,
 Sepultar na ironia o pranto meu sombrio...
 Por isso quando atroz na triste pulidez
 De minha fronte paira amarga ideia — eu rio!...

E quando pouco a pouco
 Essa ideia me abate e vence-me alterosa,
 De amarguras repleta — eu rio como um louco...
 E si ela ainda dos mais, e forte e tenebrosa
 Sóe ao ultimo ideal da minh'alma anihilar,
 E vencer-me de todo
 Então — eu me ergo mais — e — desvairado o olhar
 — Divinamente doudo —
 Eu rio, rio muito — até chorar!...

A FLOR DO CARCERE

"Nascera ali — no limo sorridente
 Dos muros da prisão — como uma esmola
 Da natureza a um coração que estiola —
 Aquela flor immaculada e olente..."

E ele que fora um bruto e vil descrente,
 Quanta vez, numa prece, ungi-do cola
 O labio seco, na umida corola
 Daquela flor alvíssima e silente!

E ele — que sofre e para a dor existe
 Quantas vezes no peito o pranto estanca!
 Quantas vezes na veia a febre acalma,

Fitando aquela flor tão pura e triste!...
 — Aquela estrela perfumada e branca
 Que cintila na noite de sua alma..."

OS LEMURES

O' minha musa — maculada e santa!
 Deixa um momento os sonhos teus linditos
 Despe os teus veos de noiva do Ideal
 Deixa-os, despe-os e canta
 Sobre as ruínas tragicas do mal
 As almas arruinadas dos malditos!...

VERSO E REVERSO

Bem como o lotus que abra o seio perfumado
 Ao doce olhar da estrela esquiva da amplidão,
 Assim também, um dia, a um doce olhar, domado,
 Abri meu coração.

Ah! foi um astro puro e vivido, o fulgente,
 Que à noite de minh'alma em luz veio romper
 Aquelo olhar divino, aquelo olhar ardente
 De uns olhos de mulher...

Escopro divinal — tecido por auroras —
 Bem dentro do meu peito, esplendido, tomou,
 E nele, altas canções e inspirações ardentes
 Sublime burilou!

Foi ele que a minh'alma, em noite utroz, cingida,
 Ergueu do ideal, um dia ao rutilo clarão.
 Foi ele — aquelo olhar que à lagrima dorida
 Deu-me um barço — a Canção!

Foi ele que ensinou-me as minhas dores frias
 Em estrofes ardentes, ativo transformar!
 Foi ele que ensinou-me a ouvir as melodias
 Que brilham num olhar...

*E são seus puros raios, seus raios roscos, santos
Envolto sempre e sempre em tão divina cor,
As cordas divinas da lira de meus prantos
D'harpa da minha dor!*

*Sim — ele é quem me dá o desespero e a calma,
O ceticismo e a crença, a raiva, o mal e o bem.
Lançou-me muita luz no coração e na alma,
Mas lagrimas também!*

*E' ele que, febril, a espadanar fulgores,
Negreja na minh'alma, imenso, vil, fatal!
E' quem me sangra o peito — e me mitiga as dores.
E' balsamo e é punhal.*

*Meu pobre coração, tão cedo aniquillado
Na ardência das paixões, ó pallida criança,
Revive á doce luz do teu olhar magoado;*

*E cheio de illusões, de crenças e esperança,
Faz o castello ideal das loiras utopias
Com a luz do teu olhar e o ouro de tua trança.*

*Quando pelas sombrias
Ondas do oceano o luar vastissimo se espulma,
De todo o seu negror desprende as ardências.*

*De teu olhos, assim, á luz divina e calma,
Dimanam, fulgurando, as illusões e os versos
Das sombras da minha alma...*

Já, de 1888, dos tempos da Escola Militar, estas duas quadras delicadas:

*Ha nos teus olhos escuros
Tantas centelhas, que ao vel-as*

*Penso na treva e nos brilhos
Das noites cheias de estrellas...*

*Penso em cousas singulares,
Indagando entre delirios:
Por que é que os céos inda brilham!
Por que não se apaga Sirius?*

Provavelmente do periodo em que esteve afastado da Escola Militar, antes do advento da Republica, estes versos humoristicos, aliás raros na sua produção:

LYRISMO A DISPARADA

*Eu sou por certo um ente abominavel,
A quem nenhuma penitencia salva.
Não tiro o meu chapéo á Divindade...
"E dizem que perdi a Estrella d'Alva..."*

*E tão viciado que ainda hoje, á noite,
Um pelotão de seraphins risonhos,
Em pleno boulevard da Via-Lactea,
Prendeu-me porque eu estava ébrio... de sonhos!*

*Escandalo no céo! Os santos todos,
Perdendo as composturas consagradas,
Atiravam-me estrellas, como pedras,
E riam-se a bandeirás despregadas.*

*Um desacato escandaloso... e como
O Supremo Fiscal, nessa emergencia,
Não conteve os seraphicos garotos,
Denunciei á policia a Providencia.*

*Fiz bem. A rixa é velha. Ha muito tempo
Que eu, o Voltaire o o Comte nem o intento
Podemos ter de passeiar á noite
Na grande praça azul do Firmamento.*

*Se o fazemos, apagam-se as lanternas
Dos sóes, num prompto o momentaneo eclipse,
E vemos-nos nas trevas, entre os coices
Da besta divinal do Apocalipso!*

*Não vou mais lá, por isso... Mas que importa...
Por que fallar nesses successos tristes?
Trancam-me os céos: eu tenho o teu olhar...
Nem me falta Deus — pois tu existes!*

Já com influencia científica, prenúncio daquela identificação cósmica do homem, característica de sua obra genial, este lindo soneto:

"São tão remotas as estrelas que apesar da vertiginosa velocidade da luz, elas se apagam e continuam a brilhar durante seculos"

*Morrem os mundos... Silenciosa e escura,
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,
Nas luminosas solidões da altura
Erguem-se, assim, necropoles sombrias...*

*Mas pr'a nós, dil-o a sciencia, além perdura
A vida, e expande as rutilas magias...
Pelos seculos em fôra a luz fulgura
Traçando-lhes as orbitas vazias.*

*Meus ideaes! extincta claridade —
Mortos, rompois, phantasticos e insanos
Da minh'alma a revolta immensidade...*

*E sois ainda todos os enganos
E toda a luz, e toda a mocidade
Dezta velhice tragica uos vinte annos...*

Ou este outro, de 1890, já reintegrado no Exercício:

D. QUIXOTE

*Assim á aldcia volta o da "triste figura"
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:
No areaboço dobrado — um grande desalento,
No entristecido olhar — uns laivos de loucura...*

*Sonhos, a gloria, o amor, a alcantilada altura
Do Ideal e da Fé, tudo isto num momento
A rolar, a rolar num desmoronamento,
Entre os risos boçacos do Bacharel e o Cura...*

*Mas, certo, ó D. Quixote, ainda foi clemente
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cerebro óco
O brilho da Illusão do espirito doente;*

*Porque ha cousa peor: é o ir-se a pouco e pouco
Perdendo qual perdeste um ideal ardente
E ardentes illusões — e não se ficar louco!*

Tres poemas, mais longos e mais cuidados, um em fragmento, cuja data não foi possível fixar-se:

"OS HOLANDEZES"

Calabar — só. Queda-se pensativo. Surge de um recanto do forte Fr. Manoel Salvador.

Fr. Manoel (á parte)

... Não percamos esta hora.

(alto, a Calabar)

Pois acreditas tú quo é um leão?

(Calabar volta-se, surpreso)

Tú és

Um cachorro açulado ás guellas do hollandez!

Calabar

Padrel de onde surgiste? a quo vens? e quo queres?

E que palavra vil é esta com que forces

A quem sempre submisso ouvio a tua voz?

Fr. Manoel

Escuta-mo, meu filho... Eu precisava, á sós,

Longamente tratar contigo ácerca de ardua

Empreza; e a situação em que te vês, aguardo-a

De ha muito, impaciente...

Calabar

Tu achas então que é

Propria a divagações esta hora — quando a fé

Que propagas e o Deus, o proprio Deus que adoras,

Teem em roda seis mil espadas vencedoras

De heretico hollandez... Tu queres graçojar

Ante o perigo, padrel?

Fr. Manoel (tranquillo)

Escuta, Calabar:

Sabes o que traduz este habito sombrio?

*E' o tumulo de uma alma! Aqui dentro ha mais frio,
 Mais sombra e mais horror do que nas solidões
 Dos cemiterios... Houvo: Ha fundas afflições
 De uma agonia atroz, no ser entregue ao duro
 Martyrio de arrastar este ferrapo escuro.
 Sabes tú por acaso avaliar o pavor
 De alguém que arrasta em vida o proprio tum'lo, e a dor
 Do quem cego da vida ás galas soberanas
 E' um morto a vagar entre as paixões humanas,
 Tragico o só perinde ao cadaver, só
 Feito uma sombra vã e despresivel? Oh!
 Se podes calcular a espantosa tristeza
 De alguém em frente ao qual, immota, a natureza
 Não tenha voz, nem luz... Se podes idjá
 Sequer a ancia de alguém destinado a escutar,
 — Monotona a bater, a bater agoureira,
 A mesma hora a bater durante a vida inteira!
 Se podes avaliar tão misero viver
 E soffrimentos taes, deves comprehender
 Que eu não sei rir sequer, que eu não graccio nunca!*

CEZARES E CZARES

*Os czares cruéis,
 Quando deixam da historia a scena gigantea,
 Conservam geralmente a linha dos actores,
 Que embora tenham tido espantosos papeis,
 Nos quaes dura se alteia
 A desgraça espalhando angustias e terrores,
 Quereem que os acompanhe o aplauso da platéa...*

*Mario penetra em Roma
 Pela setima vez erguido ao consulado.
 Na alma robusta o heróe traz sinistros desejos
 De vingança, fataes anhelos que não doma...
 Sombrio, allucinado,*

Não lho quebram o assomo, os eternos lampejos
 Dos prelhos que travou nas lutas do passado:
 E a espada que fulgido nas sombras da Germania
 Arranca-a em plena insanía,
 Vibrando-a doidamente — e doidamente a enterra
 Em pleno coração da sua grande terra...

Mas véde-o no desterro...

— Quo immensa solidão! que pavoroso estrago! —
 Velho, proscripto e só!... ninguém á dor lho assiste.
 Só lho é dado rever de alongatido cerro
 O nullo enorme e vago
 Da patria, além do mar... Dizei-me o que mais triste:
 As ruínas daquela alma ou as ruínas do Carthago.

Cezar trucidada a Gallia

E a Syria e o Egypto e a Iberia... A' indomita ambição
 Não lhe basta, porém, o Imperio victorioso...
 Desvaira: vai buscar nos campos de Pharsalia
 Os senhos de Pompêo; e em Thapsos — glorioso —
 A energia moral austera de Catão.
 Triumphou! E' feliz! Que importam dissabores
 Dos rudes lutadores,
 Feitos comparsas vis desses terriveis dramas,
 Se Roma está em festa... e a Gallia inteira em chamma!

No forum certo dia:

"Tu quoque, Brutus!" Extranho, este grito se ergueu.
 Tumultua o recinto ante o acto formidavel:
 — Cezar ferido, o peito em sangue e a fronte fria
 Vacilla, mas o seu
 Aprumo não destroc. Caes, non tomo impeccares!
 Tragicamente, aos pés da estatua de Pompeus!

Ivan subjuga e prende

Ao carro triumphador os povos de dois mundos.

*Reina, impera — é o Czar! Sua terrivel gloria
Do polo enregelado ao Caucaso se estende.*

*Os Kabukos immundos
Cercam-lhe o throno o a vidra. E ler-se sua historia
E' ouvir-se a todo instante os rumores profundos,
Que irrompem do tropel dos esquadroes bravios*

Dos tartaros sombrios...

*— Immenso tropicar que afoga os gritos cavos
E as doidas maldições de cem milhões de escravos!*

CHRISTO

*Era uma edade atróz... forte e grandiosa.
Levantando altivissima a alterosa
e fulgurante coma*

*Nas ruinas das nações se erguia Roma...
Tragica e má — das raças alquebradas,
Das velhas raças de remota historia,
Afogando a existencia, a força e a gloria
— Num diluvio flammivomo de espadas!
Não havia applacal-a, nem dos perros
A queixa vil, nem dos heróes nos ferros;*

Embalde o pranto acerbo

*Suffocando, Mythridates, soberbo,
Se erguera na Asia aos rigidos combates
De fervidas paixões para, possante,
Lançar um throno no bulcão troante
Do torvelinho horrivel dos combates!
Tombara Philopoemo — altivo o aspcito,
Concentrando no velho e frio peito*

Todo o vigor guerreiro,

Todo o heroismo de um paiz inteiro...

*— E o que se passou então foi sublimado —
A Grecia, que era morta, morta e escrava
Transmudou-se num tumulto — heroica e brava
Para guardar seu ultimo soldado...*

No Egypto o horror dos dramas luctuosos...

Rotos, sombrios, pavidos, ruivosos

Os ultimos heróes

Soffriam pela patria... oh! dor atroz —

Oh! dor fatal que o coração adstringes!

E passavam, cingindo as velhas clymides,

— Entre a sombra funerea das pyramides

E o olhar petrificado das esphynxes!

A Iberia exangue — nem sequer o insano

Louco gemer do eterno amante — o Oceano

Ouvia, lhe atirando ás plantas frias

Grandes canções — vestidas de ardentias...

Amante immenso, de um amor profundo,

Que mais tarde, grandioso, para erguel-a,

— Não podendo engastal-a numa estrella —

Lançou-lhe aos pés — um mundo!

Nos corações as recalçadas penas

Doiam sem um só gemido... aponas

Numa loucura brava.

O Partha palmo a palmo recuava;

No torrens sugrado do scus paes,

Cuhia — como o raio — fulminado,

E morria — as espudas agitando

Como sabem morrer os immortaes!

Mas de onde vinha esse fatal dominio?

Lançai á historia o olhar. Véde:

Um triclínio.

Das taças arrebenta

Formidolosa a embriaguez sangrenta...

Um truão so ergue: em seu olhar scintilla

A febre, ás vozes doces de um psalterio,

Ebrio e tropego, dança... Eil-o Tiberio...

— Tiberio cambaleia — e o mundo oscilla!

Foi nessa cidade atroz e má repleta
 De crimes, que Jesus — innocento athleta...
 Erguen como uma aurora,
 Por entre a multidão, a fronte loura...
 E nova vida palpitou na terra;
 Vacillaram os ferros sanguinarios
 Nas manoplas dos rulos legionarios;
 — Em frente á paz estromeccu — a guerra...
 Dissolveram-se em pranto os resabios
 Das concentradas dores, e nos labios,
 Sublime, pairou esse
 Bafejo ardente da nossa alma... a prece...
 E livre d'essus noutes que se somem
 Ante os julgores da razão de um justo,
 O mundo inteiro se so-erguendo a custo,
 Respirava p'la bocca de um só homem!
 Da antiga cidade os deuses combalidos,
 Oscilaram, quebrados, derruidos,
 Ante o clarão brilhante
 D'aquella consciencia rutilante...
 E cobardes, num circulo de lanças,
 Cheio de um grande espanto, vacillaram
 Os despotas, torvados... e recuaram,
 Ante um homem cercado de crianças...

E quando ele cahiu... o mundo antigo
 O seu ingrato e tragico inimigo,
 — Allucinado e insano —
 Deslumbrou-se ante um quadro sobrehumano:
 Aureolava-o ignota claridade...
 E aquelle morto... frio, macerado.
 Tendo no labio um riso ensanguentado,
 Na espadua roxa... erguia a Humanidade...

É mais este de 1895, da cidade de Campanha:

AS CATAS

A Coelho Netto

*Que outros adorem vastas capitães
 Aonde, deslumbrantes,
 Da Industria e da Ciencia as triumphas
 Vozes se erguem em magico concerto;
 Eu, não; eu prefiro antes
 As catas desoladas do deserto,
 Cheias de sombra, de silencio e paz...
 Eu sei que a alma moderna — alta e feliz,
 E grande, e iluminada,
 Não pode sofrer estes febris
 Assomos curiosos que a enloidecem
 De ir ver, emocionada,
 Os milagres da Industria em Gand ou Essen,
 E a apoteose do seculo — em Paris!
 Não invejo, porém, os que se vão
 Buscando, mar em fora,
 De outras terras a esplendida visão...
 Fazem-me mal as multidões ruidosas
 E eu procuro, nesta hora,
 Cidades que se occultam majestosas
 Na tristeza solene do sertão.
 Cidades ante as quais são como anãs
 As Londres extensissimas
 E as Babilônias, Bagdada pagãs;
 Tão colossaes, tão cheias de grandeza,
 Nas construções amplissimas,
 Que as contemplando eu penso na rudeza
 De uma raça já morta de titans.
 E abandonadas... no entretanto, quem*

As observa, no extremo
 Dos horizontes afastados, tem
 O religioso espanto e o extraordinario
 Extasie superior
 De um mussulmano austero ou de um templario
 Deante de Mecca ou de Jerusalem.
 Divisa então soberbos coliseus,
 Templos de forma rara —
 Amplas mesquitas, vastos mausoleus,
 E goticas cromejas tão imensus
 E tão fragois que para
 Compreende-las, cremo-las suspensas
 Por ignota atração vinda dos ceus.
 No entanto, atumultuaram multidões
 Dentro d'elas outrora;
 E ao ritmo de esplendidas canções
 Levantou-lhas os muros triunfantes
 Heroica e sonhadora,
 A coorte febril dos Bandeirantes,
 Nas marchas triunfaes pelos sertões.
 Mas passaram — e o solo que treinou
 A seus passos deserto,
 Revolto, e inerte, e como um mausoleu
 Imenso que pelo sertão se estende...
 Calcando-o, sentis, perto,
 Um destilar sinistro de duendes:
 O fantasma de um povo que morreu.
 Viajantes que rapidos passaes
 Pelas serras de Minas,
 Vindos de fulgurantes capitães,
 Evitao as necropoles sagradas,
 Passae longe das ruínas,
 Passae longe das Catas descoladas
 Cheias de sombra, de tristeza e paz...

Escritos em Campanha, evocavam por certo a paisagem das cidades mortas da conquista da terra.

De volta da região de Canudos, em 1897:

PAGINA VASIA

*Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente,
Muitas cenas do drama comovente
Da guerra despiadada e aterradora,*

*Certo não pode ter uma sonora
Estrofa, ou canto ou ditirambo ardente
Que possa figurar dignamente
Em vosso album gentil, minha senhora.*

*E quando, com fidalga gentileza
Cedeste-me esta pagina, a nobreza
De vossa alma iludiu-vos, não previstes*

*Que quem mais tarde, nesta folha lesse
Perguntaria: "Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes."*

Bahia, 14 de outubro de 97

Estes versos foram escritos para o album da Exma. Sra. D. Francisca Pragner Froes, espôsa do Dr. João Américo Froes.

Pelo rascunho encontrado em pagina de canhoto de um livro de officios dos serviços de engenharia, da época de Lorena, devem ter sido iniciados por volta de 1903 estes:

O PARAISO DOS MEDIOCRES

(Uma pagina que Dante destruiu)

*Perto do inferno existe uma paragem
 Onde cae monotona e resôa
 Uma torrente enregelada e dura
 Sulcando a pedra na croação eterna.
 Fomos por ela em fora, lento e lento
 Vacilantes subindo. Mas no alto
 Precisamente quando a minha vista
 Divisava dos cous tão anhelados
 Um fragmento longinquo, vi-me só.
 Inopinadamente se evadira
 O bucolico guiu que me dera
 O clarão de sua alma incomparavel
 Entre as sombras dos giros infernaes.
 Então alucinado, o peito oppresso,
 A fronte em fogo, onde batiam rispidas
 As lufadas friissimas do abismo
 Atirei entre os ecos apagados
 Das vozes do demonio uma supplica:
 Virgilio. E estas tres silabas bellissimas
 Rolaram longamente no silencio
 Como se no silencio desabasso
 Uma falange de cristais partidos.
 Mas não as repeti: de uma vereda
 A esquerda, junto ao circulo Judas
 Vi que surgiu uma figura estranha,
 Homem ou genio, e todo desgraçoso
 Lembrou-me um sambenito: a fronte nua
 Escampada e brunhida completava
 A face cheia e lisa sem refegos
 Sem um só desses vincos, dessas rugas
 Que são os galpex do buril do espirito*

Sobre os blocos do musculos e nervos.
 Sorria e eu vi seus dentes magnificos
 Numa expressão alvar. Aproximou-so.
 Disse-lhe então: Quem sois? Porque acudistes?
 Quando eu chamei por outro tão diverso?
 Teve um momo aderavel, agitou
 Num gesto longo de elegancia altiva
 A vestia e o porte erecto o o olhar fulgente
 E o rosto novamente derramando-se
 Num riso imbecil o triunfante
 Volveu pondo-me ao hombro u mão cuidada:
 "Sou Marcellus Pomponio, o purista"
 O guia que me trouxe, esse Virgilio
 Esta ama seca que apolidas tanto
 Não me suportaria; eu sou capaz
 De mostrar solecismos nas Georgicas...
 Fez bem: fugiu. E tu certo conheces
 O genio prodigioso que venceu
 Certa causa notavel, apontando
 Um erro de gramatica nos autos:
 Sou eu. Sou imortal... Tu és feliz,
 Lucraste com a troca. Folga, ri
 Agradece ao teu Deus e da-me o braço.
 Eu vou mostrar-te o que outrem não faria
 Já viste o inferno, vou levar-te agora
 Ao purgatorio e ao ceu. Mas antes deles
 Há uma terra ideal onde domina
 A santa mediania da virtude
 E so chama o "Paraizo dos Mediocros"
 "E' ali" disse. E depois me foi levando
 Por um trillo escarpado. A breue trecho
 Vingando um cerro abrupto, tive em frente
 O mais bello paiz que eu inda vira
 Que terra encantadora.

*O meu olhar
Desatou-se folgando na amplitude
Dos horizontes vastos onde eternos
Fulgores de uma primavera eterna
Se revezam co'as noites estreladas.*

Por ocasião da publicação d'"Os Sertões", no retrato que então tirou, apôs Euclýdes dedicatórias nos que enviou a Lucio de Mendonça e Coelho Neto.

A Lucio de Mendonça:

*"Em falta de um postkarto, iluminura
Que enquadre do que penso ou sinto a imagem,
Em relevo, na artistica moldura
De um trecho fugitivo do paisagem —*

*Ahi vai, para sandal-o no remanso
Do um lar, onde terá digno concheço,
Este caboclo, este jagunço mauço
— Mixto de celta, de tapuya e grego... —"*

A Coelho Neto:

*Felizmente
Esta physionomia,
De onde resulta a rispida expressão
Da face de um tapuya, espantadissimo,
Has do achal-a bellissima
Porque saberás ver, nitidamente,
Com os raios X de tua phantasia,
O que os outros não veem: um coração."*

Seriam provavelmente seus últimos versos um soneto que escreveu sobre uma fotografia da Co-

missão Brasileira do Alto-Purús, enviada a varios amigos:

*“Se acaso uma alma se photographasse
De sorte que, nos mesmos negativos,
A mesma luz puzesse em traços vivos
O nosso coração e a nossa face;*

*E os nossos ideacs, e os mais captivos
De nossos sonhos... Se a emoção que nasce
Em nós, tambem nas chapas se gravasse
Mesmo em ligeiros traços fugitivos;*

*Amigo! tu terias com certeza
A mais completa e insólita surpresa
Notando — deste grupo bem no meio —*

*Que o mais bello, o mais forte, o mais ardente
Destes sujeitos é precisamente
O mais pallido, o mais triste, o mais feio.”*

Eis o que ficou de Euclýdes poeta. Estês versos só se incorporam à sua obra para que não fique ela incompleta, esquecendo uma feição de sua intelligencia, em certa fase da vida e depois intermitentemente, mas que só tem a valia inestimavel de serem reliquias.

O ARQUIVO EUCLYDEANO

Enquanto preparava o monumento da Babilônia, o Gremio Euclides da Cunha reuniu em arquivo que é um relicario, o precioso legado de cadernos, livros anotados, versos e fotografias do seu Patrono, nos quais se gravaram traços imperecíveis da sua personalidade, transbordante ainda da obra que a imortalizou.

Quem conhecer, porém, a vida errante do trabalhador infatigável, que nem lhe teve, a minorar as vicissitudes da profissão instável, um lar que o cercasse de serenidade e soubesse respeitar o seu espolio para transmiti-lo ao país, seu legítimo herdeiro — este avaliará a soma de dificuldades vencidas.

Reuniu-os o Gremio, em beneficio do Coração que neles bate imaculado e do Genio que, para os olhos da boa critica, tem neles confirmado de excepcionalidade, nos detalhes apropriados a reconstituirem o ambiente de trabalho e de martirio em que foi capaz de triunfar.

Junto a eles, com devoção que julga ser respeito pelo patrimonio intelectual da nossa terra, o Gremio monta guarda, certo de que os disputou

duma dispersão irremediavel para ligal-os, comovidamente, à gloria do escritor.

I

CADERNOS DE NOTAS

Euclides da Cunha, forçado continuamente a viver distante dum gabinete imperturbavel de trabalho e duma biblioteca imprescindivel, — no meio dos quais, com certeza o collocarão aqueles que fizerem do escritor imagem suscitada pela sua obra destacada da sua vida —, sempre transportou consigo cadernos de notas de leitura, para companhia do seu pensamento incessantemente preocupado. Tomadas como foram estas notas, prodigio de apreensão rapida e definitiva, dispensando consultas posteriores, pôde o engenheiro de estradas, a testemunha de combates, o demarcador de fronteiras, satisfazer as suas nobres necessidades de pensador.

Leituras de livros e observações de cenas e cenarios constituem a materia fragmentada dos cadernos de Euclides, em que a unica intenção de consulta propria dispensou ordem cronologica, seriação de assuntos. Da-lhes, todavia, unidade a constancia com que foram escritos.

No arquivo, reunido penosamente pelo Gremio, há cadernos de cada uma dessa fontes e de varios

periodos da vida de Euclýdes, mas que guardam de um para outro os lugares vazios de quantos ainda estão ausentes dele: acompanhando os traços conservados naqueles que se reuniram, pelo conhecimento das fases capitais daquela grande vida, sente-se varias vezes a evidencia de faltas de continuidade, quando não de lacunas impreenchiveis; é assim que, pelos cadernos mais antigos, chegamos às vespervas do seu gesto de revolta conciente na antiga Escola Militar, que lhe valeu desligamento das fileiras do Exercito; por trechos de discursos pronunciados em agremiação de moços da Escola agitada pelas reivindicações sociais e inflamados de brio (palavra por ele então repetida com insistencia impressionante), pressente-se a estatura do republicano, que se havia de definir daí a pouco na explosão do revoltado, solitario como deveria ser quem sempre se destacou dos outros pelo imperturbavel culto da integridade absoluta, arredio na Escola e excepcionalmente glorioso no meio nacional. Compreendido e como que exigido aquele gesto, pelas informações desses cadernos velhos de quasi me'lo seculo, nada nos chegou daquilo que foi naturalmente registrado nos momentos, que se lhe seguiram, de intimo recolhimento... Por outro lado, à vista dos rascunhos de alguns de seus escritos, como o da sua dedicatória a Coelho Netto, onde se segue, passo a passo, a evolução do seu pensamento creador, ha que lamentar a dispersão dos muitos manuscritos em que, de emenda em

emenda, se foram edificando as melhores paginas da nossa literatura sobre um amontoado magnifico, que bem deveria representar o trabalho persistente do historiador escrupuloso e do artista incontentavel.

Esperemos, que a coleção fragmentada se transforme no arquivo completo, para que, reunido um dia possibilite o juizo integral que a significação dessa personalidade está a exigir da cultura nacional.

Na Escola Militar, é um intercorrer de versos, de notas de aula e de discursos; estes, sobretudo, retratam o Eúclýdes da adolescencia com traços energicos dum carater a definir-se sempre na paixão pelo dever, e mostram-no-lo na tribuna, que teme e que ocupa com o cuidado de preparações escritas anteriores, mas com entusiasmo que se liga bem à sua maneira de mais tarde, não se conformando com a oratoria escrever verdades dirigidas à dominação desse grande publico - a Patria inteira, em livros que encerram a solenidade dos grandes pregadores de campanhas coletivas.

Nas caminhadas do engenheiro, enquanto que escrupulosamente regista observações profissionais, o mundo circundante faz com que anote tambem a sua palavra de naturalista e sociologo. Ei-lo a escrever o que vê em seguida do que leu: as gentes singulares que defronta, em suas viagens frequen-

tes pelos distritos de engenheiro, ele as coleciona para exemplos das suas teorias prediletas ou para comentários a classicas doutrinas, que elas vêm ferir como exceções geradas no meio-novo que as contem; Gumplowicz e Buckle estão ai presentes junto ao historiador dos sertanejos, que, a todo instante, está empenhado em ler, através das gentes novas dos mestiços, o novo capítulo acrescentado às normas do evolucionismo social, que o possuia. Cunha Mattos lhe fornece, em livro a miude transcrito em seus cadernos, ligações de costumes que só se explicam na inalterabilidade, durante tantos anos, das condições mesologicas daquelas terras segregadas, só elas capazes de aproximar os aspectos das nossas regiões septentrionais, há seculo descritos pelo Brigadeiro, daqueles observados por Euclides nos "*patricios retardatarios*" dos sertões baianos; toma-lhes nota, tambem, das expressões familiares, dos usos de cada dia, ao mesmo tempo em que, cientista impressionado pelos sós aspectos significantes, retrata as paisagens de em torno, mudando-as, para o seu caderno de notas, em desenhos esquematicos...; de repente, no canto duma pagina da "carteira de engenheiro" (é verdade que varias vezes visitada por espiritos que, Heine ou Saint-Victor, ai falam desimpedidamente da Morte e da Beleza!), inscrevem-se, rapidas frases que deveram trazer atrás de si um cortejo de reflexões e que, no caderno, se resguardam, solitarias, das vicissitudes da vida atri-

bulada do pensador sem tenda serena de trabalho, algumas para surgirem integradas no texto das suas obras, outras desligadas para sempre das futuras criações impedidas pelo crime.

Transcrevamos algumas dessas frases:

“Arrancaram das choupanas miseráveis contra as forças regulares, arremetendo contra todos os perigos - Atroando os ermos, as chapadas, desertas, com o fragor dos combates - Um fargante bufoncando - Derreando-se ao choque das armas republicanas, a horda... - É uma diatese - Ermando povoações, por elas andava, estudando a influencia inegavel - Avocando ao seu partido tanta gente - Era preciso uma diversão assombrosa que balanceasse nesse momento as agonias fundas - Forma evanescente de um passado que a pouco e pouco se extingue - Não recusemos uma pagina da Historia a esta individualidade singular. Será uma pagina sombria, talvez, mas expressiva... - A propria superstição afoitou-o à empreza temeraria - Lutando como demônios nas ilhargas dos montes - Eternamente de luto pelo seu tempo - É homem que dispara àtôa como uma espingarda velha - Eu fui um espião da Historia-Sujeitos que vivem sempre sobre um pedestal - A gloria às recuadas - Não se aclimam à atmosfera moral do seculo”.

Ao lado dessas frases soltas, resultantes talvez de associação de impressões antigas, aparecem, apressadamente registradas, impressões atuais que Euclides denomina “observações necessarias”; seria longo considerar as destinadas a “Os Sertões”, comparando a redação com que foram guardadas no caderno com aquela que receberam por ocasião de serem integradas no encadeiamento cerrado do livro: — todo um estudo de embriologia literaria, embora “Os Sertões”, pelos cadernos salvos e fatos conhecidos da sua elaboração, tenha sido feito por uma preocupação de varios anos que afinal, em poucos dias, seguindo o desdobramento incessante duma serie ininterrupta de conceitos, produzisse as paginas já da obra, apenas, de edição em edição, aproximadas da perfeição de que andavam muito perto, por emendas nos detalhes da forma literaria. Em todo caso, houve sempre algumas paginas escritas separadamente e, nos cadernos do arquivo, que não é o maior depositario dessas paginas preparatorias d’ “O Sertões”, já se delinea o plano geral do livro, sujeito depois a ampliações repetidas que chegaram a tornar *“variante do assunto geral o tema, a principio dominante, que o sugeriu.”*

Transcrevam-se poucas dessas paginas, notando-se que quasi sempre se escreveram ricas em vocabulos raros e em frases acidentais, embora fossem meras notas de observações pessoais e de leituras.

Esta primeira mostra o aproveitamento de algumas das frases destacadas, acima transcritas:

*“É um sujeito que por aí se anda estadcan-
do a prosapia incorrigível, afoitando-se a todas
as empresas, avocando ao seu partido toda a
gente e que sem a atitude dos que abnegando-
-se a si próprios, atendem para um ideal pol-
tico despeado de odios deprimentes, — com-
porte o destino pouco invejável dos explora-
dores perigosos para os quais a política é em
sumula — o trabalho dos que não trabalham.
Como tantos outros é uma diatese, manifesta-
ção expressiva de um caso de enfermidade so-
cia. O organismo complexo das coletividades
tem também, a par da sua fisiologia, a sua
patologia especial”.*

Ha trechos espalhados pelos seus cadernos, al-
guns sob a denominação comum “O HOMEM”, a re-
fletir-lhe o germe do grande plano daí a anos exe-
cutado; vêm esses trechos de permeio com notas es-
parças de ciencia, que trazem claramente o seu des-
tino de preparar uma obra de longas observações es-
tudiosas:

*“Os jagunços são inegavelmente uma sub-
raça formada, definida, completa, mas fugaz,
destinada a desaparecer em breve, atravessan-*

do instantaneamente pela Historia, como que para unicamente mostrar qual seria o nosso tipo ethnico, se condições imperiosissimas atualmente creadas pelo ambiente geral do mundo civilizado, não viessem em breve, irresistivelmente, anular em poucos anos uma lenta fusão feita em tres seculos. — No estado atual das sociedades humanas as emigrações desdobram-se irresistivelmente, como uma queda de potencial. A comparação é precisa... A politica colonial, sem a feição quasi cavalheiresca que a revestiu ao esboçar-se no seculo XVI, obedece a estímulos mais vigorosos e sobretudo mais praticos, espelhando ainda o successo de uma lei sociologica indiscutivel e brilhante. Esboçou-a Gumpowicz. O embate das raças é a força motriz da historia..."

Eis algumas descrições da terra, dos sertões baianos:

"...As serranias que tombam em telhados ou apontam em cerros agudos e de encostas a prumo são de fato a ruinação imponente de imensa barragem rota aos embates das enchentes. Surgem ladeadas de varzeas, com um recorte vivo nos plainos ondulados e, em que se aos contornos duros, permitem que se lhes reconstrua dos elementos que longamente a saltaram. Porque a propria catinica facies primitivo... a serrania aparece espelhando ainda

no embaralhado das linhas hipsometricas a violencia e a confusão revolta, resistente evita-a e os seus flancos... mal vestidos de uma vegetação escussa de cactos e bromélias, contrastam na dureza das linhas, no alcantilado dos fragedos que sobre eles se alteiam acumulando-se nos altos em grimpas ponteagudas, os terrenos quase achanados que sobranceiam... O desfiladeiro parece desaparecer na compressão de duas linhas de cumiadas altas arqueadas em anfiteatro ao lado das ribanceiras do rio... Sobre uma e outra se alteiam de uma banda os taludes dos outeiros centrais e da outra, maiores, erriçadas de penhascos, repartidas em putamares caprichosos como galerias de um coliseu monstruoso, as vertentes das serranias laterais... A força, avançando na direção certa de oeste, fez ulito a quinhentos metros dessa barreira temerosa. (a lapis): Ia em meio o dia."

A nota final a lapis, a repetição (aqui omitida) de trechos, que assumem aos poucos a forma procurada, ainda distante da definitiva do livro, fazem supor que tais linhas foram escritas no decorrer da campanha; observemos, portanto, nelas, o modo de olhar de Euclýdes para o cenário que o circunda, descrito das eminências próprias do artista-geólogo, em ponto de vista privilegiado...

Depois volta ao homem dessas terras e é sob o título "APRENDIZAGEM DE TORTURAS" que escreve essa cena.

"Passava soprando rijamente o nordeste e sacudia-lhe as faulhas sobre as caatingas secas. Em breve, crescendo vertiginosamente ao látego dos ventos enovelada em rolos de fumo cindidos (zebrados) de labaredas, cuindo pelas quebradas, saltando-as vingando as encostas, transpondo o alto dos morros repentinamente aclarados por um relampagucar de crateras subitas, alastrava-se a queimada pelos tabuleiros".

E, finalmente, dois trechos da luta, narrados por Euclides sob a impressão próxima dela.

"Quedavam-se expectantes, como caçadores numa espera — pontarias imóveis, olhos prescuradores na sombra — largo tempo; largo tempo até que divisassem, deslizando, de bruços, pela barranca oposta,

"Subito silencio descerra então sobre as linhas. Os soldados das trincheiras adjacentes ao rio, porem, não se iludiam. Sabiam que tornariam em breve ao mesmo ponto os infelizes coagidos pela sede. Abaixo indistintamente, como grandes saurios esquivos, os adversarios,

volvendo à tarefa. Deixaram-nos se aproximarem.

Nove batalhões — cerca de tres mil homens — haviam-se apossado nos ultimos tres dias de cerca de duas mil casas, arrojando os sertanejos, comprimidos de encontro à encosta do alto da Fazenda Velha ao sul e contra as baionetas, a leste, da primitiva linha de assedio, defendida pelos... batalhões... da... brigada. Toda a população de Canudos acolhia-se agora sob os muros protectores da igreja nova, em menos de quinhentos casebres".

São episodios dos ultimos tempos da campanha, presenciados por Euclides; mas o caderno, em que se inscrevem, te-lo-ia ele levado consigo até Canudos? De qualquer modo Euclides possuia-o já durante a Revolta de 93, pois que nele fixou, em trecho interrompido, um episodio das trincheiras da Gambôa, aproveitado no "Contrastes e Confrontos" para o seu artigo sobre a "Esphyngé" e, no começo deste caderno, em seguida a estudos sobre a flora das imediações de Canudos, lêem-se essas conclusões conhecidissimas: "*Porque o que estas traduzem com admiravel cloquencia no alcantilado dos cerros descalvados em recorte pelas planuras cobertas de vegetação decidua, — é o martirio se-*

cular da terra". As ultimas paginas do caderno contém longo vocabulário, menos uma coleção de simples termos raros do que um cuidadoso estudo da expressão através de autores preferidos, cujas frases inteiras se transladam com o emprego notavel de cada vocabulo mencionado. Tal caderno deve ter sido um companheiro de Euclides durante os varios anos de que "Os Sertões" são mais moços que a campanha de Canudos; esses rascunhos são, pois, pouco prestadios para nos declarar a data da elaboração de varios trechos de livro, conservando o quando das varias notas de Euclides, que ncles, alem do mais, se encontram em folhas salteadas que não permitem a seriação cronologica, mas são preciosos no fornecer termos de comparação com as paginas definitivas, onde — ao par de acrescimos sucessivos que vieram realizando o consorcio raro da melhor expressão com a maior sonoridade —, vêem-se essas notas do caderno sofrerem a integração no organismo uno da obra, permanecendo intactos os dados que continham e que vieram dar ao livro a autoridade das observações pessoais e das informações colhidas, escrupulosa e imodificavelmente. Assim, para um exemplo, entre varios, nas muitas paginas de critica às operações militares de Canudos, inscrevem-se conceitos, que se poderiam deduzir das seguintes rapidas palavras do caderno, as quais, tomadas "in loco", trazem o significativo titulo de "MOBILIDADE":

"A munição pesando 83.000 quilos e sendo a lotação de cada carreta de 700, tornavam-se precisas 121 carretas e só tínhamos em Queimadas, em princípios de abril, 8!"

A consideração desses numeros, que terminam num "ponto de exclamação" de Euclýdes, devia de ter dado ao Marechal Bittencourt o plano da *"nova fase da luta"*... Algumas vezes, porem, em lugar das longas conclusões do livro sobre os dados do caderno, o proprio registro de momento se intercala, quasi o mesmo, nas paginas ímortais, e talvez mais impressionante porque conservam, na majestade da obra definitiva, o laconismo da verdade nuamente contemplada pelo autor: é a nota a lapis dum degolamento:

"Num dos combates de meados de setembro, é preso um jagunço, curiboea, moço. Responde a tudo "não sei". Conduzido a... perguntaram-lhe como queria morrer. — "De tiro!" — Pois há de ser a facção! "E foi".

Fechando, alguns dos cadernos de notas de Euclýdes da Cunha, depois da enumeração sumaria de algumas de suas paginas, enquanto não forem lidos por quem possa, por eles, acompanhar a evolução do pensamento genial a que serviram e ainda serviriam, — evoquem-se os momentos em

que tais notas foram escritas, momentos atribulados e presentes constantemente na vida do grande trabalhador, que, mesmo neles, em pleno desempenho dos encargos profissionais que lhe impediram estadas comodas em gabinetes imperturbaveis, deixou gravado, nas suas "carteiras de engenheiro", o traço agitado duma mentalidade incessantemente ativa e animada sempre pelas mais elevadas preocupações de pensador e patriota.

II

BIBLIOGRAFIA EUCLYDEANA

A bibliografia sobre Euclýdes da Cunha é opulentíssima, em quantidade e em qualidade. Nos 6 anos que decorreram entre o aparecimento d' "Os Sertões" e a morte surgiram alguns estudos notáveis, especialmente quando da revelação do grande livro, mas nos 30 anos que ora se completam sobre a sua glória postuma os trabalhos são em numero consideravel.

Ao todo podem-se anotar, aproximadamente uns 300, e, incluídas as omissões inevitaveis, cerca de meio milheiro.

De certo que há entre eles muita repetição, muita opinião sem relêvo, mas não haverá nas nossas letras muitos pensadores que tenham logrado tão vultosa bibliografia.

Poder-se-ia tentar uma classificação, incompleta e falha sem duvida, sobretudo variado o criterio que a presidiu.

A mais simples seria dividi-la em tres fases:

I — Estudos e artigos aparecidos em vida;

II — Trabalhos publicados por ocasião da morte;

III — Bibliografia póstuma.

Eucluydes da Cunha, como se sabe, appareceu adulto com os "Sertões". E foi à suggestão deste livro que se fizeram os primeiros estudos, especialmente sobre a obra, incidentalmente aspectos e dados biographicos.

Foram reunidos em volume, publicado em 1903 pela casa Laemmert. — Juizos criticos sobre "Os Sertões".

O primeiro deles, em data, é o de Medeiros e Albuquerque, sob o pseudonimo J. Santos, na Noticia, em 12 de dezembro de 1902, poucos dias após o apparecimento do livro. É menos critica do que exposição do conteúdo da obra.

A "Chronica Literaria" começa assim: "É um livro superior, um livro admiravel, um livro de erudito e de escritor, cheio de erudição e vida — o volume que acaba de publicar o Sr. Eucluydes da Cunha".

E é quasi toda de excertos, pontilhados de admiração e louvores.

José Verissimo, pelo Correio da Manhã, faz a análise sisudã e grave, mas começa proclamando o autor "um homem de ciencia, um geografo, um geologo, um etnologo; de um homem de pensamento, um filosofo, um sociologo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romanista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sentê tanto os aspectos da natureza, como ao contato do homem, e estremece todo, tocado até o fundo da alma, comovido até as lagrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo fisico, as "secas" que assolam os sertões do norte brasileiro, venha, da estupidez ou maldade dos homens como a campanha de Canudos".

A discordancia maior é a que se refere ao vocabulario tecnico e científico empregado por Euclides, objeção a que responde em uma de suas cartas.

Mas a critica toda, seria e cuidada, é uma consagração, tanto maior quanto Verissimo revela em varias passagens desconhecer o autor.

Ainda mais cheios de entusiasmo, sem restrição, são os dois artigos de Araripe Junior, pelo Jornal do Comercio.

Há ainda os de Leopoldo de Freitas, Mucio Teixeira e Coelho Netto já com traços pessoais.

Dois militares, o malogrado J. da Penha, morto na luta armada no Ceará em 1910, e Moreira

Guimarães, escrevem varios artigos, dois o primeiro e quatro o segundo.

Embora não tivessem compartilhado da luta, é inegavel que ambos fizeram um estudo cuidado e apresentaram objeções.

As mais serias deu Euclides respostas, que se encontram nas edições subsequentes d' "Os Serções". Entretanto em nenhuma delas houve qualquer contestação de fato e sim de questões doutrinarias.

Durante a vida de Euclides da Cunha poucos foram os estudos que sobre ele apareceram.

De Vicente de Carvalho há um artigo brilhante, evocando uma viagem heroica feita no litoral de Santos, na época da excursão ao Purús.

Araripe, escreveu, por ocasião do aparecimento dos "Contrastes e Confrontos", o belo ensaio "Dois grandes estilos" e Oliveira Lima sobre o "Perú versus Bolivia".

De Felix Pacheco o paralelo entre ele e Alberto Rangel, sob o titulo "Dous egressos da Farda", publicado no Jornal do Comercio, em critica ao Inferno Verde e depois em folheto. Aí pela primeira vez, publicamente, são revelados os versos de Euclides, alguns de provavel perda definitiva.

Por ocasião da morte surgiram noticias e estudos varios. A grande maioria se atinha de preferencia ao aspecto dramático e até escandaloso da sua morte dolorosa.

Há uma coincidência curiosíssima. Viriato Correia, em agosto de 1909, entrevistara Euclides da Cunha para a "Ilustração Brasileira", em que colheu dados interessantíssimos e inéditos sobre o aparecimento d'"Os Sertões". Este artigo appareceu precisamente no numero de 15 de agosto.

A bibliografia mais rica é a que se escreveu nestes 30 anos.

Ela pode ainda ser subdividida:

- a) estudos de conjunto;
- b) informações biográficas;
- c) critica da obra.

O primeiro estudo de conjunto, em data e principalmente em valor, é sem duvida o discurso de posse de Afranio Peixoto, quando o succedeu na Academia Brasileira, em 15 de agosto de 1911.

A oração, das mais notaveis pronunciadas "sous la coupole", não sendo uma minuciosa exposição biográfica, apresentou o valto gigantesco do Homem, nas suas dimensões imensas, mas reais, evocando, com delicada e carinhosa emoção os lances maiores.

O homem publico, o homem de carater, o homem "tout court" ali apparece, admiravel e grandioso, e não haverá, para idólatra mais exigente, qualquer restrição a fazer.

Na apreciação da obra, tambem feita pela primeira vez em conjunto, nos mesmos moldes, mos-

trando como ela se ajustava, sem decalque, ao perfil do homem, haverá, com grande rigor, de que discordar, mas este conceito, que é síntese luminosa, de que "Euclides da Cunha é o bandeirante de uma nova entrada pela alma da nacionalidade brasileira", basta a consagrar na glorificação de Euclides o formoso discurso.

De Escragnolle Doria, seu condiscipulo no Collegio Aquino, há dois estudos, um de reminiscencias pessoais, no Jornal do Comercio, em 14 de agosto de 1913 e outro uma Conferencia do Gremio Euclides da Cunha sobre a vida em conjunto. "Notas biograficas", feitas em 1912 por incumbencia do mesmo Gremio e publicadas em 1913 investigam-se alguns fatos biograficos, inclusive a data do seu nascimento, discutida entre 5, todas inexatas.

Este trabalho se completou no volume II da Coleção Afranio Peixoto da Academia Brasileira, feito dentro do feitio do volume I sobre Castro Alves, dividido em 4 partes: I — Notas biograficas; II — Ensaio de bibliografia; III — Trabalhos sobre Euclides da Cunha; IV — Juizos e depoimentos.

A bibliografia, evidentemente incompleta e difficilmente serão, entre nós, trabalhos neste genero, sem falhas ou omissões, já apparecera na Revista do Gremio de 1918 e, ampliada, no volume do saudoso Artur Motta — "Vultos e livros"—, com a collaboração, honestamente confessada, do mesmo Gremio.

Agora, em 1939, surge o maior e mais completo trabalho de conjunto sobre a vida e obra de Euclides no volume de Eloy Pontes —“A vida dramática de Euclides da Cunha”— obra literaria do maior valor, estudo de biografia e crítica, proibidamente feito, com contribuição pessoal preciosa, através de investigação propria, até em viagens e excursões a locais evocativos.

No que se refere a informações biograficas a primeira e mais notavel é a conferencia de Alberto Rangel realizada no Gremio Euclides da Cunha. — “Um pouco do coração e do carater” — que foi realmente uma ressurreição, porque veio trazer a publico o material indiscutivel de documentos intimos e depoimentos insuspeitos, e ao mesmo tempo, em “protesto violento e comprovado”, reagir contra a infamia e a rabilidade inescrupulosa que tentaram atingir o “coração melindroso e probo”. Já pouco antes Oliveira Lima, pelo Estado de S. Paulo, tocara carinhosamente o mesmo assunto, revelando pela primeira vez trechos de suas cartas.

E' certo que Nestor da Cunha, pela Gazeta da Tarde, opusera embargos às infamias articuladas no pretório. Mas, infelizmente, ficou sem eco a defesa do parente dignissimo.

Em 1918 Coelho Netto, de alguma sorte completando a obra meritoria de Alberto Rangel, realiza

tambem no Gremio, a conferencia sobre "Feições do homem" em que mais, muito mais do que nas paginas escritas que o "Livro de Prata" conserva, disse do coração e do carater a palavra magica, cinética e colorida, do amigo cuja saudade de afeto era maior que a da inteligencia fulgurante.

Sobre a primeira fase da vida de Euclýdes em S. Paulo, após a egressão do exercito, Theodoro Sampaio, em 1919, no Instituto Historico e Geografico da Baía reviveu a figura do companheiro, com minucias preciosas sobre fatos e sobre a maneira do escritor.

Da viagem à Amazonia há depoimentos da maior valia. O de Domicio da Gama evoca o encontro de Rio Branco com o autor d'A Margem da Historia, em paginas da mais delicada emoção. Arnaldo Pimenta da Cunha, companheiro fiel e dedicado na viagem historica ao Alto-Purús, no Instituto Historico da Baía e posteriormente em entrevistas, conferencias e notas vem trazendo o seu testemunho insubstituivel àquela pagina de coragem, bravura e patriotismo, talvez a maior dentre tantas da vida rica de Euclýdes da Cunha, conforme depôs tambem, testemunha pessoal e valiosa, Firmo Dutra, por mais de uma vez, e ainda recentemente no Instituto de Estudos Brasileiros, sobre "Euclýdes explorador e geografo", revelando documentos ineditos da atividade do grande brasileiro, no Itamarati.

Um depoimento de seu trabalho nesta casa também trouxe o Ministro Manoel Bernardes, do Uruguai.

Rondon, a grande figura da geração republicana, formada na Escola Militar, aí companheiro de Euclides, evocou a sua época e o colega eminente, bem como Moreira Guimarães, também da mesma turma de escol, acentuando ambos o pendor euclideo para a poesia.

Maurício de Lacerda, em mãos o arquivo do General Solon, deu alguns elementos de estudo para o período de Campanha. Desta época também a conferencia de Veiga Miranda, feita em S. José do Rio Pardo, com inumeros pormenores inéditos e interessantissimos.

Octaviano Vieira, seu cunhado dignissimo, relatou suas relações com o Principe D. Luiz de Bragança e Goulart de Andrade algumas impressões pessoais de sua vida dolorosa, na angustia de seus ultimos dias.

Estes os trabalhos que permitem a reconstituição da grande e bela vida de Euclides da Cunha, a que não faltou a consagração do martirio, antes e depois da morte, dolorosa e injusta.

Em relação à obra, afóra os estudos já referidos, há muita coisa a destacar.

Sobre "Os Sertões", em especial, há que relevar o ensaio de Roquette-Pinto, no qual o eminente naturalista situa o nosso grande livro, na historia

do nosso pensamento como os *Lusiadas* e *Dom Quixote*.

Já anteriormente, com o peso de sua autoridade, estudara, em conferencia do Gremio Euclides da Cunha —“Euclides da Cunha Naturalista”— todos os aspectos científicos da sua obra pequena, mas imensa.

Em outro dominio, por igual valiosa, foi a contribuição do douto prof. Pedro A. Pinto, nos seus “Estudos euclideanos” que prepararam o probo e erudito volume “Os Sertões de Euclides da Cunha. Vocabulario e notas lexicologicas”, em que inventaria todas as palavras usadas pela nossa obra-prima, pesquisando, humilde e pacientemente, voz por voz, escapando apenas ao esclarecimento as palavras *Varzenis* e *Ther Brun*, que não foi possível encontrar.

Estudo original e erudito fez Afranio Peixoto, na conferencia comemorativa do decenario promovida pelo Gremio Euclides da Cunha, iniciando uma serie de estudos monograficos sob a forma de “Dom e arte do estilo”.

Estudo especial d’“Os Sertões” só o ensaio de Roquette-Pinto, além das apreciações gerais em qualquer referencia a Euclides.

“A Margem da Historia” mereceu de Araujo Jorge, que com ele privou no Itamarati, um excelente ensaio.

Adalgizo Pereira, no Estado de S. Paulo, em *Paginas esquecidas*, pela primeira vez revelou os

seus primeiros artigos publicados na antiga "Provincia de S. Paulo", de 1888 a 1890.

Como obra de critica, situando Euclýdes no quadro geral do pensamento brasileiro, a maior contribuição é a de Tristão de Athayde em varias occasiões e especialmente na contribuição para o Inquerito feito por Vicente Licínio Cardoso, inserto no "A Margem da Historia da Republica", com o titulo "A politica e as letras", mais tarde no artigo com que reiniciou a sua segunda fase de critico — "A literatura brasileira e a critica"— e recentemente, já na fase de seu apostolado católico, com o artigo realmente admiravel — "Euclýdes e Machado"—.

Monteiro Lobato, por mais de uma vez, trouxe o seu contingente valioso ao juigamento da obra euclýdeana e do seu lugar no pensamento brasileiro, como ha pouco apreciando a tradução de B. Garay.

Igual contingente veio tambem da autoridade de sociologo, desbravador de novos rumos, de Gilberto Freire, no prefacio à "Correspondencia de Canudos".

O livro de Eloy Pontes, a tradução argentina d'"Os Sertões" de Benjamin de Garay e as cartas de Euclýdes da Cunha deram lugar recentemente a sem conta de artigos, estudos, comentários, alguns valiosos.

Após esta rapida revista cabe aqui a pergunta de inicio: que escritor, que homem de pensamento

brasileiro mereceu, em cerca de 40 anos, uma atenção tão viva, tão opulenta, tão rica?

Em 1919 publicou o Gremio Euclides da Cunha o volume "In memoriam" com o titulo da legenda que lhe compôs Alberto Rangel — "Por protesto e adoração" — no qual reuniu as conferencias que realizou, alguns estudos pouco conhecidos e acrescentou notas e informações. Em 1925 iniciou a publicação regular de sua revista que conta 25 numeros, contendo sempre a palavra de comando do autor do Inferno Verde, e artigos e trabalhos de ou sobre Euclides, por protesto e adoração.

Se é opulenta, rica em quantidade e qualidade a bibliografia nacional sobre Euclides da Cunha, a estrangeira sendo necessariamente menor em numero, não o é em valor.

III

ICONOGRAFIA EUCLYDEANA

A reunião de fotografias de Euclides da Cunha e de aspectos de sua vida foi tão difficil quanto a de suas cartas.

E' certo que as familias Pimenta da Cunha e Octaviano Vieira tudo facilitaram, mas foi necessario buscar a S. Fidelis, a Campanha, a S. Paulo,

com algumas vezes a colaboração providencial do acaso.

Foi possível juntar cerca de 50 retratos pessoais e em grupo além de aspectos a ele ligados.

Conservam-se assim os de seus Pais, avós e de sua infância e adolescência, até do período da Escola Militar, do qual se salvou, por circunstancia de incrível casualidade o grupo em forma na Praia Vermelha por voltas de 1888.

Por ocasião do aparecimento d'“Os Sertões”, de certo com o intuito de agradecer aos que o acolheram com entusiasmo, tirou a fotografia que fez acompanhar de duas dedicatórias em verso, muito conhecidas, a Lucio de Mendonça e Coelho Netto.

De 1907 há uma fotografia, que aparece na 1.^a edição dos Contrastes e Confrontos, bem como outra 1908, de busto, que se acha n'À Margem da Historia.

Da fotografia Guimarães conserva-se um retrato sentado, de corpo inteiro e outra de igual forma no Gabinete de trabalho, publicada na Ilustração Brasileira, com o artigo de Viriato Correia, em 15 de agosto de 1909.

O ultimo foi tirado na fotografia Bastos Dias, e é o melhor de seus retratos.

Em grupo a coleção é mais numerosa.

O primeiro em data é o grupo da Escola Militar já referido. De S. José de Rio Pardo salvou-se apenas um aspecto da ponte publicado na revista Kosmos, quando ainda desmontada, em uma de cujas

peças ele aparece sentado e ao fundo a barraquinha, sob a linda paineira.

Da viagem à Amazonia o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha conservou precioso album, em que há varios aspectos da viagem, como sejam a do dia da partida para o Alto-Purús, o celebre almoço no baracão de Barbaran, a assinatura do termo da viagem, alem das paisagens locais.

De pouco antes da partida no Rio, há um grupo com Domicio da Gama e o tenente Argolo Mendes.

Duas fotografias da viagem à ilha dos Buzios foram conservadas pela familia José Verissimo e a elas se refere Euclýdes em carta ao seu digno amigo, de 31 de agosto de 1904.

Outro grupo é o tirado na pitoresca vivenda de Sta. Tereza com a familia Filinto de Almeida.

No Itamarati, em companhia de Rio Branco, Arinos, Gastão da Cunha, Homem de Mello, Graça Aranha, Araujo Jorge e uma turma de estudantes paulistas.

Da Comissão Brasileira há tambem varios grupos.

Das revistas ilustradas da época varios instantaneos. Um, dele sósinho, lendo, pela rua. Outros do enterro de Machado de Assis, um com Alberto de Oliveira, um com Machado de Assis e José Verissimo na antiga Confeitaria Castelões. Há um grupo com os primos irmãos Arnaldo e Nestor da Cunha.

O ultimo talvez dos seus retratos é um instantaneo da Noticia, ao sair em companhia de Coelho Netto e Goulart de Andrade, do Cinema Ouvidor, após o episodio narrado por Coelho Nettô no "Livro de Prata".

Quanto aos aspectos euclýdeanos o numero de fotografias é tambem grande.

Tem-se a casa em que nasceu, na Fazenda da Saudade em Sta. Rita do Rio Negro, quasi em ruinas; de S. José do Rio Pardo, varias outras, da ponte e da barraquinha; a Avenida que vai ter à ponte e que lhe tem o nome.

Conservam-se as lembranças da inauguração das hêrmas de S. José do Rio Pardo, com a presença de Vicente de Carvalho e de Cantagalo, com a de Côrtes Junior.

Em relação a produções artisticas há ainda pouco que arrolar.

Rio Branco encomendou ao pintor Belmiro um quadro de Euclýdes e, o que se encontra no Itamarati e está reproduzido em algumas edições d'"Os Sertões" é a cabeça de Euclýdes num corpo qualquer, de lamentavel mau gosto.

O monumento de S. José do Rio Pardo é uma placa de bronze, na qual se insculpiu o verso: "Mixto de celta, de tapuia e grego". A herma de Cantagalo é de autoria do escultor Pitanga, o busto de Euclýdes apoiado sobre "Os Sertões".

Com inspiração de arte, sobre um bloco de granito surgindo da pedra, gigantesca e em rumo para o ideal, o esboço do monumento da Babilônia, de autoria de Correia Lima, o imortal autor do gesto de Barroso.

Há igualmente um busto em gesso do escultor Cunha Mello e outro recente, em linhas modernas, de Honorio Peçanha.

Como iconografia de água forte a de C. Oswald, inserta no In Memoriam, desenhos de Wash Rodrigues e de Jordão de Oliveira e um busto no quadro dos Bachareis em Ciências e Letras do Colégio Pedro II de 1909.

E' realmente muito pouco para o que devera ser na consagração de Euclides da Cunha.

3.ª PARTE

A Glória

RESPOSTAS...

I

Em 1914, no Almanaque Garnier (pag. 267), appareceu um artigo "Destruição de Canudos", sobre um livro do general Dantas Barreto, então governador de Pernambuco, cuja autoria parece pertencer ao Snr. Dr. João Ribeiro, onde se contém, entre outros, estes dois trechos:

"A guerra de Canudos... não poderá ser estudada na sua phase senão neste livro que é a fonte mais segura e mais importante desses memoraveis successos e o unico que merece a attenção dos estudiosos".

"O livro de Euclides da Cunha, que é apontado sempre que se falla do assumpto é admiravelmente bem escripto, não ha negar; mas sob a pompa de sua linguagem, não passa de um romance que, emendado em successivas edições, ficou infiel à verdade dos factos".

Abreviemos os comentarios. Destaquemos o ultimo conceito. "Os Sertões" não passa de um ro-

mance que emendado em successivas edições, ficou infiel à verdade dos factos”.

Porque o emitiu o Snr. João Ribeiro? Seria que houvesse Euclides retificado alguma informação erronea? Mas neste caso encontraria como companheiro o proprio Snr. João Ribeiro, profissional de Historia, que junta à 2.^a edição de seu livro uma retificação de Araripe Junior sobre a Confederação do Equador.

Entretanto nenhuma inverdade de fato havia sido notada.

Euclides da Cunha, como um exemplo isolado no Brasil, appareceu só e desconhecido, sem previos ensaios, com a obra prima, sem o amparo de um prefacio, escrevendo um livro de ataque.

Poucas foram as vozes que quebraram a unanimidade dos aplausos; e mesmo estas apontaram ligeiras discordancias; e, cousa notavel, só dois criticos militares se abalançaram a apreciar “Os Serções”, e estes não participaram daquela luta.

Por isto na 2.^a edição, na primeira nota, ele escrevia: *“Este livro, seccamente atirado à publicidade, para que os protestos contra as falsidades que acaso encerrasse se exercitassem perfeitamente desafogados, conquistou — franca e espontanea — expressa pelos seus melhores orgãos, a grande simpatia nobilitadora de minha terra, que não solicitei e que me desvanec. Os unicos deslizes apontados*

pela critica são, pela propria desvalia, bastante eloquentes no delatarem a segurança das idéias e proposições aventadas”.

Era um desafio. Mas ficou sem resposta.

Esta edição saiu em junho de 1903, tendo a primeira surgido em fins de 1902.

A resposta do silencio, com que se contestam as grandes verdades, entre nós, foi ainda a que lhe deram.

Em 1905 saia a 3.^a edição. Ainda a mesma resposta. E estas foram as três edições a que a vida de Euclides assistiu.

Depois dele assassinado mais duas se fizeram, a 4.^a em 1911 e a 5.^a em 1914, pelo exemplar que foi encontrado no seu arquivo, e onde existem as emendas de que ouviu falar o Snr. João Ribeiro.

Entretanto, S. Excia. que vira infidelidade na narração dos fatos da Campanha de Canudos, nunca o quis dizer; somente em 1914, depois dele desaparecido, quando não lhe podia revidar, é que o vem fazer em publico.

Mas insistamos: “Os Sertões” não passa de um romance.

Entre'anto Roquette-Pinto, professor de Etnografia e Antropologia do Museu Nacional, assim se expressa: “Os Sertões” são um tratado de etnografia sertaneja”.

Já é mais do que um romance...

Poder-se-ia esperar que o espirito de justiça do Dr. João Ribeiro, viesse dizer onde encontrou as emendas de sucessivas edições que o tornavam infiel à verdade dos fatos.

Poder-se-ia dizer, que Euclýdes deveria merecer dele qualquer que fosse o detalhe menos preciso que encontrasse, maior consideração, que lhe exigia a sua vida nobre e desditosa; porque não escreveu as suas obras como o Snr. João Ribeiro os seus livros, na luta pela vida, mas com preocupações intellectuais, não; "Os Sertões", por exemplo, foi escrito, interserido das responsabilidades da reconstrução de uma ponte que ruira, com estrondo, em uma pequena cidade do interior de S. Paulo.

Tambem se poderia mostrar que o livro do Snr. Dantas Barreto, iluminou-se de seus bordados para a apreciação do Snr. João Ribeiro, transcrevendo um artigo do Dr. Alvaro de Barros, professor da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, publicado em junho de 1915, na "Folha do Commercio" de Campos, sob o titulo "Pela Justiça".

Mas seria tudo isto uma maneira negativa de resposta ao artigo do Almanaque Garnier de 1914.

A accusação era grave de mais "Os Sertões" não passam de um romance que emendado em varias edições, ficou infiel á verdade dos fatos".

Pois bem, poucas são as emendas existentes da 1.^a para todas as outras, até a 4.^a.

A 5.^a que a livraria Alves, sob a direção carinhosa de Afranio Peixoto, editou em 1915, contém o "fac-simile" da nota autógrafa do próprio Euclides:

"Livro que deve servir para a edição definitiva" (4.^a) porque só a 3.^a ele assistiu.

Da leitura comparativa das edições todas, d'"Os Sertões", excluída a 3.^a, e como as emendas das outras são como as que se notam da 2.^a à 5.^a, que ele classificou de definitiva, transcrevem-se aqui apenas estas, para julgamento e justiça.

Este trabalho foi feito e publicado em 1919.

II

De tempos a tempos novas investidas apareceram.

Em 1938 o Dr. Roberto Piragibe da Fonseca rebateu, pelo Correio da Manhã, de modo definitivo, uma delas sobre originalidade e estilo d'"Os Sertões".

Em 1939 elas reviveram, umas de mais, outras de menos importância, lendas ou atribuições malevolas.

Uma se refere à solicitação de um prefácio para "Os Sertões". É a primeira vez que surge êste boato, sem fonte autorizada, como em geral os boatos.

Entretanto nas notas à edição do grande livro êle dizia:

“Este livro secamente atirado à publicidade, sem amparo de qualquer natureza, para que os protestos contra as falsidades que acaso encerrasse se exercitassem perfeitamente desafogados conquistou — franca e espontanea — expressa pelos seus melhores órgãos, a grande simpatia nobilitadora da minha terra, que não solicitei e me desvanecce”.

Em notas de um caderno íntimo, de Lorena, escreveu estas palavras, já publicadas: *“Atirei-o secamente à publicidade. Não lhe dei um prefacio, nem paraninfo que o apresentasse a minha terra. Quis aparecer só, absolutamente isolado na fraqueza do meu nome obscuro, diante dos que compartilharam aquela luta. E apareci só.*

Não apareceram porém os protestos. Não podiam aparecer: desafiariam imprudentemente a réplica inflexível dos fatos. Não deviam aparecer: afrontariam inutilmente as energias brilhantes da verdade”.

Onde pois a solicitação a Moreira Guimarães ou outra qualquer feita por um homem que teve sempre a coragem de rebeidía solitaria?

O eminente General contestou e os artigos que publicou em 1903 pelo Correio da Manhã, não impugnaram os fatos, discutem questões doutrinarias, a algumas das quais Euclides respondeu nas notas da

3.^a edição. Estes artigos estão ao alcance de quem os quiser ler em folheto que a casa Alves tem ainda: "Juízos críticos sôbre os Sertões".

A outra acusação, também de origem anônima, se mais grave, é mais fácil de destruir.

Acusa-se Euclýdes de ter sido severo com Moreira Cesar, incorreto com êle, hóspede que fôra da sua barraca porque revelou, em abuso de confiança, planos mostrados.

Ora na edição d'"Os Sertões" proibidosamente anotada por Fernando Nery, a páginas 622, se vê que Moreira Cesar morreu em combate, a 3 de março de 1897 e Euclýdes só foi para a Baía em julho do mesmo ano, como se constata na sua correspondência para o Estado de São Paulo.

Como poderia ter êle sido hóspede de Moreira Cesar, já morto 4 meses antes?

III

Outra refere-se a Placido de Castro.

A confusão é completa, pois as páginas que êle escreveu após a viagem ao Acre, estão reunidas n'"À Margem da História" e não em "Contrastes e Confrontos", cujos capítulos foram compostos antes dessa época.

Exumou-se um documento de relatório enviado ao Ministério da Justiça, em que Placido se queixava de terem sido deformadas suas palavras em artigo

da revista "Kosmos", sob o título "Entre os Scringais". O documento é apresentado com a peça de libelo acusatório, para desenobrecer Euclýdes com a estranheza de não ter a queixa ou acusação tido resposta.

Entretanto a mais leve e superficial análise de fato pulveriza definitivamente o caso.

Primeiro, cabe perguntar: teve Euclýdes conhecimento do fato, de vez que o relatório da gestão de Plácido de Castro no Alto-Acre, de 1906-1907, certamente não foi publicado e deveria ter chegado ao Ministério pelo menos em 1908?

Não há exemplo de qualquer suspeita sobre êle levantada que não tivesse revide imediato.

Depois, qual a acusação do grande conquistador do Acre?

Afirma que tendo fornecido a Euclýdes uma ligeira monografia sobre o extrator de borracha, mais tarde foram as informações reproduzidas tendenciosamente.

Ora, quando um investigador busca ou solicita dados sobre qualquer questão não perde o direito de os submeter à sua crítica e critério pessoal, desde que os publique com a responsabilidade de seu nome, sem atirar a outrem a autoria dos assertos feitos.

Foi realmente o que se deu.

Com a probidade escrupulosa que punha em tudo o que fazia, logo que decidiu sua viagem ao Alto-Purús pôs-se Euclýdes a examinar o material

sôbre a região. Os 3 meses passados em Manáus, a aguardar as instruções para a expedição, consagrou-os ao exame de tudo quanto havia na Biblioteca do Estado e na Diretoria de Terras. A sua visão direta dos fatos, como a colheita dos documentos se exerceu com as mesmas reservas com que elaborou os "Sertões" e que êle justifica, com a citação de Tucídides, na nota à 3.^a edição d'"Os Sertões".

Por consequência o fato de ter colhido informes de Plácido de Castro, que via apaixonadamente a região, de cuja incorporação à Pátria brasileira foi o principal fator, não o obrigava a aceitá-las integralmente.

Resta o propósito de esconder o nome do reconquistador do Acre. Mas ainda aí há maldade e má fé.

Se tivesse Eucluydes feito a História do Acre, ou mesmo da Conquista da Amazônia, a omissão não se justificaria.

O que êle escreveu sôbre a região foi o seguinte:

Os artigos: Entre o Madeira e o Javari, Contra os Caucheros, antes da viagem, publicados em jornais e recolhidos a "Contrastes e Confrontos".

Entrevista do Jornal do Comércio em setembro de 1905.

Artigos publicados no Jornal do Comércio, mais tarde reunidos no volume póstumo "À Margem da História", em que toda a primeira parte, sob o título "Terra sem história" se refere à Amazônia.

O artigo "Entre os seringais" foi publicado na Revista Kosmos em 1906.

Em nenhum dêles há o nome de Plácido de Castro. Mas se poderia aí estar, nenhum dever de proibidade histórica o impunha, uma vez que os estudos são menos de história do que de sociologia.

E' só ter, não o trabalho, mas o prazer de os ler.

Resulta pois que não está absolutamente claro o propósito de ocultar o nome de Plácido de Castro. Muito ao contrário: Está profundamente obscuro o intento suspeitado.

Leia-se agora o que êle escreveu, em carta a Vicente de Carvalho, de 18 de setembro de 1908:

"A morte de Plácido de Castro abalou-me profundamente. Conheci-o e conversei-o largo tempo, quando viajámos juntos, no Purús, em 1907.

Era uma alma desassombrada e heróica.

Tinha talvez muitos defeitos. Mas não se pode negar excepcional valor a quem, de fato, dilatou o cenário da nossa história. De qualquer forma merecia outra morte".

Não se poderia compôr-lhe, com justiça, melhor epitáfio.

Mas o fato, de flagrante fragilidade, é aproveitado para a repetição de afirmações levianas e falsas sobre "Os Sertões", de falhas graves, observações inverídicas, de equívocos e desacertos...

Onde estão êles? Quem os apontou e provou?

Aparecido em 1902 teve a vida de Euclides até 1909 para rebatê-los.

As críticas que apareciam dignas dêsse nome êle as destruiu, nas notas apenas às edições d'“Os Sertões”. Questões de fato, de narração, é, ao contrário, a veracidade dêles que se verifica, passados mais de 30 anos.

Quando em 1914 João Ribeiro fez a afirmação grave de inverdades contidas n'“Os Sertões” a resposta publicada consignou 1.468 emendas entre a 1.^a e a edição definitiva, sem haver uma só que não fosse de forma. E o grande polígrafo nunca deu resposta...

Pode-se discordar de algumas opiniões, de falhas doutrinárias, como o fez Roquet'e-Pinto, mas nunca falhas graves, equívocos, desacertos.

E' preciso ter pouco respeito, não se dirá ao patrimônio intelectual e moral brasileiro, mas às próprias palavras.

IV

Que o processo literário e mesmo pessoal de Euclides da Cunha esteja aberto, conforme afirmou a pena brilhante de Costa Rego, é possível. Que êste processo possa levar a decepções quanto ao escritor, ao historiador como receia o brilhante jornalista, é infundado, como o é no que se refere ao homem, segundo o afirma.

E' apenas de lamentar que Costa Rego, sem exame cauteloso das peças do processo, empreste de alguma sorte o seu prestígio à essa tentativa impatriótica de demolição de um dos maiores valores intellectuais e morais do Brasil.

Certo que o homem e a sua obra devem merecer crítica e análise, porque não são intangíveis, mas só pode ser feita mediante documentação insuspeitável.

Não bastou a revisão honesta e lúcida de Elóy Pontes, de cujo livro fundamentado e probo a figura de Euclides só sai engrandecida, quer a do homem, quer a do escritor.

Todo o material examinado pelo crítico, desabusado e independente, depõe clangorosamente contra tais invectivas.

Felizmente que, pela mesma ocasião, aparecem dois outros depoimentos do maior valor, Plinio Barreto, com a autoridade do seu nome e a do jornal prestigioso em que escreveu assim concluiu uma de suas críticas: "se o escritor foi dos maiores que o Brasil ainda possuiu, o homem foi, pela conformação moral, pela elevação do pensamento, pela inflexibilidade do caráter, pelo culto da amizade, pela riqueza afetiva, um dos que mais enobreceram a natureza humana.

Tudo nêle, na ordem moral e espiritual, foi imenso. Até o infortúnio".

Este quadro rápido e expressivo se contrapõe a todas aquelas acusações apontadas.

Outro, o de Tristão Athayde, que revivendo os seus tempos de crítico dos primeiros "Estudos", deu-nos uma página magistral, equilibrada, serena, sobre "Euclýdes e Machado", na qual, insuspeito pela sua intolerância religiosa dos últimos tempos, traçou sobre o autor d'"Os Sertões" conceitos admiráveis e justos, legitimamente dentro do seu ponto de vista de católico.

Felizmente que estas duas altas vozes se aliam a outras muitas para se contraporem ao cochicho destas agressões apoiadas em boatos. E o boato, na expressão feliz de Coryntho da Fonseca, não passa de carta anônima falada...

V

EUCLYDES-SARMIENTO

A evocação simultanea destes dois nomes, símbolos de duas nacionalidades, se impõe necessariamente. "Os Sertões" e "Facundo" são, na America, irmãos gêmeos.

A semelhança simbolica tem-se procurado insinuar por mais de uma vez a de decalque, imitação, ou pelo menos inspiração do argentino sobre o brasileiro.

A acusação tem sido vagamente formulada e, recentemente, em termos mais precisos e com evidente má fé, se repetiu.

Não foi suficiente a clareza meridiana com que Afranio Peixoto na conferencia "Dom e arte do estilo" mostrou, sob as semelhanças, as diferenças flagrantes que afastam aquela insinuação:

"Já Sarmiento havia dado na Argentina, nesse outro livro de genio, "Facundo", o exemplo de uma monografia-biografica do homem, simbolo grandioso de uma raça e de um momento historico, nas terras livres e licenciosas da America. Um seculo de caudilhismo sanguinolento, rapace, irrequicto, entrecortado de gestos cavalheirescos e de inauditas violencias entre a miseria dos campos, a indiferença das cidades, a tristeza do deserto e a ansia pela civilização, aí estão nesse livro, o primeiro dos maiores que o continente começou a produzir. Data com efeito de 1845 e foi escrito para desafrontar a Civilização prometida à America, contra a tirania, agora de Rosas, que ainda nesse tempo aterrorizava o Rio da Prata. Tambem "Os Sertões" são um revide à barbaria, que mantida pela incapacidade do homem é afogada por ele, num momento de desespero, em chacina de caudilhagem.

Sarmiento retrata no "Facundo", antes que desapareça, mais meio seculo transcorrido talvez, a historia torva e deploravel do primeiro instante de emancipação desse espirito americano, filho de Terra

Virgem e do Colono devassador, criatura grosseira, insubmissa, turbulenta, e, entretanto, capaz de esforço disciplinado e proveitoso, para a prosperidade e para a razão educada, que felizmente lhe veem chegando. O quadro da terra grossa e das gentes grosseiras cercam as figuras do drama: são os pampas e as cordilheiras, o rastreador, o vaqueano, o gaúcho, o caudilho. A insubordinação, a revolução, a guerra civil, o despotismo rodeiam e dão perspectiva sinistra à figura trágica de Facundo Quiroga, seus asseclas e inimigos, "heróis e bandidos" de mais negregada espécie que têm conhecido os anais da humanidade".

Mais tarde, em análise percuciente e insofismável, o lucido crítico sul-rio-grandense, João Pinto da Silva, elucidou de modo definitivo a questão.

Depois de perguntar se se justifica a coincidência de intuítos e aspirações diz textualmente o brilhante autor da "Historia literaria do Rio Grande do Sul":

"Só por paradoxo poder-se-á responder afirmativamente, tão grande é a diversidade de cenários, de ambiente físico e histórico; tão diferentes são, nos seus metodos os escritores; tão dissemelhantes em tudo, os personagens, os objetivos que eles interpretam, ou encarnam, os fenomenos sociais, em suma, de que se tornaram resultantes ou órgãos".

Mostra a seguir que Facundo, segundo o classificam todos os criticos argentinos é panfleto po-

lítico, e não obra serena de justiça, escrito do exílio, contra a tirania que dominava em Buenos-Aires.

Ao contrario "Os Sertões" não foram inspirados por qualquer desejo de vingança ou hostilidade politica.

"E' eloquente, mas não injusto" e acrescenta: "Nos Sertões o arçor patriótico, invariavelmente, revela-se sem mescla, acima das preocupações individuais ou de grupo, impessoal nas suas sugestões ou conclusões". E conclue com acerto: "Sob esse aspecto, são pois, antipodas os dois grandes livros".

Continua a análise mostrando que não é menor a diferença entre as duas obras do ponto de vista sociológico.

Concede apenas como elemento de contato o ponto de vista estético.

"E' que, Sarmiento e Euclýdes, apresentam, realmente no estilo muito de dramatico e empolgante nas suas metáforas inesperadas e nas suas imagens por assim dizer fotogênicas. Um e outro descobriram, para as letras, nos respectivos paizes, horizontes novos, possibilidades, com o aproveitamento de motivos e aspectos característicos, peculiares ao meio fisico e ao ambiente moral".

E, como concluindo: "Como obra de arte, ai, sim, accusam ambos, superiormente, analogias fraternas".

Bastaria essa demonstração, clara e convincente, para protestar quanto à insinuação de imitação

não confessada ou mesmo inspiração legítima, que a autoridade de um dos maiores espiritos da America plenamente justificaria, numa analogia de motivos, numa semelhança de temperamentos.

Mas há mais.

Embora já se afirmasse, com leviandade e má fé, que Euclýdes varias vezes citara Sarmiento, a alegação é falsa, absolutamente falsa.

Não há n^o "Os Sertões" nenhuma citação de Facundo, nem o nome de Sarmiento aparece no vocabulario do Prof. Pedro Pinto, bem como nos seus cadernos e nas suas notas.

Só se encontra o grande nome argentino n^o "A Margem da Historia", a paginas 200, 215, 231, citando a "Civilizacion y Barbarie".

Ora, em toda a obra, como na vida de Euclýdes da Cunha, há uma grande probidade. Em um dos mapas conservados no arquivo do Itamarati, de sua autoria, que o culto carinhoso de Firmo Dutra exumou do esquecimento, na conferencia do Itamarati, há um traço expressivo dessa probidade: aquella nota, a lapis, em que confessa um erro proprio provavel.

Seria estranho, entre todas as citações de obras e autores que se deparam n^o "Os Sertões", que, inspirado em Facundo, não apparecesse uma vez sequer o nome de Sarmiento.

De Francisco Escobar, autoridade intelectual e moral sem contraste, que acompanhou de perto

a elaboração d'“Os Sertões”, colheu-se o depoimento pessoal, infelizmente não documentado por escrito, que Euclýdes desconhecia o grande livro argentino, quando da elaboração do nosso.

As suas relações mais íntimas com as letras sul-americanas datam de seus trabalhos no Ministério do Exterior, após a viagem ao Purús e sobretudo a publicação, de esplendorosa repercussão continental, do “Perú-versus-Bolívia”.

Havia, felizmente, ainda, um meio de confirmar estes informes sobre a questão.

Em S. José do Rio Pardo vivem ainda dois companheiros dos dias gloriosos da elaboração d'“Os Sertões”: José Honorio de Sylos e Paschoal Artese.

Consultado o primeiro, que tem sido um dos núcleos do culto euclýdeano na linda cidade paulista, respondeu pela negativa, confirmando o que aqui se afirma: *Euclýdes, ao escrever “Os Sertões” não conhecia o Facundo de Sarmiento.*

MOTIVOS DE ARTE

Euclýdes da Cunha foi um grande artista. A estrutura científica da sua organização cultural se superps a tendencia artistica do seu temperamento, aquilo que Afranio Peixoto exprimiu luminosamente como "Dom e arte de estilo": — "Foi o dom do estilo que teve, sobre esta qualidade natural, a outra, de uma cultura vasta, aperfeiçoadada pelo estilo, pela técnica, que adquiriu com o seu gosto, suas inclinações, seu ideal, com que este dom acrescentou uma arte".

Mas não  ao artista da palavra, nem aos motivos de estudo de um grande estilo, de que aquele trabalho foi lição magistral, que se quer aqui fazer referencia.

E' ao que ha na obra euclýdeana de motivos de inspiração para outras artes. Quasi que ao mesmo tempo, por notavel coincidencia, a observação surgiu de varias fontes.

Roquette-Pinto, em 1929, em uma nota ligeira mas fulgurante — Inspirações da terra — escrevia:

"Ha trinta anos, esse livro monumento espera os artistas patricios que o leiam, e meditem, se impregnem das ins-

pirações da terra ali acolhidas e componham, na tela, algumas cenas que o autor descreveu com tanta e tanta verdade.

O sertanejo, cégo transitório que vai tacteando pelo terreiro do casebre, empunhando um fogacho para afugentar a onça cujo rugido amedrontou os filhos esqualidos, forneceria nos artistas que procuram assuntos brasileiros uma tóla comovedora.

O "centauro bronceo" escauchado no rastro do novillo esquivo e o "gaúcho vitorioso e forte", não deram até agora algumas estatuetas que viessem substituir os produtos em série da pacotilha de Paris ou de Roma, nas vitrines onde se expõem esculturas que os homens importantes costumam receber nos dias de anos. Que formidável painel espera a tradução pictórica do "estouro da boiada"! Depois: "Volvem os vaqueiros no pouso e ali, nas rêdes bambantes, relatando as peripecias da vaquejada"... E o "desafio"? Outros tantos quadros que Almeida Junior teria, sem duvida, realizado, visto que são quasi irmãos de "Caipirus negaceando" ou "Amolando o machado".

"O preludio da seca" — na hora em que as caatingas pintam "mosqueadas de tufos pardos", depois das chuvas do enjú é outra composição que espera os donos mestres do pincel, aprumando um sertanejo no momento em que faz a prova das seis pedrinhas de sal. E eu imagino um rapaz destorcido, de rosto acabrunhado pela verificação de que a terceira pedra de sal não se deliu, justamente a que corresponde ao mez em que iria encontrar a noiva!

E os quadros da vida religiosa? O oratorio? A procissão? A creança morta?

Almeida Junior, creador do "Judas", que "Conselheiro", não seria capaz de animar? "Cabelos crescidos até aos ombros, barba inculta e longa, face escaveirada; olhos fulgurantes; monstruoso dentro de seu habito azul de brito americano; abordoado ao classico bastão, em que se apoia o passo tardo dos peregrinos..."

Quasi todas as paginas de "Os Sertões" são assim, estuantes de vida, sugerindo quadros, traduzindo inspirações da terra, á espera dos nossos artistas".

Em Belem do Pará, Carlos A. de Mendonça, pela "Folha do Norte", em 15 de agosto de 1930, tambem chamava a atenção para o "grande pintor de arte". E, em S. José do Rio Pardo a principio e depois, aqui no Rio, Paulo Filho, euclydeano de primeira linha, tambem expunha os motivos de artes plasticas em Euclydes, "o grande paisagista".

Não só no seu livro maior senão nos demais estes motivos se encontram, a mancheias.

Se se percorrer "Contrastes e Confrontos" deparam-se varios moldes para quadros e estatuas.

Quem, em Paris, por exemplo, sobe desprevenidamente a Avenida do Observatório, estaca de repente e revê, com a precisão geometrica de figuras superpostas o Marechal Ney, que se acha na "Vida das Estatuas".

Fi-la:

"Dos multiplos aspectos da vida dramatica e tormentosa do valente, o escultor escolheu o mais fugitivo e revoltto: o final de uma carga vitoriosa. O general, cujo tronco se apruma num desgarre atrevido, mal equilibrado numa das pernas, enquanto a outra se alçevanta num salto impotnoso, aparece no mais completo desmancho: a farda desabotada, que se denuncia menos na espada rijamente brandida que na face contorcida, onde os olhos se dilutam exageradamente e exagradissimamente a boca se abre num grito do triunfo".

Igual estátua, viva, flagrante, é a de Anchieta, no mesmo livro.

Nas ultimas paginas do Marechal de Ferro — a figura de Floriano aparece mais expressiva do que no monumento fronteiro ao Teatro Municipal: *"Num dado momento, porém, abeirou-se de uma das janelas do palacio abertas na direção aproximada do mar e ali quedou um minuto, meditativo, na attitude habitual de sua apatia enganosa e falsa. . .*

Depois alevantou vulgarosamente a mão direita, espalmada, vertical e de chapa para o ponto onde se adivinhavam os navios revoltosos, no gesto trivial e dubio de quem atira de longe uma esperança ou uma ameaça. . .

Traçou naquele momento o molde de sua estatua. Nenhum escultor de genio o imaginará melhor, a um tempo ameaçador e plácido, sem expansões violentas e sem um tremor no rosto impenetravel, desdobrando silenciosamente, deante do assalto das paixões tumultuárias e ruidosas, a sua tenacidade incoercivel, tranquila e formidavel".

Quadro magnifico, vivo, palpitante, visual é o que se destaca da Esfinge:

"Atravessando, como dardos, a noite, os feixes de luz do reflector electrico do morro da Gloria desatavam-se no espaço, divergentes e longos, fazendo no gyro amplissimo — de subito aclarados e logo desaparecendo — além, os navios de guerra numa passividade traidora; mas á frente,

Nictroy, adormecida; a Armação, sinistra e deserta, e todas as angras, todas as angusturas, todas as illas, uma por uma, repontando e extinguindo-se, no volver da paisagem novel e phantastica; distendendo, a subitas, uma coruscar repentino de areias claras, a fita de uma praia remota; resvalando, logo depois, devagar, pelos pendores dos cerros; estirando-se, por fim, em distensão maxima, até Magé, ao fundo da bahia. E dali voltando, lentos, perquirindo, na marcha fulgurante, um por um todos os pontos fortificados; demorando-se um instante sobre a ilha das Cobras, e mostrando uma visão do Acropole, meio derruida, naquella ponta de granito arremessada fóra das ondas; deixando-a, e pondo uma nesga de luar errante sobre o convéz recolto da Guanabara; deslizando d'ali para o costado arredado da Trajano; e passando a outros pontos, banhando-os um a um no fulgor tranquillo e forte — feito um elhar olympico da Lei, insistente e fixo, sobre os combatentes...

Admiravel quadro. Curvei-mo sobre a canhoneira recém-construida. Contemplei-o e dei largas á phantasia caprichosa."

Outros, tristes e desoladores, de "Entre as ruínas":

"Os morros escalyados, por onde trepa toimosamente uma flora tolhiça, de cafesaes de 50 annos, ralos e ressequidos, mal revclando os alimkamentos primitivos; cintados ainda pela faixa parda-avermelhada dos carradores tortuosos, por onde subiam, outr'ora, as turmas dos escravos; tendo ainda pelos topos, a orlela de velhos vallos divisorios, extensos ronzques de bambusacs; e ao riez das encostas, saltadamente, brarqueando nas murecças, as vivendas humildes por ali esparsas, a esmo, dão quasi um traço biblico ás paisagens. Sem mais a vestidura protectora das mattas, destruidas na faina brutal das derrubadas, desayregam-se, escoriados dos

enxurros, solapados pelas torrentes, tombando aos pedaços nas "corridas de terra" depois das chuvas torrenciaes, e expõem agora, nos barrancos a prumo, em acervos de blocos, a rígida ossamenta de pedra desvendada, ou alevantam-se despidos e estercis, revestidos do restolhos pardos, no horizonte monotono, que abreviam entre as encostas íngremes. . .

Os caminhos tornejam-nos, galgam-nos, vingam-nos, dessem-nos. Mas os quadros não se animam.

Sucedem-se choupanas pobres, em ruínas umas — tetos de supé caídos sobre montes de terras e páos roliços —; habitadas, outras, centralizando exiguas roças maltratadas, á beira dos corroços apaulados, onde os lyrícos selvagens deramam, no perfume insidioso, o filtro das malcitas.

As estradas são ermas. De longe em longe um caminhante. Mas é também um decaído. Não é daquelles caboclos rijos e matteiros, que alviram neste valle as picadas atrevidas das "bandeirás". O caipira desfibrado, sem o desempenho dos titans bronzeados que lhe formam a linguagem obscura e heroica, sanda-nos com uma humildade revoltante, deixa-nos mais aprehensivos, como se vissemos uma ruína maior por cima daquella enorme ruinação da terra."

Ou este outro:

"Aproxima-se do largo portão desquiciado, de lumbracs vacillantes, ou pensos; desapeia e avança pelos terços de pedra, arruinados; galga a velha escadaria, pulando sobre os degrãos que faltam; e estaca no putamar, em cima, diante da porta, escancarada, da entrada, abrindo para o amplo salão deserto. Penetra-o.

Contempla, de relance, as molduras esborcinadas das paredes, e o tecto onde adivinhu resquícios de frizos dourados na cimalha de estuque. Enfia pelo longo corredor afogado no bafio angulhento do ambiente immovel, para o qual se

abrem as portas de outros repartimentos desertos, onde chamam e reuam desequilibradamente centenas de morcegos tontos. Chegou á sala de jantar, deserta..."

Não são em menor numero os que defrontam n' "A Margem da Historia".

O maior, talvez, dentre todos é aquelle do Judas "Ahsverus":

"O judas faz-se como se fez sempre: um par de calças e uma camiza velha, grosseiramente cozidos, cheios de palliças e mulambos; traços horizontaes, abertos, e pernas em angulo, sem juntas, sem relevos, sem dobras, apurmando-se, espantadamente, empalado, no centro do terreiro. Por cima uma bola desgraciosa representando a cabeça. É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz á maioria das gentes. Não basta ao seringueiro. É-lhe apenas o bloco de onde vai tirar a estatua, que é a sua obra prima, a criação espantosa do seu genio rude longamente trabalhado de revezes, onde outros talvez distingam traços admiravoids de uma ironia subtilissima, mas que é para elle apenas a expressão concreta de uma realidade dolorosa.

E principia, ás voltas com a figura disforme: salienta-lhe o afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as orbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; o aguça-lhe o queixo, numa massagem euidadoza e lenta; pinta-lhe as sobrance-lhas, e abre-lho com dous riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; dezenha-lhe a bôca, sombreada de um bigode ralo, de guias decuidas aos cantos. Voste-lho, depois, umas calças e uma camiza de algodão, ainda serviveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas...

Recua meia duzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a.

Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha.

Volta ao seu homunculo: retoca-lhe uma palpebra; aviva um rictus expressivo na arcadadura do labio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajusta-lhe melhor a cabeça; arqueoia-lho os braços; ropura e retifica-lhes as vestes...

Novo recuo, compassado, lento, recuando-o, para apanhar do um lance, numa vista de conjunto, a impressão exata, a síntese de todas aquelas linhas; e renovar a faina com uma pertinacia e uma tortura do artista incontentavel. Novos retoques, mais delicados, mais cuidadosos, mais sérios: um tenuissimo esbatido do sombra, um traço quasi imperceptivel na lóca refogada, uma torsão insignificante no pescoço engravatado de trapos...

E o monstro, lento e lento, num transfigurar-se insensivel, vai-se tornando um homem. Pelo menos a ilusão é empolgante...

Repentinamente o bronco estatuario tem um gosto mais comovedor do que o parlat anciozissimo, de Miguel Angelo: arranca o seu proprio sombreiro; atira-o á cabeça do Judas; e os filhinhos todos recuam, num grito, vendo retratar-se na figura desengonçada e sinistra o vulto do seu proprio pai.

E' um dolorozo triunfo. O sertanejo casculpiu o maldito á sua imajem. Vingou-se de si mesmo: puno-se, afinal, da ambição maldita que o levou áquella terra; e desafronta-se da fraqueza moral que lhe parte dos impetos da rebeldia recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaida onde a credulidade infantil o jorjiu, escravo, á gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram.

Isto, porém, não lhe satisfaz. A imajem material da sua desdita não deve permanecer inutil num exiguo terreiro de barraca, afogada na espessura impenetravel, que furta

o quadro de suas maguas, perpetuamente anonimas, aos próprios olhos de Deus. O rio que lhe passa á porta é uma estrada para toda a terra. Que a terra toda contemple o seu infortunio, o seu exaspero cruciante, a sua desvalia, o seu aniquillamento iníquo, exteriorizados, golpeantemente, e propalados por um estranho e mudo pregociro...

Em baixo, adrede construída, desde a vespera, vê-se uma jangada de quatro paus boiantes, rijamente travejados. Aguarda o viajante macabro. Conduz-o, prestes, para lá, arrastando-o em decida, pelo vize dos barrancos avergonçados de enxurros.

A brevo trecho a figura demoníaca apruma-se, especuada, á popa da embarcação ligeira.

Fuz-lhe os ultimos reparos: arranja-lhe ainda uma vez as vestes; arruma-lhe ás costas um sacco cheio de ciscalhos e pedras; meto-lhe á cintura alguma inutil pistola enferrujada, sem fechos, ou um caxenranguenguo gasto; e fazendo-lhe curiosas recomendações, ou dando-lhe os mais singulares conselhos, impete, ao cabo, a jangada fantastica para o fio da corrente."

Que inspiração para um artista de genio, pintor ou escultor.

Outro, menos dramatico, mais grave, mais solene, de certo mais religioso:

"O primitivo explorador vai, afinal, ajustando-se ao solo, sobre o qual pizou durante tanto tempo indifferente. As suas barracas desasfogam-se nas derrubadas; e já nas praias, que as vazantes desvendam, já nos "firmos", a cavalcuro das cheias, se delinham as primeiras áreas de cultura. Os tristonhos burracões cobertos de folhas de ubussú, transformam-se em vivendas regulares, ou amplos sobrados de pedra

o cal. Sebastopol, Cunacory, S. Luiz de Cassianã, Itatuba, Realiza, e dezenas de outros sítios do baixo Purús, Liberdade e Concordia, nos mais longínquos trechos, com as suas fazendas numerosas, que se arruam ás vezes ao lado de pequenas egrejas, ampliam-se em verdadeiras vilas. São a imagem material do domínio e da posse definitiva.

A evolução é, deste modo, tanjível.

Delatam-n'a até os nomes originaes, extravagantes alguns, mas eloquentes todos, das primitivas e das recentes fundações. Na terra sem historia os primeiros fatos escrevem-se, esparsos e desunidos, nas denominações dos sítios. De um lado está a fase inicial e tormentosa da adaptação, evocando tristezas, martírios, até gritos de desalento ou de socorro; e o viajante lê nas grandes taboetas suspensas ás paredes das fazendas, de chapa para o rio: *Valha-nos Deus, Saudado, S. João da miséria, Escudido, Inferno...* De outro um forte renascimento de esperanças e a jovialidade desbordante das gentes redimidas: *Bom principio, Novo cuncto, Triunfo, Quero ver, Liberdade, Concordia, Paraizo...*

A' medida que se sóbe o rio a renascença se acentua. Passada a confluencia do Acre vai-se, em varios trechos, entre as estancias que se defrontam ou se ligam ás margens, como se se percorresse cultissima parajem ha muito descoberta. Nada mais do tosco e do brutesco dos primitivos abarracamentos.

Em Gaticana; em Macapá, como nas demais a montante, até á ultima, Sobral, com a minuscule plantação de cafeeiros que lhe bastam ao consumo, nota-se em tudo, da pequena cultura que se generaliza, aos pomares bem cuidados, o esforço carinhoso do povoador que aformoseia a terra para não mais a abandonar.

E os homens são admiraveis."

E outro:

“Pouco acima do Shymboyaco, uma, sobre-todas, nos impressionou, quando decciamos.

Fôra um posto de primeira ordem. Saltamos para o examinar; e vingando a custo a barranca mal gradada, descobrindo em cima o velho caminho invadido de vassouras bravas, chegámos ao terreiro onde o matagal inextricavel ia peneirando e cobrindo os acruvos de vazilhas velhas, ferragens repugnantes, restos de ferramentas, e cisalhos em montes deixados pelos profugos habitantes. A cuza principal, defronte, meio estruída, tetos abatidos, paredes encumbentes e a tombarem despegando-se dos esteios desaprimados, figurava-se sustida apenas pelas lianas que lhe irrompiam de todos os pontos, furando-lhe a cobertura, enleando-se-lhe nas vigas vacilantes, amarrando-lh'as, o estirando-se á feição de cabos até ás arvores mais proximas, onde se enlaçavam impedindo-lhe o desabamento completo; e as vivendas menores, anexas, cobertas de trepadeiras exuberando floração ridente, apagavam-se, desaparecendo a pouco e pouco na constrição irresistivel da mata que reconquistava o seu terreno primitivo.

Mal atentámos, porém, no magnifico lance rejuvenecedor, da flora, juncando de corolas e festões garridos aquella ruina deploravel. Não estava inteiramente deshabitada a tapera.

Num dos cazebres mais conservados aguardava-nos o ultimo habitante. Piro, amahuaca ou campa, não se lhe distinguia a orijem. Os proprios traços da especie humana, transmudava-lh'os a apurencia repulsiva: um tronco desconfome, inchado pelo impaludismo, tomando-lhe a figura toda, em pleno contraste com os braços finos e as pernas esmirradas e tolhiças como as de um feto monstruozo.

Acocorado a um canto, contemplava-nos impassível. Tinha a um lado todos os seus haveres: um cacho de bananas verdes.

Esta couza indefinível que por analogia eruel sugerida pelas circunstancias se nos figurou menos um homem que uma bola de caucho ali jogada a esmo, esquecida pelos extractores — respondeu-nos ás perguntas num regongo quasi extinto e numa lingua de todo incompreensível. Por fim, com enorme esforço levantou um braço; estirou-o, lento, para a frente, como a indicar alguma couza que houvesse seguido para muito longe, para além de todos aqueles matos e rios; e balbuciou, deixando-o cair pesadamente, como se tivesse erguido um grande peso:

"Amigos".

Compreendia-se: amigos, companheiros, socios dos dias agitados das safras, que tinham partido para aquellas bandas, abandonando-o ali, na solidão absoluta."

E mais outro:

"De fato, o que sobremaneira o impressionou é o espectáculo da terra profundamente trabalhada pelo indefinido e incômensuravel esforço dos formadores do rio. Chega, depois de trilhar o cano colicante do Pucani, ao sopé das ultimas vertentes; de frente a clivosa escarpa de uma corda insignificante de cerros deprimidos; vinga-lho em tres minutos a altura relativa de sessenta metros escassos — e não acredita que esteja na fronteira hidrografica mais extraordinaria do globo, podendo ir de uma passada unica do vale do Amazonas ao vale do Ucuyali...

A altura em que se vê não lho basta a desaperçar os horizontes, ou a atalhar as distancias. E' inapreciavel. Não ha abrangel-a com a escala mais favoravel dos mapas. E sem duvida jámais comprehenderia tão indecizo divertim aquarum a tão opulentas arterias, se ao buscar aqueles rin-

cões, varando, ao arripio das itaipavus, por dentro das calhas reprofundadas do Cujar, do Cavaljano e do Pucani, o observador se não habituasse a contemplar, longos dias, os mais energicos efeitos da dinamica e poderosa das aguas que transmudaram a parajem outr'ora mais em relevo e dominante. Não lho importa a inopia de conhecimentos paleontologicos ou a carencia de uma sublevação quasi extinta, cujo sinclinal ele pôde reconstruir, prolongando as linhas dos estrados que afloram nos sulcos onde se encaixam aquelles ultimos trilutarios, denunciando todos na tranquillidade relativa, quasi remansados nos intervalos de suas corredeiras (restos de velhissimas catadupas destruidas), a derradeira fazc de uma luta em que o Purús, para alargar a sua seção de estabilidade, teve que derruir montanhas. Pelo menos a atividade eroziva e o volume de materias arrebatados de todos aquelles pendores, foram incalculaveis, para que as linhas de drenajem se abatessem até ao substractum rochozo e declinassent, como vimos, nos graus appropriados aos cursos navegaveis."

E esta pagina da bandeira:

"E como a aumenta-la, notei, dali mesmo, voltando-me para a direita, que os peruanos se aprestavam á partida.

Desarmavam-se as barracas; reconduziam-se para as ubás ligeiras os fardos retirados na vespera. Em pouco, os remos e as tanganas compridas alteados pelos remeiros, fispavam vivamente os arcs...

E atravessando pelos grupos agitados, um sargento — passo grave e solene, como se estivesse em uma praça publica á frente de uma formatura — cortou perpendicularmente a praia, em ruão á canoa do chefe, tendo ao braço direito, perfilada, a bandeira peruana, que deveria izar-se á popa da embarcação.

Do fato, em chegando, hasteou-a. Passava um sudocete rijo. O belo pavilhão vermelho e branco descurvou-se logo, todo estirado, ruflando...

E acudio-me a idéa de apontar aquelo contraste aos companheiros abatidos. Mas ao voltar-me, não os reconheci. Todos de pé. A simples imagem do estandarte estrangeiro, erguido triunfal, como a desafia-los, galvanisara-os. Num lance, sem uma ordem, precipitaram-se os aprestos da partida. Em segundos, a nessa bandeira, que jazia, enrolada, em terra, apurou-se por seu turno em uma das canoas, palteando-nos aos olhos

As promessas divinas da esperança!

E partimos, retravando, desesperadamente, o duelo formidavel com o deserto..."

E seriam sem conta os pequenos e grandes painéis e figuras, que se revelam por toda a obra de Euclýdes da Cuha.

Entretanto nada, até agora, saiu desse tesouro de inspiração e de beleza para as artes plasticas.

• • •

Em poesia ha que destacar o soneto de Luiz Carlos: "Por de sol!" e os versos de Menotti del Picchia — "Euclýdes", os da Senhora Salomé Maria de Souza Medeiros, digna filha de Bernardino de Souza, illustre euclýdeano, e os de Francisco Mangabeira, o grande poeta baiano.

POR DE SOL

*Morrer! Nada mais útil do que a morte:
O tumulo é um crisol; funde-a a materia
E, eliminando a parte deletéria,
Transforma o ser que é fraco em ser que é forte.*

*Dado, porém, que a decisão funerea,
Perda de fertil existencia importe
Torna-se um crime contra a vida, fere-a
Por um desvairo ironico da sorte.*

*Dest'arte, a morte, heroe, te embarga o passo,
Pois deixas, após ti, fulgor tão vasto
Nas tuas obras, príncipe, que, ao lê-las*

*Antes presumo ver tombar no Espaço
O Sol, que morre, mas deixando um rasto
De turbilhões e turbilhões de estrelas..."*

Do mesmo poeta, generoso e bom, Luiz Carlos, este soneto evocativo:

SERTÃO

*A cunicula escalda... Espadanando adusto
No Espaço os raios crús, relumbra a pino o fausto
Do Sol. A terra esturva... O vegetal, exhausto,
Se extorce, sepcando a ramaria a custo!*

*Alastra o amplo deserto a estagnação de um susto.
Algares e alveos nús soltam, na ansia de um hausto,
O baso bochornal, que exsicca o solo infausto.
Tudo estarreca no sol, num soffrimento augusto!*

*Um boi galgaz estrinca, ao longe, a agra caatinga,
 Numa hercica illusão, vingando todo o estorvo,
 Em busca do um marnel, onde agua, omfimi, distinga.*

*E por sobre a amplidão do panorama torvo,
 Num sarcasmo feral, porque o Sol já se extinga,
 Surge a noite á feição de um formidavel côrvo!*

"EUCLYDES

*Herdeiro de Tavares Bastos
 E do grande Alberto Torres,
 Recordando a fisionomia cabocla
 Do Brasil aspero nas suas verdades raciais
 No relevo heroico dos teus quadros feitos a lico de pena,
 Nos violentos sertões
 Teus pés pisaram a terra maternal
 Viva, fisica, tangivel,
 Eriçada tal qual um imenso porco-espinho
 De cerdas de maxâacarús e unhas de caraguatús.*

*Com sua fama de muscu
 E sua flora de prodigio...
 Ten estilo topografico
 Traçou o mapa continental
 Onde o grande drama da civilização brasileira
 Deflagrou seus conflitos brutais
 Entre Calibans da terra morena
 E liricos Aricis do litoral
 Guerra de caudilhos fanaticos
 E ideologos retardatarios
 Bebedouros de cultura occidental.*

*Amaste a patricia de Moema
 Bela e tragica, hostil o maternal,*

*Rica e pobre, sadia e doentia
Magro celta caboclo
Tu amaste tal qual ela é.*

*Tu foste procurar sua virgindade nas grotas dos sertões
Para possuí-la melhor
Tua máscara angulosa e de bronze
Furavam-na dois olhos febris
Abrangendo na mesma paixão
O jayunço semi-tupnio
Agarrado ao seu mosquete e seu ideal
E o rebojo de um rio colossal
Carregando, de noite, em sua torrente, para o mar
Todas estrelas do equador!*

*Teu livro nasceu num rancho como o Brasil
Porque Deus Nostro Senhor
Que havia de dizer a verdade à humanidade
Também nasceu entre as paredes de um curral
Tu foste o Batista anunciador
Dos que vão descobrindo um novo Brasil
Perdido na nevoa da ideologia
Soterrado na palha da retórica nacional*

*Tu foste o precursor
E nós — os que havíamos de vir!*

MENOTTI DEL PICCHIA.

LUZ QUE CEGA

*Sosinho na soleira
Da chorpana calada e hospitaleira
Contempla o resurgir da lua cheia
O horizonte que ao longe se incendia
Em clarões, refulgindo ethereamente*

*Em quanto a luz albento
 Entre nuvens despontu e de mansinho,
 Subindo, a clara curva do caminho...
 Olha, chorando sem saber porque...
 Contempla e nada vê,*

*Assim que ao fim do dia
 A tarde se desbotu na sombria
 Descida para a noite que já vem,
 Assim que morre o sol, nelle tambem
 Bruzoleia o clarão de uma esperança.
 E enquanto a tarde avança
 Nos olhos, donde a luz desaparece,
 Mais rapido unoitece...*

*Mas, quando surge a aurora
 E o sol desceira as teias da neblina,
 E as sombras vão-se embora,
 E as flores beija a aragem matutina,
 Volta-se a vista aos olhos, como em sonho,
 Elle vem contemplar, mudo tristonho,
 Os céus que a luz solar do azul pinocla
 Nas galas da manhã pomposa e bella;
 A natureza morta e, além, no prado,
 Todo o plantio esteril devastado;
 A terra que o sol cresta,*

*Campinas ressequidas pela secca...
 E não lhe falta a luz... (como o quizera)
 Para ter a illusão da primavera,
 Do passado de gozo, de fartura
 Que a miséria não deixa voltar mais...
 Que o dia se transmude em noite escura
 E elle não veja os grandes mattagãos,*

*Esqueletos batidos pelo vento
 Que lhe pareceu nivar, também sedento...
 Não veja o sol que a vida lhe devasta...
 — Esta terra que outr'ora não lhe fora
 Opulenta, fecunda, promissôra,
 Hoje, esteril, revela-se madраста...*

*E a noite no seu rancho de vaqueiro,
 Cansado de lutar o dia inteiro,
 Quando contempla os raios moribundos
 Do sol que desce em busca de outros mundos,
 Sentir não pode o ullivio que o conforta...
 — Ver as noites de lua
 Que amortalham de branco a terra nua
 Vestem de luz a natureza morta...*

*Seu olhar apagou-se ao pôr do sol
 E agora ha de esperar pelo arrebol
 Ha de esperar que a noite langorosa
 Nas roupagens da luz despontada,
 Se envolva como languida amorosa
 Para o banho de luz da madrugada.*

*Nunca mais, pelas horas da tardinha
 Quando a rola nas arvores se uninha
 E o correjo murmura o seu gemido,
 Vcrá no azul do céu descolorido
 As nuvens escondidas pelo monto
 — Nodosa do sangue ao longo do horizonte.
 Não mais noites de luz — doce encanto,
 Extase eterno d'alma sertaneja
 Em que se faz chorar o pinho, enquanto
 A luz do dia, tremula, vasqueja...*

*Não mais Ave-Marias... Canta um sino
 De igreja e amedrontado para luta,
 Desanimado, fraco, pequenino
 Ante essa força poderosa e bruta
 Que lho enrijara outr'ora o peito forte
 E agora e vai gastando para a morte
 — Olhar, sem luz, sem brilho, posto em cima,
 Recorre a Deus e enfim... se desanima...*

*Que saudade profunda agora o invade
 Das horas confortantes da saudade...
 O pinho vive a um canto solitário
 E abandonado... e nunca mais a viola
 Chorou-lhe as maguas — triste relicário
 De todo o sofrimento que o desola...*

*E agora reclinando-a no seu peito,
 Sentindo-a como sempre, terna e amiga
 Indeciso tateia... e insatisfeito
 Preludia os harpejos da cantiga.
 E esquecendo a cegueira, a própria fome,
 Que a pouco e pouco a vida lhe consome,
 Desperta a solidão dos ermos quedos...*

*Rompe a cantar, enquanto os magros dedos
 Fazem vibrar num choro de crystal
 Est'alma que é também sentimental...*

*E enquanto vai a dor extravasando
 Na viola que interpreta a grande magua,
 Que vibra num sussurro doce e branco
 Dos olhos, entrevados, cheios d'agua,
 O pranto vem caindo devagar
 Nas cordas já cansadas de chorar.*

*A dor se lhe atenua quando canta
Quando lhe vem soluços á garganta
Parece que nas gotas que prantcia
Extravasa-se a angustia d'alma cheia...*

*E quizera chorar naquelle instante
A dor maior que um peito humano encerra
Se a lagrima da dor fôra bastante
Para regar-lhe a immensidão da terra!...*

*A voz das cordas tristes o conforta...
Se o pranto lhe não roga a terra morta,
Rega-lhe a dor immensa, indefinida,
Fecundando a aridez de sua vida...*

De Francisco Mangabeira:

*"Reunidos os fanaticos", um dia,
O chefe exclama: — "O fogo pavoroso
Da rouca artilharia
E' o que nos faz desanimar por ora,
Urge um assalto energico e raivoso
Aos canhões... para vêr se isto melhora"
— E logo foi deliberado o assalto.*

.....

*No chão do acampamento estão deitados
Junto aos canhões, em morbida apatia
Os heroicos soldados,
Que, sem nenhuma sombra de desgostos,
Descansam, ao calor de meio dia,
Cobrindo os rudes e tostados rostos
Com os bonets e chapéus de abas caídas.*

.....

*Vendo que estão vencidos, da montanha
Atiram-se, raivosos e bravios,
 Numa tortura estranha...
Seus braços arrebatam-se, seus cranios
De encontro ás pedras racham-se, nuns fios
Do sangue... E cufim morrem sem dar um grito,
Como atletas gloriosos e titanos
 Caidos do infinito!"*

Mas o que não surgiu para as artes plasticas pôde motivar inspirações para a musica e, o que é singular, em um estrangeiro, aqui aclimatado tanto pelo sentimento como pelas condições fisicas da terra brasileira.

Trata-se do maestro Fernand Jouteux, um dos queridos discipulos de Massenet. A terra brasileira tem aquele segredo das Uiáras, a que se refere Roquette-Pinto.

Não é singular que um artista, glorificado na sua Patria artistica, discipulo de um grande mestre, tenha vindo viver em nossa terra e nela componha a sua obra?

Jouteux nasceu na cidade historica de Chinon, cidade de Rabelais, onde Joana d'Are pediu ao rei Carlos 7.º a esquadra com que livrou Orleans dos ingleses. Tambem aí nasceu Charles Dévaux, amigo de Juniparan, chefe dos Tupinambás, que fundou

na aldeia de Tupaon-assú, S. Luiz do Maranhão, capital da França Equinocial.

Após os estudos no ginásio de Pont-Levoy fez o curso de musica no Conservatorio de Paris, com Massenet, que o considerou um dos seus discipulos diletos.

Alma de sonhador, acompanhado de esperanças e da dedicação de sua dignissima esposa, rumou ao Brasil, como seus remotos compatriotas no seculo XVII.

Percorreu o Amazonas e o Pará, depois Pernambuco, onde na Fazenda da Bela-Alliança, lavrou com os seus braços a gleba brasileira. Aí compôs os seus "Cantos brasileiros", sua "Sinfonia Brasileira" e finalmente a sua grande opera — "O Sertão", inspirado na grande obra prima de pensamento do Brasil.

O entrecho do libreto romantiza um pouco o episodio sentimental da vida de Antonio Conscelhoiro.

Celia, esposa de Antonio (O Conscelhoiro) despede-se dos encantos de sua residencia em Quixeramobim para fugir às perseguições de sua sogra D. Chiquinha, que a odeia por inveja e vai procurar seu marido, em uma fazenda distante, onde ele está.

D. Chiquinha, tendo o irmão de Antonio, Patriocio, beijado a mão de Celia, que lhe pedia para

acompanha-la, escreve ao filho para denunciar Celia como infiel e regozija-se de poder vingar-se.

Chegando Antonio, D. Chiquinha continua a serie de intrigas, deante das quais o marido atordado se desespera e procura surpreender os amantes em flagrante. Vê-os fugirem a cavalo e, sopitando o ciume e a sêde de vingança (pois jurara á mãe não derramar sangue) fica abalado e começa a ouvir muito longe o clamor do povo sertanejo, que implora protecção ao seu sofrimento.

Parte Antonio e depois de longa peregrinação funda na Baía — Canudos, sua Jerusa'em, de onde irradia pelo Brasil a noticia dos seus milagres.

Cansada de sofrer, Celia procura a palavra do Profeta em que não pode reconhecer o marido, mudado até na voz. Ele entretanto a reconhece e acolhe bem, nada acreditando da sua innocencia.

Antonio é prevenido da reacção do governo, que mandou contra ele a expedição Moreira Cesar. Os fanaticos, sob impulsos freneticos, se preparam para defender a Terra Prometida e o Profeta. Fracassada a expedição, os jagunços festejam a vitória.

Rezas e bailado, ao fim do qual aparece Frei João, mandado pelo Arcebispo da Baía, para apaziguar os fanaticos que recusam dispersar-se. Frei João retira-se, profetizando a queda de Canudos.

Nova investida das tropas federais que tem como epilogo o arrazamento da Cathedral dos rebel-

des, em cujas ruínas Celia procura ansiosa o seu santo.

O Chefe Vila Nova (que antes pedira ao Conselheiro consentimento para desposar Celia, em recompensa pela sua vitória sobre Moreira Cesar, o que lhe foi recusado), apaixonado persegue a penitente até no meio dos mortos. Quando investe contra ela, Antonio Conselheiro surge das ruínas da Catedral, gritando: "Para! é minha mulher". Reconciliam-se os esposos, deante da innocencia de Celia e da culpabilidade de D. Chiquinha. Aí, Antonio ferido mortalmente morre nos braços de Celia, que, jagunça indomavel, para não ser prisioneira, suicida-se.

Este entrecho serviu á opera que o Maestro Jouteux compôs, no Brasil e cujo libreto, em francês e português, acaba de terminar. Suas musicas tem sido tocadas em Paris, com aplausos sem restrições.

Alguns trechos da opera — "O Sertão" — já foram ouvidos nas salas severas da Sorbonne, tambem com vivos aplausos. O maestro Vila-Lobos, o grande renovador da musica e o genial criador da educação musical no Brasil, com o seu aplauso e a sua generosa acolhida, deu ao nosso compatriota francês sua afetuosa solidariedade.

Inspirando-se no maior dos nossos escritores, e na obra prima do pensamento brasileiro, o maestro Fernand Jouteux contribue, de modo prestimoso, para a gloria euclidea, podendo levá-la pela harmonia de seus sons a outras terras e a outras gentes.

REPERCUSSÃO INTERNACIONAL

Todas as opiniões de estrangeiros que estudaram as nossas coisas, o nosso pensamento, a nossa literatura foram unânimes em apontar em Euclides da Cunha o sentido principal de sua posição de representante do espírito brasileiro, síntese da civilização original que se processa neste território pelo povo que o habita.

Será ele, quando de futuro se der o balanço exato dos nossos valores, como um Ibsen para as terras brumosas escandinavas, um Tagore para o misticismo poético da Índia.

Vejamos estas opiniões.

A primeira, em data, foi a de Branner. John Casper Branner, como se sabe, era professor de professor de Geologia da Universidade de Stanford na California e veio ao Brasil pela primeira vez na expedição Hartt e de tal modo se apaixonou pela nossa Terra que consagrou sua vida científica ao estudo dela, escrevendo um compendio de geologia, em português, para estudantes brasileiros e gramaticas portuguesas, em inglês, para estudantes ame-

ricanos, reunindo ainda uma biblioteca opulenta, de mais de 40 mil volumes de assuntos do Brasil.

Em carta a Orville Derby, agradecendo livros que lhe enviara Euclides, escreveu: "Diga ao Dr. Euclides que *"o poeta, que o sonhador em geral, quem quer que tenha da vida um conceito meramente dedutivo, é soberano no pequeno reino em que o entroniza a sua fantasia"*.

Trecho do discurso de posse de Euclides na Academia Brasileira, definiu-o Afranio Peixoto, quando o sucedeu, como maior elogio, achando-o enigmático e profundo.

De qualquer sorte dizia o apreço do grande amigo do Brasil pelo maior escritor brasileiro.

Publicado o "Perú - versus - Bolivia", ficou Euclides, para logo, consagrado nos meios diplomáticos.

Tratando do litígio, entre os dois países do continente, submetido a arbitragem da Republica Argentina, Eliodoro Villazon, representante da Bolívia, fez verter para o castelhano a obra, escrevendo-lhe esta carta:

... "Buenos Aires, 1 de Mayo de — 1908 Señor Ingeniero D. Euclides da Cunha — Rio de Janeiro.

Distinguido Señor: — Com particular satisfacción he leido su folleto en defensa de Bolivia, en el arbitraje argentino de límites con el Perú. He comprendido que su conducta obedece principalmente á sentimientos de noble patriotismo, porque habiendo cedido Bolivia parte de los ter-

itorios en cuestión al Brasil, por tratados sucesivos, la causa ha llegado ser común por abarcar la defensa idénticos derechos y fundados en títulos comunes.

Esta circunstancia nos ha en el mismo camino; y enpeñados como estamos en la misma controversia y con iguales anhelos sin pensarlo, somos aliados. No le parecerá, por tanto, extraño que yo le manifieste que su trabajo lo he encontrado admirable, brillante en la forma, y de argumentación vigorosa en el fondo. Con este valioso contingente mis esperanzas han aumentado considerablemente y el éxito lo creo asegurado.

El hecho, muy remarcable para mí, ha sido que sin haber cambiado ideas y que antes habiésemos mantenido ninguna relación, hemos tomado la cuestión dentro del mismo concepto, llegando a iguales conclusiones. Debo hacer constar, sin embargo, que la argumentación de U. ha sido más elegante y de gusto moderno, lo que ha dado á la cuestión mayor interés y realce. De todos modos en una y otra forma, la verdad se ha destacado idéntica lo que me ha convencido que defendemos la justicia y debemos esperar que su imperio prevalezca en el laudo arbitral.

Con estos antecedentes, permítame felicitarle con entusiasmo y expresar le mi profundo reconocimiento por su participación en el debate, con éxito tan halagüeño como decisivo.

Me es grato expresarle que apenas leí su folleto, concebí la idea de hacerle traducir y reproducir la edición en castellano. Fué hecha la traducción pero no me satisfizo, porque no reproducía el original, como he entendido. Actualmente hago revistar la traducción, y si el resultado fuere feliz, se publicará aquel hermoso trabajo en idioma español, para que sea leído en todas las repúblicas hispanoamericanas. Los traductores, para excusarse, me han dicho que el estilo de U. es original, nuevo, de giros propios de su autor, siendo por esta razón difícil una versión correcta.

Sea como fueré, lo evidente es que, al publicar esta edición, pienso agregar los informes y documentos nuevos que han llegado á mi poder y que contribuyen á ilustrar la cuestión.

Aprovecho de esta oportunidad para ofrecerle mis más distinguidas consideraciones y simpatias y para subscribirme obsecuente — S. S. — ELIODORO VILLAZON.

Poucos dias após o seu desaparecimento o Ministro uruguaio Manuel Bernardes escrevia pelo Paiz: "Alguns escritores platinos a quem levei "Os Serções" diziam-me com estupefação, depois de lê-lo: mas é possível que semelhante livro possa aparecer em alguma parte do mundo sem converter-se immediatamente num successo notorio para todo homem culto?"

E, concluia: "...cuja morte produziu um doloroso eclipse intellectual visivel em todas as zonas do pensamento sul-americano".

Relembrando mais tarde, pela Revista Americana, a colaboração de Euclýdes na obra de Rio Branco, especialmente na questão do condomínio da Lagoa Mirim, escreve:

"Era el gran escritor filósofo Euclýdes da Cunha, quizá el más fuerte cerebro de pensador y el mais rutilante y terso estilo de publicista que hoy escribe la lengua lusitana".

Jean Juarès, o grande "normalien" francês, espirito arguto e sagaz, quando por aqui passou, em 1912, na visão rapida mas precisa das nossas letras,

pôde vislumbrar o que nela representava Euclydes da Cunha e o afirmou numa de suas conferências pronunciadas no Rio e em S. Paulo, que o jornal "O Estado" resumiu assim:

"Depois de um largo trecho, dedicado à joven Republica, que tanto afeto lhe merece, entrou a falar de Euclydes da Cunha — com um desembaraço, uma familiaridade, uma segurança deveras surpreendente, revelando acerca da obra do saudoso escritor, um conhecimento que bem poucos dos nossos compatriotas poderão gabar-se de possuir.

No seu entender Euclydes é o mais nacional dos nossos escritores, o mais caracteristicamente, o mais profundamente brasileiro, aquele que melhor se constituia num tipo representativo da nossa nacionalidade, das feições e tendências de nosso espirito e das próprias aspirações inconscientes que se descobrem nas linhas da nossa evolução histórica. Vários escritores e poetas brasileiros têm lido, nas suas rápidas excursões peios domínios da nossa literatura. Mas, nos mais interessantes, nos mais inteligentes, nos mais cultos destes autores, encontrou sempre, coincidindo com o seu feitio nativo, qualquer coisa de estrangeiro, qualquer coisa de contrafeito, traíndo a influência exagerada dos modelos alheios. Em Euclydes da Cunha não.

O sentir, o pensamento, a alma de Euclydes é bem brasileira.

Entretanto, Euclýdes está longe de ser um desses homens excessivamente imbuidos de preconceitos patrióticos que voluntariamente restringem o horizonte de sua atividade mental.

Euclýdes, ao contrario, é justamente notavel pela universalidade de suas preocupações teóricas, pela liberdade ampla de seu pensamento, pela intensa e irradiante curiosidade intelectual que o faz interessar-se pela vida e pelos destinos da humanidade, pelo movimento geral da ciência, pelos aspectos convidativos da luta das idéias e das lutas sociais no seio de qualquer povo.

Bem brasileiro, profunda e visceralmente brasileiro, contudo. Ninguém como ele soube descrever as grandes forças e formidaveis aspectos da nossa natureza, as grandes linhas da nossa evolução, e devassar as perspectivas do nosso futuro.

Ninguém como ele soube sentir e compreender a finalidade da nossa conformação geográfica, da nossa composição étnica, da nossa situação no quadro geral da civilização contemporanea”.

Outro espirito francês, nosso amigo paternal, que ha 30 anos nos acompanha e ajuda, preocupado desinteressadamente da nossa cultura, Georges Dumas, em 1908, visitou Euclýdes, que traduziu’ assim sua impressão, em carta a Alberto Rangel de 24 de outubro de 1908.

“Apareceu-me em casa um quarentão de rosto pensativo e olhos profundos. Era o professor Geor-

ges Dumas. Não calculas em que torturas andou o meu francês barbarizado. Passei com o grande sabio a hora mais illustre de minha vida, com o expressivo incidente de ter o artigo dêle, sobre Joana D'Arc, na "Révue du Mois" corrigido pelo seu proprio punho". Solicitado a dar impressões sobre ele, Dumas assim escrevia, em 1918:

L'heure que j'ai passée, en octobre 1908, dans l'intimité intellectuel de Euclides da Cunha compte parmi les meilleurs dans mes souvenirs. Je ne connais encore l'intérieur de votre pays que par son livre, mais ce livre est si vivant, l'auteur s'y montre si grand écrivain et penseur si profond, que ma connaissance des Sertões brésiliens, tout incomplète qu'elle soit est certainement exacte et précise.

Bien amicalement à vous

G. DUMAS

14. Aout. 1917.

Lina Hirsh, nacionalizada brasileira pela estima que nos tem e pelo bem que nos quer, antes de o ter sido pela lei, com a alta cultura com que estudou sempre as nossas coisas, escreveu por mais de uma vez sobre a nossa literatura e sempre consagrou a Euclides o papel de relevo que lhe é devido.

Na revista "Literaturblatt der Frankfurter Zeitung" de 3 de novembro de 1929 disse:

"Só um entre os mentores intelectuais adquiriu influencia mais decisiva sobre forma e fundo da atual literatura do Brasil: Euclides da Cunha, o

creador de um estilo genuinamente brasileiro. Cunha destroi a forma tradicional de frases torneadas sob orientação classica; elimina tudo quanto é "imposto", que representa, para o americano do Sul, apenas uma bela apparencia, mas que não exprime a sua propria essencia. Sem cair no erro de querer crear uma nova altura do nada, consegue esboçar os fundamentos do caracter nacional e as condições naturais de vida como pontos de partida para o desenvolvimento cultural. O essencial de uma cultura nacional não consiste no odio contra o "diferente", e sim no conhecimento, na critica e no desenvolvimento máximo do próprio. Não queremos uma cópia fóra de propósito de cultura europeia, diz Euclýdes na sua obra principal "Os Ser-tões", mas temos que progredir culturalmente, para não pérecer como inferiores; condenaram-nos à civilização. A opposição de E. da Cunha contra a aceitação indistinta de formas europeias difere do americanismo comum pelo conhecimento e exame dos valores europeus e das perturbações de cultura.

Em seus estudos sobre a Alemanha e sobre o imperador Guilherme II por exemplo, previa alguns anos antes da guerra quais as consequencias da attitude de então; sua apreciação dos serviços prestados pela Alemanha à civilização não sofre entretanto com isso.

Desde a campanha de Euclýdes contra a egolatria e imitação tornou-se fim principal da ativi-

dade literária a crítica e a autocrítica. Na forma de expressão se rejeita tudo o que fôr artificial; toda palavra, toda frase que não corresponder ao estilo natural da conversa é proscrita. O escritor tem que ser antes de tudo crítico, psicólogo, político, arquiteto na construção interna da nação; a finalidade da obra sob esse ponto de vista coloca em segundo plano quaisquer considerações de forma com o fito de agradar."

Isaac Goldberg, crítico de coisas sul-americanas, em 1922 escreveu um excelente volume sobre Literatura Brasileira baseado nas fontes mais autorizadas.

Depois de cuidar da vista de conjunto, escolheu 10 autores e sobre eles escreveu, embora resumidamente, magnífico estudo.

Foram: Castro Alves, Machado de Assis, José Verissimo, Olavo Bilac, Euclides da Cunha, Oliveira Lima, Graça Aranha, Coelho Netto, Francisca Julia e Monteiro Lobato.

Os dados bastante exatos, quer no que se refere à biografia, quer às obras, são muito bem apresentados. No trabalho sobre Euclides, no qual acentua a divulgação que se fez, nos países de lingua inglesa pelo "A Brazilian Mystic" de Cunningham Graham, todo baseado n' "Os Sertões", conclue textualmente: "The Scotsman's book is the best possible revelation in English of the remarkable work by Euclides da Cunha."

E resume a sua opinião assim: "*Os Sertões stands alone in the nation's literature; we, in ours have no book so parallel in spirit, purpose and accomplishment*".

A tradução argentina d'"O Sertões" feita por Benjamin Garay, por iniciativa do Ministerio da Justiça e Instrução Publica veio trazer à gloria de Euclýdes da Cunha uma contribuição de alta valia, não só porque representa um reconhecimento valioso de sua importancia, como permite levar a outras culturas a obra maior do pensamento brasileiro.

O prefacio da tradução é da autoria de Agustin de Vedia, filho de Mariano de Vedia, autor do ensaio "Martín Garcia", sobre o qual Euclýdes escreveu um artigo, que se acha em "À Margem da Historia" e foi vertido para o castelhano.

Este prefacio, alem de revelar cartas e impressões inéditas, colhidas nas relações entre Euclýdes e Mariano, contem conceitos da maior valia.

Mas o comentario mais alto, revelado por um artigo recente de Edgard Craveiro, é a opinião do prof. J. C. Nelson, Reitor da Universidade de Obregon e professor de Literatura Hispano-Americana, quando afirma considerar: "Os Sertões" o maior livro escrito na hemisferio occidental".

"Los Sertones" despertou excepcional interesse em toda a America.

Na propria Argentina, Raul de Navarro, redactor de asuntos luso-brasileiros de La Prensa, fez um longo e formoso estudo de Euclýdes, em face da evolução literaria do Brasil, concluindo assim:

“Dentro de toda la literatura brasileña Euclýdes da Cunha es un talento de milagro. La reunión armoniosa de facultades para esa revelación del Brasil que es “Los Sertones”: color, ritmo, atuendo, alma: paisaje, hombre. El descubrimiento de un pueblo en la sorpresiva capacidad de un libro. Fijó su imprecisión; venció su esquivéz. Comprender lo nativo es sentirlo: goce y dolor del drama cósmico. Euclýdes da Cunha pudo escribir “Los Sertones” porque su sensibilidad penetró los motivos elementales de la creación ecuménica. Fué más que literato, periodista: observa y descubre. No premeditó hacer arte, sino un reportaje al alma brasileña. Directo, escueto. Donde la imaginación y el arte hubieran sido impotentes, triunfaron su genialidad interpretativa y su intuición maravillosa. Euclýdes da Cunha es un escritor sin voluntad imaginativa, cuyo genio valió por el encuentro del tema enorme.

El “sertón”, concentrado en si mismo, se extiende en la inmensidad interior del Brasil. Es una entidad viva, germinante raiz de su nacionalidad. Lo que puede explicar talvez la inexplicable razón de la perseverante unidad de la América lusitana frente al desmembramiento de la América

española. El "sertón" contiene la historia esencial del Brasil, extraña, voluntariosa, singular en América. Que ha recreado una nueva espiritualidad, genuina. Libremente a sua realidad. Un verdadero proceso de evolución y fijación racial y social: explosiones de fanatismo, luchas feudales, choques de razas y de clases; aparición de individualidades ejecutoras del momento, encauzadoras de pasiones colectivas; problemas dimanados de una primaria actividad de gestación. De proporciones y resultados que hace aventurar un simil reducido con la Edad Media: confuso entrechocar de fuerzas antagónicas que se unem; dramática acomodación de elementos dispares que preparan una nueva raza. Ese "sertón", con ese complejo social, con esa vitalidad plural, con ese sensacional contenido, alcanza su compendio en "Los Sertones".

Euclides da Cunha fué más el hombre de una revelación genial que escritor de genio. A continuación, "Contrastes e confrontos", "À margem da historia", no alcanzan talla definitiva. En Euclides da Cunha hay una inclinación inestable: militar, ingeniero, periodista. Regida por una aguzada sensibilidad de tímido, por un complejo torturante de inadaptado. Un episodio guerrero entre el Gobierno y un grupo de fanáticos, llamado la Campaña de Canudos, es el despertar de su momento genial. Las crónicas que escribiera como enviado especial de un diario paulista al teatro de los acon-

tecimientos — secundarios en su significado — favorecen el desarrollo de la concepción grandiosa de la obra. En etapas de revelación que se presienten vertebrada la estupenda síntesis del Brasil.

En "Los Sertones" está la intimidad de su vida dolorosa, errabunda, solitaria. Hay en potencia una rebeldía tremenda; un grito que descarga su conciencia. Enseña y acusa. Lo científico se hace perdurable por la contiguidad de lo humano, se hace presente por la pasión emocionada. Euclýdes da Cunha premeditó científicamente, su ánimo sensible desgarró su lirismo. Es que el "sertón", antes que sobre su intelecto actuó sobre su sentimiento nativo. Llegó a lo extraordinario: consiguió descifrar el recóndito lenguaje del "sertón"; articular un estilo del "sertón". Única manera de conseguir la entrega de su grandioso misterio agreste. Estilo inusitado, conciso, rotundo, plástico, realista. A la medida elemental del hombre y la naturaleza."

Na Argentina, Raul de Navarro, redator de assuntos brasileiros de "La Prensa", fez longo e profundo estudo localizando Euclýdes na nossa literatura.

Assim concluía:

"No es posible continuar señalando las bellezas de un libro tan voluminoso como éste cuando ellas brillan en cada página y hasta se diría que

saltan de cada párrafo. De este punto de vista, el trabajo resultaria verdaderamente portentoso si no se tuviera en cuenta que el soplo de una alta inspiración recorre la obra entera y sostiene, sin una sola declinación, la prosa sorprendente de Euclides da Cunha. Este pintor extraordinario, este pensador profundo, habla después como un militar científico, o como los más famosos cronistas de guerra, cuando observa y describe las expediciones sucesivas contra las huestes como invisibles del fanático Conselheiro."

E agora que esta tradução inicia a fase continental da gloria euclydeana, foi divulgado um admiravel artigo publicado na revista "America" de um antigo representante do Mexico no Brasil, um artigo sob o titulo "Uma reação popular absurda no Brasil", sobre Canudos, o Sr. J. M. Puig Causaroux.

Neste estudo diz ele textualmente:

"Achei ali um livro, para mim o mais prodigioso que já se escreveu, sobre geografia física e humana, para explicar a historia.

E' o livro "Os Sertões" ("Los Sertones", "Los Desiertos"), de um genio brasileiro quasi desconhecido no resto da America: Euclides da Cunha.

Mas antes de passar adelante, me quisera convencer de que não falo por alto, nem pretendo cumprir supostos deveres de um passado diplomatico,

por amavel que seja, nem incorro em exagerada cortezia insincera e balôfa quando qualifico de genia! a Euclýdes da Cunha.

Apenas expresso a minha convicção de que o livro "Os Sertões" é um dos documentos intellectuais mais altos da America; que duvido se tenha escrito livros de maior fundo humano e de mais pungente e bela forma litoraria."

Escritor brasileiro, expressão legitima e simbólica de sua Terra e de sua Gente, considerado já como pensador do continente americano, por mais de uma voz autorizada, ha de ser um dia figura universal da humanidade, quando o nosso pensamento tiver fôrça para impor a nossa lingua ou pelo veículo de outra mais feliz.

COMEMORAÇÕES EUCLYDEANAS

“Quizestes acreditar nas forças eternas do Bem, da Razão e da Justiça. Afogados no tranquierno de uma nação espasmada no Vicio, na Mediocridade e no Esquecimento, a vossa juventude e a vossa crença reclamavam um consolo e um punhado de protestos. Na vossa adoração não afianças somente uma supervivencia. Approximastes-vos deste tumulto com a cega piedade de peregrinos de Méca e a sêde ardente de reclamantes por uma reparação necessaria e infallivel. Nem tudo está perdido. Os horizontes não estão vazios. A saudade falla e egoismos ha que se retorcem na indiferença ou no remorso.

Bemditos os passos que destes a este canto do paiz da morte, quando mais facil, mais commodo e mais proveitoso seria a comparencia ao anniversario de um paredro ou uma despedida para a Europa do machucho politico do dia. Junto a este comoro ha um banquete de pavorosa soledade; a terra que pisamos é um cûes de embarque desagradavel e forçado. A vossa dedicação cultual aproxima-se, com resolução e enthusiasmo, de um santo e de

uma victima. Tendes um sonho religioso. Grande foi o que dorme aqui. Tem elle a força de apurar estas saudades, despertando ainda a fé concentrada em tantos corações, atados pela magia de um Estylo, absorvidos de uma Idéia, em tantas paginas de Arte e Pensamento puros.

Euclýdes da Cunha! Nas quatro parêdes em que esperaes a radiação da Luz Eterna, a que ha de resplender para reflectir-se na consciencia vasta de um pobre povo, perdido e soffredor na lucta pelo Pão e pela Verdade, recebe, dôce mestre, alma diamantina e sem jaça, Coração de amor perdido, as homenagens de um pequeno grupo de amigos e admiradores, designados em comissão por mandato do que a humanidade, entre nós, ainda goza de honesto e de devoto, de sensível e de desinteressado, num triste meio de infausto olvido e covardias applaudidas e perdoadas.

Boa noite, Mestre, dorme socegado, Amigo!...
Coração de amor perdido."

I

Esta, a oração inicial da campanha do Gremio Euclýdes da Cunha, disse-a Alberto Rangel, á beira da sepultura 3026, de S. João Baptista, em 15 de agosto de 1913, quatro anos decorridos sobre a morte de Euclýdes da Cunha.

Vinte e cinco anos passaram sobre a sua memoria, não de esquecimento, mas algumas vezes da mais triste lembrança.

Naqueles quatro anos, raro se ouviu uma voz, que bradasse em prôl de um homem que viveu sempre no sacrificio dos sentimentos mais puros, que nobilitam e aformoseiam a vida.

A tentativa para responder de alguma sorte a recordações, tristes e amargas, erguendo-lhe uma lembrança perpétua, teve a presidi-la o Barão Homem de Melo, mas malogrou, sem nada conseguir.

S. Paulo, justamente o eterno bandeirante dos nossos ideais, acompanhou a iniciativa do Rio, proseguindo sob o patrocínio prestigioso d' "O Estado de S. Paulo", tendo mais tarde contribuido para o monumento de S. José do Rio Pardo, o resultado obtido.

O Gremio Euclides da Cunha, foi fundado no Collegio Pedro II, que lhe via os ultimos dias de atividade, logo após a morte do seu Patrono, com a feição costumeira destas associações, sem propósito firmado, senão colher os primeiros ensaios e tentamens, no aconchego das primeiras afeições.

Quando em 1913 recebeu a direção de Alberto Rangel, já tinha entretanto esboços imprecisos da campanha futura, cujas bases se iam então firmando, na compreensão, cada vez maior, da obra e da vida euclideanas. Dea então Alberto Rangel

fôrma cristalina a este desejo vago ainda de glorificar Euclýdes da Cunha.

Mostrou, ante a sua sepultura, o homem moral que ele fôra, maior que o outro, de intelligencia que o Brasil consagra sem restricção, e neste mesmo dia, 15 de agosto de 1913, pronunciou as paginas magicas da sua conferencia "Um pouco do coração e do carater".

A pervicacia do seu culto á memoria do companheiro e amigo dileto, deu formula nitida ao nosso, resumindo-a nas duas palavras sagradas: "por protesto e adoração".

Protesto que se realizou, a toda a hora, seja na defesa incessante da sua memoria, seja neste mesmo endereço, na colheita de dados da sua vida pública e privada, na reunião de seus papeis íntimos, que tudo isto brada bem alto contra as acusações que lhe atiram, anonimas e acobertadas de irresponsabilidade.

Adoração na construção, dia a dia, a pouco e pouco, do seu ante-monumento, que se constitue de larga disseminação da sua glória, realizada pelas conferencias, em que foi solicitado o esclarecimento dos intuitos e valor da sua obra, brasileira e humana, patriótica e social, que lhe daria e dará preeminencia no mundo do pensamento, quando preeminente fôr o Brasil no mundo político. Adoração, publicando-lhe a obra esquecida, reunindo a que

estiver disperso, documentando de todas as maneiras os seus 43 anos de trabalhos, lutas, magoas e padecimento, suportados na dignidade do recato do seu orgulho.

Quando, pois, se erguer na encosta da Babilônia o busto magnífico do Mestre dileto, ter-se-á feito um pedestal maior "por protesto e adoração".

Desta obra impessoal, de um quarto de século, em 1938 disse, com autoridade própria e oficial, de zelador da justiça, Carlos Süssekind de Mendonça:

"Ha vinte e cinco anos, quando se instituiu, neste recanto, o culto euclideano, não ha o minimo exagero em se dizer — e eu não encontraria testemunho melhor para a confirmação dessa verdade do que esse admiravel Nestor da Cunha, que é, hoje, com o seu primo Arnaldo, tudo o que resta de familia a Euclides — ha vinte e cinco anos, quando se instituiu, neste recanto, o culto euclideano, não ha o minimo exagero em se dizer que Euclides da Cunha era, para o Brasil, unicamente, um escritor.

Grande escritor, sem duvida, porque quem escreve "Os Sertões" não necessita, nunca, mesmo no Brasil, de quem o torne grande.

Poucos, porem, fóra dos mais letrados, saberiam que ele tinha outros livros publicados.

E pouquíssimos, já não direi entre esses mais letrados, mas fóra dos seus intimos, ousariam dizer que, tão grande como a obra, fóra, nêle, o homem.

A lama que se misturou ás suas roupas na Estrada Real de Santa Cruz não lhe sujou o corpo só. O fêperjurio, a que

foi inolado, se incumbiria de fazer com que nos proprios tribunais ela se lhe colasse á alma.

E, durante quatro anos, de 1909 a 1913, a não ser pelo protesto de Nestor, não teve Euclides outra voz que se erguesse em desagravo da sua morte e do seu nome.

Esta seria a obra do Gremio que, em vinte e cinco anos de protesto incansavel e adoração constante, não só chamou á arena os amigos de Euclides para exumar o "coração do amor perdido" que a má fé e a perfidia sepultaram com ele, como levou á compreensão e á dignificação das massas a sua obra e o seu exemplo.

Não fôra esse trabalho impessoal e anônimo, que, ha um quarto de século, se empenha em rehabilitar o homem, recompondo, uma a uma, as peças destroçadas de que se formára a sua esplendida afetividade — e ampliando, dia a dia, pela pesquisa proba e desinteressada, o seu legado intelectual deslembrado ou disperso — e, hoje, ainda estaria em curso, ao lado do Euclides intimo desmoralizado, marido sem amor, conjuge complacente e pai relapso, o historiador tendencioso e aliteratado, que, mesmo no seu grande livro, não fizera mais do que "um romance mal alinhado", sempre infiel á verdade dos fatos, "a despeito das suas sucessivas edições".

Não fôra esse trabalho e o "A' margem da Historia" e os "Contrastes e Confrontos" talvez não fossem, hoje, mais que dois livros portuguezes, desamados por estes e por nós, que mal os julgariamos através do elogio incolor do sr. Sampaio Bruno.

Não fôra esse trabalho, e o "Perú — versus — Bolívia" permaneceria tão distante do publico leitor quanto os dois relatorios do reconhecimento das nascentes do Purús ou do presidio malogrado da Ilha dos Duzios.

Não fôra ele, e o "Cresto Alves e o seu tempo" continuaria inédito entre os escombros do incendio da Imprensa Nacional.

Não fôra ele, e a biografia de Euclides não teria hoje metos de vencer nem a etapa inicial da verdadeira data do seu nascimento.

Não fôra ele, e as cartas, as belas cartas de Euclides, que, mais que outros dos seus escritos o revelam, talvez que não se conservassem mais nos arquivos dispersos dos seus destinatários.

Não fôra ele, e os versos, os versos másculos de Euclides, estariam reduzidos á dedicatória castigada do retrato oferecido a Coelho Neto, ás quadras trôpegas do "As Cartas" publicadas na "Revista Americana", ou á eclosão surpreendente do "O Paraíso dos Mediocres", incompreensível sem a transição esclarecedora das "Ondas".

Não fôra ele, sobretudo, e teriam morrido, sem depôr sobre as reservas infinitas da sua sensibilidade e da sua ternura, os seus grandes amigos desaparecidos, e não é de supôr que se pronunciassem nunca sobre a sua obra os que talvez melhor a tenham estudado".

II

SALA EUCLYDES DA CUNHA

"Euclides da Cunha foi o novo bandeirante de uma nova entrada pela alma da nacionalidade brasileira".

E bandeirante nos nossos dias, seguiu, com o mesmo destemor e bravura indomita, mas com a cultura de hoje, para levar longe nossas fronteiras e trazer perto nossas riquezas, morais e intelectuais.

Só depois dele, intensamente ao menos, foi que se começou de um modo integral, na variedade complexa de todos os seus aspectos, a compreender a necessidade desse nacionalismo sadio, que exige a base sólida da moral comum...

Esta obra de apóstolo da nossa nacionalidade, ele a começou trazendo, no carinho imortalizador da sua pena, rudes patricios, esquecidos e abandonados, cujas qualidades sublimadas desapareciam e cuja formação estudou como ninguém.

Pretendendo recolher documentos dessa nossa gente ao Museu Nacional, casa onde se vai abreviando um sumario das características do Brasil, a secção de Etnografia resolveu, por iniciativa de Roquette-Pinto, dar o nome de Euclides da Cunha á sala dessas coleções, "prestando uma homenagem á raça, integrada no genial fundador da etnografia sertaneja". Raça a extinguir-se ou raça capaz de impôr-se um dia como senhora dos destinos do Brasil, essa homenagem que se lhe presta é uma afirmação de consciencia coletiva, e quem melhor a saberia pronunciar do que Roquette-Pinto, benemerito professor daquela Casa e fora dela, até além de nossas fronteiras, glorificador da intellectualidade brasileira.

Quanto á memoria de Euclides, essa consagração scientifica, de um estabelecimento de tal responsabilidade e prestigio, vale pelo crescer á obra euclydeana de novas benemerencias.

Além disso, o carinho com que ali cercaram o nome glorioso merece ser referido. No armario, onde se guardam os objetos de Canudos, foi colocado o retrato do seu grande Historiador. Como se tudo isso não bastasse, Roquette-Pinto, de acordo com Afranio Peixoto, que piedosamente o guardára, fez recolher á mesma sala respeitosamente coberto o cerebro de Euclýdes, que se achava no Gabinete Medico-Legal.

A 6 de junho daquele ano, inaugurava-se a "Sala Euclýdes da Cunha", a que se recolhiam um cinto de jagunço, trazido pelo proprio Euclýdes, de Canudos, presente do Dr. Octavio Vieira, e dois objetos oferecidos pelo Dr. Pacheco Leão: um cornimboque e uma faca sertaneja. E assim recolhidos a este recanto todo o documentário do Brasil que Euclýdes revelou aos brasileiros ir-se-á do mesmo passo contribuindo para a sua gloria.

III

S. JOSÉ DO RIO PARDO

Há uma variedade da geografia humana a que se poderia apellidar geografia biográfica, evocativa dos lugares marcados pela passagem das grandes figuras.

Há alguns anos Warde Fowler, professor da Universidade de Oxford, escreveu um livro sobre Cesar, especie de geografia historica, em que todo o itinerário das expedições era indicado nos locais atuais, com as denominações antigas.

Em França, Hector Falvart organiza uma geografia literária, com as indicações dos pontos singulares e notáveis da vida dos sabios, artistas, escritores.

Na Europa e nos Estados Unidos a evocação dos grandes homens é constante e profusa. E tem, em geral, o aspecto comovido de uma presença, sempre renovada.

Victor Hugo está naquela casa da Place des Vosges, tão original e tão característica, onde tudo que pertenceu ao maior genio verbal da França, se acha religiosamente guardado, sob a direção de Escholier, que lhe consagrou um livro formosissimo.

Goethe, cujo genio sobranceia toda a Alemanha, é cultuado em varios lugares e à "Goethehaus", em Frankfurt, só falta aparecer de repente o creador de Fausto.

Nos Estados Unidos a casa de Edgard Poe, o pequenino chalé, onde viveu, sofreu e morreu o poeta do "Corvo", está conservado pela Sociedade de Arte e Ciências de Bronx. São alguns exemplos, entre tantos, colhidos ao acaso. E todos eles

mantidos por associações privadas, cuja atividade justifica o culto.

No Brasil...

O grande homem têm assegurada uma placa de rua, às vezes excusa e, os mais celebres, outra na casa em que nasceram ou morreram. Poucas as exceções, como a de Rui Barbosa, mantida pelo Estado.

O caso de Euclides da Cunha é inegavelmente único.

Não há exemplo de culto a um grande homem, que não teve poder, não fez favores, não ocupou posições e apenas foi dos maiores genios do seu povo e de sua terra, como o que vota a Euclides da Cunha S. Jesé do Rio Pardo.

O autor d' "Os Sertões" foi levado a S. José do Rio Pardo pelas funções de seu cargo de engenheiro do Estado de S. Paulo.

Em 1896 contratou o Estado com o engenheiro civil Arthur de Montmorency a construção de uma ponte na linda cidade da Mogiana.

Em 28 de agosto deste ano vai Euclides examinar o inicio das obras, de cujo distrito era ôle chefe, voltando a 25 de setembro.

Fôra Euclides de fato incumbido da fiscalização das obras, mas a necessidade de permanencia no

local obrigara-o à designação de outro engenheiro para assisti-las, embora não tivesse sido expressamente desligado da incumbência, senão por outras que impossibilitavam materialmente a sua presença em São José, como a cuidadosa exploração do Rio Grande, a revisão do projeto da ponte de S. Luiz de Paraitinga, além da organização do relatório geral dos trabalhos de Superintendencia.

Desta suposta responsabilidade indireta nos trabalhos de construção se gerou a lenda conhecida que o fazia dizer que se a matematica não falha, a engenharia que a explora é falibilissima, evocando o exemplo da Navier, cujo insucesso em obra semelhante desviara-o para o magistério.

Estes dados extraídos do seu "Copiador", precioso documento que o eminente Capistrano de Abreu encontrou na seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional e de dois relatórios existentes na Secretaria de Obras Publicas de S. Paulo que o saudoso Arthur Motta fez copiar, mostram os escrupulos e cuidados de Euclýdes na defesa de sua responsabilidade profissional.

Visitando ainda em janeiro, em companhia do diretor de Obras, dr. Gama Cockrane, a cidade, para o exame do local e condições de desastre, é convidado a reconstruir a ponte e certo o deseja, uma vez que não lhe sofreriam o animo e orgulho legitimo a suspeita, injusta que fosse, de responsavel pelo acontecimento.

Ainda em meados de 98 muda-se para S. José.

Aí chegado, a principio só, depois com a familia, instala-se na rua Floriano Peixoto, esquina da 13 de maio.

A sua vida nos dias que aí viveu foi modelo de methodo, de ordem, de disciplina mental e pratica, absorvido com a reconstrução da ponte e a elaboração do grande livro. A reconstrução da ponte exigia-lhe grandes cuidados e não menores preoccupações. Retirada a superestrutura metálica, afogada no rio, para a margem esquerda, era preciso desmonta-la toda, peça por peça, para o reajustamento das vigas, reparo do material aproveitavel e aquisição do material novo. Decidida a locação um pouco a montante do lugar primitivo, em trecho retilineo, onde o efeito da correnteza era menos acentuado, pois que'a causa do desastre fôra o abatimento de um dos encontros devido às fundações armou desde logo o ranchinho que é nossa gloria, sob a linda palmeira de perfil tão original nos caprichos de curvatura de seus galhos.

Iniciou então os trabalhos preliminares de desmontagem e desajustagem de todas as peças. Só rebites foram cortados a frio cerca de 8.000. Na varzea à margem esquerda montou as instalações indispensaveis: pequena officina armada em uma tenda com forjas portateis, dois plateaux para plainas, duas maquinas de cortar e perfurar, algumas bigornas, materia! de certa maneira improvi-

sado, com que levou a termo a empresa formidável.

Iniciada no segundo semestre de 1898, em fins de 1899 estava pronta toda a parte referente á alvenaria, passando ao trabalho da estrutura metálica. No quadro que organizou para a Superintendencia consignava o peso das peças condenadas em cerca de 27 toneladas, metade da avaliação da Companhia Mecânica.

De fevereiro a junho de 1900 foram reparadas e preparadas as peças metálicas, atingindo só as longarinas a mais de 500.

O orçamento apresentado pela referida Companhia atingia a 60 contos, tendo sido o custo real das obras feitas até termo final pouco mais de 34 contos.

Ia-se a ponte armando em terra, à medida que se consertavam as peças, permitindo a sua verificação gradativa de modo a manter os 100,00 m de vão do projeto inicial. Executado um nivelamento rigoroso foram de novo furadas as chapas, corrigindo a dilatação exagerada da primeira montagem. Concluídos estes trabalhos atacaram-se os do aterro da margem esquerda e da ponte provisória. A correnteza do vão médio, dos tres que constituem a ponte, foi vencida com grandes dificuldades.

Armada e locada, cuidou-se das obras acessórias, como a da construção de um boeiro capeado para evitar o represamento das aguas na vargem

anexa, os detalhes da superestrutura e demais minúcias de acabamento.

Estes pormenores de ordem técnica, foram extraídos do Relatório da Secretaria de Agricultura, do dr. Candido Rodrigues que assim concluía: "...impressionou-me muito agradavelmente a ordem e o método do serviço, o cuidado e a segurança e sobretudo o zelo e a dedicação do engenheiro Euclides, que folgo em consignar".

Convém neles insistir, porque vêm mostrar aos que o desconhecem que em Euclides o homem que pensava e exprimia o seu nobre pensamento da forma mais alta era também daqueles que sabiam fazer. Viria daí a segurança, a precisão, a objetividade do seu estilo sem par, equilibrada harmoniosamente a sua imaginação portentosa?

Só este trabalho, que lá está até hoje, lembrando aqueles dias heróicos, seria suficiente para absorver uma atividade inteira. Mas foi nestes mesmos dias gloriosos, "nos intervalos de folga de uma carreira fatigante", como se lê na "Nota preliminar" que ele elaborou "Os Sertões". E isto graças à Amizade providente de Francisco Escobar.

Euclides, que não perdia o idealismo romântico de sempre, quis reviver o episódio do arquiteto, mestre Domingues, de Herculano: ficar sob a ponte para que, se ruísse, fosse esmagado...

Conservou sempre suave e enternecida recordação do formoso recanto paulista, onde lhe nascera a glória.

A ponte que ele erguera, merecia-lhe cuidados.

Constou um dia, em S. Paulo, que ela ameaçava ruir. Escreve ele a Escobar:

“Agora, um serio, um reservadissimo favor, tão reservado que te peço que não o boquejes nem mesmo junto à tua filhinha mais nova. La vai: constou-me (não preciso dizer quem foi o desalmado) que há no encontro direito, lado de Pompeia, da ponte, uma frincha descendo por todo ele até em baixo. Imagina como fiquei e quanto cabelo branco vai-me nascendo dentro desta ansiedade... Pensei seguir logo até aí! Infelizmente não posso agora. Por isso escrevo-te. Quero que — com a tua cautela habitual, sem que ninguém o perceba — observes aquilo e indiquês-me, num esboço qualquer, o lugar, as dimensões aproximadas da cousa e se é visível, e se ameaça ruir ou se é um recalque comum nestas obras. Não és engenheiro, mas que diabo — também estas cousas não são tão transcendentales... De qualquer modo aguardo a tua resposta, contando os dias. Esta chegará aí na 2.^a ou 3.^a à tarde. Poderei ter aqui a resposta 6.^a ou

sábado. Não faltas — sobretudo se tiveres de confirmar meus presentimentos".

Não aguardou a resposta. Pouco depois da carta chegava ele e imediatamente, antes de mais nada, em companhia do incomparavel Amigo, verificava que a frincha, que lhe sulcava amargamente o coração, era apenas um risco de colher de pedreiro, sem importancia.

No primeiro aniversário, 18 de maio de 1902, da inauguração da ponte escreve ao Amigo:

"Sempre planejei estar aí no dia 18, 1.º aniversário da ponte. Mas estarão você, o Alvaro, o João, o Moreira, o Jovino. Encaminhem-se para lá naquele dia; paguem uma cerveja (barbante) ao velho Mateus e recordem-se por um minuto do amigo agradecido ausente. Será uma bela comemoração. Neste país de snobismo réles não desejo outra. Mandem-me dizer depois os episodios principais da festa."

Nada lhe esquecia, nem mesmo o velho Mateus, guarda da ponte, companheiro fiel e humilde daqueles dias de trabalho penoso e rude.

A 25 do mesmo mês respondia:

"Magnífico! A comemoração do aniversário da minha ponte (ah! não estar ela num dos trechos desta incomparavel Paraíba) não podia ser melhor. Convirás que eu nunca imaginei que lá aparecessem algumas centenas de indivíduos, que com os foguetes, as bandeirolas velhas, assovios de moleques, os tabuleiros de doces, que são a matéria prima do que nesta costa d'África d'América se chamam manifestações!... Não! Sempre desejei aquilo: dois ou tres amigos que ali chegassem e se lembrassem durante algum tempo de mim. Iludí-me apenas num ponto: os "numerosos" quatro amigos de que lhe falei antes reduziram-se a dois: você e o Lafayette. Mas estes... Estou satisfeitissimo."

Retorna: *"Olha um pouco o velho Mateus"*.

Mais tarde, aflito, renova o apelo ao Amigo:

"Agora um pedido: sei por informações que daí têm vindo, que o Mateus será despedido, com a proxima contradansa municipal. Não sei que partido vencerá as eleições. Em todo o caso, como não se trata de uma questão partidária, mas de um compromisso que comigo tomou a parte sã de S. José do Rio Pardo, de todos os matizes — peço-te lembrar-lhe na ocasião oportuna áquelle. Estou certo de

que farás tudo para ser mantido o velho trabalhador que ali está como uma reliquia lembrando dias sucessivos de tres anos."

Era natural que S. José do Rio Pardo tivesse o culto de Euclides da Cunha.

.Para isso houve por aí figuras de escól, principalmente alguns companheiros daqueles dias, como esse fiel José Honorio e Paschoal Artéze.

Ao lado da ponte, junto do aterro, debaixo de linda paineira, há a tosca barraquinha de tábuas coberta de zinco, de cerca de 4 metros quadrados, que serviu de escritório ao engenheiro e nos raros intervalos da faina fatigante ali alguma coisa ele escreveu e anotou de "Os Sertões".

A entrada havia, escrito a zarcão, este verso de Shakespeare:

"What shall do a man, but to merry..."

Esta barraquinha foi conservada como reliquia da cidade e em 15 de agosto de 1912 realiza-se a primeira romaria ao recinto evocativo.

Em 1918, a 18 de maio, Vicente de Carvalho, o grande poeta amigo de Euclides, inaugurava a herma de bronze sobre uma linda peanha de pedra rosea, ao mesmo tempo que se ajardinava todo o local em torno da barraquinha.

Em 1925, sendo Prefeito o Coronel José Pereira Martins de Andrade, José Honorio de Sylos,

Jovino de Sylos e Francisco Freire de Almeida Magalhães fundam o Gremio Euclýdes da Cunha de S. José do Rio Pardo.

Na romaria desse ano Martins Fontes, com sua palavra poligrômica e com a emoção de quem, na companhia de Coelho Netto fôra dos primeiros a ver o clarão da tragedia de 15 de agosto, sugeriu que se consagrasse a Euclýdes aquele dia. Apoiada a idéia por todas as classes sociais o Prefeito sancionou imediatamente em 15 de setembro, o projeto da Camara Municipal, nestes termos:

“O Coronel José Pereira Martins de Andrade DD. Prefeito Municipal fez a seguinte indicação que foi unanimemente aprovada: Considerando a glória que adveio para S. José do Rio Pardo da residencia do doutor Euclýdes da Cunha nesta cidade, onde escreveu “Os Sertões”, o livro mais admiravel da literatura nacional; considerando mais que este poeta trouxe para esta cidade uma grande fama; a Camara Municipal resolve consagrar à memória do preclaro cidadão Dr. Euclýdes da Cunha o dia 15 de agosto, que recorda o seu desaparecimento do cenário da vida.

S. José do Rio Pardo, 15 de setembro de 1925.

José Pereira Martins de Andrade.”

Data histórica da cidade, monumento histórico do Brasil, reliquia da nacionalidade, em 1928 o Prefeito Dr. João Gabriel Ribeiro construiu um abri-

go, uma redoma de vidro, que conserva até hoje o humilde casebre, onde se gerou muito do grande livro.

S. José do Rio Pardo tornou-se a Meca do Euclýdeanismo e ano por ano, a dia certo, a cidade vive o seu grande Nume.

Em 1939, tridecenario da data evocativa, o "Serviço do Patrimonio Artistico e Histórico Nacional" por deliberação da nobre intelligencia do Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrada tornou a Barraquinha monumento nacional nos termos da legislação e a Comissão dos Festejos Euclýdeanos nomeada pelo digno Prefeito da cidade, Snr. Aurino Villela, composta do Snr. Dr. Agripino Ribeiro da Silva, Oswaldo Galotti, José Caetano de Lima e Octavio Pereira Leite, em ato de justiça e de exemplo civico fez inaugurar no abrigo da Barraquinha uma placa de homenagem ao grande Amigo de Euclýdes e da Cidade:

"À memoria de Francisco Escobar, pela assistencia de cultura e de carinho com que contribuiu para "Os Sertões".

15. 8. 1939."

Na conferencia official desse ano foram pronunciadas em S. José do Rio Pardo estas palavras de gratidão e de justiça:

"No dia em que "Os Sertões" fôr levado a todo o mundo culto pela nossa lingua, se o nosso pen-

samento tiver força para impo-la, ou pelo veículo de outra mais feliz, ele ha de ser um simbolo universal da Humanidade, porque no conceito de Maïtain "As obras mais universais são as que trazem mais vivo o sinal da Patria".

Ainda neste dia ele ficará por isso, nosso, bem nosso, e pelo patrimonio moral, de dignidade, de nobreza, de afetividade e sentimento, por tudo quanto eleva o homem no plano espiritual, de que foi depositário fiel, entre sofrimento e tragedia. Mas neste dia, este recanto abençoado de solo brasileiro será, como Beyreuth, Ravena ou Mount-Vernon, ponto obrigatorio de passagem e de culto humano, não apenas para os poucos que aqui estamos hoje, não somente para os muitos brasileiros que aqui estivermos amanhã, mas para todos os que vierem, à nossa Terra, porque foi daqui, de São José do Rio Pardo, Meca de Euclydeanismo, que ele partiu um dia, pobre, só e desconhecido para a gloria e para a immortalidade."

NOTAS

Para ser fiel aos seus objetivos e à sua indole êste livro que poderia chamar-se, como é hoje moda, "Documentário de Euclýdes da Cunha", porque não é, nem pretende ser outra coisa, incluye notas bio e bibliograficas, bem como as emendas a "Os Sertões", a que se refere o capitulo Respostas...

A bibliografia sobre Euclýdes é evidentemente incompleta. Por mais que se pesquisasse haveria sempre o que apontar de omissões. Encerrada a 15 de agosto de 1939, trinta anos de glória, fica entretanto como esboço para trabalho mais feliz.

As gravuras a traço que valorizam este livro são da pena de artista da professora Nilda D'Anibale Braga, a quem aqui ficam os primeiros agradecimentos pela contribuição generosa.

I

EFEMÉRIDES EUCLYDEANAS

- 1866 — Janeiro (20) — nascimento no município de Cantagalo, provincia do Rio de Janeiro.
- 1869 — Falecimento de sua Mãe.
— Terezopolis.
- 1871 — Fazenda de S. Joaquim em Conceição de Ponte Nova.
— S. Fidelis.
- 1876 — No Collegio Caldeira em S. Fidelis.
- 1877 — Na Baía, no Collegio Carneiro Ribeiro.
- 1878 — No Rio de Janeiro, (Largo da Caricca).
— No Collegio Anglo-Brasileiro.
- 1879 — Novembro (25) — exame de Português.
- 1880 — Março (15) — exame de Geografia.
— Julho (16) — exame de Francês.
— Novembro (1) — exame de Retórica.
— Dezembro (1^o) — exame de História.
- 1881 — Novembro (24) — exame de Aritmética.
— Novembro (29) — exame de Inglês.
- 1882 — Dezembro (7) — exame de Geometria.
- 1883 — exame de Latim.
- 1884 — No Collegio Aquino.

- Março (15) - exame de Matemática na Escola Politécnica.
- 1885 — Março (11) — exame de Desenho na Escola Politécnica.
- Março (27) — Matricula na Escola Politécnica.
- 1886 — Fevereiro (20) — praça na Escola Militar.
- 1887 — Dezembro (31) — Licença de 30 dias para tratamento de saúde.
- 1888 — Novembro (4) — incidente com o Ministro da Guerra, na Escola Militar.
- Dezembro (11) — trancamento de matricula, em virtude do parecer do Conselho disciplinar.
- Dezembro (14) — Baixa do exército.
- Dezembro (22) — Primeiro artigo da Provincia de S. Paulo.
- 1889 — Janeiro (28) — regresso ao Rio.
- Março (30) — Parecer da Comissão de programas da Escola Politécnica sobre exames.
- Maio (6) — Exame de noções de mineralogia, botânica e zoologia.
- 1889 — Maio (7) — Exame da 2.^a cadeira do Curso Geral.
- Maio (7) — Exame de Ótica e acústica.
- Maio (22) — último artigo da Provincia de S. Paulo.
- Novembro (19) — reintegração no Exército.
- Novembro (21) — Promoção a Alferes-alumno.
- 1890 — Janeiro (8) — Licença para cursar a Escola Superior de Guerra.
- Fevereiro (11) — Conclusão do curso de artilharia.
- Abril (14) — Promoção a 2.^o Tenente.
- Abril (19) — Oficial do Batalhão acadêmico, 4.^a companhia.

- 1891 — Janeiro (29) — Licença para tratamento de saúde, em S. Paulo.
 — Junho (8) — Transferência de corpos, do 2.º para o 5.º.
 — Dezembro (16) — Conclusão de curso da Escola Superior de Guerra e distribuído no 5.º regimento.
- 1892 — Janeiro (15) — Promoção a 1.º Tenente, do Estado Maior.
 — Julho (4) — Nomeação para coadjuvante de ensino teórico da Escola Militar da Capital.
- 1893 — Agosto (16) — A' disposição do Ministério da Viação, para praticar na Estrada de Ferro Central do Brasil.
 — Dezembro (22) — Designação para servir provisoriamente na Diretoria de Obras Militares.
- 1894 — Janeiro — nas trincheiras da Saúde.
 — Fevereiro (18 e 20) — Cartas á Gazeta de Notícias.
 — Março (28) — Designação para a Diretoria de Obras Militares do Estado de Minas Gerais, em Campanha.
- 1895 — Junho (28) — Agregado ao Corpo do Estado Maior de 1.ª classe.
- 1896 — Julho (13) — Reforma do Exército.
 — Setembro (18) — Nomeação de Engenheiro Ajudante de 1.ª classe da Superintendência de Obras Públicas de S. Paulo.
- 1897 — Março (3) — 1.º artigo no "Estado" — *A nossa Vendéa*.
 — Julho (17) — 2.º artigo no "Estado" — *A nossa Vendéa*.
 — Julho (30) — Nomeação para adido ao Estado Maior do Ministerio da Guerra.
 — Agosto (1) — Partida para o Rio.

- Agosto (4) — Partida para a Baía, no vapor Espírito Santo.
- Chegada ao Salvador.
- Agosto (31) — Partida para Queimadas.
- 1897 — Setembro (7) — Chegada a Monte-Santo.
- Setembro (13) — Partida para Canudos.
- Setembro (16) — Chegada a Canudos às 2 horas da tarde.
- Outubro (17) — Partida da Baía.
- 1898 — Janeiro (19) — Artigo no "Estado": — *Excerpto de um livro inédito.*
- Fevereiro (5) — Leitura de trabalho sobre Climatologia da Baía, no Instituto Histórico de S. Paulo.
- 1899 — Em S. José do Rio Pardo. Reconstrução da ponte e elaboração d'"Os Sertões".
- 1900 — Idem.
- 1901 — Janeiro (15) — Promoção a Chefe de Distrito.
- Maio (18) — Inauguração da ponte do Rio Pardo.
- Dezembro (2). — Partida para Guaratinguetá — Transferência de Distrito.
- Dezembro — Carta de Carcia Redondo a Lucio de Mendonça sobre "Os Sertões".
- 1902 — Julho — Relatório da ilha dos Buzios.
- Dezembro — Publicação d'"Os Sertões".
- 1903 — Julho (9) — 2.^a edição d'"Os Sertões".
- Setembro (21) — Eleição para a Academia Brasileira.
- Novembro (20) — Posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- 1904 — Janeiro (15) — Nomeação de Chefe de seção da Comissão de Saneamento de Santos.
- Abril (24) — Exoneração a pedido.

- Agosto (9) — Nomeação para Chefe da Comissão do Alto-Purús.
- Dezembro (13) — Partida para o Amazonas.
- Dezembro (30) — Chegada a Manáus.
- 1905 — Março (22) — Reunião dos Comissários Brasileiro e Peruano.
- Abril (5) — Partida de Manáus.
- Maio (16) — Chegada á boca do Acre.
- Maio (26) — Chegada á foz do Chandless.
- Julho — Término da viagem e regresso.
- 1906 — No Rio.
- Junho — Publicação do Relatório.
- Dezembro (18) — Posse na Academia Brasileira.
- 1907 — No Itamarati.
- Publicação dos "Contrastes e Confrontos".
- Julho — Publicação do "Perús-versus-Bolívia".
- 1908 — Outubro — Incidente do telegrama número 9.
- Outubro (21) — Telegrama a E. Zaballos.
- 1909 — Maio (17) — Prova escrita do Concurso de Lógica.
- Maio (26) — Prova oral do concurso de Lógica.
- Junho (7) — Julgamento do concurso.
- Julho (17) — Nomeação para o Colégio Pedro II.
- Agosto (15) — Morte.
- 1909 — Publicação d'"A' Margem da História".
- 1911 — Fundação do Gremio Euclides da Cunha.
- 1916 — Assassinio de Euclides da Cunha Filho (4 de Julho).
- 1918 — Inauguração da herma de S. José do Rio Pardo (18 de Maio).
- 1919 — Inauguração da herma de Cantagalo (12 de Outubro).

- Inauguração do abrigo da barraquinha de S. José do Rio Pardo.
- 1939 — Inauguração da placa em memória de Francisco de Escobar e incorporação da barraquinha de S. José do Rio Pardo ao Património Histórico e Artístico Nacional (15 de Agosto).

II

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

I — LIVROS

- OS SERTÕES (*Campanha do Canudos*) — 1.^a ed. — Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., Dezembro de 1902 — 1 vol. com VII e 632 págs., 4 mapas e 4 gravuras. — Contém um prefácio e está dividido em 7 partes: A terra, O homem, A luta — preliminares, Travessia do Cambaio, Expedição Moreira César, Quarta Expedição, Nova fase da luta, Últimos dias. — Corrigenda e índice.
- OS SERTÕES — (*Campanha do Canudos*) — 2.^a edição — Rio, ed. Laemmert & Cia., Junho de 1903. — 1 vol. com VII e 611 págs., 4 mapas e 4 gravuras. — Contém notas e índice).
- OS SERTÕES — (*Campanha do Canudos*) — 3.^a edição — 1905 — Rio, ed. Laemmert & Cia. — 1 vol. com 611 págs. 4 mapas, 4 gravuras e notas.
- OS SERTÕES — (*Campanha do Canudos*) — 4.^a edição — Rio, ed. Francisco Alves, 1911 — 1 vol. com 620 págs., 4 mapas, 6 gravuras, e notas.

- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 5.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1914. — 1 vol. com 620 págs., 4 mapas, 6 gravuras, e notas. — Edição ne varietur, feita de acôrdo com o exemplar encontrado no seu arquivo com esta observação: "Livro que deve servir para edição definitiva (4.^a)". E', de fato, a 5.^a porque só foi encontrado após a saída da 4.^a. Foi feita sob os cuidados de Afrânio Peixoto, havendo entre esta e a 1.^a edição, cêrca de 1500 emendas de estilo, como se poderá ver na Revista do Grêmio de 1918. Falta o Prefácio. Aquelê exemplar precioso pertence ao Dr. Belisário Távora.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 6.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1923.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 7.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1924.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 8.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1925.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 9.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1926.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 10.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1928. — (De novo o Prefácio: "Nota preliminar").
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 11.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1929.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 12.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1933. Esta edição foi esmerpulosamente revista por Fernando Nery, que acrescentou á margera das páginas os títulos dos assuntos tratados.
- OS SERTÕES — (*Campanha de Canudos*) — 13.^a edição — Rio, ed. Livraria Francisco Alves, 1936.

- LOS SERTONES (Os Sertões) — Traducción del original de Benjamin de Garay, Prólogo de Mariano de Vedia, Biblioteca de Autores Brasileños (vol. IV), Buenos Aires, 1938.
- RELATÓRIO DA COMISSÃO MIXTA BRASILEIRO-PERUANA DE RECONHECIMENTO DO RIO PURÚS — 1.^a edição oficial — Rio — Imprensa Nacional — 1906 — 1 vol. com 180 págs., 2 mapas, B/16 (esgotado).
- CASTRO ALVES E SEU TEMPO — Conferência realizada no Centro Onze de Agosto de S. Paulo. — 1.^a edição — Rio — Imprensa Nacional, 1907 — 1 vol. com 44 págs. — B/16.
- CASTRO ALVES E SEU TEMPO — 2.^a edição — Rio — Grêmio Euclides da Cunha, 1917 — 1 vol. com 36 págs., 2 retratos, A/16.
- PERÚ VERSUS BOLÍVIA — 1.^a edição — Rio — Editores: parte Livraria Francisco Alves, parte *Jornal do Comércio*, 1907. — 1 vol. com 1 mapa, 201 págs., A/32 (esgotado).
- PERÚ VERSUS BOLÍVIA — 2.^a edição — Rio — Editores: Livraria José Olímpio, 1939. — 1 vol. com 194 págs. Prefácio de Oliveira Lima.
- LA CUESTIÓN DE LÍMITES ENTRE BOLÍVIA Y EL PERÚ (*traducción*) — 1.^a edição — Buenos Aires — Editores: Companhia Sul-Americana de Biletos de Banco, 1908. (Tradução mandada fazer pelo Plenipotenciário boliviano Elliodoro Villazon) — 1 vol. com 1 mapa, 151 págs., A/16.
- CONTRASTES E CONFRONTOS — 1.^a edição — Porto — Editores: Empresa Literária Tipográfica, 1907 — 1 vol. com 248 págs., A/32, um retrato, prefácio "Nota complementar" de José Pereira de Sampaio (Bruno), e

os seguintes capítulos: Heróis e bandidos, o Marechal de Ferro, o Kaiser, Arcádia da Alemanha, A vida das Estátuas, Anchieta, Garimpeiros, Uma comédia histórica, Plano de uma cruzada (III), A missão da Rússia, Transpondo o Himalaia, Conjecturas, Contrastes e Confrontos, Conflito inevitável, Contra os caúcheiros, Entre o Madeira e o Javari, Solidariedade Sul Americana, O ideal americano, Temores vãos, A esfinge, Fazedores de deserto, Entre as ruínas. Nativismo provisório, Um velho problema, Ao longo de uma estrada, Civilização.

CONTRASTES E CONFRONTOS -- 2.^a edição -- Pôrto -- Editores: Empresa Literária e Tipográfica, do Pôrto, 1907 -- 1 vol. com 342 págs., um retrato e os mesmos capítulos mais o discurso na Academia Brasileira. Prefácio de Bruno e Dois grandes estilos de Araripe Junior.

CONTRASTES E CONFRONTOS -- 3.^a edição -- Pôrto -- Editores: Idem, 1913 -- 1 vol. com 342 págs., um retrato e os mesmos capítulos. -- Prefácio de Bruno, de Araripe Junior e João Luso.

CONTRASTES E CONFRONTOS -- 4.^a edição -- Idem.

CONTRASTES E CONFRONTOS -- 5.^a edição -- Idem.

CONTRASTES E CONFRONTOS -- 6.^a edição -- 1923 -- Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, 1923.

MARTIN GARCIA -- de Agustín de Vedia -- (Juízos críticos) -- Contém a tradução do artigo sobre Martin Garcia outros trabalhos uruguaio e argentino -- 1.^a edição 1908 -- Editores: Imprensa e casa editora de Coni Hermanos -- Calle Perú, 684 -- Buenos Aires. -- 1 vol. com 113 págs.

À MARGEM DA HISTÓRIA — 1.^a edição (póstuma) — Pôrto — Editores: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, 1939 — 1 vol. com 390 págs. e um retrato. — Contém os seguintes trabalhos: I) Terra sem história (Amazônia): Impressões gerais — Rios em abandono — Um clima caluniado — Os caúcheros — Judas-Ahsverus (excerto) — "Brasileiros" — Transucreana. II) Vários estudos: Viação sul-americana — Martin Garcia — O primado do Pacifico. — III) Esbôço de história política: Da Independência à República. IV) Estrêles indecifráveis.

À MARGEM DA HISTÓRIA — 2.^a edição — Pôrto — Editores: Livraria Chardron — 1 vol. com 398 págs.

À MARGEM DA HISTÓRIA — 3.^a edição — Pôrto — Editores: Livraria Chardron — 1 vol. com 398 págs.

À MARGEM DA HISTÓRIA — 4.^a edição — Pôrto — Editores: Livraria Chardron — 1 vol. com 398 págs. — 1926.

CANUDOS — (DIÁRIO DE UMA EXPEDIÇÃO) — editora Livraria José Olympio — Rio, 1939 — 1 vol. com 186 págs. e introdução de Gilberto Freyre.

2 — TRABALHOS ESPARSOS

Ondas — Caderno de versos inéditos -- 1884.

Folhetim — primeiro trabalho publicado no "Democrata" — 1884.

Homens de ontem — Da "Família Acadêmica" — 1888.

Criticos — Idem.

A Pátria e a dinastia — da Província de São Paulo — 22-12-1888.

Questões sociais: "Revolucionários" — Idem — 29 de dezembro de 1888.

"89" — Idem — 1-1-1889.

Atos e palavras — Idem:

- 1) 10-1-1889
- 2) 11-1-1889
- 3) 12-1-1889
- 4) 16-1-1889
- 5) 16-1-1889
- 6) 18-1-1889
- 7) 23-1-1889
- 8) 24-1-1889.

Da Côrte — idem — 17-5-1889.

Homens de hoje — Idem — 22-6-1889.

Homens de hoje — Idem — 28-6-1889.

A dinamite — *A Gazeta de Notícias* — 18-2-1894.

A dinamite — Idem — 29-2-1894.

Canudos (Diário de uma expedição) — O Estado de S. Paulo:

- 1) 18- 8-1897
- 2) 22- 8-1897
- 3) 23- 8-1897
- 4) 24- 8-1897
- 5) 25- 8-1897
- 6) 26- 8-1897
- 7) 27- 8-1897
- 8) 29- 8-1897
- 9) 1- 9-1897
- 10) 3- 9-1897
- 11) 9- 9-1897
- 12) 12- 9-1897
- 13) 14- 9-1897

14) 21- 9-1897

15) 26- 9-1897

16) 27- 9-1897

17) 11-10-1897

18) 12-10-1897

19) 13-10-1897

20) 20-10-1897

21) 21-10-1897

22) 25-10-1897.

O Batalhão de S. Paulo - Idem - - 26-10-1897.

Discurso de posse no Instituto Histórico - Revista do Instituto - 1903.

Os Batedores da Inconfidência (Garimpeiros) - Estado de S. Paulo - 2-4-1903.

Um velho problema - Idem - - 1-5-1904.

Conflito inevitável - Idem - - 14-5-1904.

Contra os caúcheiros - Idem - - 22-5-1904.

Entre o Madeira e o Javari - Idem - - 29 de Maio de 1904.

Uma comédia histórica - Idem - - 25-6-1904.

Entre os seringaais - - Revista "Kosmos" - 1906.

Numa volta do passado - Idem - - 1907.

"Brasileiros" - *Jornal do Comércio* - 1907.

Proâmbulo ao Inferno Verde de Alberto Rangel - 1908.

Antes dos Versos, prefácio aos Poemas e Canções de Vicente de Carvalho - 1908.

Última visita - *Jornal do Comércio* - 30-9-1908.

Da Independência à República - Estado de S. Paulo e Revista Americana.

- Observação sobre a História da Geografia do Purús — Rev. Americana, Tomo III, Fasc. 1.º, pág. 34.
- O povoamento e a navegabilidade do rio Purús — Rev. Americana, Tomo IV, Fasc. 1-2, pág. 128.
- A guerra do sertão — Rev. Brasileira (3.ª fase), vol. XIX, pág. 270.
- Prova oral do Concurso de Lógica — *Jornal do Comércio* — 26-5-1909.
- Prova escrita do Concurso de Lógica — Idem — 1-6-1909.
- Um atlas do Brasil — Idem — Agosto 1909.
- Carta-prefácio ao livro "O Nordeste" de Osório Duque Estrada.
- Carta-prefácio ao livro "Entremos desassombadamente na arena da vida..." de Edgar Jordão, 1904.
- Discurso de posse na Academia Brasileira — Rev. da Academia, vol. IV, pág. 429.
- As catas — poesia — Rev. da Academia — Vol. V, pág. 56.
- Amazônia — Preâmbulo do Inferno Verde — Revista Americana, ano 1.º, n. 2.
- Relatório da Comissão Mixta Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purús — Rev. da Academia — Vol. XII, pág. 173.
- Um soneto — Rev. Americana — Vol. III, fac. I, pág. 95.
- Dedicatória em verso de retrato a Lúcio de Mendonça — *Ciência e Musa* — 1911.
- Um rio abandonado — *Almanach Garnier* — 1909.

CADERNOS DE NOTAS:

- De Canudos — no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.
- Notas da Baía (de colaboração com Teodoro Sampaio) — no Instituto Geográfico e Histórico da Baía.
- Copiador de cartas da residência de Engenharia de 1895 a 1897 — na Biblioteca Nacional.
- No Arquivo do Grémio Euclides da Cunha:
 - “Ondas:
 - 2 cadernos de croquis e notas de engenharia.
 - 1 caderno de notas de aula de 1885.
 - 1 caderno de impressões da Escola Militar, com o título “Infinitamente pequenos”.
 - 1 caderno de notas com alguns mapas do Sul do Brasil.
 - 1 pequeno caderno com notas de leitura e resenha de expressões.
 - 2 cartões de officios de engenheiro, com anotações.
 - 1 mapa da região do Acre no Relatório do Ministério do Exterior sôbre os limites com o Perú — 1908.
 - 1 mapa da lagoa Mirim, no Relatório do Ministério do Exterior sôbre a Lagoa Mirim.

III

ICONOGRAFIA

EUCLYDES

- aos 9 anos de idade (In memoriam e Arquivo do Grémio).
- aos 20 anos de idade (idem).
- official do Exército (idem).

- em 1903 — com dedicatória em verso a Coelho Neto e Lúcio de Mendonça (idem).
- em 1907 — nos Contrastes e Confrontos.
- em 1909 — n'Á Margem da História.
- em 1909 — fotografia Guimarães (Rev. do Grémio — 1915).
- em 1909 — fotografia Bastos Dias (In Memoriam).

EUCLYDES EM GRUPO

- em forma na Escola Militar — Rio — 1898 (In memoriam).
- na ponte de S. José do Rio Pardo — 1901 — Em uma balsa — Revista Kosmos.
- Em grupo em Campanha — 1894. (Arquivo).
- Na ilha dos Buzios — 1903 — (Arquivo).
- na partida para o Alto-Parús — 1905 (In memoriam).
- na Avenida — Rio — 1907 (inst. de Fon-Fon de 15 de Abril de 1907).
- no enterro de Machado de Assis — Fon-Fon, Setembro de 1908.
- no gabinete de trabalho — 1909 — Ilustração Brasileira de 15 de Agosto de 1909.
- com a Comissão de Reconhecimento do Alto-Parús. (2) (Arquivo).
- com o Barão do Rio Branco e outros (In memoriam e Fon-Fon de 26 de Outubro de 1907).
- com Domicio da Gama e Tte. Argolo Mendes (Arquivo).
- com a Família de Felinto de Almeida (Arquivo).
- com Alberto de Oliveira (instantâneo de Fon-Fon de 30 de Maio de 1907).

- com Coelho Neto e Goulart de Andrade (instântaneo de Tribuna de Agosto de 1909).
- com Nestor e Arnaldo Pimenta da Cunha (Arquivo).
- com Machado de Assis e José Verissimo (instantâneo do Fon-Fon de 4 de Maio de 1907).
- na ilha dos Buzios (1904) (Arquivo).

ASPECTOS EUCLYDIANOS

- Sua Avó paterna (familia).
- Seu avô materno
- Seus dois filhos
- Seu Pai, Tio e Cunhado.
- Casa em que nasceu Euclides (Arquivo).
- S. José do Rio Pardo (Arquivo).
- Ponte do Rio Pardo (Arquivo).
- Ponte desabada (Revista Kosmos de Março de 1908).
- Avenida Dr. Euclides da Cunha em São José do Rio Pardo (Arquivo).
- Barraquinha d'Os Sertões em 1901 (Arquivo).
- Idem em 1909 (idem).
- Idem em 1918 (idem).
- Inauguração do monumento de S. José do Rio Pardo (idem).
- Idem de Cantagalo (idem).
- Album de viagem ao Purús (idem).
- Herma de S. José do Rio Pardo (idem).
- Herma de Cantagalo (idem).
- Sala Euclides da Cunha no Museu Nacional (idem).

- Correia Lima — esboceto para o monumento da Babilônia (idem).
- Belmiro de Almeida — Quadro no Itamarati.
- Cunha Melo — Busto em gesso.
- Wash Rodrigues desenho na "Revista do Brasil".
- Carlos Oswald — desenho no "In memoriam".
- Desenho de Jordão de Oliveira (in Revista Bibliográfica, n.º 1).
- Busto em gesso de Honorio Peçanha.
- Conferência de Alberto Rangel em 15 de Agosto de 1913. (Arquivo).
- Diáfилme, do Instituto Nacional de Cinema Educativo — n.º 8-1-30 quadros.

IV

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

1. J. Santos (Medeiros e Albuquerque), *Crônica literária — A Notícia*, Rio, 12-12-902. — Reproduzida em *Juízos Críticos*.
2. J. da Penha — *Um livro* — *Gazeta de Notícias*, Rio, 14-12-902. — Reproduzida em *Juízos críticos*.
3. Leopoldo de Freitas — *Os Sertões* — *Diário Popular*, S. Paulo, 16-12-902 — Reproduzida em *Juízos Críticos*.
4. Notícias sobre "Os Sertões" — *O Jornal do Comércio* — 24-12-902. — Reproduzida em *Juízos críticos*.
5. Araripe Júnior — *Os Sertões* — *Jornal do Comércio* — Rio, Fev., 1903 — Reproduzida em "Juízos críticos" e "In Memoriam", pag. 148.
6. Moreira Guimarães — *O livro do Euclides da Cunha* — *Correio da Manhã*, Rio, 1903 — Reproduzido em "Juízos críticos".

7. José Verissimo — *Um historiador dos Sertões — Correio da Manhã*, Rio, 1903 — Reproduzido em *Juízos críticos e Estudos de literatura brasileira*, volume V.
8. Campos Novais — Euclides da Cunha — *Revista do Centro de Ciências e Letras de Campinas* — 1903.
9. Múcio Teixeira — *Os Sertões — Jornal do Brasil*, Rio, 1903 — Reproduzido em *Juízos críticos*.
10. Coelho Neto — *Os Sertões* — 1903 — in "Juízos críticos".
11. *Juízos críticos sobre Os Sertões*, reunidos pela Livraria Laemmert, 1 vol. com 100 pgs. em 8.º, contendo: *Imprensa — Jornal do Comércio*, 24-12-1902; Um livro — J. da Penha — *Gazeta de Notícias*, 14-12-1902; *Os Sertões — Leopoldo de Freitas — Diário Popular*, 16-12-1902; *Crônica literária — Medeiros e Albuquerque — A Notícia*, 12-12-1902; *Os Sertões — Múcio Teixeira — Jornal do Brasil*; *Uma história d'Os Sertões e da campanha de Canudos — José Verissimo — Correio da Manhã*; *Os Sertões — Araripo Junior — Jornal do Comércio*, 2-1903; *O livro de Euclides da Cunha — Moreira Guimarães — Correio da Manhã* — 1903; *Os Sertões — Coelho Neto*.
12. Alberto Rangel — *Carta a Carlos Dias Fernandes — Príncipe do Pará*, III-1906, e *Revista do Grémio*, 1921.
13. Vicente de Carvalho — *Euclides da Cunha — Páginas Soltas* — 1906, pg. 98.
14. Silvío Romero — *Discurso de recepção na Academia Brasileira* — Dezembro, 1906 — *Revista da Academia* n.º 4 e *Provocações e Debates*, pag. 336.

15. José P. de Sampaio (Bruno) — *Euclides da Cunha* — Prefácio aos Contrastes e Confrontos — 1907.
16. Silva Marques — *Um escritor — O Século* — Rio, 1937.
17. Araripe Junior — *Dois grandes estilos* — 1907, Contrastes e Confrontos.
18. Eliodoro Villazon — Carta a Euclides da Cunha sobre o Perú-versus-Bolívia — *Jornal do Comércio*, Rio, IV-1908, e *Revista do Grémio*, 1918.
19. Viriato Correia — Euclides da Cunha — *Ilustração Brasileira*, Rio, 15-8-909.
20. Coelho Neto — Discurso na Câmara dos Deputados — 13-VIII-1909 — *Revista do Grémio* de 1917.
21. Araripe Junior — *Dois vulcões extintos* (Euclides da Cunha e Raul Pompêia) — *Jornal do Comércio*, Rio, Set. 1909 e *Revista do Grémio*, 1922.
22. Carlos de Lact — *Microcosmos* — *O País*, Rio, VII, 1909 e *Revista do Grémio*, 1928.
23. Basílio de Magalhães — Discurso no "Centro de Ciências e Letras e Artes", de Campinas, 1909, *Revista do Grémio*, 1918.
24. Humberto de Queiroz — Discurso no Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, 1909 (Arquivo do Grémio).
25. Silvio Romero — *Euclides da Cunha* — *Revista da Academia*, 1909, ns. 9 e 10 e In Memoriam, pg. 199.
26. Léo do Amaral — *Euclides da Cunha* — 1 vol., 26 pgs. — S. Paulo, 1909.
27. Valdomiro Silveira — *Euclides da Cunha* — *Tribuna de Santos*, 1909.

28. Manuel Bernardes — *Euclýdes da Cunha* — *O País*, Rio, 1909.
29. Carmen Dolores — *A Semana, O Paiz* — 1909.
30. Silvío de Almeida — "O Estado de S. Paulo" — 1909.
31. João Luso — *Dominicais* — *Jornal do Comércio*, Rio, 1909 e nos "Contrastes e Confrontos".
32. Afonso Celso — Discurso no Instituto Histórico e Geográfico do Rio, 1909, no *Almanaque Garnier*, 1910 e na *Homenagem do Grémio*, 1911.
33. Félix Pacheco — Dois egressos da Parda (Euclýdes da Cunha e Alberto Rangel), 1 folheto de 27 paga. com retrato, typ. do *Jornal do Comércio*, 1909 e *In memoriam*, pg. 210.
34. Araújo Jorge — *O último livro de Euclýdes da Cunha* — *Revista Americana* — tomo III, fasc. I, pg. 61, Rio, Abril, 1910, e nos *Ensaios de critica e história*.
35. Cândido Junqueira — *Euclýdes da Cunha* — *Comércio de S. Paulo* — 26-6-1910 e *Revista Americana*, tomo III, fasc. 3, pg. 450.
36. Araújo Jorge — *Euclýdes da Cunha* — *Revista Americana* — Rio, 1919, n.º 1, pg. 114 — nos *Ensaios de crítica e história*.
37. Miguel Melo — *Prestigio súbito* — *Jornal do Comércio*, Rio, 25-12-910.
38. Afrânio Peixoto — *Euclýdes da Cunha: o homem e a obra* — Discurso de posse na Academia Brasileira, 15-8-1911 — *Revista da Academia* n. 7 e *Pocira da Estrada*, pag. 9.

39. Araripe Junior — Discurso de recepção a Afrânio Peixoto, na Academia Brasileira, 15-8-1911, *Revista da Academia*, n. 7.
40. Nestor da Cunha — *Pela memória de Euclides da Cunha* — *Gazeta da Tarde*, 1911 e *Revista do Grêmio* — 1923.
41. Jean Jaurès — Resumo de conferência em *O Estado de S. Paulo*, Set. 1911.
42. Ronald de Carvalho — *Pequena história da literatura brasileira* — F. Brigueit & Cia., pg. 384 — 1912.
43. *Ciência e Musa* — Homenagem a Euclides da Cunha — *Revista*, Rio, 1912.
44. Edgar S. Mendonça — *Reminiscências* — *Ciência e Musa* — 1912.
45. Dionísio Cerqueira — *Euclides da Cunha* — *Jornal do Comércio*, 1912.
46. Carlos Pontes — *Euclides da Cunha* — *Província do Pará*, 1912.
47. Oliveira Lima — *Euclides da Cunha* (Recordações pessoais) — *O Estado de S. Paulo*, 1913 e *In Memoriam*, pag. 252.
48. Alberto Rangel — *Um pouco de coração e do caráter* — Conferência inaugural da série do Grêmio Euclides da Cunha, em 15 de Agosto de 1913 — 1 folheto com 38 pgs., 4 gravuras — edição do Grêmio, Rio, 1913; no *In memoriam*, e nos *Rumos e Perspectivas*.
49. Alberto Rangel — Discurso na sepultura — 15 de agosto de 1913, *Revista do Grêmio*, de 1915.

50. Escragnolle Dória — *Euclides da Cunha* — *Jornal do Comércio*, agosto, 1913.
51. Ernesto Sena — *Euclides da Cunha* — *Jornal do Comércio*, 26 de dezembro de 1913.
52. Vitor Orban — *Littérature Brésilienne* (1914) — pg. 388.
53. Coelho Neto — Discurso na sepultura em 20 de Janeiro de 1914, *Revista do Grêmio* de 1915.
54. Venâncio Filho (Francisco) — *A data do nascimento de Euclides*. — *O Jornal do Comércio*, ed. da tarde, 20 de janeiro de 1914.
55. José Félix — *Euclides da Cunha* — *Época*, Abril 1914.
56. *Homenagem do Grêmio Literário Euclides da Cunha*, Rio, 1914: — Euclides da Cunha, Alberto Rangel. — *Revolucionários*, Euclides da Cunha — Carta a Coelho Neto, Euclides da Cunha. — Euclides da Cunha, Afonso Celso. — Carta a Alberto Rangel — Euclides da Cunha. — "Os Homens bons", Afonso Taunay. — Carta a Coelho Neto, Euclides da Cunha. — Ofício de Alberto Rangel. — Carta a Lúcio de Mendonça, Euclides da Cunha. — Euclides da Cunha, Octaviano Vieira. — Carta a A. Rangel, Euclides da Cunha. — A nevrose de Euclides da Cunha, Murilo Araújo. — Observando, Euclides Rodrigues da Cunha. — Carta a Octaviano Vieira, Euclides da Cunha. — Atos e palavras, Euclides da Cunha. — Discurso, pg. 31. Carta a Octaviano Vieira, Euclides da Cunha — *Revolucionários* — Nota.
57. Afonso de Taunay — *Os homens Bons* — in *Homenagem do Grêmio Euclides da Cunha* — 1914.

58. Octaviano Vieira — *Euclýdes da Cunha* (suas relações com o Príncipe D. Luiz) — *Homenagem do Grémio* — 1914.
59. Escragnelle Dória — *Euclýdes da Cunha* — conferência do Grémio em 1914, *Jornal do Comércio*, Jan. 1914 e *In memoriam*.
60. Alberto Rangel — *Palavras a Euclýdes* — 15 do Agosto de 1914 — *Quinzenas de Campo e Guerra*, pg. 26, e *Revista do Grémio* de 1915.
61. Eurico de Goes — *Horas de Lazer* — Rio, 1914.
62. Barros (Alvaro de) — *Pela justiça* — "Folha do Comércio" de Campos, Junho de 1915.
63. *Revista do Grémio Euclýdes da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1915; — Discurso no túmulo de Euclýdes, Alberto Rangel. — Última visita, Euclýdes da Cunha. Sobre a morte de Machado de Assis. — O Paraíso dos mediocres, Euclýdes da Cunha. — Versos. — A Dinamite, Euclýdes da Cunha, Artigos publicados na "Gazeta de Notícias" sobre a repressão dos revoltosos de 1893. — D. Quixote, Euclýdes da Cunha. Soneto. — Cartas a Alberto Rangel, Euclýdes da Cunha: Rio, 25-4-907 e 10-9-907. — Dedicatória a Coelho Neto, Euclýdes da Cunha. — Soneto, Euclýdes da Cunha. — Carta oferecendo ao Grémio papéis de Euclýdes, Alberto Rangel. — Discurso no túmulo de Euclýdes, Coelho Neto, 15-8-915. — Ilustração: retrato de Euclýdes da Cunha (fot. Guimarães).
64. Alberto Rangel — Carta de ofertas de cartas — *Revista do Grémio* de 1915.
65. Venâncio Filho (Francisco) — *Euclýdes da Cunha* (notas biográficas) — 1 vol. com 22 páginas — Rio, 1915.

66. Filemon Patrículo — *Crônica: Euclides da Cunha* — Lorena, 1915.
67. João Pinto da Silva — *Euclides da Cunha* — in *Vultos do meu caminho*, pg. 78.
68. João Pinto da Silva — *Dezento de Orestia*, in *Bolhas de espuma*, pg. 67 — Julho 1916.
69. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1916: — Na comemoração Euclideana, Alberto Rangel. — Carta ao Grêmio, Alberto Rangel. — A verdade sobre a morte de meu Pai, Euclides da Cunha Filho. — Versos, 1888, Euclides da Cunha. — Euclides da Cunha, Martin Francisco. — Rimas, 1885, Euclides da Cunha. — Recordações pessoais, Oliveira Lima. — Cristo (versos), Euclides da Cunha. — Discurso do posse no Instituto Histórico, Euclides da Cunha. — 15 de Agosto de 1916. — Ilustração: Euclides da Cunha e Euclides da Cunha Filho.
70. Alberto Rangel — *Na comemoração euclideana* — in *Revista do Grêmio*, 1916.
71. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1917: — Na Comemoração euclideana, Alberto Rangel. — Cartas a Machado de Assis, Euclides da Cunha. — Carta a M. R. Pimenta da Cunha. — Fazendo versos, Euclides da Cunha. — Discurso na Câmara, Coelho Neto. — Fragmentos, Euclides da Cunha. — Lirismo à disparada, Euclides da Cunha. — Crítica nos "Sertões", Araripe Junior. — Carta a Alberto Rangel, Euclides da Cunha. — Carta a Machado de Assis, Euclides da Cunha. — Carta ao Dr. Luiz Cruls, Euclides da Cunha. — Pôr de sol (à memória de Euclides), Luiz Carlos. — Carta ao Dr. E. Jordão, Euclides da Cunha. — Idéia

do Ser (prova oral de Lógica), Euclides da Cunha. — Nosso Plano de campanha. — Dr. Vieira Fazenda. — 15 de Agosto de 1917. — Ilustração: retrato de Euclides.

72. Alberto Rangel — *Na comemoração euclydiana*, in *Revista do Grémio*, 1917.
73. Roquette-Pinto — *Euclides da Cunha naturalista* — conferência do Grémio em 15 de Agosto de 1917, 1 folheto; no *In memoriam*, pg. 59, o *Seixos rolados*, pg. 263.
74. Souza Bandeira — *Três aspectos da literatura brasileira* — Os Sertões — *Páginas literárias*, Livr. Francisco Alves, Rio, 1917, pg. 5.
75. Souza Bandeira — *Um sociólogo* — Os Contrastes e Confrontos — *Páginas literárias* — Livr. Francisco Alves, Rio, 1917, pg. 22.
76. Pereira da Silva — *Euclides da Cunha* — *Época*, 1917.
77. José Muria Belo — *Euclides da Cunha* — *Estudos críticos*, Jacinto Ribeiro dos Santos, Rio, 1917.
78. Fernando Neri — *Estudos críticos*, *Jornal do Comércio* de S. Paulo, 22, Março, 1917.
79. João Ribeiro — *Euclides da Cunha*. — *Imparcial*, 1917.
80. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*. Rio, 15 do Agosto de 1908: — Euclides e o seu dia, Alberto Rangel. — Numa volta do passado (1908), Euclides da Cunha. — Carta a M. R. P. da Cunha, Euclides da Cunha. — Cartas a Vicente de Carvalho, Euclides da Cunha. — A rir (versos), Euclides da Cunha. — Carta a Euclides da Cunha, Eliodoro Villazon.

— Carta ao Grêmio, Georges Dumas. — Cartas a Francisco Escobar, Euclides da Cunha. — Tristeza (versos), Euclides da Cunha. — Fragmentos, Euclides da Cunha. — Discurso no Centro de Ciências e Letras de Campinas, Basilio de Magalhães. — Por adoração: Razões e motivos do monumento da Babilônia, Euclideanismo em S. Paulo, Meca de Euclideanismo, Sala Euclides da Cunha, Arquivo euclideanico, Datas euclideanicas, Bibliografia euclideanica, Trabalhos sobre Euclides. — Por protesto: Cousas velhas (resposta ao Sr. João Ribeiro), O Concurso de Lógica, Um conselho de vergonha, Irrespeito inútil. — 15 de Agosto de 1918. — Iustrações: Maquete do projeto Corrêa Lima do monumento da Babilônia e herma de São José do Rio Pardo.

81. Alberto Rangel — *Euclides e o seu dia* — *Revista do Grêmio*. 1918.
82. Coelho Neto — *Feições do homem* — conferência no Grêmio Euclides da Cunha, em 15 de Agosto de 1918, *Livro de Prata*, pg. 192.
83. Georges Dumas — *Carta ao Grêmio*, in *Revista do Grêmio* de 1918, pg. 20.
84. Adalgizo Pereira — *Páginas esquecidas* — *O Estado do São Paulo*, 1918 e *In memoriam* pg. 275.
85. Afrânio Peixoto. — *Euclides da Cunha* — *dom o arte do estilo*. — Conferência da comemoração do decenário da morte de Euclides da Cunha, promovida pelo Grêmio Euclides da Cunha em 15 de Agosto de 1919, *Poesia da Estrada*, pg. 45 e *In memoriam*, pg. 101.
86. *Por protesto e adoração* — *In memoriam de Euclides da Cunha*, 1 vol. em comemoração do decenário de sua morte, com 325 pgs. um desenho de Carlos Oswald, 24

gravuras. Edição do Grémio Eucl'yes da Cunha, Rio, 1919. Contém os seguintes trabalhos: — No anverso, Alberto Rangel. — Um pouco do coração e do caráter, Alberto Rangel. — Eucl'yes da Cunha, Escragnolle Dória. — Eucl'yes da Cunha naturalista Roquette-Pinto. — Feições do homem, Coelho Neto. — Dom e arte do estilo, Afrânio Peixoto. — Feição brasileira, Basílio de Magalhães. — Os Sertões, Araripe Junior. — Eucl'yes da Cunha, Silvio Romero. — Dois egres- sos da farda, Félix Pacheco. — Recordações pessoais, Oliveira Lima. — Páginas esquecidas, Adalgizo Pe- reira. — Notas: — Comemorações eucl'yeanas, Meca do Eucl'yeandismo, Sala Eucl'yes da Cunha, Canta- galo, Arquivo eucl'yeano (versos, cartas, cadernos de notas, iconografia). Efemérides eucl'yeanas, Biblio- grafia eucl'yeana, Monumento da Babilônia.

87. *Revista do Grémio Eucl'yes da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1919: — O culto Eucl'yeano, Alberto Ran- gel. — Carta a Vicente de Carvalho, Eucl'yes da Cunha. — Carta a Octaviano Vieira, Eucl'yes da Cunha. — As catas (versos), Eucl'yes da Cunha. — Eu quero (versos), Eucl'yes da Cunha. — Carta a Francisco Escobar, Eucl'yes da Cunha. — Carta a Reinaldo Porchat, Eucl'yes da Cunha. — Discurso em S. José do Rio Pardo, Jovino de Silos. -- 15 de Agosto de 1919. — Ilustração: retrato de Eucl'yes.
88. Alberto Rangel — *O culto eucl'yeano*, *Revista do Grémio*, 1919.
89. *A Época* — Revista da Faculdade de Ciências Jurí- dicas e sociais, n. 37, consagrado a Eucl'yes da Cunha, Agosto de 1919.
90. Theodoro Sampaio — Discurso no Instituto Geográ- fico e Histórico da Baía — *Revista do Instituto*, 1919, pg. 247.

91. Arnaldo Pimenta da Cunha — *A viagem do Purús*, conferência no Instituto Geográfico e Histórico da Bafa, in Revista deste Instituto, 1919, pg. 255.
92. Côrtes Júnior — Discurso na inauguração da herma de Cantagalo em 12 de Outubro de 1919.
93. Octavio Costa — Discurso na inauguração da herma de Cantagalo, 1919.
94. Almanaque Garnier — *Euclides da Cunha*, 1919, pg. 171.
95. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1920: — *Euclides na Babilônia*, Alberto Rangel. — *Parecer no Instituto*, Euclides da Cunha. — *Carta a Vicente de Carvalho*, Euclides da Cunha. — *Fazendo versos*, Euclides da Cunha. — *Carta a Coelho Neto*, Euclides da Cunha. — *Os Lemures*, Euclides da Cunha. — *Apóstrofe a Euclides*, Dr. Olímpio da Fonseca. — *Euclides da Cunha*, Alípio Neri Machado. — *Edições do Grêmio*. — *A sepultura de Euclides*. — 15 de Agosto de 1920. — *Ilustração*: maquete e local do monumento da Babilônia.
96. Alberto Rangel — *Euclides na Babilônia* — *Revista do Grêmio*, 1920.
97. Alípio Neri Machado — *Euclides da Cunha* (Depoimentos vários) — *Revista do Grêmio*, 1920.
98. Raja Gabaglia — *Euclides da Cunha Geógrafo* — conferência do Grêmio em 1920. — *O Imparcial* — Janeiro 1920.
99. Henrique Coelho — *Euclides da Cunha*, in *Chrestomathia Brasileira*, S. Paulo, 1920, pg. 48.
100. Leônidas de Lóiola — *Um filósofo nacionalista* — Paraná, 1920.

101. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1921: — No dia euclydcano, Alberto Rangel. — Heróis de ontem, Euclides da Cunha. — Carta a Francisco Escobar, Euclides da Cunha. — Carta a Henrique Coelho, Euclides da Cunha. — Verso e reverso, Euclides da Cunha. — Reparos no forte da Bertioga, Euclides da Cunha. — Carta a Carlos Dias Fernandes, Alberto Rangel. — Castro Alves e Euclides da Cunha. — O euclydcanismo em Cantagalo. — Um caso policial à margem da campanha. — 15 de Agosto de 1921. — Ilustração: Grupo da Escola Militar, em 1888.
102. Alberto Rangel — *No dia euclydcano* — *Revista do Grémio*, 1921.
103. Rondon — *Reminiscências da antiga Escola Militar da Praia Vermelha* — conferência do Grémio em 1921, *Revista Rádio*.
104. Alvaro Alberto — Discurso na sepultura de Euclides da Cunha, em 15 de Agosto de 1921, *Grémio Euclides da Cunha*, folheto de 58 páginas, pg. 23.
105. Monteiro Lobato — *Euclides da Cunha*, *A Novela Literária*, Ano V, n.º 12-16 de Julho de 1921, pag. 199.
106. Artur Mota — *Euclides da Cunha*, in *Vultos e livros*, pg. 225, S. Paulo, 1921.
107. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1922: — A Babilônia Vasia, Alberto Rangel. — Ato e palavras, Euclides da Cunha. Da Província de S. Paulo de 1888. — Cartas a Araripe Junior, 1902. — A Cruz da estrada, versos, 1884. — Um atlas do Brasil, Euclides da Cunha. Último trabalho, incompleto. — Cartas a Francisco Escobar. — Dois vulcões extintos, Araripe Junior. — Na prôa da ubá,

- Alberto Rangel. — Insistência, Nestor da Cunha. — 15 de Agosto de 1922.
108. Alberto Rangel — A Babilônia vazia — Revista do Grémio, 1922.
109. Alberto Rangel — *Na prôa da ubi* — Revista do Grémio, 1922.
110. Mauricio de Lacerda — *A vocação de Euclides* — *O Imparcial*, 1922. — *Verminoso politica, idem.* — *A crise republicana, idem.* — *A missão de Euclides, idem.* — *Euclides da Cunha e o conceito do general Fay, idem.*
111. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1923: — "Mons memor", Alberto Rangel. — Prefácio aos Fragmentos e Relíquias, Afrânio Peixoto. — Carta a Alberto Rangel, Euclides da Cunha. — Carta a Coelho Neto, idem. — Carta a Lúcio de Mendonça, idem. — Carta a Araripe Júnior, idem. — Carta a Coelho Neto, idem — Carta a Alberto Rangel, idem — Dois companheiros perdidos. — 15 de Agosto de 1923.
112. Alberto Rangel — *Mons memor* — *Revista do Grémio*, 1923.
113. Afrânio Peixoto — *Prefácio aos Fragmentos e Relíquias* — *Revista do Grémio*, 1923.
114. Goulart de Andrade — *Reminiscências de Euclides*, conferência do Grémio em 15 de Agosto de 1923 — *Imparcial*, Agosto de 1923.
115. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1924: — No relêvo das montanhas o relêvo das figuras, Alberto Rangel. — Vicente de Carvalho, fator de euclideanismo. — Euclides da Cunha, Vicente de Carvalho. — Cartas a Vicente de Carvalho,

Euclides da Cunha. — Apresentação do Grêmio a S. Paulo, Vicente de Carvalho. — Homenagem a Vicente de Carvalho. — Euclides da Cunha e Vicente de Carvalho. — 15 de Agosto de 1924. — Ilustração: retrato de Vicente de Carvalho.

116. Alberto Rangel - *No relvão das montanhas o relvão das figuras* — *Revista do Grêmio*, 1924.
117. Maurício Joppert — *Euclides engenheiro* — conferência do Grêmio Euclides da Cunha em 1924. *Revista Rádio*.
118. B. A. — *Evocando Euclides da Cunha*, *O País*, de 15 de Agosto de 1924.
119. Tristão de Ataíde — *Política e letras — A margem da História da República*, Rio, 1924, pgs. 288.
120. Tristão de Ataíde — *A literatura brasileira e a crítica* — *O Jornal*, Fevereiro de 1925, e *Revista do Brasil*, n. 111, pg. 262, Março de 1925.
121. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1925: — Talho de um perfil, Alberto Rangel. — Euclides da Cunha, Domício da Gama. — Cartas a Domício da Gama. Euclides da Cunha. — Francisco Escobar. — Cartas a Francisco Escobar, Euclides da Cunha. — Índice de um decênio. — 15 de Agosto de 1925. — Ilustração: Euclides no Gabinete de trabalho.
122. Alberto Rangel — *Talho de um perfil* — *Revista do Grêmio*, 1925.
123. Vicente Licínio Cardoso — *Euclides da Cunha; I, Euclides o descobridor; II, A lição de Euclides da Cunha; III, Euclides, historiador. Figuras e Conceitos*, pg. 104, Rio, 1925.

124. Everardo Backeuser — *Euclýdes da Cunha e a Geografia Moderna*, conferência do Grêmio em 15 de Agosto de 1926.
125. *Revista do Grêmio Euclýdes da Cunha*. Rio, 15 de Agosto de 1926: — Palavras de Alberto Rangel. — Notas de leitura, Euclýdes da Cunha — Relatório sôbre a ilha dos Buzios, idem — Cartas a Max Floiuss, idem — 16 de Agosto de 1926. — Ilustrações: Grupo com Euclýdes na ilha dos Buzios.
126. Alberto Rangel — *Palavras*. *Revista do Grêmio*, 1926.
127. João Pinto da Silva — *Euclýdes e Sarmiento, O País e Revista do Grêmio*, 1927.
128. *Revista do Grêmio Euclýdes da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1927: — Euclýdes e os outros, Alberto Rangel. — Canudos (Diário de uma expedição), Euclýdes da Cunha. — Euclýdes da Cunha cientista, Nestor Vitor. — Ondas (versos, 1884), Euclýdes da Cunha. — Euclýdes e Sarmiento, João Pinto da Silva. — Júlio de Mesquita, — 15 de Agosto de 1927. — Ilustração: Desenho de Jordão de Oliveira, da Revista Bibliográfica.
129. Alberto Rangel — *Euclýdes e os outros...* — *Revista do Grêmio*, 1927.
130. Nestor Vitor — *Euclýdes da Cunha cientista, O Globo e Revista do Grêmio*, 1927.
131. Domicio da Gama — *Euclýdes da Cunha, Revista do Grêmio*, de 1927, e *Revista da Academia*, Dezembro de 1927.
132. *Revista Bibliográfica* n. 1, consagrada a Euclýdes da Cunha, Rio, Outubro de 1927.

133. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1928. — Palavras, de Alberto Rangel. — Meca do euclideanismo. — Dicionário d' "Os Sertões", Paulo Terêncio. — In memoriam, Vicente Licínio Cardoso. — Microcosmo, Carlos de Laet. — Oliveira Lima. — 15 de Agosto de 1928. — Ilustração: fotografia d' "À margem da História".
134. Amadeu Amara] — *Euclides da Cunha e a Câmara Municipal de S. José do Rio Pardo*, *Revista da Academia*, Março, 1928
135. Vicente Licínio Cardoso — Discurso na sepultura — *Revista do Grémio*, 1928.
136. Ciro Lustosa — Discurso na comemoração de 1928.
137. Epicteto Fontes — Conferência realizada em S. José do Rio Pardo em 15 de Agosto de 1928.
138. Cleômenes de Campos — Conferência em S. José do Rio Pardo em 15 de Agosto de 1929.
139. Lúcia Miguel Pereira — *Um bandeirante — O Imparcial*, de 20 de Janeiro de 1929.
140. Venâncio Filho (Francisco) — *Os Sertões — O Imparcial* — 20 de Janeiro de 1929.
141. Paulo Terêncio — *Estudos euclidianos* (Notas no vocabulário d'Os Sertões) — 1 vol., 163 págs., 1929.
142. *Revista do Grémio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1929: — Euclides e a Praia Vermelha, Alberto Rangel. — Euclides e os médicos, Paulo Terêncio. — Estudos euclidianos. — Fragmentos e reliquias. — Edição internacional de Euclides da Cunha. — O umbuseiro de Euclides. — Euclides a seus amigos. — Datas euclidianas. — Arquivo euclidiano. — *Bibliografia euclidiana*. — 15 de Agosto de 1929. —

Ilustração: Eshôço de um mapa de Euclýdeanismo, por Edgar S. Mendonça.

143. Alberto Rangel — *Euclýdes e a Praia Vermelha, Revista do Grémio*, 1929.
144. *Revista da Academia Brasileira* — Número de Agosto de 1929, consagrado a Euclýdes da Cunha.
145. Roquette-Pinto — *Ensaio sôbre os Sertões — Revista da Academia*, Rio, Set. 1929.
146. Luiz Carlos — *Euclýdes da Cunha — Revista da Academia*, Set. 1929.
147. Roquette-Pinto — *Impressões da Terra — A Ordem*, Set. 1929 e *Revista do Grémio*, 1930.
148. Fernando de Azevedo — *Ensaíos.* — Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1929, *História Natural Brasileira*, pg. 34 e 37.
149. Eugênio Werneck — *Euclýdes da Cunha*, Antologia Brasileira, 1929, pág. 57.
150. Lina Hirsh — artigo sôbre literatura brasileira *Die Literatur*, 1929.
151. Alberto Rangel — *Euclýdes na Babilônia, Papéis Pintados* — Paris, 1929 — pgs. 159.
152. *Revista do Grémio Euclýdes da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1930: — Palavras de sempre, Alberto Rangel. — Cartas a José Veríssimo, Euclýdes da Cunha. — Inspirações da terra. — Roquette-Pinto. — Recordações de Euclýdes, Elói Pontes. — Escola Euclýdes da Cunha. — Vocabulário d' "Os Sertões". — S. José do Rio Pardo. — 15 de Agosto de 1930. — Ilustração: A barrquinha de S. José do Rio Pardo em 1930 (clichê d' O Globo).

153. Alberto Rangel — *Palavras de sempre* — *Revista do Grémio*, 1930.
154. Elói Pontes — *Euclides da Cunha, O Globo e Revista do Grémio*, 1930.
155. Paulo Filho — *Um grande paisagista brasileiro: Euclides da Cunha*, conferência realizada na Escola de Belas Artes, 1930.
156. Povina Cavaleanti — *Excerto de um livro inédito* — *O Globo*, 15 de Agosto de 1930, e *Candeia de azeite*, pgs. 107-112.
157. Carlos A. Mendonça — *Euclides da Cunha* — *Um aspecto inédito de sua obra, Fólha do Norte*, 15 de Agosto de 1930, Pará.
158. Brasiliófilo (José Honório de Silos) — *O estouro da Doiada, Colméia*, mensário ilustrado de S. José do Rio Pardo, n. de 15 de Agosto de 1930, consagrado a Euclides.
159. Pedro A. Pinto — *Os Sertões de Euclides da Cunha, Vocabulário e notas lexicológicas* — 1 vol. com 315 págs., 1930.
160. *Colméia* — *Revista de S. José do Rio Pardo*, número 1, de 15 de Agosto de 1930, consagrado a Euclides da Cunha.
161. Eseragnolle Dória — *Euclides estudante*, in *Revista da Semana*, 20 de Agosto de 1930.
162. Afrânio Peixoto — *Euclides da Cunha* — *Noções da História da literatura brasileira* — pg. 312. Rio, 1931.
163. Venâncio Filho (Francisco) — *Euclides da Cunha* — *Ensaio bio-bibliográfico* — Rio, 1931 — Ed. da Academia Brasileira.
164. Paulo Filho — Conferência em S. José do Rio Pardo em 15 de Agosto de 1930.

165. Silo Meireles — *O berço d' "Os Sertões" e o euclidianismo como força renovadora.* — *Diário da Manhã* de 16 de abril de 1930.
166. Pedro Saturnino — Conferência em S. José do Rio Pardo em 15 de Agosto de 1931.
167. *Revista do Grémio Euclides da Cunha.* — Rio, 15 de Agosto de 1931 — Presente, Alberto Rangel. Algumas páginas da caderneta de campo de Euclides da Cunha. Carta a Lúcio de Mendonça, Euclides da Cunha. Euclides da Cunha (excerto), Monteiro Lobato. Estudo bio-bibliográfico de Euclides da Cunha. Duas referências. A repercussão internacional da obra de Euclides da Cunha. Vicente Licínio Cardoso, discípulo de Euclides da Cunha. Professor Pacheco Leão. 15 de Agosto de 1931.
168. Alberto Lamego Filho — *Euclides da Cunha, o Mestre.* — Conferência feita no Colégio Brasil — d' *O Estado*, de Niterói — 11 de Setembro de 1932.
169. *Revista do Grémio Euclides da Cunha* — Rio, 15 de Agosto de 1932. — Folheando "Os Sertões", Alberto Rangel. Origem d' "Os Sertões" — As fontes d' "Os Sertões". — A sua repercussão. A edição ne varietur d' "Os Sertões", Fernando Neri. 15 de Agosto de 1932. Fotografia do fac-simile da página de rosto da 1.^a edição d' "Os Sertões".
170. Rev. Teodomiro Enrique — Conferência em S. José do Rio Pardo em 1933.
171. Tomaz Murat — *Herculano e Euclides* — *O Globo* de 30 de Outubro de 1933.
172. Veiga Miranda — *Euclides antes d' "Os Sertões"* — *Revista da Academia Brasileira de Letras.* Ano 24 — Outubro de 1933 — n.º 142 — pg. 200. Conferên-

cia realizada a convite do Grêmio Euclides da Cunha de S. José do Rio Pardo.

173. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha* — Rio, 15 de Agosto de 1933. — A obra incompleta de Euclides da Cunha, Alberto Rangel. Meu exemplar dos Contrastes e Confrontos, Afrânio Peixoto. Nestor Pestana — 15 de Agosto de 1933. — Fotografia da 1.^a edição dos Contrastes e Confrontos.
174. Clovis Sampaio — Conferência em S. José do Rio Pardo em 1934.
175. Bernardino de Sousa. *Euclides da Cunha*. Conferência realizada em comemoração ao 25.^o aniversário da sua morte, pelo Grêmio Euclides da Cunha — *O Jornal* de 3 de Setembro de 1934.
176. Américo Valério — *Euclides da Cunha*. — Tipografia Aurora. R. Santiago — Teófilo Otoni 202 — Rio de Janeiro — 1934. 1 vol. de 226 pgs.
177. Firmo Dutra — *Euclides da Cunha* — *Diário de Notícias* de 26 de Fevereiro de 1934 e *Revista da Academia Brasileira de Letras* — Ano 26 — Novembro de 1934 — n.^o 155 pags. 337 e *Revista do Grêmio Euclides da Cunha* de 1934.
178. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha* — Rio, 15 de Agosto de 1934. Cinco lustros depois, Alberto Rangel. Palavras de Alberto Rangel (dos Papéis Pintados). Euclides da Cunha, Firmo Dutra. O episódio Euclides da Cunha, Viriato Correia, S. José do Rio Pardo. — 15 de Agosto de 1934. Fotografia da Comissão Mixta de Reconhecimento do Alto-Purús.
179. Pedro Mota Lima — *O extremismo no exército, A Manhã* de 15 de Agosto de 1935.

180. Enrique Fabregat — Conferência no Grêmio Euclides da Cunha em 15 de Agosto de 1935.
181. Roberto Gil — *Euclides da Cunha e Rússia* — *Gazeta de Notícias* de 21 de maio de 1935.
182. Almeida Magalhães — *Mecca do Euclidianismo* — *O Estado de S. Paulo* de 15 de Agosto de 1935.
183. Frederico Rêgo Neto — *A vulgarização d'“Os Ser-tões”* — Maio de 1935.
184. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*, Rio, 15 de Agosto de 1935. — *A Cruz de Sangue*, Alberto Rangel, Três cartas inéditas de Euclides, Mário Casassanta. *A cidade de Euclides*, Almeida Magalhães. Coelho Neto — *Euclides da Cunha*, 15 de Agosto de 1935. *Fotografia de um grupo de Campanha de 1894*.
185. José Honório de Silos — *Reminiscências do Euclides da Cunha*. — *Francisco Escobar* — *Resenha* — jornal de S. José do Rio Pardo — 24 de Agosto de 1936 — n.º 382.
186. Pedro Calmon. *A árvore de Euclides* — *A Noite* de 22 de Agosto de 1936.
187. Carlos A. de Mendonça — *Euclides da Cunha e a expressão máxima do aspecto literário de sua obra* — *O Correio da Manhã* — 6 de setembro de 1936.
188. Otolomj da Costa Strauch — *A expressão nacional de Euclides da Cunha* — in *A Ofensiva* — 15 de agosto de 1936.
189. Pedro Calmon — Conferência em S. José do Rio Pardo em 15-8-1936.
190. Roberto Lira — *Euclides da Cunha criminologista*, 1 folheto de 17 pgs. — Rio 1936.

191. Elói Pontes — *Euclýdes* — *O Globo* de 14 de agosto de 1936.
192. João Pinto da Silva — Conferência no Grêmio Euclýtertura Nacional. n.º 15, junho de 1936.
193. Lacerda Filho — *Euclýdes da Cunha* — *Sua vida e sua obra* — A União Editora — João Pessoa — 1936 — 1 vol. de 163 pgs.
194. *Boletim Bibliográfico da Livraria Acadêmica* de Jubatubal. Araraquara — Euclýdes da Cunha na Literatura Nacional. n.º 15 junho de 1936.
195. Elói Pontes — *Euclýdes da Cunha* — discurso pronunciado na sepultura — *O Globo* de 15 de agosto de 1936.
196. *Revista do Grêmio Euclýdes da Cunha*, Rio, 15 de agosto de 1936. Os louros de Euclýdes, Alberto Rangel. Uma bandeirante, Lúcia Miguel Pereira. Euclýdes da Cunha criminologista, Roberto Lira. A glória de Euclýdes. F. V. F. 15 de agosto de 1936. Fotografia da villa Glieínia, em Manaus.
197. Roberto Lira — *Euclýdes da Cunha* — *Assassínio simbólico* — *A Noite* de 7 de Abril de 1937.
198. Carlos Ramos — *Euclýdes da Cunha* — *O Gládio* de maio de 1937.
199. Edgar Sussekind de Mendonça — *Euclýdes da Cunha lido ao povo. Carta aos amigos do Grêmio Euclýdes da Cunha* — in "Revista Academica", 1937.
200. *Revista do Grêmio Euclýdes da Cunha* — Rio, 15 de agosto de 1937. Honrar-se a si mesmo, Alberto Rangel. Palavras de Elói Pontes. — S. José do Rio Pardo, Pedro Calmon. Uma meditação sobre Euclýdes da Cunha, Múcio Leão. — Euclýdes da Cunha e a Sociologia criminal, Roberto Lira. 15 de agosto de 1937. Fotografia de Euclýdes de 1902.

201. Fidelis Reis — *Euclides da Cunha* — discurso na sepultura em 15 de agosto de 1937 — *Jornal do Comércio* de 16 e 17 de agosto de 1937.
202. D. C. — *O Culto de Euclides da Cunha* — *A Pátria* de 18 de agosto de 1937.
203. José Lins do Rêgo — *Euclides da Cunha e a liberdade* — discurso na sepultura — *O Jornal* de 18 de Agosto de 1937.
204. Moreira Guimarães — *Euclides da Cunha* — conferência realizada pelo Grêmio Euclides da Cunha em 15 de agosto de 1937 — *Correio da Manhã* de 3 de outubro de 1937.
205. J. O. Orlandi — *O autor d' "Os Sertões"* — *O Estado de S. Paulo* de 20 de outubro de 1937.
206. Venâncio Filho (Francisco) — *A vida de Euclides da Cunha*. — Conferência da série oficial — "Os nossos grandes mortos" promovida pelo Exmo. Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde, em 18 de novembro de 1937.
207. *Inquerito sobre a influência d' "Os Sertões"* — *A Gazeta de S. Paulo* de 16 de Novembro de 1937 a 8 de Fevereiro de 1938.
208. Danilo Bastos — *O romantismo no Brasil, "Dom Casmurro"* de 6-1-1938.
209. Eduardo Frieiro — *Literatura da Semana* — *Folha de Minas* — 5 de fevereiro de 1939 — Belo-Horizonte.
210. Carlos Maul — *Aspectos novos da biografia de Euclides da Cunha* — *Correio da Manhã* — 9 de Fevereiro de 1938.
211. Carlos Maril — *Plácido de Castro e Euclides da Cunha* — *Correio da Manhã* — 23 de fevereiro de 1939.

212. Costa Rego — *Um processo literario — Correio da Manhã* — 26 de fevereiro de 1939.
213. Mariano de Vedia — *Euclides da Cunha y su obra maestra — "La Nacion"* de 1938; reproduzido no prefacio da edição argentina "*Los Sertones*".
214. *Euclides da Cunha, magistral retratista do Brasil* — (S/ autor) "*Vamos ler*" — 3 de março de 1938 — Rio.
215. Rodrigues de Miranda — *Euclides da Cunha* — "*Universidade*" — Junho de 1938 — Recife.
216. Newton Freitas — *Euclides da Cunha (Apuntes para su biografia). "La Prensa"* — 5-6-1938.
217. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha* — 15 de Agosto de 1938. Palavras de Alberto Rangel. Euclides, um gênio americano, Monteiro Lobato. Os europeus d'"Os Sertões", Roberto Piragibe da Fonseca; Euclides, Menotti del Picchia — 15 de Agosto de 1938 — Ilustração: Conjunto em torno da barraquinha de S. José do Rio Pardo.
218. Mucio Leão — "*A proposito de Euclides da Cunha. Jornal do Brasil* — agosto de 1938.
219. V. Correia Filho — *Euclides da Cunha — Jornal do Comércio* — Agosto, 1938.
220. Arnaldo Pimenta da Cunha — 15 de agosto — *Imparcial da Bala* — 22 de agosto de 1938.
221. Süsskind de Mendonça (Carlos) — *Discurso na sepultura* — 15 de agosto de 1938.
222. Firmo Dutra — *Euclides da Cunha, geografo e explorador — "Estudos brasileiros"* — Ano I — n.º 2 — Setembro-Outubro, 1938. Conferência realizada no Instituto de Estudos Brasileiros, no Palácio do Itama-

rati, com debates do Ministro Oswaldo Aranha, Eloi Pontes, Mário Casassanta e F. Venâncio Filho.

223. Lincoln Gomes — *Um velho discípulo de Massenet es-
creve uma opera inspirada na grande obra de Euclides
da Cunha* — *Correio da Manhã*, 30 de outubro de
1938.
224. Monteiro Lobato — “*Eu tomo o sol*” — “*Cultura*” —
Novembro de 1938 — S. Paulo.
225. J. C. Mello e Souza — *A Matematica e os Sertões* —
Anuario Brasileiro de Literatura — vol. 3 — Pon-
getti; 1939 — pg. 65.
226. Temistocles Linhares — *No mundo das letras: Eu-
clydes de relance* — *O Dia* — Curitiba, 24 de janeiro
de 1939.
227. Calmon (Pedro) — *Cartas de Euclides* — “*Noite*”.
— 28 de janeiro de 1939 — Rio.
228. Viana (Helio) — *Euclides da Cunha e seus amigos* —
“*Touring*” — Fev. 1939 — Rio.
229. Herculano Borges da Fonseca — *Euclides da Cunha
e os Sertões* — *Correio da Manhã* — 12 fevereiro de
1939 — Rio.
230. João Paragunssú — *Machado de Assis e a Academia*
— *Correio da Manhã* — 21 de fevereiro de 1939 — Rio.
231. Hermes Lima — *Euclides da Cunha, sua alma e sua
tragedia* — *Diario de Noticias* — Fevereiro de 1939
Rio.
232. Afranio Peixoto — *Euclides da Cunha sociólogo* —
Vida Literária, Março de 1939.
233. Trijão de Athayde — *Euclides e Machado* — *O Jor-
nal* — 5 de março de 1939.

234. José de Souza Teixeira — *Um processo literario — Correio da Manhã* — 5 de março de 1939 — Rio.
235. Carlos Maul — *Facundo e Os Sertões — Correio da Manhã* — 9 de março de 1939 — Rio.
236. Plinio Barreto — Livros novos: Eloy Pontes: *A vida dramatica de Euclýdes da Cunha — O Estado de S. Paulo.*
237. Plinio Barreto — Livros novos: Euclýdes da Cunha (*Canudos*) e Francisco Venancio Filho: *Euclýdes da Cunha a seus amigos — O Estado de S. Paulo* — 11 de março de 1939.
238. Eloy Pontes — *Euclýdes da Cunha a seus amigos — "Vida literária"* — Abril de 1939 — Rio.
239. Navarro (Raul) — *Euclýdes da Cunha y el nativismo brasileiro — "La Nacion"* — 2 de abril de 1939 — Buenos-Ayres.
240. Lemos Brito — *Bazar de Livres — Vanguarda* — 3 de abril de 1939.
241. Livros novos — *Euclýdes da Cunha* (Diario de uma expedição) — *"Jornal do Comércio"* — 9 de abril de 1939 — Rio.
242. (D. G.) - - *Euclýdes da Cunha a seus amigos — "Vamos ler"* — 13 de abril de 1939 — Rio.
243. Edgard Cavalheiro — *"Os Sertões" em versão espanhola — "Vamos ler"* — 13 de abril de 1939 — Rio.
244. Plinio Barreto — Livros Novos (*Euclýdes da Cunha: Perú versus Bolivia*) — *Estado de S. Paulo* — 22 de abril de 1939.
245. João Paraguassú — *A correção de Euclýdes — Correio da Manhã* — 22 de abril de 1939.

246. Lemcs Brito — *Bazar do Livros* — “*A Vanguarda*” — 3 de Maio de 1939 — Rio.
247. Francisco Venancio Filho — *A gloria de Euclides da Cunha* — *Diario de Noticias* — 7 de maio de 1939.
248. Alves da Silva (Valentim) — *Cartas de Euclides da Cunha* — *Diário do Comércio* — S. João d’El Rei — 27 de maio de 1939.
249. Afranio Peixoto — *Euclides da Cunha e a literatura nacional* — “*Vida literária*” — Julho e agosto de 1939.
250. Almeida Magalhães — “*A grande mensagem de Euclides*” — *Caderno da Hora Presente*” — Julho e agosto 1939.
251. Honório de Silos (José) — “*Reminiscências de Euclides da Cunha* — “*Cadernos da Hora Presente*” — Julho e agosto - - 1939.
252. Celso Vieira — *A terra e o homem* — *Vida literária* — Julho e agosto de 1939. Rio.
253. Eloy Pontes — *Obra, gênio e martírio de Euclides da Cunha* — “*Vida literária*” — Julho e agosto de 1939.
254. Hernandez Catá — *O estilo de Euclides da Cunha* — “*Vida Literária*” — Julho e Agosto 1939 — Rio.
255. Pereira Leite (Octavio) — *Euclides e S. José do Rio Pardo* — *Resenha*, S. José do Rio Pardo, 15 de agosto de 1939.
256. Nery (Fernando) — “*Discurso na sepultura*” — 15 de agosto de 1939 — (*O Jornal do Comércio* agosto de 1939).
257. Casassanta (Mário) — *Euclides* — “*Estado de Minas*” — 15 de agosto de 1939.

258. Teotonio de Brito (Luiz) — *Euclides militar* — Discurso em S. José do Rio Pardo — 15 de agosto de 1939.
259. Revista do Gremio Euclides da Cunha — 15 de agosto de 1939 (N.º 25) — Oração inicial, Alberto Rangel. Tuunay & Euclides, Alberto Rangel. Reminiscencias de Euclides da Cunha — Francisco Escobar, José Honório de Silos. Machado de Assis e Euclides da Cunha. Carta de Euclides. O livro de Eloy Pontes. Euclides da Cunha a seus amigos. S. José do Rio Pardo. Uma opera inspirada n' "Os Sertões". 15 de agosto de 1939. Ilustração: retrato de Francisco Escobar.
260. Anthony — "A barraquinha-prosépio" — "O Globo" — 1939.
261. Souza Filho — *Euclides da Cunha e o Estado Novo* — "Patria" — agosto de 1939.
262. Raul Severiano Ribeiro — *Euclides da Cunha — Dom Casmurro* — 1939 — Rio.
263. Venâncio Filho (Francisco) — "A glorificação de *Euclides da Cunha*" — "Conferencia realizada em S. José do Rio Pardo, a 15 de agosto de 1939 ("O Estado de S. Paulo").

VI

EMENDAS D'"OS SERTÕES" (*)

A TERRA

5.^a 2.^a

CAPITULO I

	5	contrafeitos torturados
5 — onde — em que.	5	sotopostos — subordinados
5 cu — e		

* A primeira palavra é da 5.^a edição (definitiva), a outra da 2.^a.
O sinal + quer dizer acréscimo e — supressão.

- 5 A — Tal
 6 aviva — agrava
 6 percorridas — abandonadas
 6 dominantes — ditada
 6 planos — complanados
 7 prendendo — ligando
 7 perturbam — tem perturbado
 7 altas — alçadas
 7 soerguidos — alterados
 7 nos aspectos — na molduragem
 9 derruidos — desbastados
 9 adeante (—)
 10 estupendo — desmensurado
 11 aquellos ramos — ramos indicados
 11 longo — dilatado
 11 as saltava — saltava-as
 11 extincta — deida
 11 onde uma — cuja
 12 dominam — preponderam
 12 partida — desmantelada
 12 rastos — pégadas
 12 desvios — estradas.
 13 das — de
 13 se deixa — deixa-se
 14 envoltas — rodeadas.
 15 Dominante — alçada
 15 enorme — desmesurado
 15 desento — traçado
 15 lhes (+)
 15 daquelles — dos
 16 quasi desnudos — escavados
 16 constricto — estrangulado
 16 improviso — de golpe
 16 modificam-se — se modificam;
 16 scindidas — retalhadas
 17 relembrando . que lembram.
 18 succedem-se — se succedem
 18 vac-se de boa sombra com — acompanha-se de bom grado o deduzir ou sendo de
 19 uma dessas — tal
 19 verdadeiras
 19 exposta — cuja existencia se firma
 19 invejaveis
 19 ligando — ligados
 20 altiplanuras — terras elevadas
 21 exsolvidos — desagregados — ignotos — ignorados.

CAPITULO II

- 22 estendida — dilatada
 22 cujo — formando lhe
 22 Cororobó — Cocorobó
 22 elliptica — dilatada

- 22 ondeante — ondulado
 23 tortuoso — torturado
 23 enxurros — enxurradas.
 23 vallos — valladas
 23 antiga (+)
 24 perceridos — vingados
 24 revoltos — avergoados
 24 despenhadeiro — quebra-
 da
 24 arraial — povoado.
 25 projectando-se -- proje-
 ctados
 25 ondulantes — ondulados.
 25 vertentes — cumindas
 26 tinha — tem
 26 lobrigavam — lobrigam
 25 distinguia — destaca
 25 incontaveis — embara-
 lhos

CAPITULO III

- 26 a par dos — ligados
 27 desfavorecida — aggra-
 vada
 27 tohidos — sulcados
 27 onde — em que
 27 arqueado com (—)
 27 deixa-o o viajante — o
 viajor o deixa
 27 desorientadamente — de-
 sorientados.
 27 accentua-se — aggrava-se
 28 permanente (+)
 28 vermelha — esbrazenda
 28 subito — de pancada

- 28 espessas — pesadas
 28 incendidas — calcinadas.
 29 em que (+)
 29 frigidissimas — polares
 29 alguma — em.
 29 protegido — obrigado
 29 desmedido — desmesura-
 do.

CAPITULO IV

- 32 distantes — afastadas
 32 definida — synthetisada
 32 a estudar — estudal-a
 33 apenas (+)
 33 insolavel — inabordable
 35 que irradiando intensa-
 mente — cuja irradiação
 intensa
 36 uma e outras (+)
 37 repellidos — repulsados
 37 correntosos — encaicho-
 eirados
 33 os esgalhos — a galhada
 38 tohiças — enfesadas
 38 caracterisados — forma-
 dos
 38 distenses — distendidos
 39 completando — e quei-
 mados
 39 impressos — estampados
 39 reduzidos — attenuados
 40 um metro de alto (+)
 41 surprehente — des-
 proporcionado

- 41 debellar-se — se debellar
 41 aperebidos — armados.
 41 decahem a seu lado —
 lhe decahem a um lado
 41 talvez (+)
 41 no resfriar-se — resfriando-se
 42 transmutando-se — transmutados
 42 solidarios — entrançados
 42 ao cabo (+)
 42 vencendo — vencem
 42 asperrimo — esbraçado
 42 elles (+)
 42 ramalhos — esgalhos
 42 inatural — irritante
 42 fraccionando-se — fraccionados
 42 queimosos — em fogo
 44 ermos — descampados
 45 bolhando — empolados
 45 e retorcendo (+)
 45 embruscado — avassalado
 46 acamando-se — acamadas
 46 vigoroso — alentado
 47 ao modo — feito
 47 pratico — praticos
 47 esparsos — dispersos
 47 as (—)
- CAPITULO V
- 50 originarem — originar
 50 disjungidos — amontoados
 50 que estuam (—)
 51 os estepes — as estepes
 51 enorme (+)
 51 furiosamente — brutalmente
 51 irresistivel (+)
 51 se cria apenas — permanente feito.
 51 inhabitaveis — desolados
 53 que preparam a vida —
 cujos restos repontam
 53 a emergirem — emergindo
 53 combustos — carbonisados
 54 subsecutivamente — subsequentemente
 54 engravescen — aggravou
 54 Abriram-se (+)
 54 dilacerou-a (+)
 55 fer'iu-os — retalhou-a
 55 previu-os — avaliou-os
 55 por (+)
 56 relativos — applicades
 56 atravessavam — atravessaram
 57 cobertes — assoberbados
 57 represaram — tolheram
 57 submittido — dominado
 57 recortando-se — recortados
 58 onde se abriram — abrindo
 59 onde em — que
 59 practica — pratica

59 para — destinadas a	60 attenuar-se-iam — atenu-
59 effeito — resultado	60 nua
59 suggerido — calcado	60 com — e
60 ainda mais desnuda —	61 formar — cream
mais bem apparelhada	61 fixar-se-ia — forma-se
60 destas — a estas (nota	61 teriam — terão
de Yoffily).	61 no correr dos tempos(+)
60 sua propria — mesma	63 e (+)
60 decorreriam — decorrem	63 de (—)

O HOMEM

5.^a edição — 2.^a edição

CAPITULO I

65 subtil — delicada.	72 para — em que se des-
66 preliminar — questão ini-	escolam
cial	72 apresentam-se — se apre-
66 dissonantes — desen-	sentam
contrada	73 submeterão — prenden-
67 u' a (+)	do
68 forçada (—)	73 unidas — alliadas
69 attentos — dadas	74 erguida — alteada
69 alguns (+)	74 trahindo-se nos — rodea-
69 rythmica (+)	dos dos
70 Predestinaramo-nos — es-	75 lufadas — ventanias
tamos destinados	75 bruceos — nublados
70 addicta — presa	75 todos (—)
71 sua propria — mesma	75 arrebatadamente — arre-
71 perlongando — abeira-	batado
das do	75 suavizam — sulcam
71 conhecido — elucidado	75 extorcidas — lascadas
72 desatam-se — desatados	75 em tropel — as mana-
	das
	76 brejos — baixados

- | | | | |
|----|-------------------------------------|-----|---|
| 76 | transmutando-se — transmutante | 90 | descobertas — desvendadas |
| 77 | seindindo — vincado | 90 | a — á |
| 77 | demazia — extrema | 90 | apuradas — exercitadas |
| 77 | diffundem-se — se diffundem | 90 | Já antes — Antes mesmo |
| 77 | inaturavel — insupportavel | 91 | operou-se — se operou |
| 77 | abeirando-se — abeirados | 91 | afflicta — accommodada |
| 78 | obrigatoria — forçada | | |
| 79 | corrigido — atenuado | | |
| 79 | provindo — derivados | | |
| 79 | oscillantes — oscillando | | |
| 80 | iniciando-se — iniciados | | |
| 80 | perem — mas | | |
| 81 | mas — cuja | | |
| 81 | mal unidos — apenas aproximados | | |
| 82 | na propria — força mesma | | |
| 82 | nossos (+) | | |
| 82 | aprumo — aprumado | | |
| 82 | governadores — vice-reis | | |
| 84 | nos — feito | | |
| 85 | adversa — antagonica | | |
| 85 | oriundas — derivadas | | |
| 85 | engravescendo — aggravada | | |
| 87 | Foi vagaroso — Este foi lento | | |
| 88 | ingenuo realismo — realismo ingenuo | | |
| 88 | se fez — fez-se | | |
| 88 | mesmo (—) | | |
| 89 | obrigando-se — obrigada | | |
| | | 92 | proprio — apropriado |
| | | 95 | embora (—) |
| | | 95 | nos — pelos |
| | | 96 | alteadas (—) |
| | | 97 | longinquas — afastados |
| | | 98 | nascido — despontado |
| | | 98 | campos geraes — descampados |
| | | 99 | do povoamento — territorial |
| | | 99 | desciam — desciam |
| | | 99 | como se vê (—) |
| | | 99 | revolta e aventureira — aventureira e sonhadora |
| | | 100 | eleitos — talhados |
| | | 101 | forçava-se — se forçava |
| | | 101 | e — ou |
| | | 101 | que (—) |
| | | 102 | disciplinou — disciplina |
| | | 102 | que no elevar-se — cuja elevação |
| | | 103 | dilatada (—) |
| | | 103 | tapuias mansos — cabelos acobreados |

CAPITULO II

- 103 havendo conseguido — conseguido
- 103 fundou — funda
- 103 alvorecer — repontar
- 103 calcaram-se — foram calendas
- 104 revolvido — agitado
- 105 mais frisante e ineluctavel (—)
- 105 crespo — crispado
- 106 resequido — queimado
- 106 bandeiras — entradas
- 107 notavel — raro perturbado
- 107 seus (+)
- 107 quasi (—)
- 107 traduzindo-se — espelhado
- 108 selectivo — de selecção
- 108 ancestraes — ascendentes
- 108 elle (—)
- 108 feridos — esmagados
- 108 casos excepcionaes — excepções
- 108 discordes — despertados
- 108 uma (—)
- 108 anciosamente — raramente falha
- 108 onde — que
- 108 subtiliza — atilamento
- 110 mostra — indica
- 110 — mestiços — cruzados
- 110 diminuto — apertado
- 111 ferraram — escaparam
- 111 paralelo — observação
- 111 phase — situação
- 111 vicissitudes — condições
- 112 cultura — civilização
- 112 a novos e mais altos — novas e mais complexas funções
- 113 illusorias — exaggeradas

CAPITULO III

- 114 abatida — curvada
- 115 — cauestro — achambado
- 115 surprehendente — inesperado
- 115 chucro — deselegante
- 115 montaria — montada
- 116 adiante (—)
- 116 neste momento — nesta occasião
- 116 ramalho — galhada
- 116 inextricavel — emmarañado
- 116 inerte — indolente
- 116 affeito — afeiçoado
- 116 á — a
- 117 arrebatadamente — arrebatadas
- 118 villarejos — povoados
- 118 e (—)
- 118 toscos — brutalizados
- 120 incendiado — recrestado
- 121 obscuros e longos — demorados

- 121 A parte — excluidos
 123 convenio — contracto
 124 elle depende — dependeu
 124 lhe — a elle
 125 conjuncturas — situações
 125 levantadiço — levantamento
 125 no termo da corrida — esalfado
 125 — de mistura — misturado
 125 dilatada (—)
 126 — circumdante — cerrado
 126 disparos — disparadas
 126 — caatinga — gnhada
 127 lhe (—)
 127 — preguiçoso — adormentado
 127 claudicante — malbado
 127 — vigoroso — alentado
 128 — misturando-se — misturados
 128 macissos — pesados
 129 — assomado — albeido
 130 — benfazeja — abençoada
 130 — vetustas — remotas
 130 — esquecida — deslembrada
 131 folgazão — deslumbrados.
 131 convivas — convidados.
 131 revestido — decorado.
 131 largo — alentado.
 132 avantajando-se — avantajados.
 132 sem tino — desnorteado.
 133 apesar — mau grado.
 133 para — nos.
 133 como — feito.
 133 cada vez — successivamente.
 134 dia a dia — cada vez.
 134 em linhas — alinhados.
 134 nota de Sylvio Romero.
 134 paciente — resignado.
 135 enfeixados (—)
 135 viveado — largado.
 135 sobraçando — sobraçado.
 135 erguidos — altados.
 136 evaporando-se — evaporados.
 136 lhe permite — permite-lhe.
 137 marche — esmirrado.
 138 resequidos — reseccados.
 138 caminhos — chapadas.
 139 esquecido — deslembrado.
 139 alta — elevada.
 139 remora-lhe — tem demorado.
 139 violenta — forçada
 139 desnecessario — excusado
 139 diabolicos — demoniados
 139 azingas — perigosas
 140 em commissão — comissionados

- 140 visualidades — visões
- 140 insanos — adoidados
- 140 flagícios — provações
- 140 grande herança -- legu-
des
- 140 cheias — eivadas
- 141 parcelas — fracções
- 141 desordens — agitações
- 141 imóvel — immobilizado
- 141 stygmus — disposições
- 142 beneficicas — remuneradas
- 142 indefinida — indetermi-
nada
- 142 ordem — determinação
- 142 — tormentosa — tor-
mentada
- 142 — em abandono — aban-
donadas
- 143 — n uma banda — no
lado
- 143 solitarios — descaídos
- 143 repulsivos — repugnantes
- 143 se alteiam — alteiam-se
- 143 sitios comvizinhos — lo-
gares mais proximos
- 143 esparzido — derramado
- 144 propício — adequado
- 144 maximo devotamento —
dedicação extrema
- 144 pervertida — desvirada
- 144 norteava — norteavam
- 144 escriptas — traçadas
- 145 aos lados (—)
- 146 aquella — esta
- 146 inquietos — irrequietos
- 146 ambiciosos — irrequietos
- 147 acção — função
- 147 gestos de maluco — ges-
ticulação de doido
- 147 contra — sobre
- 147 misteriosas — das estra-
das

CAPITULO IV

- 149 impellido — arrojado
- 150 instantaneo — abreviado
- 151 formulado (+)
- 151 sua (+)
- 151 aspectos — manifesta-
ções.
- 151 hystericas — agitadas.
- 152 este dizer — tal classi-
ficação.
- 152 peccadores — transvia-
dos.
- 152 fragil consciencia —
consciencia perturbada.
- 153 predisposto — appare-
lhado.
- 154 apercebido -- appare-
lhado.
- 155 de fama — provados.
- 155 reunida — preparada,
- 155 acquiesceram — accede-
ram.
- 155 mas um tio — um tio
porém.
- 155 fugir — escapar.

- 156 façanhudo — famoso.
 157 referido — citado.
 159 vista — vistas.
 169 retrahido — reconcentrado.
 160 arrastando — sobrecarregado
 161 Foi desfecho (+)
 161 passaram-se dez annos — passaram-se dez annos
 162 illuminada (+)
 162 enboceo — neboclado
 162 referia — revelava
 163 e crendeiros (+)
 163 espelhavam-lh'a — espelhavam-n'a
 163 predilecto — obrigado
 163 desmesuradamente — desmesurado
 163 lhe — sua
 163 as (+)
 164 erguido — alteado —
 165 que elle grangeara — que obtivera
 165 sua (+)
 166 disfarçada — phantasiada
 167 despontava — repontava
 167 emmaranhando-se — emmaranhadas
 167 das (+)
 167 á — a sua
 167 no momento — por occasião
- 169 desconexas — desalinhasadas
 169 de golpe (+)
 169 contemplal-o — fital-o
 171 leve traço — traço leve
 171 temeridade inutili — peccado estúpido
 173 abatido — arruinado
 173 dirigida — enviada
 177 legaes — tomadas
 177 fundou — funda
 177 trepou — trepa
 177 ordenou — ordena
 178 suspenso — pendido
 179 estando (+)
 179 em ruinas — arruinado
 180 excediam — attingiam

CAPITULO V

- 182 de — cujos
 182 e o seu — cujo
 183 cingido — murado
 183 convergente — convergido
 183 viagens — jornadas
 183 eleito — abençoado
 184 orientando-se — orientados
 185 exiguos — apertados
 185 do — enjas
 185 desde a — da
 186 estendido — desdobrado
 186 constricto — apertado
 186 distante — afastado

- 186 a uma banda — a um lado
- 186 a prumo — aprumado
- 186 lombos — lombadas
- 187 caminhos — estradas
- 187 em acclives — accidentado
- 187 no se ligarem — ligados
- 187 cintura — cinta
- 187 apinhando-se — apinhados
- 188 veredas — estradas
- 188 inextricaveis — cerradas
- 188 esparsas — isoladas
- 188 viesse — avançasse
- 189 morros — platos
- 189 que se trancava — fechado
- 189 ledeado de accidente mais vivos (+)
- 189 raras — isolada
- 189 revoltosa — rebellada
- 189 alto — altado
- 189 lá — allí
- 189 arbitrio — vontade
- 189 irrevogaveis — arbitraricos
- 190 ao — no
- 190 levás — camadas
- 190 de carne e osso — animado
- 191 Esta (+)
- 191 soffridas — supportadas
- 192 certo — dado
- 192 um — certo
- 192 enfermo — adocentado
- 192 esta (+)
- 193 levaram — levavam
- 194 mar fora do povoado — fora do povoado porém
- 194 por exemplo (+)
- 194 suggeridas — norteadas
- 195 prefixos — prefixados
- 196 arraial — povoado
- 196 erigida — talhada
- 197 cerraria — fecharia
- 198 espaçadas (—)
- 199 repartia-se — se repartia
- 199 nivelando-se — nivelados
- 199 de (+)
- 199 de (+)
- 199 naquelles — nos
- 199 abarbativas — rebarbativas
- 200 afogando-se — afogaos
- 200 ricos — abastados
- 201 tocias — cilados
- 203 avolumando-se — avolumados
- 203 um — o
- 203 assistadiças — aterradas
- 204 E (—)
- 204 ressurrecta — resurgida
- 104 em armas — armada
- 205 manjacos — agitados
- 206 permittido — facilitado
- 206 que regista — registrado
- 206 onde — em que
- 206 reino — reinado

206	deletreamos — lemos	209	emissarios — enviados
206	vae penetrar — pene- trava	210	a quem — cuja piedad;
208	adeante (—)	211	sobreesteve-a — subste- ve-a
209	resentido — magoado	211	de — cuja
209	Antolham se novas im- pressões desagradaveis — n. imp. d. antolha-se	213	escolheu — escolhe
209	offegantes — fatigados	213	careciam — precisam
		213	alli (—)
		213	E' (+)

A LUCTA

5.^a — 2.^a

CAPITULO I

217	e as — cujas	221	tendo na — em cuja
217	até — dalli a ambos	221	que rendeu — pago
217	malsina-a — malsinada	221	restringem — resumem
217	elles — estes	222	os absolve — absolve-os
217	seguiram — procederam	222	e indemne (+)
218	o nortearam — nortea- ram-no	222	inesperadamente (—)
219	por fim (—)	222	balanceia — pondera
219	enterroadas — entorra- das	222	discute (+)
219	de par — ao lado	223	erecido — avolumado
220	todas as — todas	223	desvairadas — dispersas
220	aventurosos — arrojados		
221	arraiaes — povoados		
221	ambito caprichoso — se- melhante caprichoso cujo		
221	que jazem em considera- vel copia — que em c. c. jazem		

CAPITULO II

225	romanesca — accidenta- da
226	aborticia — abortada
226	planeada — ideada
227	conhecendo — sabedores
228	uma (+)
228	abrasador — abrasado

- 228 serena (—)
 228 desfrequentado — despo-
 vado
 229 indefinido — dilatado
 230 deprimido — avelhanta-
 do
 230 surpreendidos — sobre-
 saltados
 231 abaixar — avançar
 231 espavoridos (+)
 231 se tinham — haviam-se
 231 contra ataque — assalto
 232 ermos desolados — des-
 campados
 233 adversarios — soldados
 233 de (+)
 233 em cuja parede larga —
 e abrindo-lhes as paredes
 233 a despeito — mau grado
 234 antagonistas — soldados
 235 assombra-o — apavora-o
 235 pois as suas — cujas
 235 encontro — assalto
 235 expedicionarios — solda-
 dos

CAPITULO III

- 236 plano — orientação
 236 2º — 26
 236 30 — 33
 237 aquelle (—)
 237 a um — nuno
 237 avançar — que avan-
 çasse

- 238 folgadoamente — folgada
 238 conto — numero
 239 capazes — dos mais op-
 postos valores — paten-
 teando as mais — oppo-
 sitas soluções
 240 irrompendo — rompentas
 240 ansiedade — emoção
 240 escalonando-se — eselo-
 nados
 240 de — a
 241 terriveis (+)
 241 veredas em fora — des-
 campados
 242 esparsas — trançadas
 242 agrestes — entorroadas
 242 ramalhos — galhada
 243 desenterra-se — reponta
 244 lhe dão — dão-lhe

CAPITULO IV

- 246 Acima — Em pús

TRAVESSIA DO CAMBAIO

CAPITULO I

- 252 transmudando-se — trans-
 mudadas
 252 videntes — trançadas
 252 destemerosos — temeros-
 sos
 253 lembrando — feito
 254 esgalhos — galhada

- 254 sobresaído — sobrecele-
vado
254 perfil — traçado
255 de — cujos
255 a desabarem . . desaba-
rem
255 alli (—)
255 unidas — apertadas
255 desgracioso — avelhan-
tado
257 deunidos — debe'llados
257 vastos — lombadas

CAPITULO II

- 259 os habitantes — a popu-
lação
259 maneira feição
259 segurança — precisão
259 brutalidades — paixões
260 certeza — convicção
260 porem (—)
260 reduzido — desfalcado
261 investida — invasão
261 ignorancia — incompre-
hensão
261 unidades — secções
262 dictames — noções
262 ate — mesmo
263 exercito — expedição
263 sem arbitrio (+)
263 por -- de
263 na campanha — nas cam-
panhas
263 Este — tai

- 264 momento — occasião
265 paragem — passagem
266 conduziu — este norteou

CAPITULO III

- 267 onde — em cujo recinto
267 estructura — ossatura
268 e tragica (+)
268 bojando em — apontan-
dos de
268 erigiam-se — talhavam-se
268 os (—)
269 ao longe (+)
269 após — em pós
269 ellas (—)
269 onde — em cujos tiran-
tes
270 attentas — dadas
270 praças — soldados
271 circumstancia (—)
272 as aferrasse — aferras-
se-as
273 red'uzia-se — resumiu-se

CAPITULO IV

- 274 impura — rebalsada
274 lh'o—lh'o revelou aquelle
276 prevavel (+)
276 estrepitosamente (+)
273 saltada — aferronda
273 que se realizou — feita
273 de — cujo

273	sobresahindo — sobre-	282	ou de supino — e esti-
	saltia		rado
277	para a frente —	283	cahida (+)
278	a que se addictavam —	283	arremettiam — cahiam
	cujos movimentos ade-	283	que — cuja
	mais perturbavam	244	assim — deste modo
279	como — fetio	285	alinhando-se — alinha-
279	debandados —		dos
280	altos (+)		
282	onde avultam . nem		
	mesmo		
282	praças de pret — solda-	285	a cruz resp'andescente de
	dos		Orion — Orion feito uma
282	nua — feito		cruz resplandescete.

CAPITULO VI

EXPEDIÇÃO MOREIRA CESAR

5.^a — 2.^a

CAPITULO I

291	inprevisto — inesperado	297	os percebem e decifram
292	emergente — rompente		— percebem-nos, defini-
	revide — reação	298	da — expresso, em — a
	interesses (+)		tendo já em — em cujos
293	muitos (+)		crime — attentado
294	imprudentemente (+)	299	recordava — semelhava
	excepcional — feito		de sobre — eloquente-
295	aggravam-lhe — appavo-		mente
	ra-lhe		chamaram-no — foram
296	custava-lhes — custavam		chamados
	entrechocavam-se — se		caracterisassemos — ca-
	entrechocavam	300	cterisasse
296	um feitio — feição		e a sua — cuja
		303	proprios (+)
			de — em que

- 304 mesmo —
peles que — cuja mesma
- 305 informes — infomações
- 306 até — mesmo
- 307 mesmo —
formas — dimensões
- 308 empinando-se — empina-
das
- 309 abrazantes — abrazados
- 310 lhes (+)
quanto — sobre
- 311 a par (+)
se soube — foi sabido
uma (—)
- CAPITULO II
- 315 nos estios — no sel
estrançados — intrançada-
dos
- 315 se accuso — quando na
- 315 extrema — extremada
- 316 penetração da sonda —
cujas pancadas fizessem
penetrar os tubos
- 316 mais longe — na frente
pleno (+)
a tropa — nos
- 317 afinal — por fim
debandada — fuga
sobrevir — cahir
distante — afatsado
- 318 porque a alta não se pro-
longou (—)
improviso — pancada
- discordes — descontra-
dos
- no tumulto - - atrapalha-
damente
- reunidos (—)
marcharam - - formaram
marchando
- 319 concebido de modo — mo-
delado a
dispositivos - - disposi-
ções
que tinha (—)
- 320 recortado — riçado
de leitões em cachoci-
ras (—)
estendia — expandia
ramagens — galhudas
- 321 a fio — successivos
tranças — provocações
- 321 de par com — empós a
em — de
- 323 como havia feito a expe-
dição anterior
- 324 instantaneo — ligeirc
cujes
- 325 lance — expansão
caminhos — estradas
- 326 impondo — feita
mas
dispersa — espalhada
impactos — comprimidos
dominadoramente — do-
minado
dentro — fechado
na ladeira — em descida

- 330 arraial — povoado
 331 momento — occasião
 instante — momento
 lento e lento — vagaro-
 samente

CAPITULO IV

- 332 que se alinham — ali-
 nhados
 333 onde estavam — coroa-
 da de
 uma
 imprevistos — inespera-
 dos
 333 de par com
 334 pejeja — recontro
 acção — recontro
 no — do
 coisa alguma — nada
 335 revelasse — delatasse
 entretecido — retalhado
 a abalar e desarticular
 — abalal-o e desarti-
 culal-o
 (mudou para masculino)
 os determinativos de Ca-
 nudes
 se sentia — sentia-se
 336 a maneira — feita
 seu termo — sua vez
 ataque — recontro
 337 batido — varado
 escuro — escuso
 sosinho — isolado

- proprio — mesmo
 esmoldo — triturado
 expugnar — conquistado
 338 cosido — triturado
 no encaço — em pos
 aquelle
 attonitos — surprezos
 temerarios — desespera-
 dos
 labyrintho — emaranha-
 do
 339 na — a
 em desalinha — desáli-
 nhados
 adeante —
 indemne — intacta
 340 aquelle lado do arraial
 — a
 ainda — mesmo
 chegarem — chegar
 311 assustadiços — espanta-
 dos
 cujas consequencias pre-
 vira —
 342 torcida — entecada
 343 atirando — jogadas

CAPITULO V

- 344 desapareciam — tinham
 desaparecido
 345 engravescido pela deplec-
 ção das veias —
 opprimiam — esmaga-
 vam

	interpellava — interpellou		extinctas — afogadas
346	esmorecida — alvorotada		stoica — abnegada
	despontar — repontar	353	caminho — estrada
	alli (—)		mal feridos — baleados
348	e (+)		só — isolado
347	se referiu — referiu-se		a galope — em disparada
	daquella	354	do correjo —
349	desabaladamente — estrepitosamente		evitassem — evitavam
		355	abandonados (—)
			acontecimentos —
			apercebida — aparelhada
			inopinado (—)
351	breve — ligeiro	356	encontradas (—)
	diluiram-se — se diluiram		a uma banda — a um lado
352	de improviso — repentinamente		desbotandoa (—)

CAPITULO VI

QUARTA EXPEDIÇÃO

CAPITULO I

359	para explicar — explicando		insciencia — incompreensão
	vanguarda — avançada		procurava — procurou
361	O Presidente da Republica — o chefe do poder executivo		atravéz — dentro
			como — feito
362	claro escuro — sombreado	364	sotopondo-se — sotoposta
			satisfazendo se — se satisfazendo
363	a exemplo — como o caso — a questão		der — por
		365	companheiros — soldados

- desbaratara-se — desbaratada
- homenagens — comemorações
- 367 nomeavam — estavam
- CAPITULO II
- 368 generalizando-se — a generalisação
- 370 antigo — avelhantado
- diferenças — alterações
- ao cabo — por fim
- 371 dizia — quanto indicava sobre
- 372 na — sobre
- englobadamente — englobados
- teriam — tinham
- deduzirem-se — prever
- 373 se (+)
- transporte — condução
- presa — ligada
- 374 dispersas — espalhadas
- 375 um diversivo — diversão
- prezar — apesar
- que demandavam — destinados
- pelo seu — por
- 376 de — a
- afirmarem — afirmar
- só (+)
- 377 feitos anteriormente — anteriormente feitos
- segurança — precisão
- um — cujo
- tremendo — pesado
- 378 de parte — de lado
- marchar — varar
- predispostos — preparados
- nos quaes — sob cujos
- ombros
- 379 exausto — fatigado
- scindidas — cortadas
- escriptas — gravadas
- 381 de tal maneira — por maneira tal
- obstruente — pesado
- cheia — salpintada
- affeitos — afeiçãoados
- 382 rijos — alentados
- 383 formatura — unificação
- 384 de quasi — aproximada
- inmobilisava-se — se immobilisava
- afastamento — scisão
- estabelecidos — firmados
- 385 feito — realizado
- moroso — pesado
- 386 batido — assaltado
- 388 surgiu — repontou
- 389 anterior — anteriormente
- firmado
- Jucté — Juctê
- 390 grandes — pesados
- deram — foi dado
- erguido — alentado
- engenhada — preparada
- 392 nesta occasião (+)

- naquelle — para o
seguidos — encaçados
caminhos — estradas
393 entalando-se — entaladas
rasgado (+)
mal (+)
394 desta maneira (+)
furiosa — tremenda
apontados (+)
395 envolta — circulada
comboio unico — unico
comboio
irreprimivel — desesperada
396 locaria — emboscada
retorcidas — embaralhadas
397 tolhidos — maniteados
cujo (+)
que tomara posição pela
madrugada (+)
tendo no centro — ceatruisada
desenvolvendo-se — desenvolve
398 Porque (+)
alcançal-o-iam — lá chegariam
reunidos — agrupados
porém (+)
abrangida — fechada
399 mettia-se — cahia
attingira-se — serem
attingidos
esta — aquella
- 400 destinada (+)
para logo (+)
semelhante — egual
surprehendera — incomparavel
402 naquelle — tal
404 cortara-lhe — estaria
cortada
- CAPITULO III
- 405 poetica - - partindo
Fizera (+)
proseguindo — proseguido
mais bem composto —
melhor adaptado
uma (+)
impropria — impropria-
da
406 parciaes — parcelladas
407 que se reuñem — reunidas
408 vallos de erosão — talhudos
cortadas — escancelladas
409 desnudos — descampados
a unica vereda — a estrada
410 pallido — ligeiro
lhe acompanha — acompanha-lhe
411 de — em
com — das

- 412 crespos — riçados
- 414 deste modo — de tu' maneira
- 415 Assim — deste modo de um lado
- 416 cresspa — riçada subdividida — fraccionada
- 417 adiante (+)
arruinando-se — arruinados
a espaços — intervallos
alvoroto — alvorotar
lh'o — o
no — ao
- 419 na oira — deante de onde — em cuja desdobrando-se — desdobrado
- 420 vencido — galgado
ceiros — lombadas
rarefeita — desfalcada
- 422 travessia — jornada
- 423 por ordem — a mandado ante — deante
- 427 enxurros — enxurradas
Alli (+)
Foram e voltaarm (—)
os (+)
- 428 tontos — alarmados
enleadas (+)
fatigas — fadigas
antolhava-se — antolhava
- 429 postos — lançados
arraial — povoado
- 430 engrimpados — accumulados
Até um medico — Um medico mesmo
como — a maneira porque
- 431 passo — tempo
pujante — entroncado
livre — fôlgado
elles — aquellos
como — elles que
- 432 effeitos — resultados
- 433 acobertando — acobertada
- 434 desenfluido — desalentado
extraviadas talvez (+)
lh'as — as
faminto — esfomeado
a pontilharem — pontilhando
ermes — descampados
que não viam (+)
abatidos — desanimados

CAPITULO IV

- 425 de cuja (+)
cosidos — reenleados
acervo — amontoado
pusilanimos — desalentado

	efeito — resultado	441	pittoreseo — pinturesco
436	caixara — cercado		corregido — reparado
	espelharem-se — se es- peilharem	442	engravescer-se — aggra- vada
	razos — cortados	443	lhes (+)
437	abatido — devorados		desnudas — desoladas
	vizinhanças — immedia- ções		ondulante — ondulada
	de mistura — misturados	444	no arraial — pelo povoa- do
	mandos — punhados		armortecedoramente — subitamente
438	do — pelo	445	esvaecidas — apagadas
	da qual — de cujos passo		ainda — mesmo
	improvisas — inopinadas	446	sumptuarias — privile- giadas
	transvoando — inopinado		catastrophe — derroca- da,
440	verificando-se — verifi- cado		
	imposto (+)		
	daquellea — occupada		

O ASSALTO

CAPITULO V

			talhadas
			ataque — recontra
449	favoravel (+)		atrevida — arrojada
	vinda — chegada		ficaram — ficariam
450	montaria — montada	452	demasiado
	destacado — enviado	453	a perturbavam — per- turbavam-na
	macissos — cerrados		varridos — sulcados
	precipitando-se — preci- pitados	455	cruez
	folgado (+)		tendo no — em cujo
451	em — num		rentcou — cerceou
	elaboradas consoante —		cerro onde — lombada

- em cujailharga.
escovado
- 456 feito — executado
perigorissimo — aris-
cado
- 457 tactica — concebida
concepção tactica planea-
da (+)
irradiantes — rompentos
embaralhados (+)
lexico — lexicon
barbaro — valente
sensivel — avultado
- 458 desnuda — desabrugada
- 459 no — em cujo
algum (+)
- 460 esparsas — espalhadas
arraial — povoado
tremenda — feroz
a machado — a macha-
dadas
- 461 ladeira — quebrada
escampo — desnudo
resurgir — repentar
saltadamente — inter-
valladamente
occupadas (+)
- 462 descontínuo — fragmen-
tado
contudo — entretanto
- 463 agitada (+)
gritos — brados
reunidos — arrebanha-
dos
- 464 estreitos — apertados
baça — neabrenda
se dobravam — dobradas
arremettida — arranca-
da
- 465 profunda — escavada
entalavam-se — estavam
entalados
- 466 com — dominados
o galope — a disparada
- 467 revoltos — agitados
contra os seus — amea-
çados por
se desorganisasse — hou-
vesse desorganizado
- 468 destruidas — esmagadas
- 469 curou — cuidou
gravemente ferido — o
dorso varado
invadido — empolgado
torvelino — afogado
- 470 gravemente (+)
extendidos (+)
que se renhiam — tra-
vados
- 471 lhas arrombaram — ar-
rombaram-lhas
e (+)
- 472 nos fulgores intermiten-
tes — alumiado pelo re-
largaguear das fusila-
rias
estavam — haviam fica-
do

- para alimento — destinadas
- 473 forte — alentado
prisioneira — a prisionada
- 474 da frente — avançada
- 475 na discordancia — esgotada
- 476 bronco — acobreado
havidos (+)
todavia - - entretanto
abatidos — desanimados
- CAPITULO VI
- 477 desfallecidos — estropeados
- 478 onde (—)
improprio — improprios
- 479 caminhos — estradas
quietos — enervados
trilha — estrada
impaceta - - estrangulada
recordavam — recordando
- 480 rubras — encarnadas
a romper — rompentes
abertas — encanearadas
coberturas — telhados
- 481 só — somente
- 482 repentina — inopinada
- esquecidos — ignorados
ramagens — gahadas
ajustivos — abrasados
- 483 improvisas — improvisas
- 484 forçadas (—)
- 485 lombas — lombadas
vasio — despovoado
- 486 villarejo — povoado
Fe de (—)
com se forram — feito
alarmados (—)
- 487 á couce armas — a corôhadas
- 488 grande numero — numero elevado
digna — dignificada
- 489 no meio — entrecortados
- 491 onde — em cujo seio
serios — autorizados.
- 493 aberradado — aberrado
vretentes — cumiadas
- 494 como — feito
exercitos — brigadas,
- 495 faca — facção
gargarejando — garga-rejado
- 496 insolado (+)
as praças — os soldados
depositam — repontam
e detona — desdobrado
de (+)

CAPITULO VII

	506	recem-vindos — recém-chegados
498		para — destinado em talas (—)
499	507	sem curso — desusada macilenta — escovado
		sabidos — retirados sea (—)
500		projectos — experimentados de tal modo (—)
501	508	distanciavam-se — se estadia — estada
		distanciavam isolando-se — isolada
		retardatarias — que se impulsioaram — impulsioariam
	509	tinham retardado alta — elevada
		vacillantes -- alarmados azemolas — nuares
	510	investida — atacada ardentissimos — ardentes
		diuturnos — diarios fume — apertado

CAPITULO VIII

502		de Estado (+)
		generalisava — generalisou
503		dispersos — afastados
		foram (—)
504		um (—)
505		ll'as — aquellas
		de parte de — ludo,
	512	indispensavel — urgente
		extraviados (+)
		emitidos — encanunados
	513	das queres — de cuja existencia
		alli (+)
		empacavam — tinham empacado
		já todo (+)
	514	com os aliados aos

NOVA PHASE DA LUCTA

CAPITULO I

	520	ella (+)
	520	arraial — povoado
519	521	aos — pela nostalgica — amargurado.
519		peles — dos
520	521	extraviavam — extraviaços derruclas — derabados
	522	ido — chegado

CAPITULO II

- 522 cessavam — haviam ces-
sado
- 522 seguidas — acompanhadas
- 523 reuno — de soldado
- 523 postas — lançadas
- 524 a fio — de enfiada
- 525 que seguiram — atirados
elles — aquelles
- 526 isolados —
incendios — queimados
- 527 villarejo — povoado
robusto — alentado
tranquilo — remansado
desvios — trilhos
- 529 viagens — jornadas
- 530 agitado
imprevisto — inesperado
- 531 feritos — amestrados
desarticulando-se — des-
articuladas
- 532 que se empanavam —
alinhaças
- 535 distante afastado
a cima — alteada
- 536 em (-)
enxurros — enxurradas
- 537 vantagens — successo-
onde — em cuja
desmedido — desmesu-
rado
- 537 garbosos — folgados
longamente — espaçado
valle — vallado
- 540 altas — elevadas
cheia — decorada
constricto — encurrala-
do
placidez — quietudo
detonava — estourava
- 541 arranco — arrancada
para (+)
gritos — brados
erguidos — engatilhados
presos — jugulados
- 542 em ruinas — incendiada
o -- acampamento
aquelle (+)
impropria — impropria-
da
ao chegar -- de chegada
cosendo — sentada
- 543 mais (+)
- 544 effeitos — avezados
repugnava — custava
ouvia — escutava
os soldados (+)
- 545 em ruinas -- arruinado
- 546 d'antanho — do passado
muito graves (+)

- | | | | |
|--------------|--------------------------|-----|------------------------|
| | nosso bando — nosso lado | | seus — perpretados |
| 547 | ao tear — nas toadas | | gladios — espadas |
| 548 | agonisando — jugulado | 552 | ataque — combate |
| CAPITULO III | | 554 | enorme — desmesurada |
| 550 | admiravel — exagerado | | como se fora — feito |
| | apear-se — apeado | | mais longo (+) |
| | ferido — esmagado | 555 | rotos — despedaçadas |
| | em ruínas — esborcado | | repentino — inesperado |
| 551 | notou — sentiu | | rajada — lufada |
| | maior — augmentado | | canalizada (—) |
| | | 556 | vereda — estrada. |

ULTIMOS DIAS

CAPITULO I

- | | | | |
|-----|-------------------------|-----|---------------------|
| | | | chegando — chegados |
| | | 564 | apezar — máo grado |
| 559 | tocaias — ciladas | | |
| | agitante — agitado | | |
| 560 | serpeante — serpeando | | |
| | resurgiram — reponta- | | |
| | vam | | |
| | Determinou-se — Foi de- | | |
| | terminado | | |
| 551 | escondidas — abrigadas | | |
| | das tendes (+) | | |
| | desparzindo (+) | | |
| 562 | interrogaram — foi in- | | |
| | terrogado | | |
| 563 | articulando — articula- | | |
| | dos | | |
| | precipite — apressado | | |
| | repellido — empurrado | | |
| | no — pela | | |

CAPITULO II

- | | |
|-----|--------------------------|
| 565 | lbs — sua |
| 566 | prisioneiros — prisiona- |
| | dos |
| | caminhada — marcha |
| 567 | curvo — dobrado |
| | denegrido — esmirrado |
| 568 | irritadiça — irritada |
| 569 | desatinado — desesperada |
| | deante — deslumbrado |
| | pela |
| | desta maneira (—) |

- 570 e (—)
 571 desalinhada a incorrec-
 ta (—)

CAPITULO III

- 572 avançando — propellido
 ordem — deliberação
 573 Este intento — Tal in-
 tenção
 574 adunados (+)
 575 braço a braço (+)
 576 e pela depexão dos ve-
 tas (—)
 576 exclusivo de uma — uni-
 ca da
 576 dentre (—)
 577 Empenhando se — Tra-
 vados
 578 lento e lento (+)
 578 desafiadores — desespo-
 rados
 579 singulares — isolados

CAPITULO IV

- 580 episodios mais viris —
 aspectos mais nobres
 580 onde — em cujas
 581 desvendando-se — des-
 vendada
 581 attonito — conturbada
 581 inflexos — encurvadas

- 582 polychromicas (+)
 583 arraial — povoado
 583 tomadas — conquistadas
 584 arriscado (+)
 586 silencio — quietude
 586 rasos — pisoados
 586 ossudos — desfibrados
 586 onde — em cujo topo
 588 apinhados (—)

CAPITULO V

- 589 formada (—)
 590 á — pela
 591 até (+)
 591 arrombados (—)
 593 atravez — rompente
 593 appareceu — repontou
 593 assumiam — assumiram
 594 revolvida — atravancada
 594 ataque — recontro
 594 avançar — avançada
 595 logo (+)
 595 embruscados — obum-
 brados
 595 mortiferos — arriscados
 595 escuros — apertados
 595 consideravelmente — con-
 sideravel
 596 todos (+)
 597 irresignavel — inamolga-
 vel
 598 convulsivo — agitado
 598 apparecendo — repon-
 tando

- 599 quando lhe passava — ao passar
 599 a debater-se — debaten-
do-se
 600 colina extrema — lom-
bada anteposta
 600 feridos — vietimados
 600 inquietos — assustados
 600. senão aggravada —
 601 e detonando (+)
 601 inteira — toda
 602 Cercavam-nos — E ar-
diam
despertaram — foram
despertado
Um grande — Subito
 603 seguido — encaçado
bom (+)
- 605 effeito — resultado
libertos — desafogados
 606 repulsivos — munificados
bombardeados — fulmi-
nados
 607 Considerava — Fitava
desorientadamente —
desorientado
 609 Era apavorante — E es-
pantava
circulavam (—)
 609 ruidosamente (+)

CAPITULO VI

- 611 se amostrassem — re-
pontassem
 613 faca -- espada

** Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Setembro de 1940.*



Manuel Rodrigues Pinheiro da
Cunha
P. d. 1844



D. Eulovia Maria da Cunha
M. de 1844



D. Tereza de Jesus Cunha
Barrota



Joaquim Alves Moreira
Avô materno

- Ondas.

parimonia parvitas.

de
Eschylus lenda.

- Rio de Janeiro -

- 1885 -

|||



Julio de Mesquita



Francisco de Escobar



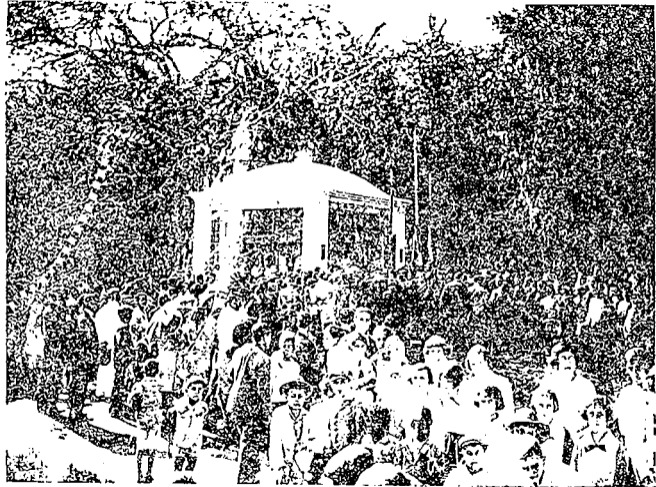
Se quiser uma lista de fotos, por favor,
 se lembrar que os melhores negativos
 da missão e a nossa base,
 com muitos outros, e os mais antigos
 de nossa história. Se a comissão que nasce
 em nós, também nos ajudasse a gravar,
 e mesmo em alguns casos possíveis,
 de um caso de São Paulo, com certeza
 de Brasília e outras, sempre,
 e assim - de São Paulo com a missão -
 e mais forte, e mais cedo e mais perto
 de São Paulo, e assim sempre,
 e assim sempre e mais cedo e mais perto
 de São Paulo e assim sempre.

1945
 2.905

Comissão do Alto Paris



A Ponte de São José do Rio Pardo que Euclides reconstruiu.



Inauguração do abrigo da barruquinha d' "OS SERTÕES" , em São José do Rio Preto.



EUCLYDES DA CUNHA

Desenho a crayon de Nilda